
THE
DARKEST
FALL
RIPLEY PROSERPINA

Avisos



A presente tradução foi efetuada de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando posteriormente a aquisição.

O grupo não tem o objetivo de obter lucros, seja direta ou indiretamente.

Selecionamos livros que estão sem previsão de publicação no Brasil, assim, afim de preservar direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo poderá retirar sem aviso prévio, suspender o acesso aos livros que serão lançados por editoras.

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autores(as), digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre que puderem os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

UM ANO



Novembro, 2020

SINOPSE

Um demônio pode ser redimido?

Racional, Lucia acredita no que pode ver e tocar, preferindo deixar as maldições e adivinhações para seus parentes do velho mundo. Conhecer Delia, uma criança desesperada, meio humana e meio demônio, que precisa de alguém para mantê-la segura, desafia a lógica de Lucia.

Armaros passou sua vida eterna atolado em culpa. Escolhendo viver de acordo com seus desejos e caprichos, ele forçou sua irmã a cair da graça, condenando os dois. Quando ela desapareceu, abandonando-o e tudo o que construíram juntos, ele a busca. A última coisa que os Caídos esperavam descobrir era a existência impossível de sua filha e a frágil humana decidida em sua proteção.

Juntos, Armaros e Lucia devem fugir das forças do Céu e do Inferno. Apesar das probabilidades intransponíveis contra eles, eles podem aceitar que o destino coloque seus caminhos em rota de colisão? Ou eles estão fadados ao fracasso, perdendo não apenas Delia, mas também a única outra pessoa no universo que os entende?

PRÓLOGO

Zia Valeria

A sobrinha estava na mente de Zia Valeria Castilucci desde que ela acordou. Sentada na beira da cama, olhando para os prédios de apartamentos cobertos de neve, ela fez uma rápida oração a um anjo da guarda, mas não fez nada para aliviar a náusea crescente em seu estômago. Era outro dia de inverno de congelar os mamilos, em algum lugar da cidade, a sobrinha andava por aí, provavelmente mal vestida, alheia ao mal que a seguia como uma sombra.

Dedos entorpecidos se atrapalharam com os botões dela enquanto ela se estremecia ao se vestir. Ela tinha que se recompor antes de se aproximar de sua irmã mais velha. Em pé na frente da porta da cozinha, ela respirou fundo, endireitando os ombros e fazendo o sinal da cruz antes de caminhar.

—Você falou com a Lucia? — Ela se serviu de uma xícara de café sem derramar uma gota. *Bom. Sem tremores.*

—Não. Não tenho notícias dela há uma semana. — Connie quebrou um ovo com mais força do que o necessário, resmungando enquanto procurava a casca.

—Você não ligou? — Valéria não pôde evitar. Connie tinha tanto apelo agora quanto aos seis anos. E, como ela esperava, Connie subiu à isca.

—Por que eu deveria ligar? Eu sou a mãe dela. Ela deveria estar me ligando.

De frente para o pequeno quintal, Valéria sorriu e revirou os olhos. Sua irmã herdara todo o martírio de sua mãe e nenhuma de sua segunda visão.

O café quente abriu um caminho para seu estômago. Não. A segunda visão chegou completamente a Valéria, a filha mais nova, a ovelha negra, a decepção e, ultimamente, a velha empregada.

Sabão e hortelã soprou pela porta antes que o jornal caísse sobre a mesa da cozinha com um tapa. —Bom dia.

Olhando por cima do ombro para encarar Albert, o marido da irmã, ela estremeceu. Se ela tivesse que escolher entre ser uma solteirona ou se casar com Albert Porter, ela escolheria a solteirona qualquer dia.

—Por que você pergunta? — A voz desconfiada de sua irmã cortou seu devaneio, retornando a conversa à sua pergunta anterior sobre Lucia.

—Não há razão. — Com louvável firmeza, ela colocou a caneca ao lado da pia. —Está muito frio para uma saia. Eu vou me trocar.

—Val?

Ignorando-a, Valéria caminhou até o quarto, fechando a porta com força. Fechada, ela foi para a cama, ajoelhando-se lentamente sobre os joelhos audivelmente rangendo e estendendo a mão por baixo da poeira. *Deus*. Envelhecer é uma droga.

Sua mão roçou o chão de madeira fria, procurando até que ela agarrou um recipiente cilíndrico de papelão. Sal na mão, ela voltou para a porta, derramando-a em uma linha grossa em sua porta.

Seu tarô, gasto e macio, ficava na penteadeira ao lado dos pequenos frascos azuis que ela colecionava das lojas de antiguidades. Sua vela Del Santo especial estava onde ela a deixara na gaveta da mesa de cabeceira.

Sussurrando uma *Ave Maria*, Valéria acendeu sua vela e pegou seu tarô. Ela bateu os nós dos dedos contra as cartas antigas três vezes, rezando o tempo todo.

Uma carta: era tudo o que ela precisava. Com Lucia na vanguarda de sua mente, ela embaralhou.

Valeria Castilucci acreditava em Deus, na Igreja Católica e no Boston RedSox. Ela acreditava que sua irmã pegava o molho marinara pré-fabricado e escondia os potes de vidro na garagem. Ela acreditava que sua mãe a olhava do céu e balançava a cabeça para as filhas.

Nesse mundo, havia o que podia ser visto ou tocado, e havia o que não podia. O olho do mal. A maldição do Bambino.

Mesmo antes de virar a carta, ela sabia o que veria.

A torre.

Queimação. Imolação. A destruição de tudo antes das crenças serem reconstruídas, reformadas. Mais duro, mais difícil e resistente a chamas.

Filho da puta. É melhor ela encontrar a sobrinha.

CAPÍTULO UM

Lucia

Lucia não sabia o que a fez parar e espiar a escuridão de um beco por onde passara centenas de vezes. Ela culpou vídeos nas mídias sociais sobre animais abandonados. Em sua mente, ela viu um pequeno filhote de pit bull, choramingando inocentemente, latindo para sua mãe, o corpo tremendo no frio de inverno da Nova Inglaterra.

Colocando a mochila no ombro, Lucia espiou a escuridão.

Burra. Burra. Burra. O cérebro dela gritou. *Vá para casa!*

Mas o cachorro...

Girando para longe do beco, de costas para a parede de tijolos, ela examinou os dois lados da rua. Foi o que aconteceu quando ela decidiu ficar na biblioteca até mais tarde. Ela perdeu o ônibus final do campus, só alcançou o correio de voz de sua colega de quarto e teve que passar pela neve e pelo gelo.

Lucia não era burra. Poucas pessoas confiavam na racionalidade como ela. A coisa mais inteligente a fazer era voltar atrás, correr para casa. Retornar pela manhã - ou talvez em um carro, se ela fosse obrigada a voltar hoje à noite - faróis altos aniquilando a escuridão.

Então, por que seus dedos estavam se curvando no sinal dos chifres? Dedo médio e dedo anelar pressionados pelo polegar, como se ela estivesse arrasando em um show do AC/DC, afastando qualquer mal escondido atrás de lixeiras.

O barulho veio do beco novamente, um pequeno grito, um cruzamento entre um gatinho e um bebê. Mais rouco, mas fraco.

—Olá?

Um estridente som ecoando no bolso a fez pular. Esperando que fosse sua colega de quarto, ela respondeu sem olhar para o identificador de chamadas.

—Lucia?

—Zia?

—Lucia, onde você está?

Um bufo escapou dela antes que ela sussurrasse: —História engraçada...

—Eu li as cartas hoje, Lucia. — A voz de sua tia, geralmente em ritmo acelerado, ignorou rapidamente e foi direto ao frenético. —Pare onde você está e vire-se. Volte para onde você veio.

O grito veio do beco novamente. —Olá? —Ela chamou.

—Lucia, *Madre di Dio*, vire-se.

—Olá? — Uma pequena voz ecoou no beco em resposta ao seu chamado.

Uma criança em idade pré-escolar perdida substituiu seu filhote.

Pelo telefone, a voz da tia rezou em italiano vertiginoso, *Ave Maria* -

—Zia, alguém precisa de ajuda. Eu vou ligar de volta.

—Lucia Maria...

Seu telefone tocou assim que ela desligou, mas ela o enviou para o correio de voz. Ligando a lanterna, ela entrou no beco, o coração batendo forte no peito. —Você está bem?

Um lampejo de branco foi o único aviso que ela teve antes que algo a atingisse no estômago. Seu corpo se dobrou ao meio, a respiração liberando em uma rajada audível.

Algo pequeno envolveu suas pernas, segurando com tanta força que qualquer movimento a faria cair no chão.

Uma criança de braços magros azuis com frio. Camisa esfarrapada pendurada em um ombro macio.

—Ah não! — Colocando as mãos no corpo da criança, ela tentou afastá-la para vê-la melhor. Forte, apesar de sua ossatura, a criança se apegou a ela. — Qual o seu nome?

A criança respondeu, mas não em um idioma que Lucia entendeu.

—Uau. Calma, querida.

A criança ergueu os olhos ao ouvir a voz de Lucia e o tempo parou. Olhos vermelhos, brilhantes como cerejas marrasquino a encaravam. Dentes pontudos - duas fileiras de tubarão, irregulares, embora pequenos, brancos e brilhantes - espreitavam por trás dos lábios em forma de arco. Uma garota com traços delicados a estudava com interesse quando o mundo voltou ao foco.

A criança - ela poderia ser chamada assim? - permaneceu enrolada em seu corpo. De joelhos fracos, Lucia tropeçou, caindo e ficou olho nos olhos com a garota.

Tão perto do rosto, seus dentes pareciam muito mais perversos e afiados.

—Olá.

—Olá. — A menina repetiu, as palavras soando grossas e confusas, como se as estivesse experimentando pela primeira vez.

Olhando ao redor do beco novamente, desta vez por uma câmera escondida ou uma celebridade da lista B, Lucia procurou uma pista sobre o que estava acontecendo. Não havia nada: sem luzes, sem portas para os prédios, sem... Abertura. Um calafrio de corpo inteiro sacudiu o corpo da garota e Lucia de repente não se importou se a criança tivesse olhos vermelhos ou dentes arrancadores de carne.

—Aqui. — Tirando o casaco de lã, ela o colocou nos ombros da garota. Seus olhos se fecharam ao se estabelecer em torno de seu corpo minúsculo, e ela esfregou o rosto contra a gola, respirando profundamente. Colocando a mochila nas costas, Lucia se levantou, encarando a garota e se perguntando o que diabos ela deveria fazer. Ter uma cara estranha não eliminava automaticamente a opção de levá-la à polícia, não é? Essa era a coisa responsável a fazer - deixar uma criança na delegacia.

Mas algo a impediu de fazer a ligação ou de pegá-la e subir para a Estação Três-Um a dois quarteirões de distância.

Um estrondo trovejou no chão e faróis iluminaram o beco. Foi apenas um momento, mas durou o suficiente para distinguir os pés descalços e as pernas sujas da garota. Sem pensar duas vezes, Lucia a pegou. —Eu vou te levar para casa. Você se aquece - e nós iremos a partir daí. Você sabe onde seus pais vivem?

Falando devagar, a garota repetiu: —Vivem?

—Seus pais? Sua mãe ou pai?

A compreensão brilhou em seus olhos e ela balançou a cabeça.

—Nenhuma mãe?

—Nenhuma mãe.

A garota estremeceu de novo, mas depois riu alto e estridente. Seu corpo se contorceu nas mãos de Lucia e ela lutou para segurá-la. —Ei.

Agarrando-a com mais força, ela sentiu uma vibração através da lã. O telefone dela. Alcançando-o rapidamente e colocando-o debaixo do queixo, ela respondeu: —Eu não posso falar, Zia.

—Lucia, eu juro por Deus, se você desligar...

—Zia. Encontrei uma criança em um beco e preciso tirá-la do frio. Eu não posso falar. — Olhos vermelhos permaneceram colados no seu rosto enquanto ela falava, e a garota assentiu. —Eu te ligo amanhã.

—Isso não é uma garota, Lucia. Você não pode levá-la para casa.

—Desligando, Zia.

—Lucia!

—Eu a avisei —, Lucia disse à garota, colocando o telefone no bolso de trás. —É assim que você lida com parentes irritantes, *piccola*. Apenas desligue.

—Desligar. — Balançando a cabeça seriamente, sua nova responsabilidade concordou e estremeceu novamente.

—Vamos lá. — Apressadamente, ela embrulhou a garota um pouco melhor e saiu do beco. —Meu apartamento não está muito longe. Vamos comer, e você pode tomar um banho, e depois eu vou embrulhá-la com toda a força e colocá-la na cama. — Ela balançou a cabeça. —Desculpe. Não sei de onde veio o embrulhá-la com toda força.

A garota riu, sua respiração soprando em um pequeno sopro branco.

—De onde *você* veio? — Ela disse para si mesma, correndo agora. O ar do inverno cortou seu suéter e, de repente, ela ficou aterrorizada com a garota ter hipotermia ou queimadura por frio. Há quanto tempo ela estava no beco chamando por alguém?

A voz da tia ecoou em sua cabeça. *Isso não é uma garota.*

—Foda-se —, ela disse baixinho. —Você é uma garota.

—Foda-se.

Sacudida, ela percebeu que tinha falado em voz alta. —Você não pode dizer isso.

—Foda-se.

Na sua voz jovem, a palavra saiu alta e clara, completamente em desacordo com o seu significado, e ela não pôde deixar de rir. —Você vai me causar problemas.

A garota imediatamente se silenciou. Quando a criança falou, suas palavras foram acentuadas, mas Lucia teve a sensação de que ela entendeu todas as palavras que ela disse. E algo havia silenciado o riso que elas compartilharam.

Sua casa estava à frente e ela redobrou seus esforços para se apressar para dentro. —Quase lá. Vê? — Erguendo o dedo, ela apontou enquanto segurava a garota no quadril. —Ali.

A garota sussurrou, as palavras saindo da língua, os sons emanando da garganta em nenhuma combinação que Lucia reconhecia.

—Gostaria de saber o que você estava dizendo. — Ela murmurou, empurrando a chave na fechadura e abrindo a porta.

Uma mão fria tocou seu rosto e um choque elétrico percorreu sua pele como estática.

—Eu disse, estou com fome.

—Eu posso fazer um queijo grelhado para você...— ela respondeu distraidamente antes de perceber que a garota tinha dito mais de duas palavras juntas, e cada uma estava perfeitamente clara.

Suas chaves caíram no chão e a mochila deslizou de seus ombros. —Eu entendo você.

—Você queria. — Dentes perolados espetavam os lábios rosados, e grandes olhos vermelhos a olhavam nervosamente. —Estou em apuros?

Ela estava? Um pequeno zap e instantaneamente Lucia entendeu sua língua. Uma parte dela considerou o quanto poderia ser útil nos exames de idiomas, mas o restante se preocupou com danos cerebrais. A garota olhou

para ela, a preocupação nublando seu rosto, e ela lembrou como era ver o mundo através das lentes de uma garotinha. Rapidamente, ela se ajoelhou no tapete, deixando-a ver que não estava chateada. —Estou impressionada. Você fez isso?

Assentindo, a garota estremeceu em seu casaco emprestado. Cuidadosamente, ela estudou o rosto de Lucia, como se procurasse uma mentira. Suas feições relaxaram lentamente, mas um calafrio assolou o corpo da garota, incitando Lucia a agir. *Certo.* Ela conseguia entender sua garota, mas a criança continuava suja, congelada e aparentemente com fome.

—Ok. Bem. — Lembrando-se de sua colega de quarto e o show de merda que ela enfrentaria se ouvissem lá embaixo, Lucia baixou a voz. —Obrigada. A primeira tarefa é aquecê-la, depois eu a alimentarei.

—Eu não gosto de queijo grelhado.

Assentindo, ela levantou a garota nos braços e caminhou em direção ao banheiro. —Ok. — Ela acendeu a luz do banheiro e a garota estremeceu. — Muito brilhante?

Piscando, ela balançou a cabeça. —Não.

Mesmo que Lucia se concentrasse na parte mundana de uma rotina de horário de banho, ela estava a dois segundos de um colapso completo. *Estou começando um banho para uma criança que me deu um entendimento instantâneo e que não quer comer queijo grelhado, mas que talvez queira me comer.*

—Eu vou fazer outra coisa para você. — Empurrando seus pensamentos e a cortina de lado, ela ligou a água e enfiou a mão embaixo dela. —Qual o seu nome?

Ela olhou para onde a garota estava examinando cada centímetro do banheiro, ainda vestida com o casaco.

Ignorando sua pergunta, a garota caminhou até o espelho, olhando para o rosto antes de olhar para Lucia. —Você não se parece comigo.

—Não. — Ela empurrou o plugue na banheira e ficou ao lado dela, estudando seus reflexos. O cabelo da garota era loiro e, quando estava limpo, provavelmente enrolado. Sua pele, que inicialmente parecia azul do frio, poderia ser apenas azul pálido. Caso contrário, ela era humana... Ish. —Você é muito mais bonita que eu. — Não era mentira. Mesmo com os dentes, olhos e pele, a garota era linda. —Quando eu tinha a sua idade, eu tinha um bigode.

A menina riu. Uma lâmpada acima do espelho explodiu, e Lucia chiou de surpresa. —Desculpe. — A pequena pediu desculpas.

—Está bem. Vamos testar a água. — Ajoelhada no tapete, Lucia afundou o cotovelo na banheira, estava quente, mas não excessivamente quente. —Quer tentar?

Assentindo, a garota deixou cair o casaco e subiu na borda da banheira, tocando a superfície com os dedos. Seus olhos se fecharam em êxtase e ela deslizou dentro da água, camiseta fina de gatinho, leggings e tudo. —Está tão quente.

—Você quer mais quente?

—Sim por favor. — Uma camada de sujeira escorria de seu corpo, enlameando a água para marrom.

Ajustando a torneira para quente, Lucia manteve uma mão na água, certificando-se de que não a escaldaria. —Então —, ela tentou novamente quando a menina se sentou. —Qual o seu nome? — Ela pegou o sabonete, abriu a tampa e ofereceu para a menina cheirar.

Seu nariz torceu e ela afastou a cabeça antes de responder com algo que Lucia não conseguia entender, exceto que começou com *D*.

—Eu não peguei isso.

A garota tirou a camiseta dos ombros, balançando-a na água e vendo-a flutuar na banheira. Nua, ela era do tamanho de uma criança. Sua articulação era enganosa, e os pensamentos de Lucia vagaram novamente. De onde ela veio? Quem era ela? Por que ela estava em um beco no meio da noite? Desnutrida e frágil, Lucia temia que a menina estivesse doente.

—Deliashvishleha. — Repetiu a criança.

—Esse é um nome muito longo, mas é lindo. — Ela tentou dizer, e a garota riu.

—Não—, ela riu. —Mas meu pai me chamava de Delia. Ele também não conseguia dizer. Só minha mãe.

Os dedos de Lucia pararam nos cabelos de Delia, fazendo com que a garota a espiasse confusa. Voltando a focar, ela voltou a massagear o couro cabeludo, espumando o sabão com as pontas dos dedos. —Onde estão seus pais?

—Se foram.

—Eles deixaram você no beco?

Assobiando, Delia voltou os olhos furiosos para Lucia. O vermelho sangrava de suas pupilas, escurecendo até que seus olhos estavam completamente pretos. —Eles não me deixaram. — Tão rapidamente quanto escureceram, voltaram ao vermelho rubi. —Não de propósito. — Ela girou os dedos na água, estourando bolhas e fazendo novas.

—Desculpe, Delia. Posso contatá-los de alguma forma?

—Não. — Esfregou o sabão nos braços e Lucia ficou aliviada ao ver a pele rosar um pouco. Havia um tom azul, mas menos grave. A pobrezinha estava mesmo congelando. —Meu pai disse que eu precisava encontrar novos pais. Então, eu escolhi você.

A garrafa do condicionador escorregou de sua mão e caiu na banheira, borrifando Delia e Lucia com água. Ela abriu a boca para discutir, mas depois fechou. Já passava da meia-noite, e ela precisava alimentar Delia e colocá-la na cama. Não era hora de discutir se ela seria uma mãe aceitável ou não.

—Se você não gosta de queijo grelhado, do que gosta? — Comida era algo que ela podia controlar.

—O que você tem?

—Hmm —, ela considerou, usando o pano para lavar as costas de Delia. —Cereal?

—Nojento.

—Vamos olhar juntas. — Lucia foi ao armário de roupas, encontrando uma toalha. —Levante-se. — Ela enrolou a toalha em volta dela e levantou, colocando-a suavemente no tapete de banho e a esfregando.

—Você não quer saber como eu te encontrei?

Lucia a pegou novamente, saindo do banheiro para o quarto. Colocando-a na cama, ela considerou sua resposta. —Eu não sei. — Abrindo uma gaveta, ela começou a procurar uma camisa. Um velho par de shorts de dormir e algumas meias com uma camisa de botão era o melhor que ela podia fazer.

—Pé. — Ela pediu, esperando Delia esticar um pé pequeno.

—Eu assisti você na biblioteca. — Ela começou quando Lucia colocou a segunda meia.

—Levante sua bunda. — Ela colocou o short no lugar, puxando os cadarços e amarrando-os. —Isso vai funcionar hoje à noite.

—E segui você até em casa várias vezes.

Rolando as mangas da blusa, Lucia sentou-se nos calcanhares. —Acho que é o melhor que posso fazer.

—Você estava bonita.

Suspirando, ela se levantou. —Eu tento ser.

Delia sorriu, seus dentes brilhando na penumbra e ela pulou da cama, pegando a mão de Lucia. —Eu sabia. Eu sabia que escolhi direito.

Lucia a seguiu enquanto a puxava em direção à porta. —Eu não sei sobre isso, garota.

—Oh, confie em mim —, disse ela com confiança. —Eu escolhi.

CAPÍTULO DOIS

Armaros

Armaros sentiu o cheiro de sua irmã. Tecendo através do tempo e do espaço, ele sombreava sua trilha. Perto, ele estava tão perto.

Décadas passaram em um borrão de cor e movimento até que tudo parou.

Um beco sombrio. Um beco congelante. Essa era a Rússia? Ele olhou ao redor em busca de uma pista, viu a placa de um carro passando e percebeu: Nova Inglaterra. Somente a Nova Inglaterra poderia dar ao tempo russo uma corrida pelo seu dinheiro.

Com os olhos escurecendo, ele estudou o beco. O cheiro que ele tinha tanta certeza que era de sua irmã desapareceu, embora algo semelhante permanecesse. Respirando fundo, ele rastreou o perfume para onde era mais forte.

Aqui.

O poder começou em seu peito, subindo, fluindo para fora até banhar tudo em uma névoa vermelha.

—Encontrou ela? — Alguém ronronou.

Como um interruptor de luz, Armaros desligou seu poder. Movendo-se mais rápido do que qualquer humano poderia rastrear, ele colocou os dedos em volta do pescoço do demônio que ousou interrompê-lo.

—Porra, cara. Acalme-se. — O demônio conseguiu.

Deixando uma onda estourar na ponta dos dedos, ele gostou da maneira como a pele do demônio começou a estalar e a escorrer.

—Merda. Me solte. — Implorou.

—Você me seguiu.

Ele soltou a criatura, enviando-a voando para os tijolos e se permitiu um pequeno sorriso. Havia um recuo do tamanho de um *hafsta* na parede. De costas para o demônio que mal merecia sua atenção, ele foi para o minúsculo ponto de poder no concreto.

Era altamente concentrado, uma indicação duradoura da presença de sua irmã. Exceto que era diferente. Em seu maior poder, Vasanthi nunca deixava vestígios de si mesma. Era sua conexão de sangue com ela que lhe permitiu rastrear o perfume de seu poder: uma combinação única de habilidades específicas apenas para ela.

—Por que você ainda a segue? — o demônio de baixo nível perguntou. — Faz décadas; você não se cansou da busca? Cinco anos sim. Talvez dez anos. Mas quarenta?

Ele congelou o demônio, cristalizando-o em uma mortalha de gelo. —Eu não me explico a um *hafsta* — , ele assobiou. —Você está sob meu desprezo. — *Você se recusa a admitir que o que o demônio diz agulha você.*

Ele desligou a voz. Encontrar a irmã dele era motivo de orgulho.

Armaros ignorou os rumores que a rodeavam, o que o deixou chocado quando ela desapareceu. Mas quando ele soube o porquê, ficou furioso.

Um humano.

Ela deixou tudo por um humano. O deixou - a única família que ambos tinham.

Nas entranhas do inferno, um demônio só podia confiar naquele com quem haviam caído e, para ele, era Vasanthi. Criados juntos, eles adoravam o

Criador juntos e, quando suas vidas foram ditadas, eles escolheram a liberdade juntos. Em retrospectiva, havia mais em jogo do que livre-arbítrio, mas eles aprenderam a viver com as consequências.

Então, sem uma palavra, ela abandonou o poder e o controle que haviam passado milênios reunindo e o deixou. O orgulho não foi antes da queda. Para Armaros, o orgulho e a queda andavam de mãos dadas e, encontrando e então destruindo, sua irmã era a única maneira de manter sua honra.

Era tudo o que restava.

Congelar o demônio mal tocara suas reservas. Armaros ainda tinha uma parte substancial para a etapa final de sua jornada. Sua irmã estava ao seu alcance. Mais um momento, uma extensão de sua consciência, e ela estaria ao seu alcance.

Como uma rede, sua força teceu sobre a cidade, gavinhas atingindo e perseguindo os remanescentes da aura de sua irmã. Ele fechou os olhos. *Lá.* Ele podia senti-la.

Mas algo estava errado. Era ela, mas... Não. *Não importa.* O que ele procurava estava quase ao seu alcance.

O tilintar do gelo espalhado pelo concreto o fez suspirar de aborrecimento. —Você está começando a me irritar. — Um pensamento ocorreu a ele e ele cerrou os dentes. *Hafsta* eram demônios gananciosos, procurando incursões nas almas, assim como no poder. Se este estava disposto a arriscar sua ira, era porque o pagamento valia a dor potencial que ele poderia infligir ao ser. Recolhendo a rede que ele usava para abranger a cidade, ele a lançou sobre o demônio. Como um atirador de facas, ele prendeu o ser contra a parede.

—Por quê você está aqui? — Ele deixou seus olhos escurecerem. Seu corpo cresceu, sua forma caída dominando a humana que ele usava. Suas asas

se estenderam para fora. Uma vez, elas foram lindas. Emplumadas e iridescentes. Elas ainda eram bonitas, mas terríveis. A escuridão delas era infinita, hipnotizante e aguda. Suas asas cortavam o ar, a carne e o espírito. O aparecimento de suas asas era uma promessa de destruição, e ele deixou o demônio ver o quão perto ele estava do esquecimento.

—Rumores —, engasgou. —Da sua irmã.

—Que rumores? — Ele ouvira todos os boatos que existiam. Alguns acreditavam, por engano, que ele os recompensaria por devolvê-la a ele. Falso.

Outros acreditavam que o Primeiro Caído queria aqueles que tentavam escapar dele. Também, falso.

Havia suficientes condenados para o Primeiro rastrear. Apesar das crenças humanas, ele não andava por aí possuindo meninas adolescentes estranhas e solitárias. Ele deixava a coleta de alma para os outros. Se ele era mestre em alguma coisa, era delegação.

—Ela criou algo —, continuou. —Algo que nunca existiu antes.

Ela criou? Foi por isso que ela o iludiu?

—Que tipo de coisa?

Os olhos do demônio começaram a sangrar, sua forma humana desaparecendo quanto mais Armaros o levava à morte. Em um momento, isso desapareceria da existência. A menos que, é claro, tivesse uma resposta que ele decidisse que valeria a vida.

—Um ser, um novo...

Mentiras. Ele girou, as asas chicoteando como uma cimitarra no ar até que se conectassem com o demônio, não deixando nada no lugar onde o *hafsta* esteve. Arfando com alguma emoção sem nome, ele retraiu as asas em seu corpo e voltou à sua forma mais humana.

A raiva brotou dentro dele. Armaros não gostava de agir sem pensar. Este era mais um pecado a cair sobre a cabeça de sua irmã.

CAPÍTULO TRES

Lucia

O telefone de Lucia vibrou e ela olhou para o texto.

Zia: *Sal.*

Sal? *Merda.* Sal.

Ela olhou para Delia enrolada aos pés da cama como um gato e desceu as escadas correndo, entrando na cozinha para pegar o recipiente de Morton antes de subir as escadas novamente. A mensagem da tia não era sobre Delia. Era outra coisa. Algo grande.

Ela não sabia como, mas podia sentir sua presença pairando como uma nuvem de tempestade. Irrompendo pela porta, ela jogou o sal ao redor, pulando na cama e girando em círculos. Estava se aproximando, o que quer que fosse. Pesado, sombrio. Arrepios irromperam em sua pele e seu coração bateu forte. Delia se encolheu antes de dormir, totalmente despreocupada. Seus pequenos ombros subiam e desciam a cada respiração profunda.

Lucia acendeu a lâmpada como quando criança, como se a luz pudesse afastar seu medo. Agitando o sal até o recipiente ficar vazio, ela esperou, chegando mais perto de Delia. Lembrando-se do seu rosário, ela alcançou a mesa de cabeceira. As contas de madrepérola estavam frias em sua mão, deslizando por entre os dedos quando ela encontrou o fio curto e começou sua oração: — *Oh, Senhor...*

As palavras ficaram presas na garganta e Delia abriu os olhos vermelhos sonolentos. Ela sorriu antes que algo mais chamasse sua atenção. Lucia teve o impulso mais estranho de se esconder, subir os ombros nos ouvidos e esconder o rosto atrás dos cabelos. *Está atrás de mim. Oh, Deus, há algo atrás de mim.*

Girando lentamente, ela prendeu a respiração. Por um segundo, ela pensou que tinha surtado por nada.

Um homem estava parado na porta. A luz do corredor o iluminava por trás, fazendo-o parecer envolto em sombras. Ele poderia muito bem ser um hóspede da noite de sua companheira de quarto. Ele certamente tinha o físico que sua colega de quarto preferia: alto, ombros largos. Ela não podia ver o rosto dele, mas imaginou que combinava com seus músculos impressionantes.

—O quarto de Maya fica no fim do corredor. — Disse ela. Sua voz saiu mais fraca do que ela gostaria, sugerindo o ardil que ela perpetuou.

Uma onda de pavor a dominou, e ela sabia que qualquer magia da cozinha que sua tia a imbuía não era forte o suficiente para lidar com isso.

Irritantemente, o homem ficou em silêncio. Sob a mão, que ela colocou nas costas de Delia, a garota tremia. Olhando para baixo, olhos vermelhos pálidos encontraram os dela. —Eu o conheço. — Ela sussurrou.

Claro que ela conhece.

Segurando o rosário, ela levantou a garota no colo. —Talvez você possa dizer a ele para fazer uma caminhada então. Ele não está me respondendo.

—Onde está minha irmã? — Sua voz era profunda, mas lírica, com sua língua enrolada em cada som antes de liberá-lo. —Quem é você para ela?

—Não sei quem é sua irmã, mas esta é minha casa. Saia. — A força de seu pronunciamento foi desfeita pela gagueira que o iniciou.

Ele a ignorou novamente, aumentando sua ira. —Você. — Ele esclareceu e entrou na luz. Seus olhos estavam fixos em Delia, que permaneciai em silêncio e tremendo.

Foi um momento horrível para Lucia, percebendo que não havia nada que ela pudesse fazer para proteger a criança encolhida em seus braços. Mas também a irritou. Este bastardo entrou em *sua* casa e assustou ela e *sua* garota? Afastando o sentimento de propriedade que possuía sobre Delia, ela reuniu toda a parte italiana que possuía e ergueu os ombros.

Colocando a garota atrás dela, ela se levantou, se aproximando do homem. Ele deve ter percebido a ameaça dela porque se adiantou também, seu rosto coberto de sombras agora banhado em luz.

Merda.

Ele era lindo.

Não importa, ele é um idiota.

Os olhos azuis dele escureceram quanto mais ela sustentava o olhar dele. Eles cortaram os dela, endurecendo quando ele olhou para Delia. — Quem é você? — Essa iluminação fazia maravilhas em suas maçãs do rosto, enfatizando os altos cortes que aprofundavam o conjunto de seus olhos. Cabelo loiro escuro deslizava para trás do rosto, expondo cada plano e ângulo. Tudo nele era duro e inflexível, mas caramba, se isso não fazia Lucia querer desmaiar. O aperto leve de Delia em seu cotovelo a trouxe de volta à terra.

—Ei. — *Lucia acabou de dizer, Ei?* —Eu lhe fiz uma pergunta. Por que você não tenta direcionar seus comentários para mim? Você sabe, o único outro adulto no quarto?

Os olhos dele brilharam novamente, lembrando-a de gelo. —Você não quer minha atenção. — Se ela não tivesse passado os últimos quatro anos

debruçada sobre textos sumérios, ela nunca saberia o que ele disse. Mas ela esteve, *chupa coisa quente,* e ela sabia. Acadiano.

Desejando que seus olhos pudessem fazer a coisa flamejante que ele estava fazendo, ela se adiantou e respondeu: —Você está certo. Eu quero que você vá embora. Agora, faça isso antes que você realmente me irrite. — O que ela realmente disse foi mais como: —Cavalheiro adequado, parta. Eu, uma dama avançada em idade, exijo com força. — Não havia tradução literal do inglês para acadiano, ela estava fazendo o melhor que podia.

Era imaginação dela ou o lábio dele levantou um pouco, deixando-o mais humano e menos deus da pedra, mas desapareceu um segundo depois. Sim. Ela imaginou isso.

Um cheiro encheu o quarto, lembrando-a do tempo em que um raio atingiu uma trave de gol em um jogo de futebol. Ozônio e metal.

—Cuidado. — Disse Delia atrás dela. A eletricidade saltou da pele da garota para a dela, estimulando-a a se mover.

Talvez o sal não funcionasse, mas ela seria maldita se não tentasse. Agindo rápido, ela jogou Delia de volta na cama no momento em que viu um lampejo no canto do olho. Mãos, ásperas e fortes a agarraram e juntos, ela e o homem voaram pelo quarto parando quando a parede a tocou. Surpresa, mais do que magoada, ela olhou para o rosto agora ao nível de seus olhos.

—Você me ameaça?

Instintivamente, ela apontou para cima com o joelho, pregando o cara nas bolas. Aparentemente, até os intrusos domésticos com olhos chamativos e dedos relâmpagos tinham a mesma anatomia que os garotos de fraternidade comuns.

Uma coisa boa a se notar, porém, foi que eles se levantaram muito mais rápido. O azul sangrava dos olhos do homem, deixando esferas negras e insondáveis que sugavam Lucia e a congelavam no lugar. Sua cabeça doía e, embora seus lábios não se mexessem, ela ouviu a voz dele em sua cabeça. *Você vai sair agora. Você vai esquecer tudo isso.* A vontade dele encheu seu corpo, empurrando-a para fora do caminho.

Mas ela lutou contra isso. Com toda a resistência que ela tinha, argumentou contra a voz cada vez mais alta em sua mente. Ela não esqueceria a garota que contava com ela, mesmo que ela tivesse dentes de tubarão e olhos brilhantes.

Doeu, no entanto, como picadores de gelo enfiados em sua têmpora e em seus olhos. Cada momento era tortura, desgastando-a até que ela ofegava e gritava de dor.

Algo molhado deslizou de seus olhos e pelos lábios, mas ela imaginou o rosto de Delia e disse a si mesma: *lute*.

As mãos do homem seguraram-na levemente, segurando-a acima dos cotovelos, mantendo-a na vertical. Mas tudo o que ela sentia era sua cabeça, que foi pega em um torno, esmagando seus ossos.

Encontrando sua voz, ela implorou: —Pare. — Tudo o que ela queria era que a dor terminasse, mas no escuro dos olhos dele, ela viu Delia e redobrou seus esforços para resistir a ele.

Como uma onda sugada pelo oceano antes de um tufão, o latejamento deixou-a o suficiente para recuperar o fôlego, mas então chegou a um auge, e ela se perguntou se ela se dividiria em um milhão de pedaços.

Havia apenas ela e a escuridão de seus olhos e infinito.

E Delia. A voz da garota perfurou o véu de dor que a envolvia. Desceu como uma parede de aço entre ela e a escuridão mergulhando-a no gelo. Ela

prendeu a respiração, joelhos fracos, mas o chão não se levantou para encontrá-la. Em vez disso, a cama estava às suas costas e os preocupados olhos vermelhos de Delia encontraram os dela. Lentamente, ela voltou ao seu corpo. A garota a sacudiu e virou-se para ela. Na luz, os ombros arfando como se tivesse corrido, o homem as observava. Incapaz de se conter, Lucia levantou a mão como se pudesse bloquear o que ele colocaria nela, mas não havia nada.

—Sal. Isso o impede. — Delia sussurrou. —Mas isso me machuca.

A nota na voz de Delia a fez estudar a garota mais perto. Seus olhos vermelhos estavam claros, como vinho regado, quase rosa, e ela tremeu. O que Lucia havia tomado como susto era o sofrimento.

—Você está machucando ela. — Disse o homem. Seus olhos eram negros, sua voz sufocada entre respirações.

—Del...— O que ela deveria fazer? Se ela a tirasse do círculo, o homem poderia machucá-la, mas ela estava com dor. —Eu não sabia...

Embora ela falasse consigo mesma, ele respondeu: —Claro que não. Você joga sua magia sem pensar. Os humanos são idiotas.

—Eu não sou uma idiota. Você é um idiota. — Ela murmurou. O que havia de errado com ela?

Elas não podiam permanecer dentro do círculo. Mesmo que ela tivesse evitado a polícia, eles eram seu único tiro. O telefone dela estava na cama e ela tocou, *chamada de emergência.* Chamou e ela ouviu alguém responder. Não importa o quê, alguém viria. Felizmente, isso impediria quaisquer planos que o homem tivesse.

—Eu vou levá-la embora —, Lucia disse a ele. —Faça o que você quiser comigo, mas se você machucá-la, eu vou machucá-lo ainda mais.

Ele rosnou para ela, os olhos voltando ao azul enquanto olhava para o telefone. Aparentemente, sua mágica não podia funcionar com tecnologia no círculo do sal. *Ha. Chupa.*

—Eu tenho minha filha comigo. Temo pela segurança dela. Há um homem me ameaçando. Por favor, envie ajuda. — Ela esperava que o despachante da polícia a ouvisse.

Amaldiçoando baixinho, o homem olhou para ela.

—Não...— Delia a alcançou quando ficou claro o que Lucia queria fazer.

Pegando Delia, ela deslizou para fora da cama. Assim que elas estavam fora do círculo, a garota soltou um suspiro. Os olhos cheios de lágrimas encontraram os dela e Delia sussurrou: —Sinto muito.

—Vou tentar lembrar. — Lucia a tranquilizou com um sorriso e aconchegou-a perto.

A pressão começou em sua cabeça novamente e ela olhou para o homem. —Te odeio.

Seu sorriso de resposta era amargo, mas compreensivo. —Você não é a primeira.

—Está tudo bem. — Delia sussurrou antes que a dor fosse demais e ela cedeu.

CAPÍTULO QUATRO

Lucia

Lucia acordou com bipes incessantes e o perfume inebriante do perfume de sua mãe. As duras luzes do quarto do hospital a fizeram estremecer.

—Ma?

—Jesus Cristo, Lucia Maria, você vai me matar.

Voltando a cabeça para a voz preocupada, o rosto redondo e macio da mãe, pálido de preocupação, a encarou. Não. Olhou para ela.

—O que aconteceu? — Linhas intravenosas presas a uma mochila em um suporte puxaram sua pele quando ela levou a mão ao rosto.

—Você chamou a polícia. Encontraram você no seu apartamento.

—Derrubaram sua porta. — O barítono baixo do pai reverberou pelo quarto. Ele se aproximou, colocando uma mão carnuda no ombro de sua mãe.

—Desculpa pai.

Ele encolheu os ombros. —Está tudo bem, amendoim. Podemos consertá-la. — Seus olhos estavam turvos, cansados e chateados. Seu pai, um urso de homem com mais coração do que pulsão, parecia estar chorando. O que havia de errado com ela para fazer seu pai chorar?

Erguendo a cabeça, ela olhou para seu corpo. Pernas? *Cheque*. Mãos? *Cheque*. Ela tocou o rosto dela. Orelhas, olhos, nariz, lábios? *Cheque, cheque, cheque, cheque*. O que tinha acontecido? Afastando as teias de aranha, ela se concentrou em seu dia. Ela foi à biblioteca, estudou textos na seção de Reservas Especiais, perdeu o ônibus, voltou para casa... *Ai.*

Ali. Beco. Sua mente procurou o que aconteceu depois de chegar ao beco, mas seus olhos latejavam. Ela se esforçou mais para lembrar, e uma pontada de dor a fez estremecer.

—Lucia!

Seus olhos se abriram quando sua mãe enfiou um lenço de papel embaixo do nariz. Empurrando a cabeça para trás, ela viu o sangue que rapidamente a encharcou. —Grosseiro. — Ela pegou da mãe e colocou de volta debaixo do nariz. —Ugh.

—A idiota está acordada?

—Ei, Zia. — Sua voz saiu nasalmente e abafada.

—Ei, *estupida*. Ótima audição. — Sua tia passou os dedos sob o queixo na direção de Lucia e ela revirou os olhos. A cama saltou quando sua tia deixou cair uma sacola de compras ao pé da cama.

—O que é isso?

Sabendo melhor do que a esperada sopa de galinha ou uma revista, Lucia observou a tia descarregar o saco de papel. Saiu o azeite, a tigela da nonna e uma jarra de molho de espaguete cheia de água.

—Você tem o *malocchio*. — O olho do mal? *Ah não.*

—Ma...

Sua mãe deu de ombros. —Não pode doer.

—Papai.

Ele levantou a mão. —Eu fico fora disso.

—Zia —, ela suspirou. —Por que você acha que eu tenho *Malocchio*?

—O que aconteceu com você ontem? — Zia Valeria perguntou, seus olhos negros brilhando furiosamente. —Tente lembrar-se.

Foi um desafio que Lucia tentou encontrar. Ela empurrou novamente contra a parede em sua mente que a impedia de responder. Ela passou pelo desconforto, que se transformou em dor, e depois na dor que se tornou agonia.

A voz de sua mãe gritou através de sua miséria. —Lucia, pare!

Assim que ela fez, a dor desapareceu como se nunca estivesse lá. O rosto de seu pai ficou branco e ele se virou, pulando para a lata de lixo e arfando.

—O que? — A voz dela estava distorcida e o rosto molhado. Limpando o que ela pensava serem lágrimas, um lampejo de vermelho escuro a assustou. Ela enxugou o rosto novamente, encarando as mãos em choque. — Mãe?

Sangue. Suas mãos estavam cobertas de sangue tão escuro que estava quase preto.

—Aqui. — Sua tia jogou uma toalha na direção dela apressadamente, passando no rosto bruscamente. —Foi isso que eu quis dizer.

—É um nariz sangrando, Zia. Relaxe.

—Ouça, Srta. PhD, que sabe tudo. Você está sangrando por seus olhos. Seus *olhos*. Viu seu pai vomitando no lixo ali? Isso porque sangue escorria pelo seu rosto como aquela garota - como era o nome dela? A do baile.

—Carrie. — Ela sussurrou, aceitando a toalha. As mãos dela tremiam. Algo estava realmente errado com ela. Um tumor cerebral ou um derrame. Não havia outra razão para ela estar sangrando pelos olhos.

—Connie me ajude. — Exigiu a tia e encheu a tigela com água, pingando cuidadosamente três gotas de óleo na água. —Mão. — Ela agarrou a mão de Lucia antes que ela pudesse responder.

Sua mãe, seu pai, que surgiu de trás da cadeira com o rosto cinza, e a tia fizeram o sinal da cruz.

—Olhe —, sua tia sussurrou, apontando para a água. Dentro da tigela, o óleo havia se separado e reformado. Uma forma de amêndoa foi formada no centro da tigela e no centro, um ponto. Para todos os efeitos, um olho. — Comecem a orar.

A mãe e o pai começaram imediatamente: —*Pai, esta oração está sendo feita por Lucia Maria...*

Dentro da cabeça de Lucia, um aperto se formou. Estava bem atrás dos olhos dela, mais nítida do que a dor anterior. Mais punhalada do que esmagamento ósseo.

Os dedos frios de sua tia tocaram sua mão, fazendo a cruz nas palmas das mãos. Com cada cruz, ela rezava. Sem querer, Lucia tentou afastar as mãos da tia, mas Zia segurou-a com firmeza.

Seu corpo não estava mais sob seu controle, batendo de um lado para o outro na cama. Algo brotou dentro dela, afastando-se do toque de sua tia. A cabeça de Lucia bateu no travesseiro como se ela pudesse impedir seus ouvidos de ouvir a oração, mas não adiantou. Com os olhos abertos, o polegar da tia se aproximou do rosto.

—Não me toque! — A voz não era dela, e sua tia recuou antes de ir em sua direção com ainda mais determinação. —Não!

Queimou, mas a pressão atrás de seus olhos estalou, dissipando-se. Ela respirou fundo, soltando-a lentamente. Seu corpo relaxou nos travesseiros e ela sorriu agradecida para sua tia.

Até que suas lembranças a atingissem como um caminhão: o beco, Delia, o sal, o homem.

Jogando as cobertas do corpo, ela puxou o IV do braço, estremecendo de desconforto. —Onde estão minhas roupas? — Ela olhou em volta

freneticamente. —Zia, preciso de você para achá-la. Eu tenho que encontrar Delia.

—Volte para a cama, jovem! — Sua mãe gritou.

—Zia. Diga a eles o que está acontecendo. Eu não tenho tempo. — Ela encontrou uma mochila marcada com *itens pessoais* e a levou para o banheiro.

A voz de sua tia filtrou através da porta, mas ela ignorou. Lavando o rosto e o pescoço, ela se vestiu às pressas.

—Você não vai a lugar nenhum. — Disse o pai quando ela saiu. Ele raramente batia o pé, mas quando ele o fazia esperava que ela escutasse.

—Sinto muito, pai. Não posso. Delia precisa de mim.

—Quem é Delia? — Zia Valeria perguntou. —A demônia?

—Ela não é uma demônia, Zia. — Examinando o quarto, ela finalmente localizou as botas debaixo de uma cadeira. Ajoelhando-se, ela os puxou para fora e enfiou os pés neles. —Ela é uma garotinha.

—Eu te disse, Lucia. Ela não é uma menina.

Os olhos dela se estreitaram. —Zia. Eu te amo. E eu sei que você sabe mais do que eu, mas não importa o que Delia seja, ela é jovem e assustada e precisa de mim.

—Ela fez isso com você! — Zia argumentou.

Suspirando, ela percebeu que não havia explicado à sua família o que aconteceu. Ela assumiu que Zia sabia e contou tudo aos pais. —Ouçam. Encontrei Delia no beco. E não, ela não é humana, mas não sei ao certo. Ela precisava da minha proteção. Talvez eu devesse tê-la levado à polícia, mas com os olhos vermelhos e os dentes de tubarão, estava com medo do que aconteceria.

—Dentes de tubarão? — A voz de sua mãe alcançou um tom tão alto que Lucia tinha certeza de que em algum lugar um cachorro uivava.

Ignorando-a, ela continuou. —Eu a levei para casa, recebi sua mensagem sobre o sal, usei, e então esse cara, que *definitivamente* não era humano, apareceu. Eu tentei lutar com ele, mas não pude, e o sal machucou Delia. Então, agora, aqui estamos nós. Eu preciso encontrá-la, Zia. Ajude-me.

Os punhos cerrados de sua tia cravaram em seus quadris amplos e ela encarou Lucia com raiva. Seus olhos negros brilharam, mas depois de um momento de fúria, ela jogou as mãos no ar. —Bem.

Com força, ela pegou a tigela e caminhou até o banheiro minúsculo, murmurando em italiano o tempo todo, enquanto os pais de Lucia observavam consternados.

—Lucia...— sua mãe começou.

—Eu sei, mãe. Mas ela me encontrou de propósito.

O rosto de sua mãe se suavizou, mas um olhar de seu pai a deixou tensa novamente. —Isto é culpa sua! Você queria que ela fosse para a faculdade. Agora ela tem vinte e sete anos sem marido e quer encontrar um bebê demônio!

—Minha culpa?

Zia entrou no quarto novamente, a tigela cheia de água. Procurando em seu saco de papel, ela encontrou uma vela sagrada e acendeu. Seus olhos se fecharam, seus lábios se moviam quando ela começou a orar em latim até: —Lucia. Imagine a criança em sua mente e faça sua pergunta.

Fechando os olhos, ela imaginou o queixo pontudo de Delia e a boca em arco. Ela ouviu a voz alta da garota e sentiu sua mão pequena e fria na dela. *Onde ela está? Onde posso encontrá-la?*

A voz da tia, quando falou, soou estranha e distante. —Oeste. Cemitério de Pauper.

Formas, nenhuma das quais tinha algum significado para Lucia, se formaram na água quando a tia derrubou a vela, permitindo que a cera pingasse na tigela.

—Eu vou com você. — Disse o pai dela.

—Não —, respondeu Zia. Seus olhos se abriram, concentrando-se lentamente no quarto ao seu redor. Ela sorriu para Lucia. —Lucia tem que fazer isso sozinha. Ela ficará bem.

—Minha filha está se preparando para sair do hospital sem consultar um médico. Eu ajudei você a realizar um exorcismo. Você não pode estar falando sério, Valéria.

—Al. Eu prometo. Lucia vai ficar bem. — Agarrando o casaco de uma cadeira próxima, Zia o empurrou em sua direção. —Está frio, no entanto. Vista seu casaco. Nós cuidaremos dos médicos. Vá em frente.

—Obrigada. — Ela beijou a bochecha macia de Valéria antes de abraçar sua mãe e pai. Ele a beijou com firmeza, sua barba arranhando o rosto dela.

—Seja cuidadosa.

—Eu vou ser pai.

—Aqui. — Zia tirou o rosário do bolso e o enfiou na mão, enrolando os dedos em torno dele. —Use sob suas roupas. Não o tire imediatamente. Boa sorte.

—Obrigada, Zia.— Dando-lhe mais um beijo, Lucia saiu correndo do quarto e do hospital. Era quase madrugada, o céu iluminando-se em um azul escuro com a lua ainda visível. O ponto de táxi estava vazio, mas ela facilmente encontrou um táxi. —Cemitério de Pauper em Hamilton e Broad, por favor. — Ela falou, seu coração começando a bater forte no peito. *Estou indo, Delia. Espere pacientemente.*

CAPÍTULO CINCO

Armaros

Ouch.

Armaros não deixou a monstrinha ver, mas seus dentes doíam. Ele tinha marcas de garras passando pelo braço e picadas de dentes ao longo das mãos, onde ela o havia mordido.

Como qualquer criança que não conseguiu o que queria, ela estava fazendo birra. A parte demoníaca dela acrescentava um toque interessante. Um raio o acertou duas vezes, e uma vez ela conseguiu mandá-lo de volta ao inferno. Levou um tempo para voltar. Sempre que ele mostrava seu rosto lá, ele atraía uma multidão. Inundado com notícias e pedidos, ele levou horas para voltar à Terra e, quando o fez, teve que encontrar a prole demônio, já que ela estava desaparecida. Eventualmente, ele a encontrou, pairando no teto acima da banheira. Ele tinha que respeitar a criatividade dela. Agora, eles estavam de frente um para o outro em sua sala de estar.

Abafando um sorriso rapidamente, ele a encarou quando ela continuou a gritar: —Eu quero voltar *agora!*

—Até eu descobrir o que você é e o que você pode fazer, vamos ficar aqui. — Ele respondeu calmamente. Quanto mais calmo ele estava, mais irritado isso a deixava, e ele ficou encantado ao ver o que sairia. Sua resposta fez seus olhos escurecerem e o lugar inteiro começar a tremer. Rachaduras apareceram no teto e jogaram poeira em sua cabeça. Ele escovou os pedaços do cabelo, franzindo a testa quando pedaços grudaram em seu gel de cabelo.

A prole demoníaca riu e algo mordeu seu dedo. Seu cabelo sibilou para ele e, desta vez, ele não conseguiu se conter. Quando uma cobra olhou para ele, sua língua provando o ar, ele riu. —Agradável.

Um sorriso apareceu no rosto da garota antes que ela o apertasse e franzisse o cenho. —Eu quero voltar.

—Onde está minha irmã?

O rosto dela ficou em branco. —Eu nem sei quem é sua irmã. — Ela estava mentindo.

—Como a humana te chamava? Delia? Você sabe que podemos sentir uma mentira. Nós somos os primeiros e melhores mentirosos. Não tente me enganar.

Batendo o pé, seu rosto pálido ficou vermelho. —Eu quero voltar. Eu a escolhi. Você não pode mantê-la longe de mim.

Armaros conhecia demônios de posse. Eles eram obcecados por seus humanos. Ele se perguntou se essa era a fonte de sua raiva. —Você quer a alma dela?

Revirando os olhos, ela zombou. Ela cruzou os braços. —Você não sabe de nada.

—Me esclareça.

Examinando, Delia finalmente decidiu no sofá, jogando-se dramaticamente nas almofadas. Ele a levou para sua cobertura, um espaço aberto que dava para o porto. Toda parede exterior era de vidro. Nesse lugar, Armaros era lembrado de como era pertencer às nuvens. Não importava que o prédio fosse num cemitério, ele estava em casa.

—Meu papai foi embora. Me disse que eu tinha que encontrar alguém seguro. Caído ou humano, ele disse que não importava. Eu seria capaz de dizer

se ele era o certo. Ela é certa. — O rosto da garota caiu, deixando-a tão jovem, que ele sentiu uma pontada de culpa.

Espera. —Papai?

Caídos são mestres, eles criam demônios. Alguns podem até chamá-los de *pai*, mas ninguém os chama de *papai*.

—Você é um idiota. — Girando seu corpo para longe dele, ela repetiu baixinho, desta vez em italiano: —*Idiota*...

—Quem é seu criador?

—Meu criador? — Lentamente, ela mal se aproximou do queixo dele. — Você é chato, e eu vou embora. — Ela torceu o rosto e quase o bateu na bunda com uma onda de poder. Apenas milênios de afiar seus reflexos a mantiveram com ele.

—Fique.

Revirando os olhos, ela fez de novo, e ele percebeu que qualquer explosão que ela usasse antes não era nada comparada ao seu potencial. Em menos tempo do que o necessário para piscar, ela desapareceu. Todos os seus traços se foram, como se ela nunca tivesse existido. *Merda!* Ele se perguntou por um momento por que ela discutiu com ele por tanto tempo se poderia ter saído a qualquer momento. Mas não havia lógica no comportamento demoníaco; ele era tolo em procurar. Relutantemente, ele novamente se viu respeitando a pequena desgraçada.

Apesar de todo o seu conhecimento, ela havia lhe dado todas as pistas que ele precisava para encontrá-la. Ela estava voltando para a humana, alguém que era muito mais fácil de encontrar e muito mais perto do que ele esperava também. Desejando seu corpo para ela, ele esperava que ela estivesse preparada para uma surpresa.

Aparecer do nada era fácil, e era o método preferido de Armaros de cumprimentar. Deixava humanos, Caídos e demônios fora de controle. Se ele era honesto, ele também gostava da confusão e do medo.

Ele era o único culpado pelas ações de Lucia quando ele se materializou na frente dela enquanto ela caminhava em direção ao prédio dele. Resumidamente, ele considerou como ela o encontrara e ignorou seu bloqueio em suas memórias. Ao seu redor, ele podia sentir o cheiro de sangue e dor, então, o que quer que ela tivesse feito para chegar aqui, doera. Uma vez, ele teria se arrependido, mas agora, era uma necessidade contra a qual ele se endureceu.

Ele brilhou na existência e ela atacou. Surpresa era a única desculpa que ele tinha para não detê-la quando ela jogou seu corpo nele, derrubando-o no chão. Ela tinha um metro e meio de altura, talvez, mas era rápida. Rapidez deu a ela o peso que qualquer outra vez ele poderia ter combatido. Juntos, eles caíram para trás.

Colocando os joelhos confortavelmente contra os quadris dele, seus punhos o acertaram. —Onde. Ela. Está?

Cada palavra foi pontuada com um soco. Não doeu, mas inferno, se não o fizesse duro. Seus olhos azuis brilharam e seu corpo se contorceu, todo o peso atrás de um soco que telegrafou a um quilômetro de distância.

Em vez de interceptá-lo, ele deixou cair. Se ele fosse humano, ela teria tocado a campainha dele. —Ela não está aqui.

—Besteira, idiota. Diga-me onde ela está. — Mudando, o joelho dela o pegou nas bolas. Novamente. Filha da puta, essa garota era um fogo de artifício.

Acenando com a mão, ele diminuiu o tempo, dando-se a chance de realmente estudá-la. Ela não era bonita. Nariz comprido, lábios carnudos, pele oliva e pelos palavrões, provavelmente italiana. *Porra, foi o último palavrão em latim?* Suas feições eram uma mistura de culturas e etnias. Puramente americana, mas de alguma forma antiga. Ele viu o perfil dela em moedas em Roma, em bustos em Atenas. Uma pequena sarda marrom pontilhava abaixo do olho esquerdo e, quando ele olhou de perto, viu que era uma perfeita forma crescente. Sem pensar, ele levantou uma mão para tocá-la, e ela o derrubou, cachos pretos voando em volta de sua cabeça. Ele deu tempo para voltar ao normal.

—Onde ela está?

—Eu presumi que ela estava com você.

—Bem, merda, você sabe o que acontece quando você assume. Ela não está comigo. E se você pensa...— O rosto dela baixou para o dele. No canto do olho havia uma pequena gota de sangue. Ele realmente fez um número nela, não admira que ela fosse generosa com os insultos.

—Saia de cima de mim. — *Antes de fazer algo que me arrependo.* Ela estava muito perto, e seus instintos estavam em guerra. Parte dele queria destruí-la por ousar tocá-lo, e a outra parte queria agarrar a parte de trás de sua cabeça e atacar seus lábios.

Um rubor vermelho apareceu em suas bochechas antes de se levantar. Tropeçando nos pés dele, ela cambaleou por um segundo, mas ele não se ofereceu para ajudá-la. Ele não gostou da maneira como reagiu a ela.

Sem esforço, ele se levantou, pegando o olhar estreitado dela como ele fez. *Com ciúmes*. Ela não gostou da maneira como ele se movia. Os benefícios de não serem prejudicados pelas mesmas leis da física humana.

—O que você fez com ela? — A mão dela foi para a garganta. Estreitando os olhos, ele pegou a mão dela para ver o que ela estava procurando, mas ela bateu nela. —Não toque!

Afastando a mão rapidamente, ele balançou a cabeça. Ele a ouviu corretamente? —Você falou comigo como uma criança?

—Estou simplificando meu idioma, pois você não respondeu nenhuma das minhas perguntas. Claramente, você não entende o que estou dizendo, por isso estou facilitando para você. — O sentimento foi entendido, mas ela desfez o insulto falando tão verbalmente imediatamente depois dele.

—O que você está escondendo?

A mão dela permaneceu sobre a garganta. —Argh! — Jogando as mãos para o ar, ela deu as costas para ele. —Delia! Querida, onde você está? — Ela entrou no cemitério, deixando-o olhando para ela enquanto gritava como alguém que perdeu um cachorro. —De-lia! Delia!

Uma bolha de poder estourou. Interessante. Alguém não conseguiu se conter. Era apenas uma questão de tempo antes que ela aparecesse. Enquanto ele ficasse com a humana, ele a encontraria novamente.

—Delia! — Ele chamou.

Contornando-o, a humana apontou para a estrada. —Saia.

—Você não pode estar falando sério. — Ele levantou uma sobrancelha. Verdadeiramente. Ela acreditava que poderia dizer a ele o que fazer e ele faria?

—Delia? Vá tomar sorvete em algum lugar. Enquanto esse cara estiver aqui, fique longe. Entendeu, querida?

Um perfume invadiu o cemitério: raiva e decepção tingidas de diversão. A cria do demônio gostou dessa ideia e ficou feliz em ouvir a humana. Examinando o cemitério, a humana espiou um banco e foi até lá, sentando-se e puxando as pernas na pedra. Ela estremeceu, enfiou a mão no bolso, pegou o telefone e passou a ignorá-lo.

Ela esqueceu a dor que ele a fez passar? Como ela poderia ignorá-lo quando ele poderia esmagá-la a nada? Os seres humanos ficaram loucos depois de insultá-lo por menos. Talvez ela precisasse lembrar o poder que ele tinha sobre ela. Olhando para o céu, ele juntou as nuvens, puxando o ar frio e girando em torno dela em um turbilhão de neve e gelo.

—Você me fez sangrar pelos buracos nos olhos. Isso não é assustador. — Ela estava falando em occitânico agora?

Acenando com a mão, ele dissipou o frio e se aproximou dela. —Quem é você?

—Os nomes têm poder —, ela sussurrou, colocando o telefone no colo e olhando-o seriamente. —Qual é o seu?

Desta vez, ela usou o hebraico antigo. Ele inclinou a cabeça em reconhecimento. Seu nome raramente era falado em voz alta e, quando era, não caía dos lábios humanos. —Diga-me, humana. Ou então eu mesmo descobrirei e você não gostará dos meus métodos.

A mão dela passou por baixo do queixo, as costas dos dedos passando rapidamente em sua direção: *foda-se*. Ele respondeu seu desafio, cavando em sua mente o nome dela. Mais uma vez, ela resistiu a ele e, desta vez, ele teve mais dificuldade em penetrar em sua mente. Não porque ele não podia, mas ele não queria. Ainda assim, ele empurrou, e quando ela ofegou e torceu o rosto com dor, ele empurrou com mais força.

Lucia.

—Lucia...

Ele se retirou e o corpo dela desabou para a frente, as mãos dela pegando os joelhos enquanto os ombros se erguiam. Torcendo para o lado, ela vomitou na neve.

—Valeu a pena resistir a mim? — Ele sinceramente perguntou, observando a pele de uma azeitona amarelar para um amarelo impróprio.

—Totalmente —, ela engasgou. —Chegue mais perto e eu vou vomitar em seus sapatos para provar isso.

Ajoelhou-se, fora do alcance do vômito. —Vou encontrar as respostas que quero. Por que não dá para mim?

—Livre arbítrio. — Ela respondeu. Ela usou o hebraico novamente, e isso o levou de volta a uma época em que o termo era pronunciado em silêncio, longe dos olhos sempre vigilantes de seu criador. Lembrou-se de observar as criaturas estranhas, tão parecidas com a sua frente agora, tomar decisões que iam contra todos os princípios que ele era forçado a obedecer.

Ele curvou a garota à sua vontade do jeito que uma vez foi forçado a se curvar, e isso lhe deu uma pausa por um momento.

Um lampejo de luz rosa passou por ele, o cheiro de sua irmã permeando o ar. Antes que ele pudesse se mover, a humana se foi e o perfume desapareceu.

Empurrando seu poder para fora e para longe, ele tentou encontrar um remanescente dele, mas não havia nada. Somente ele e os ossos dos mortos.

CAPÍTULO SEIS

Lucia

—Ele vai vir atrás de nós.

Delia assentiu, lambendo a ponta do cone de waffle. Quando Lucia lhe disse para tomar um sorvete, ela tomou sua ordem literalmente.

O chocolate derreteu, pingando nos dedos e no braço. Sua língua rosada escapou, coletando o chocolate que ameaçava escorrer do cotovelo. Segurando a bagunça para Lucia, ela sorriu tristemente. —Minha mãe limpava os lados para não fazer isso.

Pegando o cone oferecido, Lucia rapidamente lambeu os lados do jeito que ela se lembrava de sua própria mãe. Agarrando guardanapos do centro da mesa de piquenique, ela limpou o rosto e as mãos de Delia. Seu coração doía ao pensar na menina que não tinha mãe para ajudá-la com seu sorvete. Amassando os guardanapos, ela pegou alguns limpos e fez cócegas no queixo de Delia. —Venha aqui —, ela brincou. —Eu vejo um pouco mais.

Sua distração fez o que ela pretendia. Delia riu, afastando o rosto dos guardanapos e enfiando o queixo no peito.

—Há um pouco na sua bochecha! — Lucia inclinou-se, segurando o cone longe delas para que não pingasse em todos os lugares e a beijou com beijos barulhentos que a fizeram rir mais alto.

—Lucia!

—Opa. Perdeu alguns do outro lado! — Ela fez o mesmo com a outra bochecha de Delia, respirando o doce aroma da garota e passando o braço em volta dos ombros estreitos, para que seu corpo descansasse na dobra do braço.

O riso morrendo, ela manteve a cabeça inclinada, o queixo baixo. Tremores começaram em seus ombros, e Lucia a abraçou, jogando o sorvete em uma lixeira para que ela pudesse puxá-la em seu colo. —Eu peguei você, amendoim.

Delia descansou a cabeça em seu peito, as lágrimas encharcando a camisa de Lucia e as mãos pegajosas agarrando um punhado de material. Sua garganta se apertou em simpatia e seus olhos ardiam. Desamparada, não havia nada que Lucia pudesse dizer que diminuísse a tristeza de Delia. Balançando para frente e para trás, ela a abraçou. Tudo o que ela queria era fazê-la se sentir melhor. —Conte-me sobre sua mãe. — Talvez conversar poderia ajudar.

—Ela era muito bonita —, respondeu Delia depois de um longo momento. Seus dedos pegajosos entraram em sua boca e ela teve um olhar distante nos olhos, como se estivesse imaginando sua mãe. —Não como você.

Ignorando o insulto não intencional, Lucia respondeu: —Aposto que sim. Se ela se parecesse com você, ela seria linda.

Fungando, Delia assentiu. —Ninguém era mais bonita. Seu cabelo era loiro e encaracolado, e seus olhos eram vermelhos. Meu pai disse que ela tinha os olhos mais bonitos que ele já tinha visto. E ela era tão alta que podia alcançar qualquer coisa.

—É uma habilidade útil de ter. — Respondeu ela com sinceridade, pensando na máquina de fazer pão nunca usada, no armário, em cima da geladeira.

—Às vezes ela mudava os olhos, só porque podia. Mas sempre se eu pedisse. Azul ou roxo. Ela usava roxo porque era minha cor favorita, mas meu pai sempre a fazia trocá-los de volta.

—Ela realmente te amava. — A imagem que Delia pintou era alegre. Dois pais que se amavam. Um homem que achava sua esposa de olhos vermelhos bonita. O que quer que tenha acontecido desde então, Delia tinha boas lembranças para contar.

Apesar do peso leve da garota, Lucia começou a suar através do casaco de lã. Vendo os olhares de outros clientes do sorvete, todos vestidos com sandálias e shorts ou vestidos de verão, ela e Delia se destacavam em suas roupas de inverno. —Posso te perguntar outra coisa?

Delia virou um rosto cheio de lágrimas para ela e assentiu.

—Onde estamos? — Quando ela foi teletransportada do cemitério, ela apareceu aqui neste banco de piquenique do lado de fora de uma sorveteria. O nariz dela queimava ao sol.

Rindo, Delia fungou e limpou o rosto com as costas da mão. —Flórida? Eu acho.

—Você quer mais sorvete?

A garota balançou a cabeça, mas se inclinou contra Lucia novamente. Estar chateada a esgotara. Olhando para baixo, ela viu a garota soltar um bocejo enorme.

—Que tal encontrar um lugar para descansar?

Delia assentiu e passou a mão pelo ar. As cores passaram rapidamente por ela, mais rápido do que o borrão da paisagem, olhando pela janela do carro. A náusea pelo movimento ameaçava, e Lucia fechou os olhos. Ela não tinha nada para focar, nenhum ponto fixo no espaço para ajudá-la a se

orientar. Como montar o turbilhão num carnaval, ela rezou para que tudo acabasse.

De repente, seu corpo parou. A cabeça dela virou para frente e ela tropeçou, os olhos se abrindo automaticamente.

Onde elas estavam? Ela não reconheceu este lugar. Era um apartamento austero, tudo branco e cromado. —Esta é a sua casa? — Caminhando até a janela, ela viu o porto congelado ao longe, completando a estética monocromática.

Delia subiu no sofá de camurça e Lucia estremeceu quando uma mancha de chocolate que ela não limpou se espalhou pela almofada. —Não.

Não era o tipo de lugar que uma criança moraria. —Devemos estar aqui?

Os olhos de Delia se fecharam e seu polegar entrou em sua boca. —Estou cansada demais para correr mais.

Suspirando, Lucia caminhou até ela. O tapete que cobria o chão sob o sofá e a mesa de café era branco e peludo. Seria bastante confortável. Sentando-se ao lado da cabeça de Delia, ela afastou o cabelo da garota do rosto. —Ok. Tire um cochilo. Estarei aqui. Algo que eu deva saber?

—Nós ficaremos bem. — Suas palavras foram quebradas por outro enorme bocejo. —Noite, Luce.

—Noite, piccola.

A fraca luz do sol do inverno atravessava todas as janelas. Lucia observou Delia, alisando os cabelos, esperando seus olhos dançarem sob as pálpebras fechadas para sinalizar que ela havia caído em um sono profundo. Demorou muito tempo a chegar. Delia se virou e, finalmente, com o polegar de Lucia passando de um lado para o outro na testa, ela parou.

Estalando o pescoço, Lucia retirou cuidadosamente a mão. Delia permaneceu dormindo. *Bom.* A garota precisava disso. Esticando-se, ela se levantou e decidiu explorar.

De olho em Delia, ela caminhou até a janela para olhar. *Hã.* Elas estavam de volta ao cemitério de Pauper. Por que essas coisas não a assustavam mais? Em menos de vinte e quatro horas, tudo o que ela pensava que sabia estava virado de cabeça para baixo.

Havia a torre da igreja e, além da extensão branca do cemitério aberto, pedras cobertas de neve. Talvez ela devesse parar mais tarde, ver se o padre conseguia entender o que o universo lhe havia revelado recentemente. *Ha!* Se ela pusesse os pés em uma igreja depois de não comparecer por tanto tempo, provavelmente teria explodido em chamas.

Andando pelo perímetro da sala, ela tentou imaginar que tipo de pessoa morava aqui. Eles tinham dinheiro para queimar. Cada parede externa era uma janela; a cidade inteira visível de onde ela estava. Deveria ter dado a ela uma sensação de abertura, mas, em vez disso, ela se viu imaginando o que estava segurando o teto acima da cabeça. Inclinando a cabeça para trás, ela imaginou aço e gesso esmagando-a.

Um gemido a tirou de seus pensamentos sombrios e ela correu para o sofá. Delia se debateu e gritou: —Papai!

Franzindo a testa, Lucia a pegou. —Está tudo bem. — Ela a puxou para o colo, segurando-a nos braços e acariciando-a de costas até que ela se acalmasse. Quando Delia voltou a dormir, Lucia deixou a cabeça cair no braço do sofá.

Ela se meteu em uma bagunça - uma bagunça estranha e interdimensional de proporções bíblicas. Ela voltou da biblioteca para casa e bam! Mãe insta. Olhando fixamente para o rosto corado de Delia, Lucia

sorriu. Ela não estava arrependida. Essa garota tinha um jeito com ela, e Lucia estava apaixonada.

Mas ela não estava preparada para ela. Os empréstimos estudantis de Lucia a apoiavam. Ela não tinha emprego de verdade. Corrigir papéis e ensinar estudantes entediados por menos do que ela poderia fazer em uma lanchonete de fast-food não contava. Se ela tivesse uma filha, precisava ser inteligente e auto-suficiente.

Como era o sistema escolar em sua área? Ela nem sabia. Delia tinha idade suficiente para a escola? *Argh!* Isso era uma bagunça! De jeito nenhum ela era responsável o suficiente para cuidar dela.

—O que você está fazendo na minha casa?

Merda. Ela conhecia aquela voz. —Ei —, ela cantou em saudação sem saber o que mais fazer. —Então, você sabe, *poof* nos lugares?

Cruzando os braços, o homem olhou para ela, a jaqueta de couro estalando enquanto se movia. Ou talvez fossem os nós dos dedos estalando. Lucia teve a sensação de que estava em um terreno instável com esse cara.

—Eu não sabia que esta era sua casa. — Ela fez um movimento para sacudir Delia acordada, mas a garota estava tão exausta que fez uma pausa. — Você se importa se ficarmos um pouco? Delie está abatida e precisa de uma soneca. Quando ela acordar, você pode voltar a apertar meu cérebro ou o que seja. — O apelido fluiu dela, montando a onda crescente de afeto em sua alma.

Os olhos dele se voltaram para a garota adormecida no colo antes de soltar os braços. Passando os dedos pelos cabelos perfeitamente penteados, ele suspirou. —Eu- Está bem. — Sentando com cuidado em uma cadeira próxima, ele manteve o olhar fixo em Lucia. —O que você está fazendo aqui?

—Delia nos trouxe aqui.

—Ela trouxe? — Uma sobrancelha levantou quando ele considerou sua forma adormecida. O que havia naquele cara que a fez querer mergulhá-lo em água benta e depois tirar a camisa molhada?

—Por que você está atrás dela?

Parte dela estava impressionada com sua audácia, mas por algum motivo, ela sabia que ele não a machucaria agora.

Dando de ombros, ele continuou a observá-las silenciosamente.

—Você conhece ela?

Olhos azuis gelados voaram para ela, olhando-a atentamente antes que ele sacudisse a cabeça. —Não. Eu não a conheço. Mas-

Quando ele não terminou, Lucia acenou com a mão. —Mas...

Ele permaneceu calado. *Ok.* Então, ele não iria responder a menos que quisesse. Bem. —Você sabe o que aconteceu com os pais dela?

—Pais? — Isso o deixou desprevenido. —Ela não tem pais.

—Claro que sim. Todo mundo tem pais. Ela me contou sobre sua mãe e pai. E não zombe como se eu fosse louca, Sr. Esta é minha casa. Esquisito. Que círculo do inferno é esse, realmente?

—Ela contou? — Ele ignorou o comentário dela sobre sua casa. *Mais uma vez - tudo bem.* Ele só estava interessado em discutir Delia. —O que ela disse?

—Por que você está atrás dela? — Lucia rebateu maliciosamente. Ela também podia pagar olho por olho.

—Você esqueceu o que eu posso fazer?

Levantando uma sobrancelha, ela balançou a cabeça. —É improvável que eu esqueça a pior dor de cabeça do século ou a impressão de Nossa Senhora dos Olhos Sangrentos. Eu não posso te parar. Faça. Continue. — *Por favor não.* Por que ela falou sem pensar?

—Eu não vou machucá-la. — Disse ele.

—Mas você está atrás dela?

Revirando os olhos, ele deixou a cabeça cair nas costas da cadeira. —Eu não estou *atrás* dela. Ela tem algo que eu preciso.

—O que uma criança poderia ter de que você precisa? — Um milhão de respostas horríveis para a pergunta sacudiu em sua mente e ela desejou uma arma.

—Ela sabe algo sobre alguém que estou procurando.

—Você é tão misterioso. — Ela zombou.

Em um borrão, ele se levantou da cadeira. Os dedos frios dele envolveram sua garganta, forçando a cabeça dela mais perto da dele. —Cuidado, humana.

Ele não estava segurando-a com força suficiente para interromper a respiração, mas a ameaça estava lá. Seus dedos eram longos e frios, e ele a segurava com uma força que ela não seria capaz de escapar, mesmo sem Delia em seus braços. Ela usou a única coisa que tinha disponível. Torcendo a cabeça para o lado, ela estalou os dentes no pulso dele. Instintivamente, ele soltou.

—Eu não disse que você poderia me tocar.

Seus olhos aqueceram, o gelo derretendo em poças de azul esverdeado. Isso a lembrou de uma praia tropical. Uma sensação de calma e segurança a inundou. Ela poderia se afogar naqueles olhos... *Espere.* —O que você está fazendo?

O azul esverdeado desapareceu, ficando gelado novamente. —O que você quer dizer?

Bufando, ela se afastou dele. Delia roncou e Lucia afastou os cabelos, mantendo a mão na cabeça. —Ela está muito triste —, disse ela sem pensar. —Ela sente falta da mãe. — Olhando para ele novamente, ela continuou. —Eu não sei o que você pensa dela, mas deixe-me dizer o que eu sei. Eu sei que ela

é uma criança. Eu sei que ela está assustada e sozinha, e por algum motivo, ela acha que posso protegê-la. Eu *irei* fazer o meu melhor para fazê-la acreditar que sim.

Quando ela terminou, ele sorriu frio e sem alegria. —Salve suas proclamações. Eu não preciso delas. Eu farei o que eu quero e você não pode me parar.

Por alguma razão, suas palavras não a assustaram tanto quanto deveriam. Sim, ele a estava ameaçando, e sim, ela sabia que ele poderia infligir uma dor torturante nela, mas agora, ele não estava e ela não achava que ele queria. —Sim, sim. Eu sei. Você é grande e ruim. Vamos tentar isso. O que você precisa saber dela? O que é preciso para você voar para longe?

Olhando para ela, ele pareceu pesar sua pergunta. —Quero saber da minha irmã. Ela era a criadora da garota? Onde ela está agora?

—É isso aí?

Uma quietude tomou conta dele, lembrando-a de uma pantera observando sua presa enquanto ela esperava. Finalmente, ele respondeu: —Sim. É isso aí.

—Bem, quando ela acordar nós podemos perguntar a ela. E então você pode nos deixar em paz.

O lado de sua boca levantou, suavizando suas feições de pedra, então ela se viu sorrindo em resposta. —Eu odeio lembrá-la, mas vocês estão na minha casa.

CAPÍTULO SETE

Armaros

A humana cantarolava excessivamente e desafinadamente. A voz dela era um mosquito no ouvido dele, que ele não conseguia escapar. Ela também o ignorava, o que ele não gostava. O olhar dela voava pela casa dele, parando nos móveis, olhando pela janela, nunca pousando nele. Uma hora se passou antes que seu zumbido parasse.

—Esta é Terra?

—O que? — Ele olhou para ela confuso.

—Você não precisa me olhar como se eu fosse uma idiota. — Afirmou ela ofendida.

—Sim, isso é Terra.

—Eu me perguntava, você sabe, se eu estava olhando para outra dimensão. Ou se estivéssemos nas nuvens, ou no céu, ou no inferno. Vocês dois podem desaparecer - não é um grande salto.

—Não, suponho que não —, ele respondeu. Ela levantou as sobrancelhas, esperando que ele continuasse. —Esta é minha casa, na Terra.

—Por que você precisa de uma casa? Você não pode brincar onde quer que precise? Você provavelmente poderia passar para um hotel sem pagar. *Poof. Poof.*

Ele podia, mas ele gostava da Terra. Era o lugar dele. Ele poderia se perder nas massas e desaparecer dos olhos dos Caídos. Em sua casa, ele podia

relaxar, mesmo que nada mais do que fechar os olhos por uma noite. Ninguém vinha aqui implorando favores ou perdão. Ele poderia apenas ser.

—É um espaço que não preciso compartilhar. — Respondeu ele, sem pensar. Até que ele respondeu, ele não tinha percebido que faria.

Assentindo como se ela entendeu, ela continuou a tirar o cabelo da menina da testa. Com os olhos de Delia fechados, os lábios rosados, seus traços eram familiares. Apoiando os cotovelos nos joelhos, ele se aproximou, olhando-a atentamente.

O rosto dela.

Uma lembrança passou por sua mente. Acordando no deserto, seu corpo doendo e asas quebradas. Ele viu sua irmã, inconsciente, após a queda sem fim, asas envoltas em seu corpo como um xale.

Seus rostos eram os mesmos. Essa criança e a irmã dele. Como poderia ser? A ansiedade o inundou e ele se levantou, andando pela sala. Caídos não tinham filhos. Eles criavam demônios a partir das almas que reuniram, infundindo-lhes poder e distorcendo-os ao seu propósito. Seus corpos não eram capazes de...

A garota bocejou, exibindo dentes branco-pérola. Os olhos dela se abriram, a cor cereja escura encontrando a dele.

Aparentemente, eles eram capazes de ter filhos. Pelo menos, sua irmã era.

—Você nos encontrou. — Ela estava brincando com ele. Por qualquer motivo, a garota parou de correr. Ela queria que ele as pegasse, queria as duas sozinhas com ele.

—Sim. Você é muito inteligente se escondendo aqui.

Os braços dela esticaram sobre a cabeça. Ela se virou, espiando por cima do ombro a humana que lhe deu um sorriso indulgente. —Insolente.

— Levantando Delia, Lucia a colocou no sofá enquanto balançava as pernas no chão. Ela gemeu, estalando o pescoço. —Esse cara tem algumas perguntas para você.

Delia encontrou seus olhos. —Você tem?

Era desconcertante, a mistura de sabedoria e inocência da criança. No entanto, ele avançou. —Eu tenho.

Alcançando a mão da humana, ela brincou com os dedos. —Ok.

—Quem é sua mãe? — Ele precisava de confirmação.

Olhos vermelhos encontraram os dele. —Vasanthi.

O chão caiu do seu mundo. Ele podia ouvir milhares de anos de crenças caindo no chão como panelas e frigideiras.

—Você sabe o que ela era?

A cabeça loira balançou. —Sim. Ela é como você. Caído.

Uma respiração chamou sua atenção, os olhos da humana estavam arregalados, os brancos parecendo se expandir e sua mão foi para a garganta.

—Onde ela está agora?

Seus olhos caíram para a mão segurando a dela e ela balançou a cabeça. —Eu não quero falar sobre isso.

Era possível que este fosse algum jogo que sua irmã jogasse? Ela estava tão entediada? *Não.* Não era da natureza de sua irmã brincar com isso.

Ele pensou em forçá-la a responder, mas se o poder que ela mostrara antes fosse alguma indicação de sua capacidade, ele estaria perdendo seu tempo. Uma palavra veio à mente. Uma que ele não tinha falado em tempos imemoriais. —Por favor.

Uma lágrima caiu na mão da humana e depois outra. Eram lágrimas humanas, Caídos não choravam, demônios não choravam. —Ela está morta. Ela e meu pai.

—Morta? — Ele balançou sua cabeça. —Ela não pode estar morta. — Sua espécie não poderia morrer. O único capaz de matar... —Morte. — Ele murmurou.

De pé, ele caminhou até a janela e pressionou as mãos contra o vidro. Um empurrão e ele poderia quebrá-lo. Uma pontada de dor começou ao longo de suas omoplatas. Suas asas palpitaram, implorando para serem liberadas. Ele poderia sair daqui e nunca mais voltar.

Sua raiva anterior por sua irmã se dissipou. Ela descobriu algo que ele nunca soube que era possível. Mas mais do que isso, ela parecia ter encontrado uma maneira de se conectar com quem ela costumava ser.

Culpa. Foi ele quem ficou perturbado; ele que ansiava por mais do que a adoração para a qual havia sido criado.

Se não fosse por ele, sua irmã nunca teria caído.

A dor queimava em suas costas. Ele soltou as pontas e sua pele se partiu. Ele segurou suas asas lá, enroladas e escondidas enquanto seu corpo doía.

A irmã dele não era um zangão irracional, mas a vontade dela não era nada como a dele. Tudo o que ela fez depois de cair, ele a armara fortemente. Criando demônios, acumulando poder, almas. Tudo isso foi ideia dele. Quando ele caiu, ele caiu forte, abraçando seu castigo. Se ele deveria ser mau, então ele seria o pior que havia.

—Eu não entendo —, a voz da humana cortou suas reflexões. —Por que sua mãe não enviou você para ele em primeiro lugar?

CAPÍTULO OITO

Lucia

O homem olhou para o copo como se estivesse pronto para esmagá-lo. Delia olhava para ele, os olhos estreitados em concentração.

—Fique aqui. — Lucia sussurrou.

—Senhor...— Ela permaneceu cautelosa ao se aproximar. Em nenhum momento ele reconheceu a presença dela. Uma mão tocava o vidro, apertando com força. Ele estudava a extensão da cidade, mas Lucia teve a sensação de que não via nada disso. Sem pensar, ela tocou levemente o ombro dele. Ele pulou, girando e estreitando os olhos enquanto olhava para a mão dela e depois para ela.

—Desculpe.

Dando de ombros, ele voltou para a janela.

Lucia lutou para tomar uma decisão. Ele parecia estar com dor. Ela não pôde deixar de querer ajudá-lo, mesmo depois de seus movimentos idiotas. Uma voz sussurrou em seu ouvido: *Por que você se importa? Ele machucou você. Ele vai machucá-la novamente se você lhe der uma chance.*

Ignorando, ela tentou novamente. —Meu nome é Lucia. — Ela ofereceu como um ramo de oliveira. Ele já havia pegado antes, agora ela dava livremente.

—Lucia. — O nome escorregou de seus lábios, acentuado de uma maneira que a fez tremer. Os olhos dele se voltaram para os dela, abaixando a cabeça. —Eu já sei. Por que oferecer agora?

Respirando fundo, ela se recusou a subir à isca. —Porque agora eu estou dando a você. É escolha minha. E você é o tio de Delia. Deveríamos nos conhecer.

—Por quê? — Ele a rodeou, entrando em seu espaço até que ela foi forçada a recuar. —Por que você acha que devemos nos conhecer? Você não é nada para mim. Nada para ela. — Olhos azuis brilharam na direção de Delia. —Você não é ninguém.

—Eu sou alguém para ela —, respondeu ela, recusando-se a recuar. —Eu me preocupo com ela.

Fechando os olhos, ele riu, depois balançou a cabeça e se afastou. —Estúpida.

Suas palavras foram feitas para doer, e doeram, mas de alguma forma Lucia sabia que sua raiva não era com ela. Ele estava confuso, sobrecarregado e atacando o alvo mais próximo.

—Talvez —, ela deu de ombros. —Mas ela está comigo agora.

—Oh —, ele zombou. —Ela está com você, porque você está o que? Apaixonada por ela?

Seus sentimentos eram mais profundos, mas quando ela abriu a boca para argumentar, ele a dominou.

—Nunca houve uma criatura como ela em nenhum momento. E de alguma forma você? Você, o que? Aluna perpétua - Quantos anos você tem, afinal? Você está preparada para criá-la? Moldá-la?

Sentindo as bochechas corarem, ela lutou para responder.

—Nenhuma resposta rápida? Nenhuma réplica concisa? Você é uma tola se pensa que está pronta para uma criança como ela. — Ele se virou para Delia, os olhos escurecendo em preto. Atrás dele, erguia-se uma nuvem, estigiosa e grossa. Seguiu-o, um véu de malevolência escorrendo de seus poros.

Saltando entre ele e Delia, ela estendeu as mãos. —Pare.

Ele a ignorou.

—Como ela morreu? — Suas palavras eram duras, sem piedade. Ele olhou por cima do ombro para Delia. —Delia. Como sua mãe morreu?

—Pare!

Ele avançou sobre ela, a nuvem subindo e a engolindo. Estava viva e a sufocava. Uma manifestação de toda dúvida e medo que ela já teve, ela mal podia respirar por baixo. Ele sussurrou para ela: *você nunca será nada, estará sempre sozinha, ninguém te ama, você seria uma mãe terrível, desista, desista.*

Teimosamente, ela empurrou, sabendo que Delia estava sofrendo do outro lado e ela precisava dela. E o homem - *porra*, quando ela saísse daqui, ela estava recebendo o nome dele - precisava dela também.

Como subir uma nevasca, ela finalmente alcançou o cume da escuridão e desmoronou. Ajoelhando-se, as mãos contra o frio chão de mármore, ela prendeu a respiração. —Pare. — Ela ofegou.

Delia estava de pé, os pés plantados no sofá, o olhar fixo com raiva no tio. Diante de seus olhos, uma nuvem de resposta surgiu ao redor da criança. Era possível que houvesse uma cor mais negra que preta? Nesse caso, Delia a criou. Corpo pequeno vibrando com energia, seus cabelos começaram a chicotear em torno de sua cabeça.

—O suficiente! — Lucia gritou. Levantando-se, ela tropeçou em Delia, agarrando-a. A nuvem desapareceu imediatamente e os olhos negros encontraram os dela. —Chega, Delie. — Houve um som como uma janela fechando uma tempestade. —Chega —, ela repetiu. —Vocês dois.

Qualquer raiva que segurasse o homem o abandonou. Ele caiu, caindo de bunda no chão. Seus braços pendiam frouxos dos joelhos e ele olhou para as mãos como se nunca as tivesse visto antes.

—Vocês dois estão machucados, vocês dois estão assustados. Mas vocês têm um ao outro e vocês têm a mim. — Em seu pronunciamento, o homem olhou para cima. —Bem, Delie me tem. *Você...* deixa pra lá.

Delia tremeu, deitando a cabeça no braço de Lucia. Alisando o cabelo agora selvagem da criança, Lucia continuou: —Você tem família. Este é seu tio. Isso é bom, não é? E talvez ele tenha um problema de raiva, mas ele certamente parece que poderia protegê-la, se necessário.

Lucia podia sentir seu olhar nela, mas ela se recusou a olhar em sua direção.

—Você não vai me deixar com ele? — A voz de Delia tremia, os olhos arregalados e assustados.

—Não.

—Sim. — Ele respondeu simultaneamente.

Prendendo-o com um olhar, Lucia repetiu: —Não vou deixar você com o tio mal-humorado.

Delia riu. —Talvez ele precise de um sorvete.

Lucia continuou a observá-lo, fingindo contemplar sua ideia. —Você pode estar certa. Sorvete ajuda tudo.

Baixando os olhos, ele balançou a cabeça. —Você acha que sua piada está ajudando?

Sorriso desaparecendo, Delia balançou a cabeça. —Não. — Ela respondeu ao tio em uma voz minúscula.

Colocando as mãos sobre os ouvidos de Delia, Lucia chamou sua atenção. —Foda-se. Ela é uma criança. Seja fodidamente falso, se for necessário.

—Falso? — Seu lábio se curvou de uma maneira que seria sexy se ele não estivesse chateado o tempo todo. —Alguém matou minha irmã e você finge

que não aconteceu. — De pé, ele pressionou as palmas das mãos nos olhos. — Foda-se! — Ele xingou e desapareceu.

Lentamente, ela tirou as mãos da cabeça de Delia.

—Vocês dois disseram 'foda-se'.

Olhando fixamente para o lugar onde ele desapareceu, Lucia assentiu. — Não diga isso. É uma palavra ruim.

Sem o tio de Delia, Lucia decidiu fazê-las sentir-se em casa. Ela vasculhou a geladeira em busca de comida, mas não havia, e finalmente decidiu pedir comida.

—Você gosta de pizza? — Ela perguntou a Delia, percorrendo seu telefone em busca de um número.

—Não.

—Não? Que garota não gosta de pizza? Mas você gosta de sorvete?

—Todo mundo gosta de sorvete. — Ela respondeu distraidamente.

—Eu pensei que todos gostassem de pizza também, mas aparentemente isso não é verdade. — Quando Delia estendeu a língua, Lucia retornou o gesto antes de continuar. —Do que você gosta?

A parede de repente se tornou extremamente interessante para a garota. —Eu não posso te dizer. — Ela sussurrou.

—Delia. Claro, você pode me dizer! *A menos que...*- É sangue? Você bebe sangue? Você é um bebê vampiro?

Ela jogou a cabeça para trás, rindo com vontade. —Não! Eu não bebo sangue. — Silenciosa demais para o gosto de Lucia, ela voltou a contemplar a parede.

—Delia. Querida. Se você precisar de alguma coisa, eu trago para você.

Delia estendeu as mãos, encarando os braços. Vestida com uma camisa de botão, as mangas arregaçadas, os braços pareciam ainda mais frágeis e magros. —Eu não tenho nada para comer desde que minha mãe e meu pai foram embora.

—Mas o sorvete?

Ela balançou a cabeça. —Eu não entendo nada disso. Eu posso provar. Eu gosto disso. Mas isso não me enche.

Embora tivesse medo de perguntar, Lucia continuou: —O que te enche?

Olhos vermelhos se voltaram para os dela e se afastaram. —Não sei como descrever. É como...— Os olhos dela foram para o teto. —Energia? Eu poderia pegar um pouco da minha mãe, e um pouco do meu pai, e então eu estava cheia.

Oh, meu Deus, ela come almas. Fechando os olhos e se centrando, Lucia permitiu-se um segundo de surtar. Um. *Pronto.* —Você pode obter o que você precisa de mim? — *O que eu estou fazendo?* Mas Delia estava tão pálida e tão magra. Ela estava morrendo de fome?

Seus olhos se arregalaram e ela balançou a cabeça, afastando-se de Lucia.

—Deliashva...— O resto do nome de Delia foi perdido para ela, então ela se corrigiu. —Delia. Você consegue o que precisa de mim?

—Meu pai disse para nunca tirá-lo de mais ninguém.

—Querida, aposto que ele nunca quis que isso acontecesse. Mas se ele lhe dissesse para encontrar alguém seguro, ele saberia o que você precisa fazer.

— Ela bateu palmas. —Então. Como vamos fazer isso? Você me quer com uma cereja? Ou um pouco de queijo? Uma almôndega?

Suas palavras fizeram o que ela pretendia, e Delia riu antes de ficar séria novamente. —Apenas fique aí. — Mantendo os olhos nos dela, Delia subiu em seu colo. —Fique parada, mantenha seus olhos nos meus.

O olhar dela pegou e segurou. Da parte de trás da cabeça, da espinha e até os dedos dos pés, algo puxou Lucia. Não doeu, mas também não era confortável. O vermelho dos olhos de Delia se iluminou, hipnotizando Lucia, cujos olhos começaram a se fechar.

—Que diabos está fazendo?

O elo foi quebrado e as almofadas atingiram sua nuca. Delia foi arrancada dela e olhos azuis gelados encheram sua visão.

—Não fique com raiva. — Essa era a voz dela? Parecia fraca demais para ser dela. —Estou bem. — Um pequeno suspiro a fez se virar. —Eu estou bem, Delia.

Limpando o nariz, a garota balançou a cabeça. —Sinto muito, Lucia. Eu não pretendia levar tanto.

—Você a deixou fazer isso? Você está louca? É isso que eu quero dizer. *Isso* é porque você é incapaz de cuidar dela.

Seus olhos queriam fechar e ela os deixou. —Cale-se. Você é chato. O tempo todo, blá, blá, blá. — Cruzando as mãos sob o rosto, ela suspirou. —Eu vou tirar uma soneca. Me acorde quando você puxar o pau da sua bunda.

CAPÍTULO NOVE

Armaros

Lucia.

Ela parecia uma Lucia. Cabelos encaracolados escuros, cílios longos e escuros, aquele nariz. Seu rosto estava muito mais jovem no sono do que quando ela estava vomitando sarcasmo para ele.

—O que você estava pensando? — Ele encarou a criança, *sua sobrinha.*

—Eu não sei.

Agora, duas vezes, ele fugia quando as coisas eram intensas. As emoções não lhe eram familiares, e as dele tinham variado. Ele não sabia o que fazer com essa garota ou com a humana. Contemplar a morte de sua irmã foi suficiente para fazê-lo arrasar uma cidade. E analisando essa humana, que de alguma forma passou de *humana* para *Lucia* no tempo que levou para ele ter uma birra, transformou-o em um idiota.

Chega de correr. Ele ficaria até que eles descobrissem isso. *Eles.*

Ele e Delia. Claro.

Ele quis dizer ele e Delia, não ele e Lucia. Uma humana não tinha nada a oferecer.

Delia se aproximou dela, olhando-o cautelosamente como se ele a parasse. Como se ele se importasse se ela devorasse uma dúzia de humanos.

Então por que você a impediu de devorar esta? Ele não sabia, mas preferia não pensar muito nisso.

—Ela está bem? — Um dedo pequeno cutucou o lado da humana.

—Ela está bem. Mas o que você estava fazendo?

Ela se encolheu ao lado de Lucia, o cotovelo apoiado no quadril, o braço pendurado nas pernas. Procurando conforto, a sobrinha encontrou-a na proximidade da humana escolhido por ela. —Eu estava com fome.

—Com fome?

—Sim. Como você come?

—Eu não como.

—Você não come? Até minha mãe comia.—

—Ela comia? — Ele nunca viu Vasanthi comer. Ele detestava admitir que havia coisas que não sabia sobre ela, mas o ser à sua frente o lembrou de que estava no escuro quando se tratava de sua irmã.

—Sim.

—Como você fez?

—Sim. Quase isso. Ela precisava de humanos. Eu precisava dela *e* do meu pai.

—Interessante. — Ele a estudou. Ela parecia melhor do que estava quando ele saiu. Cor em suas bochechas, olhos menos afundados. Até sua postura era melhor, menos como se ela estivesse se curvando. —Quantas vezes você precisa comer?

—Toda semana mais ou menos.

—Quando foi a última vez?

As sobrancelhas dela se ergueram como que para dizer, *duh*, antes de olhar para Lucia.

—Antes da Lucia. — Ele esclareceu.

—Oh. — A cor deixou suas bochechas. —Com meu pai.

—Há quanto tempo foi isso?

Fungando, ela brincou com a barra da camisa de Lucia. —Um mês? Eu não sei. Muito tempo. — Sem perceber, ele se arrastou para frente e colocou a mão na perna de Delia.

—O que aconteceu?

—Eu encontrava lugares para me esconder.

Pondo de lado por um momento como a pequena coisa era capaz de sobreviver sozinha, ele voltou à sua pergunta. —O que aconteceu com seu pai, Delia?

Se possível, ela se fez ainda menor. Ela se curvou atrás dos joelhos de Lucia como se ela fosse uma parede entre os dois e balançou a cabeça.

—Delia —, ele fez sua voz muito calma, infundindo-a com o que ele esperava que fosse bondade. —Ele está morto?

Uma grande lágrima se juntou ao longo de sua pálpebra inferior, derramando e correndo sobre o lábio de beicinho. Ela assentiu.

—Como ele morreu?

Uma explosão de vento o atingiu, derrubando-o na bunda. Ele rodopiou pela sala, arrancando fotos da parede. O vidro caiu no chão e os olhos de Lucia se abriram. Lutando para se levantar, ela gritou: —Delie. Você está bem? O que está acontecendo?

Os olhos dela estavam pretos. Armaros sentiu seu poder aumentar, tão parecido com o de sua irmã.

—Delia. — Lucia agarrou seus ombros, sacudindo-a.

O vento empurrou seu corpo, forçando-o a rastejar em direção ao sofá com as mãos e os joelhos. —Delia. — Ele chamou.

Seu poder era uma tempestade, empurrando os móveis para fora do lugar. Uma luz bateu contra o teto, chovendo vidro sobre eles. Lucia jogou a mão sobre o rosto de Delia, o vidro cortando sua pele.

—O suficiente. — Um sussurro de som e o poder se foi. Delia caiu para a frente, pega por Lucia, que a arrastou em seus braços.

Imóvel, tudo o que Armaros pôde fazer foi encarar a criatura que invadira sua casa.

—O que é isso? — A voz era sedosa, profunda. Parecia lençóis de cetim e vinho tinto. *Lúcifer.*

Ele assumiu a forma de um homem. Os cabelos ruivos caíam da testa, flutuando até os ombros em ondas suaves. Em vez de preto, como se poderia esperar, ele usava cinza como se fosse um empresário prestes a participar de uma reunião do conselho. —Nunca senti nada assim antes, Armaros. Quem é ela?

Um momento, ele estava no centro do caos e, no outro, pairava sobre Delia e Lucia. Congelado e incapaz de responder, a pergunta era retórica.

O poder de Armaros não era nada comparado ao primeiro caído. Mas ele tentou. Com toda a reserva que ele tinha, ele colocou sua força em movimento.

E conseguiu piscar.

De sua posição, ele viu os dedos de Lucia se enrolarem. Polegar envolvendo seu dedo médio e anelar. Ela precisaria mais do que os chifres para afastar esse mal. Ainda assim, ele a admirava.

—Fique longe. — Ela avisou. O que ela achou que poderia fazer? Ninguém, nada, poderia negar a Lúcifer o que ele desejava.

—Quieta, animal de estimação. — Com o comando, ele roubou a voz dela.

—Você me conhece, pequena? — Ajoelhado, ele olhou atentamente para Delia.

Uma onda de possessividade ultrapassou Armaros. A criança era *dele* - tudo o que restava de sua família e sua irmã. Ele não havia se decidido por

Lucia, mas sua sobrinha contava com ela. Até ele descobrir o que fazer com ela, ela também era dele. Quando o pensamento lhe ocorreu, um senso de retidão tomou conta dele e, com isso, a capacidade de se mover voltou a ele. Ele não questionou como isso era possível, como o pensamento resultou em ação. Haveria tempo para isso mais tarde.

Rapidamente, ele se inseriu entre Lúcifer e as duas fêmeas. —O que você quer?

De pé, o Primeiro era mais alto que ele, um truque familiar que ele costumava intimidar e acobardar aqueles que ele pensava embaixo dele. — Armaros. Me apresente.

Um ardil. Tudo já era conhecido por ele. Havia algum propósito mais sombrio em sua visita. A pergunta era: Armaros tocava junto ou resistia? Até ele entender o jogo de Lúcifer, sua melhor aposta era jogar. —São Delia e Lucia.

—Delia. — O nome dela era um ronronar. —E de onde você veio, Delia?

Balançando a cabeça, a garota fechou os lábios. O primeiro impulso de Armaros foi sorrir, orgulhoso dela por recusá-lo, mas rápido logo se preocupou.

—Sou amigo de Armaros —, Lúcifer persuadiu. —Isso significa que somos amigos, não é?

Delia estremeceu. Ele estava procurando informações como Armaros tinha feito com Lucia. Recuperar respostas pela força era torturante para quem estava recebendo.

—Chega. — Ele cuspiu.

—Silêncio, velho amigo. — E assim, ele foi novamente incapaz de falar.

Um rosnado começou, baixo, como um aviso. Ele cresceu e, como o fez, o domínio sobre ele diminuiu. Um rugido encheu a sala, Lucia puxou Delia cujos olhos negros brilhavam como brasas. Chamas alaranjadas tremeluziam

em suas profundezas e, por um momento, Armaros reconheceu as chamas do inferno. O calor o dominou, como se ele estivesse parado junto aos portões. O vento quente soprava seus cabelos em volta da cabeça, até agitando os de Lúcifer.

—Eu disse o suficiente! — O Primeiro cresceu. Sua voz deveria ter apagado as chamas, mas elas não se extinguiram, e ele percebeu que era o poder de Delia que sentia. Como isso era possível?

O vento soprava Lúcifer, empurrando contra seu corpo até que ele bateu na janela, quebrando o vidro grosso. Ele abriu suas belas asas douradas. De todos os Caídos, as dele mantiveram sua glória e brilho. Um forte impulso contra o ar e ele disparou para cima e fora da vista.

Armaros examinou os danos em sua casa. Foi destruída.

Apropriado.

Mais uma vez, ele não pertencia a lugar algum, e até esse pequeno refúgio estava perdido para ele.

—Nós precisamos nos esconder. — Lucia pulou do sofá, agarrando-o e sacudindo-o antes de envolvê-lo em Delia e levantá-la em seus braços, determinação evidente em seu rosto.

Incapaz de não rir, Armaros a observou. —Não há nenhum lugar seguro de Lúcifer.

—Lúcifer?! — A humana chiou. —Ok, deixe-me pensar. Talvez uma igreja. Vamos perguntar a um padre. Vou comprar uma passagem para Roma, nos esconderemos em São Pedro.

—Ele tem medo de mim. — Delia sussurrou.

As palavras da criança não mereceram uma resposta. Embora ele admitisse que o comportamento de Lúcifer era estranho, era impossível que ele tivesse medo de Delia. Ninguém era mais poderoso, mais onisciente que

Lúcifer. Sua presença deve ter sido devido à sua curiosidade. Delia era diferente. Armaros nunca tinha visto nada como ela, provavelmente Lúcifer também não.

—Eu acho que ela está certa. — Lucia acrescentou e ele revirou os olhos. Ele respeitava, relutantemente, sua tentativa de proteger Delia, mas ela era apenas humana e não tinha ideia de como era realmente esse universo.

—Não revire os olhos para mim. Você fugiu dela também.

—Eu não...

Acenando para ele, Lucia continuou: —Por qualquer motivo, você precisava escapar e se reagrupar. Eu acho que Lúcifer fez o mesmo.

Ele gemeu, frustrado com a discussão dela, e irritado que ela estivesse certa. —Tudo bem —, ele rosnou. —Mas não há lugar para se esconder dele.

O olhar dela caiu em seu rosto quando ela pareceu considerá-lo. Ela não escondia nada, talvez fosse incapaz disso. Toda emoção brilhava em seu rosto: aborrecimento, medo, desconfiança.

—Eu não estou mentindo. — Ele se viu defendendo suas afirmações.

—Eu não estou dizendo que você está —, ela respondeu, seu dedo batendo contra o queixo e ela examinou a sala. Seus ombros caíram e ela soltou um suspiro, encarando-o com um olhar sério. —Mas você precisa me contar tudo. Quem é você? Quem é a mãe de Delia e o que diabos está acontecendo? — Seus olhos cortaram para Delia. —Eu sinto muito. Palavrão de novo.

Oh, uma explicação fácil, então. A raiva pulsou dentro dele. Quem essa humana pensava que era, exigindo respostas dele? Dele! Onde estava o medo anterior agora? Ele queria de volta, precisava como escudo e espada.

Permitindo que seus olhos ficassem pretos e o mal dentro dele subisse à superfície, ele aglomerou Lucia, pairando sobre ela perigosamente. —Você pensa em me fazer falar?

Seus olhos azuis se arregalaram e, embora seus lábios tremessem, ela assentiu.

—Não. — A voz de Delia o atravessou, empurrando a escuridão. Ele tentou mantê-la por perto, mas ela lutou contra ele e, surpreendentemente, ele escorregou. O aperto que tinha agora tênue, ele lutou para mantê-lo. Ele voltou sua atenção para a garota, viu seus pequenos ombros subirem e descerem rapidamente e seus olhos brilharem. —Não seja mau.

Sua exigência era tão ridícula que o surpreendeu. Deixou-o confuso. Delia aproveitou e o sobrecarregou com... Alguma coisa. Luz? Bondade? Era limpo, inteiro e mais forte do que qualquer coisa que ele já havia experimentado. Como óleo, o mal despejava dele. —O que você fez? — Escorregou de seus lábios.

Dando de ombros, ela respondeu: —Eu não sei. Fez você parar.

Sua boca se abriu, mas ele estava frustrado. Recuando até as pernas dele baterem em uma cadeira, ele desabou nela. Exausto, ele colocou o rosto nas mãos, esfregando as bochechas e o queixo. O que acabou de acontecer?

—Me responda. — A humana se recusou a ser ignorada.

Suspirando, ele encarou Lucia. —Sua pergunta não é facilmente respondida.

—Tenho certeza que não é. — Ela concordou.

Um lampejo de sol refletia um pedaço de vidro pendurado no espelho, distraindo-o. Ele responderia às perguntas dela, mas não aqui. Lucia estava certa sobre não ser seguro e, embora ele não pudesse escondê-las de Lúcifer, ele poderia atrasá-lo um pouco. Tomando sua decisão, ele alcançou Delia e Lucia, num piscar de olhos, transportando-as para longe de sua casa, para um lugar em que ele não foi há mais de um milênio.

CAPÍTULO DEZ

Armaros

—Eu já estive aqui antes. — Delia informou-os com naturalidade enquanto olhava ao redor.

Lucia, pela primeira vez, ficou sem palavras. Ela arregalou os olhos, e sua boca era uma grande *O*. Ao longo das paredes havia tapeçarias riscadas, suas cores suaves e formas opacas. Aproximando-se para ver a foto, Lucia ofegou. —Isso é...— Ela não terminou, mas girou em círculo, caminhando rapidamente para uma coluna presa a um arco alto e se abrindo para um pátio cheio de neve. —Se eu não soubesse melhor, diria que este era o The Cloisters.

Impressionado, Armaros assentiu. —Você não estaria longe, mas isso não é Nova York.

Balançando a cabeça, Lucia caminhou lentamente para o pátio, as mãos esfregando os braços e tremendo. Sua respiração deixou nuvens brancas no ar.

Delia a seguiu devagar, mergulhando para pegar um punhado de neve e colocando-o em uma bola. Ela a jogou no ar e a segurou antes de pegar seu olhar e jogá-la no chão. —Eu não faria nada. — Ela murmurou, e novamente, ele teve o desejo incomum de rir.

—França? — Lucia finalmente perguntou, parando no lado oposto do pátio. O rosto dela inclinou-se para o céu.

—Como você sabia? — Ele tentou não parecer impressionado, mas percebeu que falhou quando ela mordeu o lábio para parar de sorrir.

—Posição do sol. — Respondeu ela com indiferença, continuando sua rotação no quintal.

Inclinando a cabeça para trás, ele procurou o céu em busca do sol, mas nuvens densas e opressivas o ocultavam. Ele não conseguiu encontrar. Confuso, ele pegou sua expressão presunçosa e levantou uma sobrancelha.

—Você vai nos deixar congelar? Ou existe algum lugar onde possamos conversar? — Ela pareceu considerar algo e sussurrou: —Este é um mosteiro, certo? Você está prestes a explodir em chamas, porque se estiver, não acho que Delia deva vê-lo.

—Estou emocionado que você se preocupe com a minha segurança. — Ele respondeu secamente, mas depois fechou a boca. Ele não brincava.

—Desculpe. — Ela se desculpou, seu rosto se tornando um adorável tom de vermelho.

Ele estava brincando, mas seu tom conciliador o pacificou. —Não. — Ele teve pena dela. —Eu não vou explodir em chamas. Apesar da aparência monástica deste lugar, ele não é sagrado há muito tempo. Você não precisa se preocupar comigo. — A amargura escorreu de suas palavras. Embora ela o olhasse bruscamente, pela primeira vez, a humana segurou sua língua e o seguiu para fora dos claustros e para uma pequena sala.

Lá dentro, um fogo estava aceso. As pequenas janelas deixavam a sala escura, a única luz que vinha das chamas. Apesar do chão e das paredes de pedra, estava quente por dentro. Peles estavam empilhadas no alto de móveis de madeira, tornando o que seria difícil e desconfortável, tentador. Delia encontrou um banco baixo e subiu nele, envolvendo um pelo em volta dos ombros e cavando como um gatinho embaixo de outro. Os olhos dela piscaram

e ele teve a sensação de que ela estava a momentos do esquecimento. O calor o inundou e ele sorriu para ela. —Você está segura aqui.

—Eu sei —, ela respondeu enigmaticamente. —Eu vim com minha mãe e meu pai antes. Você pode me entregar meu Stuffie?

—O que você quer dizer?

Lucia seguiu seu pedido e encontrou um pequeno lobo branco em uma pilha de peles de cores semelhantes. Antes que ele pudesse questionar mais a garota, Lucia sacudiu rapidamente a cabeça. —Minhas perguntas primeiro, então você pode perguntar.

Suas intenções eram aparentemente fáceis de ler agora. Um pensamento perturbador.

Erguendo o cobertor, Lucia colocou o lobo ao lado de Delia e depois ajeitou um cobertor embaixo da cabeça. Ela deslizou para o chão ao lado dela, estremecendo um pouco quando sua bunda bateu na pedra. Em questão de segundos, a garota soltou um pequeno suspiro. Uma onda de contentamento caiu sobre a sala, fazendo com que ele afundasse em uma cadeira próxima. Sonolência, um estado que ele não deveria ter sentido, venceu-o.

—Delia está nos deixando com sono? — Lucia perguntou, sua voz baixa e cansada. Ela escondeu um bocejo atrás da mão, provocando um dele.

—Acho que sim. — Respondeu ele, observando-a de perto. Cada momento com Delia era uma revelação. Seu poder e emoções eram descontrolados, afetando todos ao seu redor. Era fascinante.

—Então? — A humana incitou, puxando sua atenção da criança.

Ele se viu fazendo uma careta para ela. —Então?

Revirando os olhos, ela continuou. —Qual o seu nome? Quem é você para Delia? Quem era sua irmã?

Os olhos dele permaneceram no rosto de Delia. Os traços de sua irmã eram mais evidentes agora, quando ela estava relaxada. —Meu nome é Armaros, e acredito que minha irmã era a mãe de Delia. — Quando ele riu de repente, Lucia se encolheu. —Eu te transportei no espaço, levando você a um oceano de distância, e sua pergunta é sobre o meu nome?

O rosto dela se apertou, o nariz enrugando. —Ainda não consigo lidar com isso. Mas a mãe de Delia... Ela está morta?

Uma flecha de dor o perfurou. Forçando-se a responder, ele o enterrou. —Sim. Eu acredito que sim.

—E ela não era humana.

Uma declaração de fato, mas era muito mais. —Você aceita essa ideia com muita facilidade.

Ele estudou a figura dela e esperou. Lucia continuou observando Delia, levantando a mão para afastar os cabelos do rosto. —Não é fácil, mas...— Ela fez uma pausa e ele esperou.

Quando ela não continuou, ele perguntou: —Mas...

—Mas... Eu tenho uma tia que lê cartas de tarô e viu você e Delia no meu futuro. Fui criada católica e todo domingo o padre transformava vinho em sangue e pão no corpo de Cristo. Seu nome significa 'amaldiçoado' em grego, e se eu me lembro das histórias de minha origem corretamente, e como estou fazendo meu doutorado em história antiga, garanto-lhe que sim, é também o nome de um anjo caído. Reconheço que existem coisas que não consigo ver ou entender, e acho que você e Delia são dois deles.

A explicação dela o deixou sem fôlego, precisando de tempo para considerar sua resposta. —Não. Eu não sou humano, nem minha irmã. Também não acredito que Delia seja. Não totalmente, pelo menos.

—O pai dela?

De pé abruptamente, ele deu uma volta ao redor da sala, parando nas janelas de vidro pesadas de chumbo para olhar a paisagem rochosa descer a vila antiga. Ele conseguia distinguir os telhados e a torre da igreja que eles haviam mudado quando ele assumiu o controle do mosteiro. Sorrindo, ele se lembrou dos olhares de horror nos rostos dos monges quando ele e sua irmã anunciaram sua intenção de ficar. Pobres homens. Quantos exorcismos eles tentaram? Uma dúzia?

—Não sei quem era o pai dela. Preciso fazer mais perguntas a ela.

Lucia assentiu e suspirou, inclinando a cabeça no banco. A respiração de Delia agitou seus cachos, soprando-os pelo nariz. —Deixe ela falar sobre isso em seu próprio tempo. O que importa se ela lhe contar tudo imediatamente?

—Não seja ingênua. — Se ela tivesse metade da inteligência que afirmava ter, veria a importância das respostas que ele precisava.

—Ela é uma criança. — Argumentou.

—Ela é perigosa.

—Então pare de ser um idiota. Não sei se você notou, mas ela só é perigosa quando você a está ameaçando.

—Eu... — Ela estava certa. —Ok.

Os olhos dela se arregalaram de surpresa. —Ok. — Ela limpou a garganta. —Hum... Mais cedo, quando você fez a Inquisição Espanhola em mim-

Ele fez uma careta. —Sinto muito.

—Você deveria sentir. Isso dói.

—Hábito.

—Posso terminar?

Acenando com a mão para ela continuar, ele lutou para manter sua expressão neutra. Ela o desafiava. Apesar de tudo o que ele fez com ela, ela ainda encontrava coragem para argumentar e antagonizá-lo.

—Você me possuiu? — Seus dentes morderam seu lábio inferior, empalidecendo o rosa para o branco. —Leu minha mente?

—Preocupada que eu li seus segredos mais profundos e sombrios?

—Burro —, ela murmurou. —Sim, na verdade. Eu estou. O que está na minha cabeça não é da sua conta.

Em vez de apreciar o desconforto dela, isso o incomodou, e ele respondeu: —Seu nome. Eu só procurei o que queria.

—Minha tia fez isso. Ela disse que era o olho do mal.

—Perto o suficiente. — De costas para ela, ele foi ao fogo, estendendo as mãos. Ele os estudou. Ninguém saberia ao olhar para ele o dano que ele havia causado em sua vida. Sua pele era lisa, sem rugas. Cada centímetro dele dava uma impressão de vida fácil. Que ironia.

Mãos pequenas juntaram-se às dele, estendidas em direção às chamas. — O diabo, hein.

Suspirando, ele se afastou, enfiando as mãos nos bolsos. —Lúcifer.

—Ele o conhece há muito tempo?

Chicoteando em sua direção, incrédulo, ele pegou um meio sorriso no rosto dela enquanto ela esfregava as mãos. —Você está brincando?

Ela cruzou os braços sobre o peito e o encarou. —Rir ou chorar...— Ela pensou.

O cabelo caiu em seu rosto e antes que ele pudesse se conter, ele o estava empurrando, colocando-o atrás da orelha dela. O cacho era uma espiral perfeita e ele o puxou gentilmente, observando o modo como a luz refletia nos

fios pretos. Enrolava em torno de seu dedo como anéis de ônix. Ela não se afastou, e eles ficaram, perdidos em seus próprios pensamentos.

Quando ele deixou escapar, enrolando os dedos em um punho para não alcançá-lo novamente, ela falou: —Você acha que ela está em perigo?

—De Lúcifer? Eu não sei. Ele está intrigado, e isso nunca é bom.

—Ela é poderosa. Até eu pude ver isso. Outros seres estariam atrás dela?

—Seres?

—Demônios, o que você é.

—Eu sou caído. Demônios são o que criamos.

—Você pensou que sua irmã criou Delia, e ela era um demônio. Mas ela não fez. Eu acho que sua irmã é sua mãe biológica. Como... cresceu...

—Eu sei o que você quer dizer com mãe biológica. — Ele interrompeu.

Ela inclinou a cabeça para o lado, seu sorriso crescendo. —Te enoja pensar em sua irmã dar à luz?

—O que há de errado com você? Não. Não 'me enoja'.

—Você acabou de me citar?

Gemendo, ele se virou. A humana era impossível.

—Armaros —, ela o chamou de volta em voz baixa. —Eu sinto muito. Eu sei que não é engraçado. Você perdeu sua irmã...— Os olhos dela se arregalaram. —Eu tenho uma pergunta. — Com o rosto vermelho, ela apertou as mãos como se estivesse tentando conter sua excitação. —Lúcifer é seu irmão? Todos os anjos são irmãos e irmãs? Como funciona?

—Isso é mais que uma pergunta. — Ele esfregou as mãos sobre o rosto cansado.

—Você fez uma piada?

—Essa é mais uma pergunta.

—Armaros, o Caído, acho que você fez uma piada.

Ele tinha. E ele gostou. —Lúcifer não é meu irmão. De fato, minha irmã não é realmente minha irmã no sentido que os humanos entenderiam. Cada um de nós foi criado para um propósito específico. Dois anjos para um trabalho, acho que você poderia dizer. Um plano B caso o primeiro falhe.

—Isso é horrível.

Ele olhou para ela rapidamente para ver se ela estava falando sério. Ela estava. Os olhos dela se estreitaram e ela ainda mordia o lábio. Sem pensar, ele estendeu a mão, arrancando-a dos dentes e alisando as marcas com o polegar.

—Para que você foi criado?

—Adoração.

—O quê mais?

Nada. Era difícil dizer em voz alta. Ele e sua irmã não tinham outro propósito senão servir ao criador. Era o que os levava, o que os alimentava. Nada lhes trouxe mais alegria ou satisfação do que realizar os desejos de seus criadores. Eles assistiam, lutavam e existiam apenas para quem os criou.

Até que eles não fizeram.

Até que um novo ser foi feito. Alguém capaz de violar regras, *leis* e encontrar felicidade no que quer que escolha.

Tudo mudou após o nascimento dos humanos. Pessoas como Armaros começaram a questionar seu propósito.

Lucia o observou atentamente, lendo algo em seu rosto que ele não queria que ela visse e, felizmente, não o empurrou.

—Você disse que não havia nada como Delia, mas tem. Nos Manuscritos do Mar Morto há...

Ele a cortou. —'*Os Filhos de Deus viram as filhas do homem atraentes e tomaram como esposa a sua escolha*'.

—Certo. — Ela assentiu. —Então, não é a primeira vez.

—Não estou dizendo que não houve...— Ele parou, pensando na melhor maneira de avançar quando ela interrompeu.

—Conexões?

Perto o suficiente. —Conexões. Mas sem filhos.

—Isso que você saiba.

A mulher era irritante, e ele permitiu, correto. —Certo. Que eu saiba.

—Como eu disse. — Sorrindo presunçosamente, ela tocou a ponta do nariz dele com o dedo. Ele pegou a mão dela antes que ela pudesse se afastar. O calor dela deixou uma marca física em sua pele, e ele queria mantê-la. Lentamente, o sorriso deixou seu rosto, mas o que o substituiu não foi preocupação ou medo, como deveria ter sido.

Se ele não soubesse melhor, diria que era confusão, seguida de perto por desejo. *Porra.*

CAPÍTULO ONZE

Lucia

As mãos fortes e macias de Armaros seguravam as dela e, pela vida dela, ela não pôde se afastar. Ela não tinha certeza do que a induziu a tocar seu nariz. Talvez fosse o jeito que ele soou quando a palavra *conexão* saiu de sua boca.

Foi incongruente. Ele era tão distante e formal, mas seus olhos se iluminavam com diversão. Por um segundo, ele era apenas um cara, e sem pensar, ela bateu nele. Agora, ela estava presa, com a mão na dele, lutando contra o desejo de se aproximar.

Os dedos dele soltaram os dela e ela cruzou as mãos. Em vez de se jogar nele, ela estudou a sala e mudou de assunto. —França?

—França —, afirmou. —Borgonha.

—Eu nunca estive aqui antes. — Caminhando para a janela em que ele estava antes, ela agarrou o peitoril de pedra e se levantou na ponta dos pés. —A igreja está na vila? — Ela murmurou baixinho. —Isso é incomum.

Ele resmungou, um barulho que poderia ter significado qualquer coisa.

A neve cobria a encosta rochosa e os topos dos edifícios da vila que ela conseguia distinguir de sua posição. Ela se mexeu para outra janela, erguendo-se com os braços para que seus pés estivessem fora do chão. Frustrada por não poder ver mais, levantou um joelho no parapeito profundo, os dedos segurando o trabalho de treliça principal, segurando os painéis antigos no lugar.

—Cuidado. — A voz de Armaros era baixa, logo atrás dela, e ela se assustou, perdendo o controle caindo para trás.

Ele a pegou, os braços envolvendo a cintura e as costas dela. Parte dela estava mortificada, mas uma parte muito maior apreciava os músculos do peito e dos braços e agradavelmente reconheceu a posição confortável em que agora se encontrava.

Seus olhos se encontraram e trancaram. —Desculpe. — Disse ela.

Lentamente, ele a abaixou, liberando-a quando seus pés tocaram o chão.

—Existem vistas melhores em outros cômodos. — Um lado da boca dele se inclinou para cima, tão minucioso que ela teria perdido se não estivesse tão perto, ou se o outro braço dele não descansasse em volta da cintura dela, apertando o suficiente para que ela pudesse sentir os músculos dele, mantendo-a pressionada contra o peito dele. Isso era bom. Ela ficou feliz por ficar exatamente onde estava, mas ele se afastou. —Quando Delia acordar.

—Certo. — Ela respondeu. *Sem adorar o anjo caído com uma criança na sala.*

Anjo caído. Caramba, ele conhecia Deus. Antes que ela pudesse abrir a boca para fazer mais um bilhão de perguntas, seu estômago roncou.

Levantando uma sobrancelha, ele olhou para o estômago dela e recuou.

—A última coisa que eu comi foram três lambidas de sorvete de chocolate.

Os olhos dele foram para a boca dela como se checassem qualquer chocolate que ela perdeu ali e, conscientemente, ela chupou o lábio na boca, deslizando-o com a língua. —Está em todo o meu rosto?

—Não. — Era imaginação dela ou a voz dele falhou?

Girando bruscamente para longe dela, ele foi até a porta. —Eu vou encontrar comida. Fique aqui com Delia. Ligue-me se algo estranho acontecer.

Foi a vez dela de levantar uma sobrancelha. —Estranho?

Ela esperava ver seu pequeno sorriso novamente, mas estava ausente. Em vez disso, ele saiu e ela suspirou. —'Ligue para mim' —, ela zombou. —Para o universo? Não é como se você tivesse um telefone celular.

Uma pequena estante de livros em um canto chamou sua atenção e ela se aproximou, folheando os títulos. A maioria era em francês ou latim, mas havia um em inglês, mais recente em comparação aos outros. Puxando para fora, ela leu o título, *O Jardim Secreto.*

A cadeira que Armaros deixou parecia convidativa e, pegando um cobertor, ela se acomodou. O pelo pendia pesadamente sobre as pernas e, apesar da idade da cadeira, era confortável.

Com a tampa rangendo ao abri-la, ela foi imediatamente transportada para a agradável Índia, mas se perguntou se os pais de Mary haviam morrido de febre tifóide, febre amarela ou disenteria.

Eu deveria saber disso; Eu gostaria de ter meu telefone.

A porta se abriu. Ela não esperava que Armaros retornasse tão rapidamente. Ele carregava um pedaço de pão e uma bandeja de queijo. O cheiro flutuou em sua direção e seu estômago roncou alto. —Aimeudeusaimeudeus, pão francês de verdade.

O sorriso dele voltou.

—Fresco do forno. — Fome e desejo entrelaçavam através dela.

Rasgando um pedaço, ele o estendeu.

Ela o pegou com mãos gananciosas, segurando-o debaixo do nariz e respirando profundamente. —Então vale a pena ser possuída.

Quando ela encontrou os olhos dele, ele não estava sorrindo e seu estômago azedou.

—Escolha suas palavras com mais cautela. — Seu rosto estava sério e o corpo imóvel. —Alguns podem interpretar isso como um convite.

Incapaz de responder, ela deu uma mordida, mastigando apesar de não estar mais com fome. Desviando o olhar, ela se forçou a engolir. —Eu não quis dizer isso.

—Não importa —, ele sussurrou. A tábua de queijos bateu na mesa ao lado dela. —Somente as palavras abrem sua mente. Mesmo agora, posso seguir o caminho que segui anteriormente. Eu poderia cavar, me sentar dentro da sua alma. Usar você como um fantoche.

Ajoelhando-se diante dela, cada palavra de sua boca a machucava mais do que sua posse. Ela percebeu que achava que eles haviam chegado a um entendimento ou impasse. Território neutro. A ideia de que ele estava querendo incomodá-la.

Então, ela o acertou na testa com o pão. —Idiota.

Ele a parou quando ela pegou o pão e o quebrou sobre a cabeça dele.

—Pare. — Ele rosnou.

Torcendo, ela pegou o queijo, qualquer coisa.

—Eu disse pare. — Ele segurou os dois braços dela agora, prendendo-os ao lado da cadeira, amarrando os dois pulsos.

Olhando para ele, ela obedeceu brevemente. Ofegando, ela lutou mais uma vez, esperando que a surpresa funcionasse a seu favor, mas ele era pedra. Ela não estava fugindo, a menos que ele deixasse.

—Eu não vou —, ele sussurrou como se estivesse lendo seus pensamentos, então ele afiou o olhar nos lábios dela. Ela os moeu, esmagando-os. —Eu quero, mas não vou.

De pé de repente, ele a deixou. Ele localizou o pão atrás dele e o pegou, soprando por cima. Agora, o olhar dela estava colado nos lábios dele e na doçura tentadora que eles faziam.

—Não desconte no pão. — Disseram os lábios.

Aceitando-o como o ramo de oliveira, e o queijo que ele lhe entregou um segundo depois, ela suspirou e deu uma mordida. —Nós vamos ficar aqui? Por quanto tempo?

Encontrando um espaço ao lado de Delia, ele assentiu. —Por quanto tempo Lúcifer leva para nos esquecer. Ela pode relaxar, não há razão para usar quaisquer poderes que ela tenha e, esperançosamente, como você disse anteriormente, ela começará a confiar em nós. Contar-nos o que aconteceu.

Ele olhou por cima da cabeça dela, em direção a outra janela.

—O que você vai fazer?

—Aqui? — ele perguntou. —Eu não sei. Leia um livro.

Ela riu e engasgou, levantando a mão quando ele se moveu em sua direção. —Eu estou bem —, ela garantiu quando poderia respirar novamente. —Quero dizer, quando ela nos disser. O que você vai fazer?

—Eu vou matar quem machucou minha irmã.

Era a resposta que ela esperava e ela assentiu, mordiscando quieta. —Então o que?

Ele observava Delia dormir, passando a mão pelos cabelos dela, mas não a tocando. Colocando o cobertor um pouco mais firme ao redor da criança, ele deu de ombros. —Eu não sei.

—Você é a família de Delia.

—Eu sei.

Pensar no futuro a dominou. Ela tinha toda a intenção de manter Delia com ela, mas e Lúcifer? Ele a rastrearia? Incomodaria elas pelo resto da vida? Que proteção possível ela poderia dar a Delia?

—Você vai ficar com a gente? — Ela perguntou rapidamente. A pergunta provavelmente perturbaria Armaros, mas ela precisava perguntar. Precisava colocar todas as cartas na mesa.

—Nós? — Ele balançou sua cabeça. —Você ainda não pode pensar em mantê-la. Você não é ninguém.

—Eu sou a pessoa que ela escolheu. Por qualquer motivo, ela quer que eu seja sua família, e eu posso fazer isso. Eu posso trabalhar remotamente e conseguir um emprego diferente. Encontrar um apartamento em um bom bairro. Voltar para a minha... —*Não.* Ela não estava indo morar com os pais e a tia novamente. De jeito nenhum. No entanto, se havia uma maneira certa de manter o diabo longe, Zia Valeria sabia.

—Você não pode enviar uma criança como ela para a escola. Você não pode...— Ele parou, soltando um suspiro de raiva. —Esta é uma conversa ridícula.

—Esta é uma conversa sobre pais —, interrompeu Lucia. —Somos co-pais aqui. — Ela gesticulou entre ela e Armaros. Ela admitiu que era uma conversa desnecessária, pelo menos a essa altura. Mas ela tinha um prazer perverso ao vê-lo se contorcer. Talvez ela também fosse parte demoníaca.

—Estou com fome. — Disse uma voz, distraindo os dois.

—Você acabou de comer mais cedo. — Respondeu Armaros, sua voz mais gentil do que Lucia ouvira.

—Eu sei. — Delia olhou para Lucia, seu rosto caindo.

—Está bem. Estou bem. Continue. — Ela se levantou, caminhando em direção a eles rapidamente.

—Sente. — A voz de Armaros estava cansada. —Você não pode fazer isso de novo. — Sua atenção foi para Delia. —Me use.

Oh sim. Delia assentiu solenemente e, como ela havia feito com Lucia antes, olhou seriamente para o tio. —Não desvie o olhar.

Lembrando como era, ela assistiu com interesse. Imediatamente, a cor de Delia melhorou e seu rosto assumiu a redondeza mais típica das crianças pequenas.

Armaros, por outro lado, ficou cada vez mais pálido, círculos escuros aparecendo sob seus olhos que pareciam afundar mais fundo em seu crânio. Sua postura perfeita desapareceu e seus ombros caíram, envelhecendo diante dos olhos dela.

—Delia —, ela avisou. —Acho que é suficiente.

As mãos da menina caíram e, imediatamente, ele se sentou mais reto e a cor voltou ao seu rosto.

—Você está bem? — Lucia perguntou, preocupada.

Assentindo, ele passou a mão trêmula pelo cabelo perfeito. —Eu vou ficar. Eu preciso de um momento. — Seus ombros se levantaram e o peito se expandiu com uma respiração profunda. As olheiras sob seus olhos se igualaram e ele abriu os olhos azuis brilhantes. —Se sentindo melhor? — Ele perguntou a Delia.

—Sim —, ela respondeu, sua voz tímida. —Obrigada.

Saltando do banco, ela segurou seu lobo firmemente em seus braços. — O que há para fazer? — Ela estremeceu e Lucia notou suas roupas. Ela ainda estava vestida com as roupas do seu armário.

—Você precisa de roupas. — Ela meditou.

—Eu tenho algumas aqui —, respondeu Delia, estendendo a mão. — Deixe-me mostrar meu quarto.

Isso a lembrou mais cedo, ela mencionou que já esteve aqui antes.

Armaros também se levantou. —Eu gostaria de ver o seu quarto.

Delia ofereceu a Lucia seu lobo antes de pegar a mão de Armaros. — Vamos!

CAPÍTULO DOZE

Armaros

Delia se moveu pela sua casa facilmente. Claramente, ela estava familiarizada com o lugar. Ele imaginou sua irmã trazendo sua família para cá, instalando sua filha em um quarto e pegando um para si e para seu amante humano.

Uma centelha de ciúme acendeu em seu peito. Família. Ela fez uma sem incluí-lo. Embora, se ele fosse honesto, ele não era do tipo que deveria pertencer a uma família composta de pais e filhos. Ele não fez nada desde que caiu, exceto danos e destruição. Vasanthi foi inteligente em manter sua nova família longe dele.

Ele desejou poder perguntar a ela... Seus pensamentos sumiram. Ele poderia. Nada o ligava a este plano, ele se movia no tempo e no espaço como se movesse no ar. Ele poderia mudar tudo. *Salve-os, devolva-os para Delia.*

Sabendo que eles fugiram dele, ele se perguntou se sua perseguição poderia ter levado à morte deles. Ele poderia assegurar-lhes que estavam a salvo e voltar à vida antes que tudo isso acontecesse.

E Lucia?

Então e ela? Ela era humana e seu futuro não era da sua conta. Certamente, ela estaria melhor sem uma criança meio caída e meio humana para cuidar.

—Um dois três? — Delia perguntou, assustando-o de seus pensamentos.

Lucia assentiu, olhando para ele. —No três, levante, ok? — Ela disse, vendo que ele não tinha ideia do que Delia queria dizer.

—Um... dois... três...— No três, ele e Lucia levantaram os braços e Delia pulou, balançando entre eles. A garota riu e começou a contar assim que os dedos dos pés tocaram o chão. —Um, dois, três…

Quando chegaram ao quarto que Delia indicou, ela estava sem fôlego e histérica. —Este —, ela riu. —Bem aqui.

Armaros abriu e respirou fundo. Esse era definitivamente o quarto de uma garotinha. A cama de dossel no centro do quarto estava coberto de lençóis rosa brilhantes e travesseiros com babados. Aninhados entre eles, havia uma infinidade de bonecas e bichos de peLucia. Delia deixou cair as mãos, lançando-se na cama.

Contra uma parede havia uma estante cheia de livros e, ao lado dela, uma escrivaninha com fotos emolduradas prateadas no topo.

Esta era a casa deles. Era claro. Apostava que, se tivesse estudado o local com cuidado quando eles chegaram, teria visto milhares de pistas diferentes da presença deles.

Caminhando para a mesa, ele estudou as fotos e respirou fundo. A irmã dele era linda. Ela tinha a aparência de quando foram criados, antes que ele a deixasse insatisfeita com o propósito deles.

Uma foto a mostrava segurando uma Delia recém-nascida, com o rosto vermelho e gritando. Outro era dela e do humano.

O humano não era o que ele estava esperando.

Ele associou os humanos à fraqueza. Ele olhou para Lucia. Talvez ela fosse a exceção à regra, mas fisicamente, pelo menos, ela era fraca. Não havia nada que ela pudesse fazer para detê-lo, se ele quisesse machucá-la. Prendendo-a na cadeira, sentindo seus ossos sob os dedos dele, lembrou-

lhe como eles eram frágeis. Um empurrão, uma torção muito forte, e ela iria quebrar.

Na foto, o marido passou um braço forte em volta dos ombros de Vasanthi e a maneira como ele olhou para a câmera parecia sugerir que ele ousava alguém que o aceitasse. Se ele tivesse ficado cara a cara com esse homem, Armaros teria respondido ao seu desafio.

Não é à toa que sua irmã se escondeu dele. Ela o conhecia muito bem.

Lucia aproximou-se dele, pegando uma das molduras e sorrindo para a foto. —Eles parecem felizes.

Sua resposta foi um grunhido. O olhar de Lucia estava nele, ele podia sentir, e ele teve que se forçar a não olhar para ela.

—Esse é o meu pai. — Silenciosamente, Delia apareceu ao seu lado. — Ele era maior que você.

Ele colocou a moldura cuidadosamente na superfície e deu um passo para trás. —Ele era? — Ele perguntou distraído, precisando sair deste quarto onde a presença de sua irmã era ainda mais forte que a de Delia. —Vou encontrar algumas roupas para você e depois voltarei.

—Minhas roupas estão aqui. — A menina argumentou, pegando sua mão, mas ele deu um passo para trás.

Lucia se ajoelhou, fazendo cócegas nas laterais de Delia. —Deixe ele ir. Quando alguém quiser comprar para você, diga o seu tamanho, não tente detê-lo.

Delia riu, inclinando-se para ela.

Ela sabia. De alguma forma, a humana sabia que era demais para ele, e ele teve que escapar.

—Mostre-me seus brinquedos —, acrescentou ela, distraindo-a ainda mais. —Você tem Barbies?

—Não, mas eu tenho essas bonecas. — Delia saiu do lado, remexendo no baú ao pé da cama de dossel antes de olhar para Armaros. —Eu gosto de rosa e roxo. — Ela disse a ele.

Ele sentiu seus lábios se abriram em um sorriso e deu um passo atrás. — Rosa. Entendi. E você? — Ele não sabia o que o levou a perguntar a Lucia, mas valia o sorriso no rosto dela.

—Qualquer coisa que brilha. — Ela levantou a mão e mexeu os dedos. — Quanto maior melhor.

—Eu também! — Delia entrou na brincadeira. —Um para cada dedo!

Seu rosto doía de sorrir, mas não tocava a dor no peito. —Rosa e brilhante. — Ele se permitiu jogar junto. —Seu desejo é uma ordem.

Piscando, ele se mandou para o centro da cidade. O vento soprava pelas ruas de paralelepípedos, congelando o sangue em suas veias. Não havia muito por aqui, uma boulangerie, uma pequena loja de ferragens, um mercado para cigarros e telefones. A igreja iminente.

Mesmo que ele tivesse usado as compras como desculpa para encontrar espaço nos sentimentos que o quarto de Delia incitava nele, agora que ele se fora, ele queria encontrar algo para ela. Ele certamente não iria encontrá-lo nesta cidade. Onde ele precisava ir era norte e oeste de onde ele estava agora.

Paris então.

Horas depois, Armaros estava do lado de fora da porta do quarto de Delia. Ele podia ouvir as duas sussurrando e rindo. A seus pés havia sacolas e sacolas de itens. Roupas, brinquedos, livros.

Ele não sabia dizer o que estava acontecendo com ele. Um momento ele estava segurando um lobo de peLucia, este preto, e no outro ele estava escolhendo uma dúzia de companheiros de matilha.

E Lucia. Ele não pretendia comprar nada para ela, mas quando viu esse colar piscando para ele, não pôde evitar. Ele a imaginou em volta do pescoço, a granada vermelha escura contrastando com a pele verde-oliva. Antes que ele soubesse o que estava fazendo, estava aninhado em uma caixa de veludo preto e entregue a ele. Agora ele se levantou, como um tolo, imaginando se teria coragem de dar a ela.

Não significava nada, ele disse a si mesmo. Ele estava apenas chamando-a de blefe. Ela não esperava que ele comprasse algo para ela, e ele comprou.

A porta se abriu, assustando-o.

—Você voltou! — Delia ofegou. —E você trouxe presentes!

Sentando-se aos pés dele, Delia começou a esvaziar as sacolas, sacudindo o papel de seda e vasculhando-as.

—Outro lobo! — Ela gritou. —E um outro!

Ela se segurou em cada um deles, gritando de excitação em um tom progressivamente mais alto com cada bicho de peLucia sucessivo. Quando ela sorriu para ele, ele se viu sorrindo, orgulhoso por ter feito a criança feliz. O que ele fez por um capricho resultou na alegria tangível de sua sobrinha.

—O que é isso? — Ela perguntou, segurando a caixa de veludo. Ele pegou, mas ela abriu. —Ohhh! É tão bonito! Isso é para Lucia? — Ela perguntou com uma voz cantada, provocando-o.

—É para mim? — Lucia se ajoelhou ao lado dela, pegando a caixa oferecida e olhando para ela. Um dedo traçou a corrente de ouro branco, levantando a gema e girando-a na luz.

Quando ela olhou para ele, esperando sua resposta, ele não pôde negar. —Sim. É para você.

Mordendo o lábio inferior, ela sorriu. —Obrigada. — Ela pegou do estojo, colocando-o em volta do pescoço e prendendo-o. —Como está? — Ela o colocou no pescoço, onde suas clavículas se encontravam. De pé, ela afofou os cabelos e colocou as mãos nos quadris. —Ok?

—Linda. — Ele respondeu calmamente, segurando seu olhar por mais tempo do que ele queria.

—Joias para mim! — Delia gritou, levantando a coroa da roupa e colocando-a na cabeça. As jóias de vidro, azuis e verdes, brilhavam. —É perfeito.

—Sim. — Respondeu Lucia, apoiando os dedos na granada. Foi então que Armaros viu o segundo fio, madrepérola, ao lado da corrente de ouro branco. Um rosário.

O que ele estava fazendo? Ele não era um tio, essa não era sua família. O que quer que sua irmã fizesse, ele não podia cuidar da filha dela. Recuando, ele limpou a garganta. —Vejo vocês de manhã. Boa noite.

—Espera! — Delia o chamou, mas ele entrou na escuridão e desapareceu do mosteiro.

Ele voltou para sua cobertura, parado entre os cacos de vidro e os escombros. Vazio e destruído. Perfeito.

Ele pensou no calor que deixara, no modo como os olhos de Lucia se iluminaram quando o viu e na sensação dos braços de Delia ao redor de suas pernas. A raiva brotou dentro dele, dirigida tanto as duas que ele deixou quanto a si mesmo.

Toda a gentileza, qualquer que seja o instinto que o fizesse comprar presentes, precisava desaparecer. Andando em direção ao espelho, com um

canto de vidro ainda preso à parede, ele olhou para sua aparência e, lentamente, deixou suas feições humanas desaparecerem.

Primeiro a pele dele. A extensão pálida e suave escureceu, ondulando até que ele estivesse tão preto quanto suas asas.

Os olhos dele. Eles não eram azuis. Não era azul desde que tinha visto o corpo quebrado de sua irmã no chão de areia ao lado dele. As pupilas sangraram para o preto, expandindo-se para cobrir todos os traços de branco.

E os dentes dele. Delia não era a única com uma mordida aguda.

Finalmente, ele olhou para sua verdadeira forma. Suas costas formigaram e ele soltou suas asas, saboreando o rasgo e a rachadura, sua carne cedendo dolorosamente.

O peso delas o curvou para frente, mas tudo o que ele podia ver no espelho era o rosto. Seu rosto horrível e retorcido.

Lá estava ele. Como Delia e Lucia olhariam para ele se ele aparecesse para eles dessa forma? Talvez fosse a hora de fazê-lo. Mostrar a elas que pesadelo ele era.

Ele girou, asas batendo nos móveis, fazendo-os voar através de uma janela. O vento gelado soprava de um lado da cobertura para o outro. Seres como ele não mereciam existir nas nuvens. Ele fez sua escolha há muito tempo, o tempo nem começara. Sem mais esconderijos, sem mais armadilhas da humanidade. Ele nunca tinha sido humano.

—Chafurdando? — Girando, ele encontrou o olhar divertido de Lúcifer. —Eu estava esperando você voltar. A França não é do seu agrado?

Um passo em direção ao Primeiro sacudiu o prédio, rachaduras aparecendo no chão sob seus enormes pés com garras.

—Você pode pelo menos formar uma boca que possa falar para que eu possa ter uma discussão com você?

Um pensamento foi o suficiente para retornar à sua forma anterior, mas não se encaixou mais.

—Você está quase lá. — Lúcifer o observou com cuidado. —Eu estive esperando e esperando. Ninguém acumulou mais poder que você. Os demônios que você criou são quase tão maus quanto eu, mas você permaneceu... distante. Não mais.

—O que você quer dizer?

Por um segundo, os olhos de Lúcifer escureceram, depois voltaram ao marrom dourado que ele preferia. —Você está se sentindo mais confortável em sua forma natural. É a última escolha. Em breve você será o que sempre deveria ser, o que se tornou desde a queda.

—O que você é?

—O que eu sempre fui. Mas até eu optei por manter a forma em que fui criado. Chame de nostalgia.

Ele estava tentando desequilibrá-lo? Lúcifer tinha uma razão para tudo. Havia um propósito mais profundo no que ele agora compartilhava.

—Preocupado que vou colocá-lo fora de um trabalho? — Armaros sorriu.

Em resposta, Lúcifer riu. —Dificilmente —, ele respondeu, endireitando os punhos do casaco. —Há muito mal para nós dois. Estou dizendo a você, Armaros, como um dos meus primeiros irmãos, para o que você está indo.

—Logo —, Lúcifer continuou. —Você não vai querer ser o que era. Você vai esquecer sua forma e propósito originais e se tornará tudo o que criou. Você deixará seus demônios assumirem o controle e se esconderá nas chamas. — Lúcifer não desviou o olhar, toda gota de falsidade desapareceu. Essa era a verdade e um aviso. —Você já se perguntou por que não vê os outros Caídos? Até eu tenho problemas para sair de casa. Muitos de nós esquecemos

de onde viemos, nosso propósito original, do que lembrar. — De repente, ele riu. —Como você me chama? O Diabo? Você acha que eu delego, mas a verdade é Armaros. Eu não dou mais a mínima.

—Então por que matar minha irmã?

Revirando os olhos, Lúcifer se afastou. —Eu não matei sua irmã. Eu admito a seguir, ou perseguir, o que você quiser chamar. Mas não tirei a vida dela. Não olhe para baixo por seu assassino. — Ele piscou e começou a desaparecer de vista. —Olhe para cima.

Sozinho em seu covil de destruição, Armaros sentou-se. O chão duro de mármore congelou sua pele e o vento continuou soprando de uma janela quebrada através de outra. Um aceno de sua mão seria suficiente para retornar tudo ao seu estado original, mas ele não o fez. Ele deixou assim.

Ingenuamente, ele pensou que as coisas não poderiam piorar. Ele pensou que havia perdido seu propósito original assim que caiu. Algo quebrou dentro dele novamente. Como se estivesse caindo pela segunda vez, mas agora ele tinha perspectiva. Ele não estava caindo no desconhecido - sabia o que era o inferno e sabia o que tinha feito. O que Lúcifer previu, uma eternidade de olhar em chamas, indiferente, sozinho, mergulhando no mal, não era um futuro que ele queria.

Ou ele queria?

Ele se importava?

Ele já estava condenado, e já havia perdido tudo, todos.

Não Delia. No fundo dele, com uma voz que não era dele, repetiu a ideia - *você tem Delia. Ela precisa de você.*

Lúcifer sugeriu que outra coisa assassinou sua irmã. Foi um anjo? Um dos guerreiros ainda adorava o seu Criador?

De repente ansioso, ele passou para a França. O mosteiro estava escuro, silencioso. Era o meio da noite e nenhum som vinha do quarto de Delia. O papel de seda e os sacos estavam empilhados ordenadamente no final da cama, e o bando de lobos de peLucia cercava as duas figuras adormecidas.

Lucia e Delia dormiam na imensa cama de dossel. Lucia afundada no colchão de penas e Delia descansava mais alto, como duas pessoas em uma gangorra em um playground.

Elas davam as mãos, os dedos cruzados no edredom fofo. Ele se importava.

Talvez, o suficiente para salvá-lo.

CAPÍTULO TREZE

Lucia

Lucia acordou lentamente, encarando o teto desconhecido. Este não era o azulejo acústico rachado e manchado de seu apartamento. Sua mão estava dormente e ela lentamente se desembaraçou de Delia, sacudindo-a até a circulação retornar como alfinetes e agulhas. A menina dormia, bochechas rosadas e dentes afiados visíveis a cada respiração.

Lucia fechou os olhos, tentando voltar a dormir, mas sua mente disparou. Todas as dúvidas e temores que ela borbulhava à superfície, a maioria deles na voz de Armaros. Quando totalmente acordada, ela era mais forte, mais segura de si mesma. Mas agora, com seu tom desdenhoso ecoando em sua mente, questionando sua capacidade de cuidar de Delia, ele tinha mais peso.

A verdade era que ela provavelmente foi demitida. Com espanto, ela percebeu que era a primeira vez que pensava em seu trabalho desde que encontrou com Delia no beco. Sua posição de doutorado era tênue desde o início, pois era professora/aluna. Muitos candidatos esperavam nos bastidores para roubar sua posição. Não é como se houvesse uma escassez de pessoas com um diploma de história que não gostariam de entrar no lugar dela. Ela estremeceu ao pensar no grande número de rivais rindo muito. Eles provavelmente estavam entrando no escritório dela agora.

Esqueça. O sono definitivamente não estava acontecendo. Em vez de se virar e acordar Delia, ela deslizou para fora da cama, saindo na ponta dos pés

do quarto e pelo corredor em direção ao estúdio coberto de pelos onde Delia encontrou seu lobo de peLucia.

Os corredores estavam gelados, a pedra gelada sob seus pés descalços enquanto ela corria. Abrindo a porta da sala, ela percebeu que era uma noite fria. O fogo crepitante anterior havia morrido há muito tempo.

Lucia espiou pela janela, pulando de um pé para o outro enquanto os dedos dos pés ficavam cada vez mais dormentes. As nuvens se foram e a lua estava quase cheia. Virando-se, ela estudou a sala, imaginando se poderia jogar um pelo no chão sem a ira de Armaros chover em sua cabeça.

Suspirando, ela decidiu que não valia o risco. A ansiedade sentou-se pesadamente em seu estômago. Ela precisava de um plano para resolver seu problema, mas estava presa. Apesar de a sala ter a aparência de um escritório - havia uma mesa, livros, cadeiras -, não havia nada que ela precisasse. Sem telefone, sem computador, nada para distraí-la da mudança sombria de seus pensamentos e da percepção de que ela havia desistido de tudo e nem sabia que estava fazendo isso.

Deus, a dívida de estudante sozinha.

Ela ia perder o apartamento e desaparecer assim... Ela nunca seria contratada em nenhum outro lugar. O que ela tinha que mostrar por uma década na pós-graduação? Uma tese incompleta sobre a expedição dos cananeus à atual Cornualha, Inglaterra. Se ela quisesse ensinar no ensino médio, precisaria de mais estudos e uma licença. Que deprimente.

Gemendo, ela agarrou a lareira com as duas mãos e bateu a cabeça. Armaros, bastardo presunçoso e bonito, estava certo. Como ela deveria cuidar de Delia?

O suficiente. Não há mais festa de piedade. Primeiramente, ela precisava garantir seu emprego e, para isso, precisou encontrar um telefone. Envolvendo

um dos cobertores de pele em volta dos ombros, ela examinou a sala de cima a baixo em busca de um telefone fixo, mas não viu nada.

Havia um mosteiro inteiro para explorar, e ela se recusava a acreditar que nenhum cômodo teria o que precisava. Caso contrário, ela apenas faria o idiota quente com um gosto impecável por joias levá-la para a cidade a um telefone público. Ou talvez ele pudesse fazer mágica com um telefone celular do nada.

Assim que a ideia lhe ocorreu, ela a abraçou. Por que vasculhar um lugar desconhecido quando ela conseguiria o que precisava imediatamente?

Além disso, ela queria ver Armaros novamente. Se ele realmente não gostasse do plano dela de cuidar de Delia, talvez ele tivesse um. Talvez eles pudessem trabalhar juntos e descobrir a melhor maneira de seguir em frente. Ele se importava com Delia, e ela suspeitava que sua preocupação com a sobrinha fosse a razão pela qual ele a atacou tão cruelmente.

Como uma mamãe ursa.

Ela gostou dessa imagem. Somente alguém tão forte e... diferente como Armaros poderia realmente protegê-la. Eles tinham isso em comum. Mesmo que Lucia não fosse tão poderosa e forte quanto o tio de Delia, ela queria protegê-la também.

Seu estômago se apertou em antecipação nervosa quando ela bateu nas portas, esperando por uma resposta, esperando que o rosto de Armaros fosse o que ela visse quando se abriu. Mas a cada porta, não havia ninguém. Ela as abriu, olhando para dentro rapidamente antes de puxar a cabeça novamente e fechá-la.

Dentro dos quartos, o tempo havia parado. Havia pequenos sinais como as pessoas que os deixaram pensavam que voltariam, uma garrafa de água, uma toalha nas costas de uma cadeira, um moletom com capuz rosa.

Ela encontrou o que pensava ser o quarto dos pais de Delia e fechou a porta suavemente. Era muito sagrado. As roupas de cama estavam dobradas. Roupas espalhadas pelo chão. Era vívido, apesar do fato de que as pessoas que dormiram lá nunca mais voltariam.

Ela não pertencia aqui. Em outro momento, talvez quando Delia fosse mais velha, este seria o seu lugar para explorar. A história dela estava lá dentro, não a de Lucia.

Os próximos aposentos estavam vazios e, finalmente, ela admitiu para si mesma que era hora de desistir. Armaros não estava aqui, e em nenhum lugar ela viu um telefone. Isso a frustrou por estar presa, por ter um plano, mas por não conseguir seguir em frente.

—Filho da puta. — Ela murmurou, quando virou a esquina e terminou onde começou.

—Qual é o problema?

—Jesus Cristo! — Saltando no ar, ela apertou a garganta.

Armaros sorriu e cruzou os braços. —Você está longe.

—Ha, ha maldito —, ela murmurou, levantando o cobertor mais alto. — Não posso culpar alguém por pular quando você *poof* na frente delas.

—Eu fiz *poof*, virei a esquina.

—Oh —, ela respondeu, seu coração começando a retornar a um ritmo normal. —Então isso é boa sorte. Eu preciso de um telefone.

—Para quê?

—Eu preciso ter certeza de que ainda tenho um emprego.

Seu rosto pálido ficou rosado, uma ruga aparecendo entre as sobrancelhas, projetando um nível crescente de tensão e ele abriu e fechou a boca, procurando uma resposta. Lucia observou-o com interesse. Ele estava ainda mais chateado, com uma pitada de cor aparecendo em sua pele de

porcelana. —Como é se parecer com você —, ela se perguntou em voz alta. — As pessoas devem fazer o que você quiser. Você provavelmente ganha assentos aprimorados em aviões e bebidas gratuitas.

Ela o tirou de sua raiva, e ele a encarou antes de jogar a cabeça para trás e rugir de tanto rir. —Eu não voo —, ele finalmente ofereceu, atordoando-a com uma piscadela. —Em aviões.

—Asas? — Sua voz saiu sem fôlego e ela limpou a garganta antes de dizer com mais firmeza. —Asas?

Assentindo, ele sorriu.

—Eu posso ver?

Imediatamente, ele ficou sério. —Não. Claro que não.

—Vi as asas de Lúcifer, pelo menos. É privado? Como... —Foi a vez dela corar, talvez ver as asas de alguém fosse como ver o lixo de um cara. No entanto, nada sobre Armaros sugeria *lixo*. Se alguma coisa, *joias* era provavelmente um termo mais apropriado. Ele provavelmente era tão bonito lá como em todos os outros lugares que Lucia podia ver.

Deus, espero que ele não possa ler mentes.

—Não é assim. — Ele corrigiu, porém, suas bochechas estavam manchadas de rosa.

—Você é adorável quando cora. — Ela não tinha filtro cérebro-boca no meio da noite. —Me ignore. Eu sinto muito.

Ele se aproximou dela, um dedo longo pegando o colar. Talvez fosse sua imaginação, mas ela pensou ter visto a gema vermelha profunda refletir em sua pele. —Isso parece bom.

—Você tem bom gosto —, ela sussurrou. —Eu amei. Por que...—, ela se conteve.

—Por que eu comprei isso? — Ele sussurrou em resposta.

Ele *poderia* ler a mente dela? Os olhos dele dificultaram ver isso, e ela se viu assentindo.

—Pareceu se encaixar em você.

—Obrigada. — De alguma forma, eles acabaram ficando sem fôlego. Ela alcançou o rosto dele, querendo sentir a pele dele sob as pontas dos dedos, mas ele se afastou apressadamente.

—Eu posso conseguir um telefone para você. — Ela olhou para ele confusa antes de se lembrar de seu pedido. Por alguma razão, ele decidiu ter piedade dela e mudar de assunto, ou pelo menos fingir que ela não havia tentado dar uma palmada nele. —Poof—. Ele estendeu a mão como um mágico, um telefone na palma da mão. Ele sorriu para ela, dentes brancos brilhando antes de se tornar sério novamente.

Perdida, ela estendeu a mão e ele a largou, nunca tocando sua pele. — Obrigada. — Ele desapareceu antes que as palavras saíssem da boca dela.

Mais do que um pouco envergonhada, ela entrou no quarto, discando o número de seus pais enquanto fechava a porta atrás de si.

—Lucia Maria.

Apenas uma pessoa saberia quem estava ligando de um número desconhecido. —Zia.

—Você fica longe do homem. Li as cartas, Lucia, e ele não é para você.

—Não brinca. — Ela murmurou.

—Cuidado com a boca —, Zia repreendeu e depois suspirou. —Você está bem?

Lucia riu, imaginando o rosto de sua tia se ela contasse como estava realmente, quem conheceu e por quem estava atualmente apaixonada. —Bem o suficiente.

—Seus pais estão preocupados e nervosos.

Claro que estavam. —Eu posso estar em casa mais cedo do que eu pensava. — Especialmente se ela estivesse sem-teto e sem emprego. —Eu preciso descobrir algumas coisas. Eu estou com Delia agora.

—A garota?

—Sim. Ela é órfã, mas vai ficar comigo.

Sua tia suspirou, longa e sofregamente. —Ela não pode ficar com você, Lucia. Você come todas as suas refeições no refeitório.

—Zia. — Ela avisou.

—Eu sei. Eu sei. Todo mundo faz isso. Do que você precisa, piccola? — A voz da tia se aqueceu, lembrando a Lucia que, apesar de toda a sua atitude, a tia faria qualquer coisa por ela.

—Deixe mamãe e papai saberem que eu estou bem.

—Eu vou. Não quer falar com sua mãe?

Lucia estremeceu. Essa conversa seria interminável e provavelmente levaria a mãe a pedir ao padre que fizesse uma missa por ela.

Antes que ela pudesse responder, sua tia riu. —Está bem. Ela foi para a cama uma hora atrás de qualquer maneira. Eu posso ouvi-los roncar. Mas você provavelmente deveria ligar para o seu trabalho. O professor, aquele com os pelos do nariz, ligou cerca de vinte vezes. Dissemos a ele que você estava no hospital, o que o acalmou, mas acho que não vai fazê-lo feliz por muito tempo. Ele disse que outra pessoa teria que dar suas aulas.

—Merda —, ela murmurou. Ainda assim, sua família pensava rápido e provavelmente salvou seu emprego. —Obrigada, Zia. Eu vou ligar pra ele.

—Não tem ideia de quando você voltará?

—Você provavelmente tem uma ideia melhor do que eu.

—Não seja esperta, Lucia. Apenas tenha cuidado. Há coisas neste mundo... —Sua tia deixou o resto da frase não dita.

—Eu sei. Eu vou ter.

—Siga seu coração, Lucia, mas use seu cérebro. Não seja idiota.

Ela suspirou. —Vou tentar. *Ti voglio tanta bene*, Zia.

—*Ti voglio bene, piccola*.

Quando ela desligou, Lucia teve que engolir as lágrimas. A voz áspera e desgastada de sua tia a confortou, cercando-a com amor e familiaridade. Agora ela estava sozinha de novo, a menos que Armaros estivesse pairando invisível nas proximidades.

O que era uma possibilidade distinta.

—Armaros? — Ela sussurrou, sentindo-se estúpida e assustada.

A única resposta foi o vento lá fora. Ela realmente estava sozinha.

—Lucia?

Saindo da sala rapidamente, encontrou Delia tremendo no corredor.

—Você foi embora. — A voz da garota tremia.

—Eu não queria te acordar —, explicou ela, alcançando-a e pegando-a. — Você está mais pesada.

—Eu comi.

—Um dia você terá que explicar como tudo isso funciona. — Delia se mexeu, seus joelhos pressionando contra o estômago de Lucia.

—Ei, Delie? — Ela sussurrou.

—Sim?

—Existe um banheiro neste lugar? Vou fazer xixi nas calças.

Rindo, Delia assentiu. —Coloque-me no chão, eu vou te mostrar.

O banheiro ficava fora do quarto de Delia e era o lugar mais quente do prédio. Um passo levava do quarto para o banho, o chão quente sob os dedos dos pés. Pavimento brilhante. Ela suspirou, fez seus negócios, lavou as mãos e saiu.

Delia estava sentada na cama, um lobo em cada mão, latindo.

—Estou faminta. — O sol nasceu e seu estômago roncou. —Existe uma cozinha?

Assentindo, a pequena deixou cair os brinquedos. —Panquecas?

Lucia fez uma careta, ela herdou a falta de habilidade culinária de sua mãe. —Cereal?

—Eu acho —, Delia resmungou, deslizando da cama e agarrando a mão de Lucia. —Mas eu prefiro comer panquecas.

CAPÍTULO QUATORZE

Armaros

Quando Lucia sussurrou o nome dele, ele quase apareceu para ela, e quando ela alcançou o rosto dele, ele queria tanto se apoiar nela. Para diminuir a distância entre eles e erguê-la para que ficassem nariz a nariz.

Ele podia sentir seus lábios sob os dele, e era demais.

Agora, ele as observava, Lucia misturando furiosamente uma massa que era alternadamente muito grossa e muito aguada. No ritmo que ela estava indo, ela teria massa suficiente para fazer cem panquecas.

Seus olhos se estreitaram quando ela colocou a mistura em uma chapa. Delia olhou com interesse, um dos lobos que ele comprou para ela debaixo do braço.

—Não é assim que meu pai faz.

O topo da panqueca começou a borbulhar. —Eu te avisei —, respondeu Lucia. —Eu não sou boa nisso.

Delia deu um tapinha no ombro e pulou do balcão para se sentar à mesa. Ele não tinha notado antes, mas ela definiu isso com três lugares.

Para ele.

No tempo que levou para sair da cozinha e entrar no corredor para poder voltar, as panquecas queimaram. Lucia raspou a chapa, murmurando com raiva. Do outro lado da cozinha, ele ouviu seu estômago roncar e percebeu que seria melhor para todos eles se ele aparecesse com alguma comida.

Ele teve o pensamento e fez acontecer. —Croissant?

—Graças a Deus. — Disse Lucia, desligando o fogão e jogando a espátula na pia.

—Eu queria panquecas. — Delia bufou, descontente com a virada dos eventos.

—Eles têm chocolate dentro. — Acalmou Armaros.

—Ok. — Desapontada, ela pegou o croissant e sentou-se.

Lucia pegou outra cadeira e sentou-se, recuando. —Eu não sei cozinhar. — Pegando pedaços de croissant, ela os empilhou na mesa à sua frente.

—Claramente —, ele falou, observando os respingos de massa ao longo do balcão e a névoa pairando no nível do teto. Ele abriu uma janela, uma rajada de ar frio disparando para dentro. Fumaça se dissipando, ele pegou Delia olhando para ele e Lucia olhando sombriamente para as migalhas de croissant dela. —Por que você não está comendo? Eu podia ouvir seu estômago do outro lado da cozinha.

—Você só precisa de mais prática. — Ignorando-o, a garota acariciou o braço de Lucia confortando-a.

—O que importa se você não sabe cozinhar? Delia não precisa de comida. — Que mudança estranha essa manhã havia tomado? Lucia tentou cozinhar. Obviamente, ela não podia. Elas não tomaram café da manhã, ele providenciou o café da manhã, apesar de apenas um dos três seres da cozinha precisar de comida. Qual era o problema?

Lucia empurrou a cadeira para trás, as pernas arranhando o chão de pedra. —Tem roupa aqui? Eu preciso lavar a minha. Eu uso as mesmas roupas há três dias. Eu acho. Que dia é hoje?

—Aqui. — Jeans e um suéter, uma mochila com roupas novas. Foi fácil o suficiente depois de todas as lojas que ele visitou ontem. Sentindo-se realizado por resolver outro problema, ele se preparou para a gratidão de Lucia.

O rosto dela, quando ele olhou para ela, era uma massa de manchas vermelhas e brancas.

—Ela está engasgada? Você está sufocando? — Ele perguntou preocupado.

—Não. — Respondeu Delia, sua voz estrangulada antes de começar a rir.

—Eu estou bem. — De pé, Lucia passou a roupa pelos braços. — Obrigada. — Ela encontrou os olhos dele brevemente, depois saiu, com as costas retas e rígidas.

—De nada. — Ele falou, balançando a cabeça. O estresse e a tensão dos últimos dias estavam claramente atingindo ela.

—Você não deveria fazer isso. — Um spray de pão meio mastigado pousou em sua mão e ele o sacudiu.

—Fazer o que?

—Consertar tudo. Ela não vai melhorar se você melhorar.

Ele lutou para alcançá-la. —No café da manhã?

Dando de ombros, Delia fez um som de ambivalência. —Meu pai me comprou sapatos com cadarços, embora eu não pudesse amarrá-los.

—Hã? — Apoiando a cabeça na mão, ele massageou as têmporas. Em que universo alternativo ele entrou?

—Amarro meus próprios sapatos agora, porque pratiquei. Agora, eu posso amarrar quase tudo. — Girando, ela apontou para uma fita no topo do seu rabo de cavalo amarrada em um laço arrumado. —Vê?

—Parece legal. Bem feito.

Seus olhos vermelhos se estreitaram e ela balançou a cabeça como se estivesse profundamente decepcionada com ele. —Deixa pra lá. — Ela deu outra mordida no croissant, encarando-o até que ele começou a se perguntar

se havia algo no rosto ou no cabelo. Disfarçadamente, ele passou a mão pelo topo da cabeça e pelos lábios, verificando.

—O que estamos fazendo hoje? — Delia escovou as migalhas dos dedos e cruzou as mãos no colo, observando-o com expectativa.

Ele disse que elas iam fazer alguma coisa? Ele atormentou seu cérebro, tentando lembrar se havia feito uma promessa que agora precisava cumprir. — Nada. — Ele respondeu com cuidado.

—Então, vamos ficar aqui o dia todo? — O ar da cozinha começou a ficar pesado quando os olhos de Delia escureceram.

—Sim —, ele respondeu. Sua irmã estava morta, e Lúcifer sugeriu um assassino com laços angelicais. Se havia uma batalha a travar, ele preferia fazê-lo em terreno familiar. —Ainda não é seguro partir. Você e eu vamos ficar. Lucia precisará ir em breve.

—Não! — Olhos negros, Delia saltou da mesa e bateu o pé. —Lucia é nossa e eu estou cansada de fugir! — Para sua surpresa, ela começou a mudar. Os tons azuis de sua pele escureceram, escamas, não muito diferentes das dele, subiram ao longo de suas maçãs do rosto. Seus dentes, sempre afiados, alongados. Dentro da cozinha, um vento gentilmente jogou seus cabelos em volta da cabeça, mergulhando nos olhos. Ele afastou-o do rosto, mas o vento ficou mais forte. Logo estava arrancando a toalha da mesa, derrubando copos e sacudindo os armários.

—Delia, chega. — Ele avisou.

—Não! Não estou mais me escondendo. Eu odeio isso! Eu odeio isso! — Cada palavra foi pontuada com e uma rajada de vento. O poder dela chamou o dele, provocando-o, desafiando-o a subir em resposta.

Mas ele não deixou.

—Eu entendo. — Ele sussurrou, imaginando se ela o ouviria.

Ela ouviu e parou.

O vento desapareceu e ela esvaziou, o poder a deixando. Ela caiu de joelhos na frente dele, perdida e jovem e tão triste.

—Sinto muito —, ele disse a ela, esperando que ela pudesse ver que ele não estava mentindo para ela. —Eu... — Ele não conseguiu terminar porque ela se jogou nele, passando os braços em volta do pescoço dele e enterrando o rosto no ombro para soluçar ruidosamente.

—Sinto falta da minha mãe. — Ela engasgou.

Os braços dele a envolveram, puxando-a para mais perto e segurando-a com força. —Eu também sinto falta dela —, ele sussurrou, esfregando-a de volta. —Nós vamos descobrir, Delia. Eu prometo.

CAPÍTULO QUINZE

Lucia

Ela chegou no meio do corredor antes de voltar, envergonhada. Em sua cabeça, ela passou por todas as desculpas que ela poderia dar a Delia e Armaros, e todas pareciam estúpidas. Especialmente a verdade: ela era incompetente. Quando se tratava de cuidar, cuidar de verdade, o tipo de cuidado que os pais tomavam para garantir que seus filhos tivessem vitaminas e leite e luz solar suficiente, mas não muito; ela falhava.

Pegando o dedo do pé em um pedaço afiado de pedra, ela estremeceu, seu corpo inteiro esquentando de dor. Ajoelhou-se para se certificar de que não tinha cortado o pé, com medo de deixar um rastro de sangue no chão. Quando a cabeça inclinou-se, o pescoço começou a arder, como se um raio de sol se concentrasse em um pequeno pedaço de sua pele.

—Você está coberta pela aura de um Caído, mas ele não a possui.

Congelada, Lucia levantou os olhos para quem falou. —Puta merda.

Ela não conseguia se mexer, mesmo que quisesse. Ela ouviu um chiado, sentiu o cheiro de cabelo queimando e fechou os olhos com força. Descansando perto de sua pele estava uma espada, mantida frações de uma polegada de distância. Se caísse, cortaria através dela, queimando, amputando, cauterizando.

Olhos azuis como os de Armaros se estreitaram quando encontraram o dela. —Leve-me a eles.

Lentamente, a forma do homem começou a se formar. Um rosto bonito, mas escuro para o pálido de Armaros. Havia uma grande semelhança, e Lucia imaginou se os dois estavam divididos ao meio, cada um combinando perfeitamente com o outro. Escuro e claro, bom e ruim.

Desenrolando-se atrás do homem, curvado e emplumado, havia asas. Não. Não emplumadas. Pareciam penas, mas eram douradas. Brilhante, pesado, metálico, como se fossem uma armadura e um escudo.

Ele tinha a mesma estranha falta de expressão que Armaros podia adotar, um véu caindo entre ele e o mundo.

—A quem? — A voz de Lucia tremia e ela esperou o pedaço de espada no osso. Não veio, mas o calor chegou ao zênite e ela ouviu um estalo antes que a dor lancinante disparasse por seu corpo. Isso a chocou, e seu corpo reagiu sem o comando dela. Caindo para o lado, ela se afastou, empurrando-se sobre os calcanhares e as palmas das mãos do homem.

A espada em sua mão brilhou mais forte, branca como o sol ao meio-dia, e ele caminhou em sua direção, a ponta apontada para o rosto dela. *Lá vem.*

Mas isso não aconteceu. Braços, frios e duros, a envolveram, afastando-a do calor, mergulhando-a na escuridão.

—Jeheol. — A voz de Armaros era tão fria quanto o corpo dele, e apesar do fogo zunindo em seu pescoço e veias, Lucia estremeceu.

—Armaros —, respondeu o homem. —Eu deveria ter reconhecido sua escuridão. — Erguendo a espada no ar, o corredor estava banhado de luz. Ao lado dele, apareciam dois outros seres, uma mulher mais alta do que qualquer mulher que Lucia já vira, com cabelos pretos profundos, e outro homem, mais baixo mas mais largo, com músculos que esticavam as costuras de suas roupas. Cada um tinha asas de ouro metálicas como penas. Eles se moviam

como uma unidade de soldados, um dando um passo à frente e outro atrás, enquanto o original mantinha sua espada flamejante no ar.

—Anjos —, Lucia respirou. Esses não eram os anjos que ela imaginava crescendo. Não havia nada suave e atencioso neles. Ela não podia vê-los sussurrando conforto enquanto dormia. Estes eram guerreiros, prontos e preparados para a batalha. Ela se perguntou se eles poderiam ser justificados. —Esperem. Vocês não entendem.

A mulher riu e parecia sinos. Os olhos de Lucia se fecharam, o som era tão bonito.

—Você não pode argumentar com eles —, Armaros jogou por cima do ombro. —Eles são soldados e seguem ordens.

Suas palavras pararam os sinos. Cada anjo abriu suas asas, raspando a pedra, lançando faíscas e confirmando a impressão inicial de Lucia.

—Corra. — Sussurrou Armaros, e antes que as palavras saíssem de seus lábios, suas próprias asas, mais bonitas do que qualquer uma das três, ou mesmo Lúcifer, saltaram de suas costas.

Como um, os anjos o atacaram. Eles eram um borrão de movimento para frente. Um desapareceu, piscando no nada e outro voou sobre sua cabeça, bagunçando seus cabelos e enviando seus cachos chicoteando em torno de seu rosto. O original, Jeheol, cortou sua espada na cabeça de Armaros, mas Armaros manifestou uma arma própria, bloqueando o ataque.

Em uma mão, Armaros segurava um escudo preto, imagens refletidas pela luz que Lucia não conseguia entender e, em outra, sua espada. Ela não tinha certeza do que esperar, o zumbido dos sabres de luz, o crepitar do fogo, aço contra aço?

Em vez disso, quando as espadas se encontraram, a terra tremeu. Rachaduras apareceram no chão de pedra, teias de aranha ao longo das paredes e alcançando o teto.

—Eu disse *corra*! — Ele gritou e Lucia pulou.

Delia. Sua mente estava tão sobrecarregada com anjos de proporções bíblicas que ela esquecera a criança que deveria proteger.

Ela partiu, correndo o mais rápido que pôde para longe da batalha. Sem poder passar pelos dois guerreiros, ela teria que correr pelo perímetro do mosteiro, percorrendo o longo caminho até a cozinha.

Se ao menos eu pudesse me esconder lá. Ela balançou os braços e bombeou as pernas, desejando que seus membros curtos se movessem mais rápido do que ela já os havia feito antes.

Raios de sol gotejavam através de vidro grosso, brilhando em pequenos quadrados ao longo do chão e fazendo pouco para iluminar seu caminho. Claro, escuro. Claro, escuro. Seu corpo alternadamente brilhava quente e frio, ela se esforçou para chegar a Delia, rezando para que não fosse tarde demais.

Se esconder. Se ela não podia chegar lá a tempo, era isso que Delia precisava fazer. *Se esconder. Fugir. Desaparecer.*

Ela virou uma esquina e acelerou, correndo pela luz antes de bater em algo duro e voar para trás. Sua cabeça estalou contra o chão, os dentes estalando juntos e o sangue enchendo sua boca. Gemendo, ela se moveu de lado para se levantar.

Ela nunca teve a chance, um pé foi pressionado contra suas costas, empurrando-a para baixo. Presa como uma borboleta a veludo, apêndices agitados, ela foi segurada com força.

—Você fede à escuridão. — Uma voz sussurrou. Como as palavras que sustentam tanto ódio soam tão adoráveis?

O pé deixou o centro das costas. Antes que ela pudesse se mover, mãos enroladas como aço a seguraram em volta dos braços e a levantaram, batendo-a novamente contra a parede. —Infração —, a voz disse novamente e, como o gato de Cheshire, uma figura se formou na frente dela. Olhos azuis brilharam, dentes à mostra, a mulher a examinou com nojo. —Você trai o seu criador e é considerada culpada. Se prepare.

—Não traí ninguém. — Sussurrou Lucia, em pânico. Traiu quem? Deus? Delia não era má, e apesar de seus melhores esforços para provar o contrário, ela sabia em seu coração nem Armaros. —Você está errada! — Sua voz saiu um pouco mais forte e ela esperava com tudo dentro dela que Armaros tivesse vencido a luta dele e colocado Delia em segurança.

A mão da mulher deixou seu braço, mas Lucia não conseguia se mover. Algo invisível a mantinha no lugar, seus músculos paralisados.

Mas ela podia sentir tudo.

Uma lâmina traçou seu braço até o ombro e o peito. Uma longa linha de dor. Ela queria gritar, mas não conseguiu emitir um som, em vez disso, gritou dentro de sua cabeça.

—Isso não é nada comparado à eternidade em chamas. — A ponta afiada parou entre seus seios. —'Afaste-se de mim, você que é amaldiçoada, no fogo eterno.'

Em algum lugar ao longo do caminho daqui para o céu, essa senhora cruzou os fios porque Lucia não era má. Se ela estava prestes a morrer, definitivamente apresentaria uma queixa quando chegasse aonde estava indo. Purgatório, provavelmente. Sua vida não tinha sido pura nem perfeita.

Fogo. Tudo estava pegando fogo. A pele dela, o sangue dela. Seu olhar estava colado ao anjo segurando a lâmina, mas ela podia sentir o empurrão, o deslizamento de metal contra osso. Algo a puxou, como se a lâmina fosse um imã e quisesse acabar com ela tanto quanto o ser que a segurava.

No fundo de sua mente, ela ouviu uma voz. Se ela tivesse que adivinhar, diria que era dela. Uma oração que sua mãe lhe ensinara, dizia com ela todas as noites antes de ir para a cama até memorizá-la. Fazia anos desde que ela pensara nisso, mas agora chegava a ela. *Anjo de Deus, meu guardião querido, a quem seu amor me confia aqui...*

Com os olhos arregalados, a lâmina interrompeu seu progresso, e a mulher tropeçou para trás, suas asas douradas tremulando. Lentamente, a lâmina deixou seu corpo e Lucia recuperou o controle sobre si mesma. Suas mãos se moveram por vontade própria e ela atacou, batendo a mão segurando a lâmina. O que quer que segurasse o anjo a deixou quando a pele de Lucia tocou a dela.

Dentes à mostra, lâmina levantada para o céu, ela veio para Lucia novamente.

—Pare!

Delia, não! Capaz de se mover novamente, Lucia se jogou na direção da voz, mas não precisava se preocupar, porque um olhar foi o suficiente para ver Delia ter tudo sob controle. A garota congelou o anjo como o ser congelou Lucia um segundo atrás.

—Ela é minha —, Delia disse ao anjo. —Eu a escolhi. Eu a escolhi e escolhi meu tio. Eles combinam. E eles são meus. Agora que eu declarei, será.

Por um momento, as palavras de Delia a confundiram. Ela disse algo semelhante quando a encontrou amontoada naquele beco de inverno. *—Eu vi você e queria você.*

Eu estava segura. Foi por isso que Delia a escolheu, mas seu tio? O que ela... Um segundo depois, ela sentiu. Armaros era dela, Delia sim, mas dela. Lucia. O anjo caído irritante, bonito e teimoso era dela.

Seu corpo foi empurrado para frente e então ela se foi, cercada pela neve e pelo ar frio da noite.

Armaros estava na frente dela, o peito arfando, o sangue pingando em riachos da testa e ao longo do pescoço. Sua camisa estava rasgada em alguns lugares, revelando fitas de pele branca de porcelana.

—Você deveria correr! — Ele largou o escudo e a espada que segurava nas mãos. A lua, escondida sob uma nuvem, de repente brilhou intensamente na neve e ela viu respingos negros na neve.

—Eu corri —, ela sussurrou, procurando por Delia nos arredores. Que não estava lá. —Delia.

Armaros virou o corpo, levantando neve. —Delia!

Sua voz ecoou pelos campos brancos onde eles se encontravam.

—Nos devolva. —, exigiu Lucia. —Ela precisa de nós.

Pegando-a em seus braços, ela sentiu o momento em que ele tentou jogá-los no espaço, de volta para Delia. Sentiu seu potencial e sentiu quando foi negado. Ele tentou de novo e de novo, o corpo dela tremendo a cada tentativa.

Armaros. Crescendo desesperado, seus esforços foram mais rápidos e, com seus ferimentos, seu corpo ameaçou se separar. —Armaros. Por favor.

Quando ele caiu, a neve a pegou. Juntos, eles jaziam no frio, olhando o céu cristalino e as estrelas infinitas. —Ela poderia estar em qualquer lugar. — Cada estrela zombava dela, como se fosse um lugar para se esconder.

—Eu sei —, ele sussurrou. —Eu sei.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Lucia

Armaros havia encontrado um lugar para eles e combinava com o humor de Lucia. Escuro, sombrio, invernal.

—Onde estamos? — Ela perguntou, ouvindo o vento uivar e bater as persianas nas portas da cabana.

—Cornualha. — Armaros murmurou, limpando mais o sangue que cobria seus braços e peito.

O anjo a havia deixado com um mapa completo de ferimentos. Sua lâmina traçou as veias de Lucia, do pulso ao ombro, através da clavícula para parar entre os seios. Armaros a curou, uma experiência não desagradável de calor e seu foco total. Mas tinha sido clínico, e embora ela apreciasse o fato de ele ainda estar sem camisa, ela não podia dar a atenção que merecia. Não enquanto Delia estava desaparecida.

—Terminei. — Ele disse, de pé.

—Você não pode se curar? — Ela perguntou, olhando uma fatia particularmente desagradável ao longo de sua costela.

—Eu não preciso —, ele dispensou, afastando-se. —Essas feridas são irrelevantes.

Um lampejo branco do canto do olho a fez girar e agarrar a camisa que ele jogara em seu caminho. Ela enfiou os braços nas mangas e se levantou, abotoando-a enquanto examinava o novo refúgio.

Uma cabana aconchegante, era composta por uma grande sala com área de estar, sala de jantar e cozinha, e um pequeno quarto com banheiro ainda menor. Cruzado com vigas pesadas, o teto era baixo, tão baixo que Armaros teve que se abaixar ao passar da sala para afundar. As paredes eram de pedra, preto e cinza, e o chão, de pedra do campo. Enquanto o lugar estava definitivamente escuro, não era deprimente. Parecia aconchegante e seguro, e com o vento uivando lá fora, literalmente uivando, Lucia estava perfeitamente confortável.

Exceto por esse terror persistente por Delia.

E os sentimentos crescentes dela por Armaros, que continuava a fazer a melhor impressão do Sr. Darcy com seu desprezo e desprezo. *Ohhh, um pouco conhecido Austen, Scorn e Sneerability.* —Ha! — Ela riu de si mesma e ouviu um bufo de escárnio.

—Não há nada engraçado sobre a nossa situação, Lucia.

Imediatamente, todo o senso de humor a deixou e ela assentiu, concordando silenciosamente. Ela riria depois de encontrar Delia.

—Você está pronto? — Ela perguntou, de pé. Um cobertor de lã pendia sobre uma das cadeiras e ela o colocou sobre os ombros, colocando-o nos cotovelos.

—Sim. — Seus dedos arrancaram suas mechas loiras do rosto. Ele estava tenso. Na verdade, ele estava tenso na França. Seus movimentos eram tão controlados, tão cuidadosos, mas parecia que ele ia se despedaçar com um empurrão muito áspero. Ele estava tão aterrorizado quanto ela.

Estendendo a mão para ele, ela aproveitou por um momento o toque da pele dele contra a dela. Os dedos dele eram fortes e o polegar esfregou um pequeno círculo na mão dela. Uma rajada de vento bateu no chalé, enviando uma rajada de ar pela chaminé e abanando as chamas na lareira. Por um

momento, sombras brincaram no rosto branco de Armaros, pequenas figuras humanas cujos braços levantaram no ar quando a escuridão caiu sobre eles, silenciando suas formas.

Seu corpo estremeceu, distraindo-a da imagem, quando o puxão revelador começou em seu peito, atrapalhando o salto. Como antes, porém, quando ele tentou levá-los de volta ao mosteiro, algo os bloqueou. Algo cortou a corda que ele jogou no cosmos até que ela recuou neles, mantendo-os firmemente no lugar.

—O que aconteceu? — Lucia perguntou uma vez que tinha certeza de que poderia falar novamente.

Ignorando sua pergunta, Armaros deixou cair a mão. —Porra. — A palavra era um sussurro. —Porra. Porra. Porra.

—Você poderia senti-la? Você estava nos levando até ela?

Ele agarrou a lareira, balançando a cabeça lentamente de um lado para o outro. —Por um momento, eu a tive e depois...

—Tente sem mim —, disse Lucia. —Talvez seja eu. Vá buscá-la e traga-a de volta.

—Talvez. — Seus ombros largos flexionavam e se esticavam sob a camisa. —Sim.

Fechando os olhos, ele se concentrou em algo. Dentro da sala, houve um zumbido, como poder jorrando. O chão tremeu e ela tropeçou, agarrando uma cadeira para não cair. Atingiu um pico, vibrando por todo o chalé, mas não houve liberação. E Armaros ficou no lugar.

—Algo está me parando. — Ele sussurrou em descrença.

—Você não tem ideia de onde ela está? — *De jeito nenhum.* —Leve-nos para a cidade, ou a cidade onde ela está. Nós vamos descobrir quando chegarmos lá, se for muito difícil nos pousar bem perto dela.

Seus olhos se abriram, brilhando para ela, brilhando na escuridão como um animal selvagem preso nos faróis. —Algo, — ele disse entre dentes, —está me impedindo de senti-la completamente. Eu usei o máximo de poder possível e não consigo encontrá-la.

Com o estômago retorcido, Lucia caiu em uma cadeira próxima. —Você não pode?

—Não. — Admitir uma falha não era claramente algo que ele queria fazer.

—Ok. — *Não entre em pânico.* —Ok. — Ainda havia alguém que poderia ajudá-los, alguém que a encontrou uma vez antes. —Eu tenho uma ideia. Acho que conheço alguém que pode nos ajudar.

—Quem você pode conhecer que tem mais habilidades do que eu? — Ótimo. Voltamos para o sarcástico.

Lucia lutou para não perder a paciência. —Não há habilidades maiores—, ela respondeu. —Diferente. Minha tia a encontrou antes. Contigo. E você pode, por favor, se aproximar um pouco, está me assustando com seus olhos de visão noturna.

—Oh. — Surpreso, ele avançou, e ela imediatamente se encheu de culpa. Seu cabelo, perfeito mesmo depois de uma batalha com um anjo guerreiro, estava despenteado por passar constantemente as mãos por ele, e sua boca estava tensa, lábios desenhados em uma linha branca. As duas eram bagunças preocupadas e, por todo o mundo, lembraram-lhe seus próprios pais quando ela chegou no toque de recolher.

—Olhe para nós —, ela sussurrou sem pensar. —Nós somos pais.

Suas palavras o pegaram desprevenido e ele tropeçou para trás como se ela o tivesse batido fisicamente, mas ele não discutiu. Ele olhou para ela, os

olhos estudando seu rosto antes que ele tivesse que desviar o olhar. —Ela é minha família.

Sem pensar muito, Lucia foi até ele. Colocando o rosto em uma mão, ela esperou que ele encontrasse seu olhar. —Nós vamos descobrir isso juntos. — Parte dela se deleitava com o toque, a sensação de sua pele sob a mão dela, e a outra parte dela esperava que ele não a ferisse por ter tomado a liberdade.

—Sim. — Ele sussurrou antes de passar as costas dos dedos pela bochecha dela.

O toque dele aqueceu a pele dela. Ele sempre foi tão gelado, que sabia que poderia aquecê-la tão rapidamente. Querendo mais, ela se aproximou, sua mão livre alcançando seu peito. Ele inclinou a cabeça na mão dela, fechando os olhos e ela respirou fundo.

Seus olhos se abriram com o som, olhando para ela.

—Deus, você é alto. — Ela sussurrou sem pensar.

O sorriso dele foi imediato, e então ela parou de pensar porque ele a beijou. Era como se, uma vez que ele tomasse a decisão, ele se comprometesse totalmente com sua execução.

Lucia não praticava muito com beijos. Como namorar, não era algo que ela gostava de fazer, a menos que tivesse muita, muita certeza sobre o cara. Sim, isso a fazia antiquada, mas ela sempre se decidia sobre as coisas. Sua mãe nunca teve que se preocupar com a pressão dos colegas.

Sob o ataque de seu beijo, porém, havia apenas ele. Não importava quantos caras ela beijou, havia apenas Armaros, e em seu coração, como Delia sugeria, só o haveria.

Enrolando os braços em volta do corpo dela, ele a levantou. Mais alto, ele tinha melhor acesso à boca dela. Ela queria prová-lo mais do que ela jamais desejou alguma coisa. Sua boca estava quente e seus lábios tão firmes,

pressionando e soltando os dela. Ela adorou. A língua dele escapava dos lábios dele, provocando-a, e quando ela tentava responder, ele recuava.

Rosnando, ela alcançou a cabeça dele, segurando os dois lados antes de lamber seus lábios. A reviravolta foi um jogo limpo, afinal. Quando ele tentou retribuir, ela se afastou, beijando os lados da boca dele, sugando o lábio inferior gordo em sua boca para morder com força antes de lavá-lo suavemente.

—Lucia. — Ele avisou antes de gemer quando ela curvou a língua, traçando a caverna de sua boca.

—Sim. — Ela respirou, afastando-se um pouco.

Foi a sua vez de rosnar, e ele a puxou para frente, apertando os braços. — Lucia.

A língua dela provocou o céu da boca dele, logo atrás dos dentes, e ele perdeu o controle. Havia uma queda de ar, sua pele formigava como estática percorrendo seu corpo. A pele sob seus dedos esfriou, e o formato da boca que ela beijou mudou, os lábios ficando mais gordos e os dentes... mais nítidos?

Seus olhos se abriram em confusão, mas os olhos que a encaravam não eram do azul que ela esperava, mas do preto. E o rosto familiar de Armaros, esculpido e adorável, desapareceu, deixando em seu lugar traços de alguma forma iguais, mas ampliados. Cada ângulo era mais duro, os ossos maiores.

Eles continuaram se abraçando, e o choque que ela sabia estar em seu rosto refletia o de Armaros. Num instante, ele a colocou no chão, girando para longe, suas asas negras se curvando em torno de sua forma, como se quisesse se esconder. Seu choque se dissolveu e sua irritação aumentou. *Acho que não. Você não pode fugir de mim.*

O corpo dele, quando ela o tocou, era frio e duro, mas não diferente da pele dele. Ele inclinou a cabeça e, mesmo quando ela tentou forçá-lo a encará-

la, ele permaneceu firmemente plantado. Quando ela caminhou na frente dele para chamar sua atenção, ele se encolheu, girando para longe, e ela suspirou.

—Armaros. — Sua cabeça latejava, exausta e meio que acelerada, resultando em uma estranha combinação de nervosismo apertando o estômago. —Por favor. Eu sei quem você é. — Quando ele ficou encolhido, ela tentou novamente: —Eu sei o *que* você é. Não sei por que você está assim agora, mas isso não me incomoda. Eu nem me importei em beijar você. Você ainda é você.

Lentamente, como a cabeça de uma flor, ele começou a se desenrolar, os ombros endireitados e as asas voltaram. —Você não sabe o que eu sou.

Impaciência construindo quanto mais ela ficou no chão duro, ela bufou. —Oh, eu sei o que você é.

—Você sabe? — De pé ainda mais reto, ele olhou para ela, olhos negros brilhando como raios de calor. De alguma forma, ele conseguiu crescer mais alto. As pessoas que a encaravam eram uma irritação para Lucia. Ao longo de sua vida, seu tamanho sempre trabalhou contra ela. Professores, rivais acadêmicos, muitos deles tentaram usar sua estatura para intimidá-la, elevando-se sobre ela.

Medindo a distância entre ela e a cadeira próxima, ela pulou, pousando em cima da almofada. Como ela esperava, Armaros estendeu um braço para segurá-la quando a cadeira balançou sob seu peso. Com o aumento, ela estava quase cara a cara com ele. —Eu sei. Você não me assusta. Você é um anjo caído, mas também é um tio recém-cunhado que quase se aleijou lutando para manter sua sobrinha segura.

Enquanto ele continuava olhando para ela, algo suavizou seu rosto, a confusão silenciando sua raiva anterior.

—Vê? — Ela se gabou. —Você sabe que estou certa.

Os olhos dele brilharam ainda mais. Um nascer do sol. Azul novamente na cara de seu monstro. Inclinando-se para a frente, ela beijou seus lábios negros, sentindo-os se moldarem aos dela. Sua respiração o deixou estremecido e então seus braços a envolveram, levantando-a e esmagando-a contra ele. Sem pensar duas vezes, ela passou as pernas em volta da cintura e os braços em volta dos ombros dele, notando o tecido desfiado que se agarrava ao corpo dele em alguns lugares.

—Oh, meu Deus, seus músculos rasgaram sua camisa —, ela se perguntou em voz alta. —Isso totalmente funciona para mim.

Ele riu, seu peito retumbando e enviando formigamentos deliciosos através de seu corpo. Lucia podia sentir a mudança sobre ele. Sua cintura encolheu e a sala iluminou-se quando suas asas recuaram e as chamas do fogo foram sombreadas.

Os lábios dele a deixaram, movendo-se suavemente. —Como você faz isso?

Ainda não pronta para o beijo parar, ela deu-lhe uma pequena pressão prolongada. —Faço isso? Beijar?

—Não. — Sua língua escapou, lambendo seu lábio inferior. De repente, ele congelou e Lucia se afastou, esperando. As mãos, que há um momento acariciavam seus ombros e pescoço, segurando-a perto, caíam até a cintura, afastando-a dele. —Eu sinto muito. Eu não posso fazer isso.

—Armaros. — Essa era a voz dela? Essa coisa chorona, precisando? Ela tentou de novo. —Armaros, do que diabos você está falando? Você deixou duas grandes declarações penduradas. Ajude uma garota.

—Você me faz sentir as coisas —, ele respondeu depois de uma pausa tão longa, que ela pensou que ele tinha decidido não falar. —Coisas que não quero

sentir. Eu não deveria sentir. Precisamos focar em Delia. Encontrá-la e seguir em frente com nossas vidas.

—Como assim, seguir em frente com nossas vidas? — Suas pernas caíram na cadeira e ela se sentou, ficando cara a cara até que ele deu um passo para trás e sentou-se em um apoio para os pés. —Minha vida é com Delia.

—Não é —, ele rosnou. —Não pode ser. Olhe para nós, Lucia, e depois olhe para si mesma.

—Eu não entendo.

—Não seja estúpida —, disse ele estridente. —Eu sei que você não é. Delia e eu somos de uma maneira, e você é de outra.

—Eu não me importo com a sua aparência. — Ela respondeu.

—É mais do que isso. Delia tem impulsos, alguém como você não pode entender. O que você acha que ela está fazendo quando está com fome, hein? Ela está consumindo sua energia, sim, mas é mais do que isso. É a sua essência.

—Bem, ele reabastece, então qual é o problema? — Ela zombou. Ele estava sendo deliberadamente obstinado.

—Reabastece? — Seu rosto ficou sombrio, um truque de luz e sombras e não um sinal de perda de controle. —Reabastece? — Levantando-se rapidamente, ele chutou o banquinho no chão, onde atingiu a parede e quebrou. —Você não é uma xícara de café! Um dia ela pode tirar demais! Ela vai querer. Vai ficar mais difícil resistir.

Compreensão a tomou. —Como é para você?

Um borrão de movimento e ele estava na frente dela, segurando seus braços com força. —Sim, como é para mim! Você não tem ideia de que tipo de poder eu poderia tomar de você. Eu posso sentir tudo o que você está sentindo,

eu posso provar. Seu desejo, sua gentileza, sua preocupação por Delia e por mim. Isso me tenta mais do que tudo que já experimentei.

—O que você faria com isso? — Ela perguntou, observando-o de perto. Os olhos dela encontraram o olhar estreitado dele.

—Eu adoraria. Manteria dentro de mim para ficar mais forte. Eu usaria contra meus inimigos ou qualquer outra pessoa que me desagradasse.

—Parece assustador.

Ele deu uma pequena sacudida. —Não é brincadeira, Lucia! Se você apela para mim, como você acha que iria apelar para...

—Você não?

Soltando as mãos, ele se afastou e passou os dedos pelos cabelos. —Você é impossível.

—Eu sinto muito. — Arriscando, ela passou os braços em volta da cintura dele e encostou a bochecha contra as costas nuas dele. —Mas eu não sinto muito. Eu gosto de você, Armaros, e acho que você também gosta de mim. Não há nada de errado nisso. — Suas costelas se expandiram quando ele respirou fundo, mas ela continuou a segurá-lo. —Armaros, vamos descobrir essas coisas. Mas você estava certo sobre uma coisa.

—Apenas uma?

—Você fez outra piada, oh sério? — A grande extensão de perfeição musculosa era muito tentadora e ela apertou os lábios contra as costas dele antes de deixar cair as mãos e se afastar. —Precisamos encontrar Delia e não nos divertir como adolescentes.

Ele se virou e assentiu. Pelo menos, ele concordou com ela no momento.

Ela trabalharia com ele para ver seu lado.

CAPÍTULO DEZESSETE

Armaros

Com Lucia, Armaros começou a entender que ela lhe dizia uma coisa e queria dizer outra. O olhar que ela lançou por cima do ombro depois que eles se beijaram e concordaram que seu foco deveria estar em Delia, falava mais em continuar beijando do que em procurar.

Mas então, ela começou a lançar local após local, exigindo que ele fizesse *poof* e checasse-os.

Nos últimos trinta minutos, ele entrou e saiu de uma sorveteria no centro da Flórida (fechada), de volta à sua cobertura (vazia e destruída), ao beco perto de sua casa, à universidade onde ela trabalhava e estudava, e a Capela Sistina. Ele teve mais sucesso em alguns lugares do que em outros.

Foi a primeira vez para ele, tentando fazer uma transição para a Capela Sistina, e isso não aconteceu. Ele foi devolvido na Cornualha, surpreendendo Lucia que, após os dois primeiros lampejos e subsequente náusea, disse que ele poderia voltar atrás por ela quando Delia aparecesse. Aparentemente, "fazer *poof*" a fez "vomitar". Não era uma experiência que ele quis revisitar.

Agora, Lucia estudava um atlas mantido na estante de livros na cabana. Claramente, eles haviam se mudado de lugares onde Delia poderia estar, para lugares que ela poderia achar interessantes, para o que, na opinião de Armaros, eram chutes de longe.

Entre as sugestões de Lucia, Armaros foi a lugares que ele e sua irmã costumavam frequentar. Havia uma pequena possibilidade de ela ter levado Delia para lá, como havia feito ao levá-la ao mosteiro. Valia a pena tentar.

—E se os anjos a levaram? E se for por isso que você não pode senti-la? — Lucia jogou o atlas no chão, onde caiu com um tapa. —Existe alguma maneira de entrar no céu? Perguntar a alguém?

Ele olhou para ela. —Certamente, você não está falando sério.

—Muito sério, meu amigo —, ela bufou, cruzando os braços. —Não existe, eu não sei, um primo ou alguém que possa nos ajudar?

—Não. — Era melhor que ela entendesse que não havia nenhuma maneira, nenhuma maneira possível, que alguém que não tivesse caído o ajudaria.

—Então, sem anjos, mas e Deus?

—Não.

—Delia é parte humana, parece-me que Deus se interessaria por isso. A menos que...— O rosto dela perdeu a cor e ela não encontrou os olhos dele.

—O que? A menos que o que? Por que você parece assim?

—Existe um Deus, certo? — Ela perguntou, e ele revirou os olhos.

—Você é uma estudante de doutorado em história. Ou assim você afirma. Você está me dizendo na leitura sobre o que os humanos fizeram entre si, esta é a primeira vez que você pensa sobre esta questão?

—Você está me provocando?

—Um pouco —, ele respondeu, sorrindo. —Sim.

Em resposta, ela retribuiu o sorriso dele, mas foi desligado. Não um sorriso completo de Lucia. Foi então que ele percebeu o quanto ela devia estar cansada. Círculos escuros sombreavam seus olhos, e sua boca estava, mesmo

curvada para cima, pálida e apertada. Seus braços cruzaram e ela puxou os joelhos contra o peito, apoiando a cabeça.

—Você precisa descansar.

Imediatamente, ela olhou para ele. —Eu não posso. Precisamos encontrá-la primeiro. — A mão dela, enquanto se movia para prender o cabelo atrás da orelha, tremia.

—Chega. — Ele disse baixinho e rapidamente a levantou em seus braços, segurando-a contra seu peito e a levou para o quarto.

—Deixe-me ir. — Ela ordenou, porém, sua voz não tinha o calor habitual.

Ele a deixou cair na cama e agarrou o pé dela, mas ela o puxou de volta. —Não estou dormindo.

—Você é inútil assim. Reinicie seu cérebro. Algumas horas. Dê a si mesma algumas horas.

Empurrando as palmas das mãos contra os olhos, ela balançou a cabeça novamente. —Receio que ela esteja muito longe. Ou machucada. — Lucia sussurrou.

Suas palavras fizeram suas costas formigarem, as asas querendo se soltar, mas ele as empurrou para trás, recusando-se a perder o controle novamente. — Vou continuar procurando.

—Você irá? — Removendo as mãos do rosto, ela olhou esperançosa para ele. —Você não está cansado?

—Eu não durmo. — Nunca dormia.

O sorriso que ela deu a ele desta vez foi mais familiar e genuíno. — Obrigada, Armaros. — Ajoelhando-se, ela pegou a mão dele e o puxou para frente. Ela não lhe deu a chance de resistir, mas ficou de pé na cama e beijou sua bochecha antes de cair de volta no colchão. —Você vai me acordar em algumas horas?

—Sim —, ele respondeu, resistindo à vontade de tocar seu rosto onde seus lábios estavam. Como uma marca, ele podia sentir seu calor. —Eu prometo. — Uma colcha pesada estava dobrada no final da cama. Ele a sacudiu e colocou sobre o corpo dela.

Movendo-se para o lado, ela pegou um travesseiro e o enfiou embaixo da cabeça. —Obrigada. — Ela disse novamente.

Olhando para ela, seus olhos quase negros na penumbra, ele não se permitiu pensar. Abruptamente, ele a beijou em seus cachos e saiu do quarto. Tudo nela o tentava. Se ele queria encontrar Delia, ele precisava se concentrar.

CAPÍTULO DEZOITO

Lucia

O anjo de olhos mortos mantinha Lucia imóvel, cortando seu corpo com a adaga. Banhada no fogo, ela assistia o lampejo prateado deixando um rastro de sangue vermelho jorrando em seu rastro. Por mais que ela quisesse se debater, para escapar do aperto de mão de aço, ela não podia fazer nada.

Saber que era um sonho e escapar do sonho eram duas coisas distintas. Embora sua mente gritasse que isso era uma lembrança e ela estivesse em segurança, Lucia ainda podia sentir a queimadura de ser cortada.

Num instante, o anjo se foi e Lucia se viu em um campo coberto de neve. Os flocos caíam grossos, pegando seus cílios e desfocando sua visão. Ela pensou que estava perto do mosteiro. O campo levava a campos mais áridos e cobertos, antes de desaparecer abruptamente, como se o mundo fosse plano e logo depois das colinas não havia nada.

O frio não a tocou, porém, ela podia ver sua respiração ofegar na frente do rosto. Seus pés estavam descalços e as feridas infligidas momentos antes, desapareceram. Girando, ela começou a correr na direção que pensava encontrar o mosteiro. Mas, como muitos de seus outros sonhos, quanto mais rápido ela precisava se mover, mais difícil era levantar os pés. Logo, ela estava de joelhos e mãos no chão, dedos arranhando a neve, arrastando o corpo para trás.

À sua frente, havia um lampejo amarelo, como um relâmpago ou uma explosão solar. Era tão brilhante e tão repentino que manchas dançavam na frente de seus olhos, deixando buracos em sua visão.

—Lucia! — A voz alta de Delia chegou até ela antes que uma rajada de vento a levasse.

Ela tentou responder, mas como seu corpo, sua voz era inútil.

—Não me procure. — A garota estava ali, mas as manchas obscureciam tudo e o corpo de Delia era um contorno nebuloso de casaco vermelho e cabelo loiro. —Eu estou bem, Lucia. Pare de procurar. Diga ao meu tio. Vocês precisam cuidar um do outro agora.

Porque ela não podia argumentar, ela balançou a cabeça. *Não. Você me escolheu para mantê-la segura. Vou te encontrar.*

—Estou segura —, respondeu Delia. —Mas ele não. Eu escolhi vocês dois. Vou encontrar de novo se precisar de vocês.

Com essas palavras, os olhos de Lucia se abriram. —Merda. — Ela murmurou, esfregando os olhos. A chuva batia nas janelas da pequena cabana e, quando ela afastou as cobertas e espiou para fora, não viu nada além de manchas cinzas e amarelas. O chão de pedra estava frio sob seus pés, então ela pulou de volta para a cama, curvando as pernas e aconchegando-se sob o cobertor novamente.

Ela suspeitava que seu sonho fosse uma mensagem de Delia, e precisava contar a Armaros sobre isso. Tremendo, ela puxou o cobertor para mais perto de seu corpo. Ela acreditou em Delia quando disse que estava segura, mas não era suficiente.

No curto espaço de tempo desde que encontrara Delia, ou sendo encontrada por ela, a garota havia feito seu caminho ao redor de seu coração. Lucia entendeu repentinamente o que sua mãe e tia sofreram quando

ela não ligou por semanas a fio, ou se interessou em assinar um estágio em Budapeste ou Fez. Elas sabiam que ela era perfeitamente capaz de cuidar de si mesma, mas o mundo era desconhecido e havia perigo em todo lugar.

E elas só sabiam dos perigos terrestres! Bem, talvez sua tia soubesse que havia outros, mas sua mãe estava muito mais preocupada com ela pegar um resfriado do que ser ferida por um anjo vingador.

Refletindo sobre seu curto período de parentalidade, Lucia reconheceu que tinha sido um fracasso sombrio. Como no mundo Delia a escolheu como uma pessoa segura? Armaros, ela podia entender. Lembrar como ele manifestou um escudo e uma espada e lutou contra Jeheol fez seu coração palpitar. Deus, ele tinha sido lindo. E por mais durona que ela pensasse que fosse, no momento em que ele apareceu e a resgatou, ela poderia ter desmaiado.

Desmaio literal. Lenço vitoriano na testa como esse tipo de desmaio.

Empurrando o rosto no travesseiro, Lucia gemeu. Ela passou bastante tempo deitada lá. Ela precisava fazer alguma coisa. Talvez nas horas em que dormia, Armaros tivesse elaborado um plano ou tivesse alguma ideia de onde Delia havia ido.

A colcha pesada estava quente em seu corpo, então ela a envolveu em volta dos ombros, arrastando-a enquanto saía do quarto em busca de Armaros. A sala principal, no entanto, estava vazia.

No balcão da cozinha, havia um pedaço grosso de pão junto com maçãs. Por alguma razão, as maçãs azedaram seu estômago e ela procurou nas gavetas uma faca para cortar o pão. Com uma rápida pesquisa nos armários não encontrou uma torradeira, então comeu assim. Não estava velho, mas estava próximo. Esperando que ela não arrancasse um dente, ela o segurou entre os dentes de trás e arrancou uma mordida.

—O que você está comendo?

Lucia pulou, deixando cair o pão no chão. Rosnando, ela se inclinou para pegá-lo. —Estou comendo o pão que você me deixou no balcão. — Ela jogou no lixo. —Duh.

—É velho e há mofo no fundo.

Estômago se rebelando, ela se virou para ele e engoliu em seco quando o viu. Seu cabelo estava grudado, molhado, contra a testa, pingando gotas de água nos ouvidos, no pescoço e na camisa. *Santo inferno.* Estava saturado, mostrando a pele rosada e os mamilos pedregosos embaixo. —Bem. Não vi o mofo. —, ela sussurrou quando pôde respirar novamente. —Hum, por que você está molhado?

Ele ergueu uma sobrancelha, olhando fixamente para a janela e depois de volta para ela.

—O que eu quero dizer —, ela esclareceu. —Por que você não fez *poof*?

Desabotoando a camisa, ele a tirou dos ombros e dos braços. Todo pensamento racional a deixou. Tudo o que ela podia ver eram peitorais e abdominais, e uma cintura de Adonis que realmente fez sua boca se encher de saliva. *Eu quero traçar as linhas com a minha língua.* Má.

—Eu fiz *poof,* como você chama tão eloquentemente, mas não pude *poof* dentro da padaria. Eu tive que sair pela porta depois que comprei algo e depois voltar aqui. — Ele se afastou dela e agora ela podia ver suas costas.

Um gemido saiu de sua garganta e ela cobriu os olhos. —Coloque uma camisa, por favor?

—Qual o problema com você? — Houve um farfalhar e, em seguida, dedos frios puxaram a mão de seu rosto.

Os olhos dela caíram para o pacote nos braços dele e o cheiro de pão fresco a assaltou. —Ohhh! Me dê!

Com um sorriso, ele entregou o pacote. Dentro havia pão, manteiga e geléia.

—Quer um pouco? — Ela perguntou, puxando um prato para fora do armário.

—Não —, ele respondeu calmamente. —É para você.

Ela recheou o pão com a manteiga e geléia e deu uma mordida, gemendo. —Tão bom. — Abrindo os olhos, ela o pegou observando-a com uma expressão estranha.

—Eu não sei se estou feliz por ter distraído você com pão, ou com ciúmes que isso tirou sua atenção de mim. — Ele meditou.

O pão ficou preso na garganta e ela o forçou a descer. —Hã?

Pegando a mão dela, ele pegou o pão e o colocou cuidadosamente no balcão. O polegar dele tocou o lábio dela, capturando um pouco de geléia, que ele levou até a boca. Ele segurou o polegar lá por um momento, lábios rosados ao redor do dedo antes de soltá-lo. —Está delicioso.

Ontem à noite, ele era todo *precisamos focar em Delia,* e agora ele era uma fantasia viva e respiratória. Uma ideia perversa ocorreu a ela, e ela mergulhou os dedos na geléia. Prendendo-o com seu olhar, ela os levou à boca, sugando a doçura. —Você está certo. — Sua voz saiu rouca e baixa, e completamente diferente do que ela normalmente soava.

Ela pegou outro montão e levou-o à boca. Antes que pudesse alcançar seus lábios, porém, ele a deteve. —Meu. — Ele rosnou, seus olhos nela o tempo todo.

Sua boca estava quente, e ele chupou fortemente seus dedos, a língua se curvando nas pontas para pegar tudo.

—Você sabe —, ela sussurrou. Em resposta, ele chupou novamente, as bochechas esvaziando. —Isso não está ajudando com aquele, *não podemos fazer isso.*

Ele puxou os dedos da boca com um estalo e beijou os nós dos dedos. — O que eu digo e o que sinto estão em guerra ao seu redor, Lucia. — Os olhos dele caíram sobre os lábios dela e ela os molhou nervosamente com a língua.

O vento do lado de fora da casa continuava a uivar e a chuva respingava nas janelas. Dentro, tudo estava confortável e quente. Parada perto de Armaros, Lucia sentia-se protegida. Ele ficou entre ela e qualquer coisa que a prejudicasse. Pelo menos por enquanto.

Erguendo a mão, ela afastou os cabelos de seu rosto, expondo a testa alta e branca. Ela deixou a palma da mão no rosto dele. —Beije-me novamente?

CAPÍTULO DEZENOVE

Armaros

Não importava o quão ruim era essa ideia, Armaros tinha que beijar Lucia. Entrar para vê-la fazendo uma careta enquanto tentava comer o pão velho tinha sido sua ruína. Ela era tão real, sem subterfúgios.

E ele apreciou a apreciação honesta em seu olhar quando tirou a camisa. Ele admitiria ficar mais tempo na chuva do que o necessário, apenas para se refrescar antes de voltar para a cabana. Mas os olhos dela, o calor neles quando pairavam sobre o corpo dele permanecendo em seu peito, era demais.

O que ele não gostou foi o jeito que ela poderia dispensá-lo por comida. Ele se viu querendo a atenção dela novamente.

E ela deu a ele.

—Beije-me novamente? — Ela perguntou.

Mas se o fizesse, sabia que não seria capaz de parar. Ele a colocaria na cama como um banquete para ele, antes que ela pudesse respirar novamente.

Depois, o que aconteceria? Ele nunca se deixou expor como fez com Lucia. Mesmo quando ele estava tentando se esconder dela, ela não deixava. Se eles estivessem tão próximos quanto ele queria, ela veria quem ele realmente era.

Então uma das duas coisas aconteceria. Primeiro, ela correria gritando pelas colinas quando percebesse como a alma dele era realmente sombria. Ou dois: ela não faria isso. Eles estariam ligados de uma maneira que ele nunca havia se conectado a ninguém e então ele seria fraco. Ela o faria fraco.

Todo o poder que ele ganhou não seria nada em face do poder que ela teria sobre ele. Ele queria isso. Deus, como ele queria. Ele se permitiu imaginar, enquanto ela o encarava, todo seu desejo evidente em seu rosto, como seria ser feliz com ela.

Era fácil. Eles estariam juntos, encontrariam Delia e seriam uma família.

Mas, eventualmente, ela envelheceria e morreria e o deixaria. Ou seus inimigos, aqueles de cima e de baixo, a usariam contra ele.

Eles poderiam fazer isso. Agora, ele percebeu, se alguém aparecesse e a ameaçasse, daria qualquer coisa, faria qualquer acordo, para mantê-la segura.

Não havia fim para ele. A vida dela terminaria, mas ele continuaria indefinidamente. Ele acumulou enormes quantidades de poder, o suficiente para rivalizar com o próprio diabo, mas daria tudo para Lucia.

Suas asas picavam contra a pele, formigando de uma maneira que mostrava que ele estava perto de perder o controle. Milênios passaram com perfeita contenção, e menos de uma semana na presença dela e ele caiu novamente.

Ficar sem ela, no entanto...

Lúcifer estava certo. Ele estava mais perto de sua forma decaída do que jamais esteve antes. Não a forma demoníaca. Não as asas, as presas e as garras.

Não. Ele estava a um fio de distância de ser um mal primordial, sedento de poder, que agarra a alma e que ama tortura.

Por que diabos ele achava que merecia Lucia?

Porque você merece. Uma voz ecoou em sua mente, chocando-o e fazendo-o girar. —Delia?

Eu vi você e ela e sabia que vocês deveriam ficar juntos. Ela é para você.

Com suas palavras, Lucia se assustou, seguindo seu olhar enquanto examinava cada centímetro da cabana. —Ela está aqui?

Mantenha-se seguro, irmão. Mantenha minha filha segura. Vocês são feitos um para o outro. Todos vocês.

De joelhos fracos, ele caiu no chão. Lucia estava lá em um instante, empurrando seus ombros, tentando ver seu rosto. Cabeça inclinada, ele se ajoelhou. Lá dentro, seu coração batia forte e o estômago apertou. Era a voz de sua irmã. Ele nunca tinha tido tanta certeza de nada em sua vida.

—Armaros? — Levantando a voz para um tom estridente, ela continuou a cutucá-lo. —Olhe para mim. O que há de errado? O que aconteceu?

Lentamente, ele encontrou o olhar dela. Olhos azuis procuraram os dele e seus dedos tremeram contra a pele dele. —Armaros, você está me assustando. O que aconteceu com Delia?

—Não era ela.

Balançando sobre os calcanhares, a cabeça inclinada para o lado. —Então o que? Quem?

Ele estudou o rosto dela. Seu rosto bonito e confuso com a pequena mancha de geléia no queixo e ele a beijou. Esse beijo foi diferente do primeiro. Não o pegou de surpresa.

Ele a reivindicou com seu beijo. Seus lábios se fixaram nos dela, puxando e puxando, mordendo e depois acalmando a dor com a língua.

Lucia atendeu a sua reivindicação e fez a sua. Ele deveria saber que ela daria tão bem quanto conseguia. Os dedos dela passaram pelos cabelos dele, mantendo a cabeça abaixada para que ela pudesse alcançá-lo. Mudando, ela se colocou no colo dele, abrindo as pernas e ancorando os pés no chão para balançar contra ele.

Não era o suficiente. A camisa dela raspava contra o peito dele, mas ele queria sentir a pele dela na dele. Calor à sua frieza. Seus dedos arranharam e

ele rasgou uma borda, usando as duas mãos para arrancá-lo do corpo dela e jogá-la no chão. Em seguida, foi o sutiã e, finalmente, ele pôde senti-la.

Ela era tão gostosa quanto ele sabia que ela seria. Sua boca ainda tinha gosto de morangos, e ele varreu a língua para dentro, circulando-a e enrolando-a, saboreando cada sabor.

Seu peito vibrou com seu gemido e ele estremeceu, sentindo seus mamilos se arrepiarem contra os dele. Ele se mexeu, depois a abaixou no grosso tapete de tecido no chão para poder encará-la. A princípio, as mãos dela agarraram as dele, segurando o corpo dele para puxá-lo de volta, mas quando ela encontrou os olhos dele, ela fez uma pausa.

Apertando o botão na calça dela, ele começou a falar: —Isso significa algo para mim, Lucia.

As mãos dela cobriram as dele, alisando os braços e raspando os pelos ásperos nos braços dele. —Significa para mim também.

—Eu não sei o que vai acontecer. — Ele olhou para as mãos deles, virando a palma da mão para entrelaçar os dedos.

—Eu não estou com medo. — O queixo dela se ergueu, assumindo a postura teimosa que ele estava começando a amar e temer.

—Eu acho que tenho medo o suficiente por nós dois. — Ele sussurrou, olhando para longe e depois de volta para ela.

As mãos dela foram para os ombros dele, puxando-o para ela. Ela não o beijou, mas deitou a cabeça em seu peito e acariciou suas costas. —Somos mais fortes juntos, Armaros. Tudo vai dar certo. Confie em mim.

Ele confiava. Ele confiava nela. Pela primeira vez desde que ele e sua irmã caíram, ele confiava em algo maior que ele e sabia que isso não o decepcionaria.

CAPÍTULO VINTE

Lucia

Pele. Mãos. Músculos. Armaros.

Nada disso importava se não fosse com Armaros. Lucia nunca havia se sentido tão viva antes, tão pronta para qualquer coisa.

Sob as pontas dos dedos, o poder de Armaros zumbia. Ela se perguntou se ele sabia que ela podia sentir, ou que isso acontecia. Sua pele estava fria, o que tornava o zumbido e o formigamento ainda mais agradáveis. Era como quando ela patinava no gelo quando menina e seus pés congelavam. Enquanto se aqueciam, formigavam com o calor, o sangue correndo por suas veias. Houve momentos em que ela gritou de dor e outros em que riu, as terminações nervosas respondendo à sensação como cócegas em vez de machucados.

Ela não conseguia parar de se mover. Como um gato, ela se esfregava contra ele, querendo que cada pedaço de pele exposto tocasse o dele. As pernas dela envolveram a cintura dele, as mãos deslizando pelas costas dele, acima da calça, segurando seu traseiro firme nas mãos dela.

Porra, era difícil. Ela apertou cada bochecha, espantada por não haver recompensa. Em nome da ciência e da confiabilidade de teste e reteste, ela apertou mais uma vez.

Armaros arrancou a boca da dela. —O que diabos você está fazendo?

O rosto dela ficou quente, e ela escondeu o rosto no pescoço dele. Ele cheirava bem lá, então ela lambeu o comprimento do pescoço dele até o lóbulo

da orelha. Sugando-o suavemente em sua boca, ela mordiscou a pele macia e sussurrou: —Você deve se exercitar. Sua bunda é como... —sem pensar, ela apertou novamente, procurando pela descrição certa. — mármore ou algo assim.

—Você é tão estranha —, disse ele, e depois ofegou quando a língua dela traçou a concha de sua orelha. —Mas eu gosto.

—Você gosta disso? — Mordiscando seu pescoço, ela foi até o queixo. Sua pele era áspera, o começo da barba por fazer crescendo sobre o rosto. Sua língua escapou e ela lambeu uma linha na garganta dele. —Você tem um gosto bom.

Ele a deteve. Uma mão alcançou as costas para remover uma mão e depois a outra. Erguendo-as acima da cabeça dela, ele as segurou fixas nas dele, dedos firmemente em volta do pulso dela.

A posição dela deixou o peito arqueado e, pelo olhar no rosto de Armaros, ele apreciava a vista.

Ela estava feliz que seu corpo o agradava, porque de maneira alguma ela poderia competir com sua beleza. Seu trabalho muitas vezes a deixava pegando comida e correndo entre as aulas e a biblioteca. Raramente, ela trabalhava além de levantar pesados volumes históricos das prateleiras.

Mas a maneira como ele a observava... isso a infundia com confiança e orgulho. O que quer que ela fosse, funcionou para ele e seu corpo parecia ser a cereja no topo do bolo.

—Você é linda, Lucia —, ele sussurrou, confirmando suas suspeitas e fazendo-a prender a respiração. Ele abaixou a cabeça, nariz roçando sua mandíbula. Quando ele alcançou o queixo dela, ele levantou a cabeça, olhos azuis penetrando nos dela. —Estamos fazendo isso? — Ele estava inseguro, esperançoso, mas nervoso.

—Deus, espero que sim —, respondeu ela. —Eu pensei que a lambida seria suficiente para mostrar o quanto eu quero você. Aparentemente não. — Com isso, ela alcançou entre eles, passando a mão pela cintura de suas calças antes de mergulhar abaixo do cós. Os dedos dela tocaram a cabeça de sua ereção. Aqui, ele estava quente, queimando a palma da mão. Girando a mão, ela o rodeou, torcendo o pulso suavemente e pressionando para baixo.

Ele gemeu, empurrando seu toque. Um lento sorriso cresceu em seu rosto, fazendo seus olhos geralmente gelados brilharem intensamente. Com um sorriso, ele era mais jovem. Ainda desumanamente bonito, mas acessível. Seu sorriso mudou, ficando um pouco perverso. Um lampejo de preto apareceu em seus olhos antes que ele o controlasse. Dedos trêmulos rasgaram suas calças, arrancando-as completamente de seu corpo e surpreendendo-a o suficiente para que ela estremecesse, batendo as mãos no chão para não rolar para o lado. Ela riu alto, amando a maneira desesperada como ele rosnava e lutava com o material, arrancando-o e jogando-o sobre os ombros como se o ofendesse.

Sua figura ficou borrada nas bordas, ele se moveu tão rápido. Ele colocou as pernas dela sobre seus ombros antes que ela soubesse o que estava acontecendo, sua língua lambeu em um golpe longo e lento ao longo de sua fenda e sobre seu clitóris.

O que saiu de sua boca não era nada elegante ou articulado, mas era tudo o que ela podia formular. Uma série de vogais que soava mais parecida com um chiado de golfinho. Ele riu contra seu núcleo, provocando um tremor que começou em sua coluna e explodiu para fora. Talvez ela devesse ficar envergonhada com a rapidez com que respondeu à boca dele, mas os sons que ele fez eram tão deliciosos, tão quentes que ela não se importou.

Segurando a cabeça dele, ela o arrastou pelo corpo, fixando a boca na dele. As pernas dela foram ao redor da cintura dele novamente, pressionando-se contra o comprimento dele. Ele gemeu, avançando suavemente para encaixar a ponta na entrada dela. Ele empurrou, a cabeça grossa a violando. Seus músculos se expandiram e contraíram, mas ele se manteve firme.

Seu corpo era selvagem, ela precisava dele dentro dela. Todo o caminho para dentro. Para ontem. —Mova-se. — Ela exigiu e ele riu, mergulhando dentro.

Ele parou de rir assim que entrou nela. Então seu rosto ficou sério e seus olhos queimaram. O azul desapareceu completamente, escurecendo até que todos os brancos e azuis se foram e ficaram pretos como a noite.

Sua primeira retirada, o lento arrastar de pele contra pele, a fez arquear as costas e enrolar os braços e as pernas ao redor dele o mais firmemente possível. Ela se esqueceu dos olhos dele, tudo o que importava era como ele se parecia dentro dela, como ele soava enquanto se movia desesperadamente.

Sob as pontas dos dedos, a pele dele mudou, perdendo a temperatura fria, ficando cada vez mais quente quanto mais rápido ele se movia. O lugar estava cheia de arquejos e gemidos. Ele sussurrou em seu ouvido, palavras que ela lutou para entender. Coisas como, *bonita,* e *macia,* e *amor.* A última palavra foi sua ruína. Ela detonou sem aviso, apertando e tremendo.

A chama dela acendeu a dele. O chão frio não estava mais nas costas dela, e sua pele se transformou, suas magníficas asas irromperam por suas costas, batendo uma vez, e então elas se ergueram no ar quando ele entrou em erupção dentro dela. Isso a queimou, esquentando cada centímetro.

Os cabelos dela sopraram ao redor do rosto quando as asas dele acariciaram o ar, abaixando-as lentamente de volta ao chão. Deixando a cabeça

recuar, ela pegou o rosto dele nas mãos. No começo, ele tentou se afastar, mas eles estavam além disso agora. Eles não se esconderiam um do outro.

Seus olhos continuaram pretos, e seus ossos mais pronunciados, porém, ele segurou sua pele humana. —Deixe-me. — Ela sussurrou, pegando suas asas. Com os olhos fechados enquanto ela acariciava as bordas, esfregando em direção ao centro delas, ele gemeu baixo em sua garganta.

—Tão lindo. — Ela murmurou, espantada que uma criatura como ele pudesse existir e escolher alguém tão regular quanto ela.

—Sim. — Ele respondeu, abrindo os olhos e deixando-a sem dúvida, ele pensava o mesmo dela.

Eu amo você, ela pensou, explorando-o. Ela queria tocar os ossos em seu rosto, examinar os planos e sulcos de suas asas. Levaria uma eternidade para ela conseguir preenchê-lo.

CAPÍTULO VINTE E UM

Armaros

Armaros já esteve na presença do divino e ele não o comoveu como Lucia. Nada em sua existência o preparou para ela. Nenhum poder, nenhuma pressa, poderia tocar a sublime experiência que ele teve.

Isso o transformou. Era como se ele tivesse caído na Terra e depois voltado para o céu. De fato, se isso acontecesse, se o Criador o levasse de volta ao céu e lhe dissesse que tudo foi perdoado, ficaria pálido em comparação com Lucia.

Finalmente, ele entendeu o que sua irmã sentiu quando o deixou. Seria fácil abandonar tudo por Lucia. Se sua irmã amava o pai de Delia com o menor eco dos sentimentos crescentes que sentia pela garota em seus braços, ele entendia e perdoava sua escolha.

Movendo-se um pouco para encontrar uma posição mais confortável, ele começou a retirar as asas quando uma respiração curta o deteve.

—Ainda não. — Lucia murmurou, apertando o braço dele e sentando rapidamente. Ela se mexeu, montando nele, e depois se moveu atrás dele. — Eu quero vê-las.

Desajeitadamente, ele parou, sentando-se ereto. As asas dele tremeram em antecipação ao toque dela, mas não veio. Sua respiração fez cócegas neles e ela fez um som de espanto. Por um momento, ele pôde sentir o calor da mão dela, pairando sobre os apêndices, mas ainda assim... nada.

—Posso tocá-las? — As palavras caíram sobre suas costas e ele estremeceu.

—Por favor. — Ele estava morrendo por ela.

O primeiro contato de sua pele contra as asas dele as fez disparar, estendendo-se o mais longe que podiam. Sua resposta foi puramente instintiva, não tinha nada a ver com pensamento consciente. —Você está bem? — Se ele voltasse rápido demais, ele poderia machucá-la. Suas asas tinham a capacidade de ser macias e flexíveis, ou duras e afiadas. Na batalha, ele poderia cortar aço e pedra.

Quando a primeira pincela tentadora o tocou, elas brilharam para a vida. Talvez, inconscientemente, ele a precisasse. Como um pavão.

Ele tinha que ter mais cuidado. Os humanos eram frágeis, e Lucia, com seu tamanho pequeno e ossos minúsculos, podia ser esmagada por sua falta de consideração. Por um momento, ele viu o pior. Suas asas cortando a pele dela, olhos mortos fixos no céu, sangue se acumulando no chão.

Era demais e ele as retirou antes que ela pudesse arriscar a ação novamente.

—Armaros. — Ela respirou em decepção.

Ele se virou, pegando as mãos dela e levando-as aos lábios para beijá-la nos nós dos dedos. —É muito perigoso. Não posso arriscar.

O rosto dela estava confuso, as sobrancelhas juntas, os olhos estreitados. —O que você quer dizer?

—Minhas asas —, ele começou, soltando as mãos dela para segurar seu rosto. Seus olhos se fecharam e um rubor vermelho profundo subiu pelo pescoço até o rosto e as bochechas. Sob a pele dele, a dela aqueceu e o peito dela se levantou a cada respiração. Ele beijou a cavidade da garganta dela. — São armas, Lucia. Cada parte de mim é projetada para a batalha.

Balançando a cabeça, ela empurrou seus ombros até que ele se reclinou no chão. Ela jogou uma perna sobre o corpo dele, seu núcleo se alinhando ao seu comprimento rapidamente endurecido. —Não —, ela argumentou. Abaixando a cabeça, ela beijou seus lábios, pequenos beijos que ela não aprofundou. —Você me contou uma vez, quando perguntei sobre o céu e sobre seu propósito. E você não foi feito para a guerra.

Os lábios dela deixaram os dele, descendo pelo pescoço e pelo peito. Na cintura dele, a língua dela traçou as cavidades e os planos do estômago dele enquanto a mão o envolvia, bombeando-o com golpes longos e fortes.

—Hã? — Pela vida dele, ele não conseguia se lembrar do que ela estava falando.

Seu ritmo vacilou e ele olhou para ela. Ela sorriu para ele, partes iguais e inocentes antes de abaixar a cabeça e lambê-lo da base a ponta. —Você também foi projetado para adoração.

Ela o chupou na caverna quente da boca e ele empurrou para frente, gritando. —Adorar o Criador, Lucia. — Ele corrigiu.

—Eu prefiro acreditar que você foi feito para *eu* adorar. — Ela sussurrou, seu hálito quente gelando sua pele molhada.

Então a boca dela estava sobre ele novamente, chupando e puxando. Os quadris dele arquearam, mas quando ele se moveu para puxá-la, ela o deteve, segurando as mãos dele nas dela enquanto sua boca continuava torturando-o. Ele poderia facilmente ter se libertado, mas não queria. Estar à mercê dela era onde ele queria ficar pela eternidade.

Enquanto ela chupava, sua língua o acariciou, pressionando contra sua pele. Ela afastou uma mão, alcançando entre as pernas dele para massagear seu saco e depois bombeou seu comprimento ao longo de sua boca.

—Lucia. — Ele avisou, o calor queimando dentro dele. A energia zuniu em seus nervos, no entanto, ele tentou se impedir de explodir. Ele queria que isso continuasse, para continuar ouvindo os barulhos de prazer que ela fazia.

Ela começou a se mover mais rápido, mais forte, e ele terminou. Ele rugiu e a casa tremeu em torno dele. Em algum lugar, uma janela se quebrou e um vento gelado varreu sua pele superaquecida. Relâmpago rápido, ele tinha Lucia nos braços, cobrindo o corpo dela com o dele para protegê-la do vendaval.

—Sinto muito. — Ele se desculpou.

A mão dela cobriu sua boca antes que ele pudesse ir mais longe. —Cale-se. Você é extraordinário. Observando você se desfazer...— Os lábios dela substituíram a mão. —Foi a coisa mais sexy que eu vi desde que você tirou a camisa e disse: 'Eu tenho pão'

Sua risada ecoou nas paredes quando ele rolou e a envolveu em seus braços. —Você.

—Eu. — Ela respondeu como se entendesse completamente o que ele estava tentando dizer.

—Você —, ele repetiu, acariciando seu pescoço e apertando-a contra ele. —Você está cansada?

—Não —, ela respondeu, mas desfez a resposta um momento depois, bocejando. —Eu não estou.

—Durma —, ele ordenou. —Vamos procurar por Delia quando você acordar.

—Delia. — A culpa atou sua voz. *Inaceitável.*

—Nós vamos encontrá-la. E ela está bem. Eu sei que ela está. — Era a verdade. Algo dentro dele dizia que ele saberia se algo acontecesse com a garota, se ela estivesse em perigo ou precisasse dele.

Virando a cabeça, Lucia estudou o rosto dele. Tudo o que ela viu a tranquilizou, porque ela assentiu. —Tudo bem. — Ela concordou, apoiando a cabeça no braço dele e balançando a bunda contra ele.

—Lucia. — Ele gemeu, empurrando contra suas costas tentadoras.

—O que? — Ela perguntou, falsa inocência. —Eu disse que não estou cansada.

Quem ele era para discutir? Especialmente contra um argumento tão persuasivo. Alinhando-se, ele empurrou dentro dela. Dessa posição, ela estava mais apertada e seu calor úmido o apertou.

—Se você não estiver cansada, aproveitarei esse tempo que passamos juntos. — Ele sussurrou em seu ouvido, afastando-se e depois avançando lentamente.

—Por favor. — Arqueando, ela se virou para beijá-lo.

Seus lábios cobriram os dela e ele estava perdido. O tempo não importava. Nada importava, exceto onde ele estava, e como ele se sentia, e como ele nunca queria perdê-la.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Lucia

Algo a puxou. Uma corda envolveu sua coluna e a puxou, despertando-a de um sono profundo. Lucia colocou a mão no peito para acalmar o coração acelerado. Ao lado dela, Armaros lia, um braço apoiado atrás da cabeça, o outro acariciando-a lentamente, seu movimento despercebido.

Aconteceu novamente e ela caiu como um peixe, caindo dos braços de Armaros para ser arrastada pelo tapete e pela pedra.

—Armaros! — Ela gritou. A conexão entre ela e o que quer que estivesse no final dessa corda ficou mais forte. Ela era uma marionete, membros à mercê de outro mestre.

Ele mergulhou para ela, as mãos segurando os dedos estendidos e puxando-a para seus braços. Seus olhos estavam arregalados, confusos. Dentro dela, a sensação de ser controlada cresceu até o fio engrossar, tornando-se braços, corpo, pernas. Seu corpo contorceu-se dolorosamente, empurrando o de Armaros para se livrar do abraço dele.

Ela queria perguntar o que estava acontecendo, mas quando ela abriu a boca, o que se seguiu foi uma série de palavras em um idioma que ela só tinha lido e nunca ouviu falar. —*Essa aqui é minha, Caído.*

Imediatamente, os olhos de Armaros se aprofundaram em preto, seu corpo mudando para a forma que ele uma vez tentou esconder dela. —Minha. — Ele rosnou, a voz distorcida por ossos e dentes muito grandes.

Uma risada cáustica e cruel irrompeu de sua garganta. Seus dedos se curvaram e ergueram-se para o rosto. Suas unhas eram curtas, mas arranharam sua pele enquanto arrastavam cortes pelas bochechas.

—*Minha. No entanto, eu deveria agradecer. Sem a sua intervenção, eu nunca poderia tê-la encontrado ou entrado nela.* — Carregadas de insinuações, as palavras enojavam Lucia e ela queria escapar. Mas foi sua boca que formou as palavras e seus lábios sorrindo.

—Eu desafio você —, Armaros disse. —Ela é minha.

A coisa dentro dela torceu alegremente, aproveitando a dor que infligia em seu corpo, mas mais ainda o desamparo evidente no rosto de Armaros.

Lucia lutou. Ela gritou. Ela tentou empurrar contra a entidade, mas ela empurrou para trás e era mais forte do que ela era. Sua essência, sua alma, o que quer que tenha feito dela, *ela,* o ser reunido.

Dentro de sua mente, um grande abismo preto se abriu. Ela podia sentir a entidade dentro dela, arrastando-a para o abismo. Queria que ela desaparecesse, e se ela caísse nessa escuridão, ela o faria. Enquanto ela chutava, gritava e arranhava, implacavelmente a rebocava cada vez mais perto de seu objetivo. Um empurrão final, e a escuridão estava ao seu redor. Ela estava flutuando, sem ânimo, no nada. Seu corpo se foi, não havia som, nem visão, nem sensação. Nada.

CAPÍTULO VINTE E TRES

Armaros

Armaros viu Lucia lutar contra o demônio que a possuía e ele rugiu. As janelas quebraram e o teto desabou, cobrindo os corpos dele e de Lucia com uma massa de telhas e madeira. Ele a agarrou, cobrindo-a com seu corpo, porque, embora o demônio pudesse lhe dar forças para sobreviver sendo enterrado vivo, ele não tinha certeza. Essa coisa dentro dela estava desfrutando demais de sua posse, e ele não pôde deixar de imaginar qual fera do Inferno tinha sido incapaz de resistir à tentação de roubar Lucia dele.

Ele deveria ter pensado nas implicações de seu relacionamento anteriormente. Os seres humanos que foram tocados por Caídos tornaram-se infinitamente mais atraentes para os demônios. Um miasma do poder dos Caídos ligado à alma do ser humano. Era uma luz no nevoeiro, um farol para um navio à deriva. Era irresistivelmente tentador.

A maioria dos Caídos não se importaria se seu humano rejeitado estivesse possuído por um demônio. Não era como se o seu tipo formasse apegos. Sua recusa em compartilhar Lucia, em aceitar o domínio do corpo por parte do demônio, tornou o jogo muito mais emocionante. E a imortalidade, como ele poderia atestar, poderia ser chata.

Na escuridão da estrutura destruída, os olhos de Lucia brilhavam nos dele. O seu próprio refletia a luz de maneira semelhante, como um animal selvagem preso no raio de uma lanterna. Mais uma prova de que o ser a estava dominando, esmagando-a.

Ele ficou de pé, escombros e detritos rolando de suas costas até que a chuva atingiu seu corpo e o rosto de Lucia. Ela se moveu, de pé e inclinando a cabeça para trás para encará-lo. Cada movimento que ela fazia era uma violação de sua graça natural. Estava claro pela maneira como a boca dela se contorcia e os olhos percorriam o corpo dele, ela havia perdido o controle do demônio.

Rugindo novamente, desta vez mais alto, ele reuniu seu poder, enviando-o para Lucia. Imediatamente, ele queria destruir e salvar, mas não sabia como fazer um sem falhar no outro. Ele não podia usar seu poder para destruir o demônio sem danificar Lucia, e ele não poderia salvá-la sem liberar o demônio que só voltaria para levá-la novamente.

Fazendo a escolha em um segundo, seu poder voou através de seu corpo, procurando o brilho de sua alma. Descontroladamente, passou por sua mente, mas ela se foi. Havia trevas onde deveria haver luz.

—Dê-a para mim. — Ele rosnou, segurando seus ombros e levantando-a para que eles estivessem olho no olho.

O demônio riu deliciosamente ao absorver seu poder e torná-lo seu. — Não.

Tudo dentro dele queria esmagar essa coisa, mas fazer isso seria ferir Lucia. Suas mãos tremiam enquanto ele lutava para não flexionar e ferir a pele dela. Ele tentou novamente, seu poder se transformou em um frenesi quando seu medo aumentou. Não estava funcionando. Ele não a encontrou.

—Devolva-a! — Ele a sacudiu, a cabeça balançando para frente e para trás, cachos voando ao redor do rosto enquanto sua risada pervertida ecoava na escuridão.

Soltando-a, ele rugiu sua dor e frustração, abafando o prazer degradado da criatura forçando alegria da garganta de Lucia.

Sua mente disparou. O que ele poderia fazer? Seu poder estava alimentando a fera. Quem mais poderia salvá-la?

Família. Uma voz em sua mente sussurrou, e ele lembrou. Quando ele forçou Lucia a se afastar dele, impedindo-a de se lembrar de Delia e de si mesmo, ela procurou sua tia para recuperar sua memória. Era possível que ela pudesse ajudar agora?

Ele puxou o corpo de Lucia para seus braços, concentrando seu poder em procurar a família dela. Imediatamente, ele encontrou o que procurava e um senso de retidão o venceu.

Do outro lado da grande distância veio um comando. *Traga-a aqui. Traga-a agora!* A voz não deixava margem para desacordo. Em uma piscadela, ele viajou pelo oceano e entrou na cozinha quente e levemente surrada, completa com crucifixo e colher e garfo gigantes, da família de Lucia.

Dois dos humanos, mãe e pai de Lucia, o encaravam em choque de boca aberta, enquanto a terceira o encarava com suspeita de olhos estreitos. — Demorou o suficiente —, disse ela, largando o garfo no prato. —Eu limpei sua influência dela uma vez antes e estou lhe dizendo agora...— ela o apunhalou no peito com uma unha longa e vermelha. —É melhor não se tornar um hábito.

Nos braços, Lucia assobiou para a mulher e arreganhou os dentes. A mulher suspirou baixinho: —Salve isso. — Ela murmurou enquanto procurava em um armário e pegava um pote do que parecia ser ervas secas. Polvilhando um pouco em sua mão, ela ignorou os assobios e xingamentos de Lucia. Sob a respiração, a mulher começou a cantar, e Armaros teve que apertá-la mais enquanto Lucia tentava se soltar de seus braços. Quanto mais perto ela chegava, mais desesperado o movimento de Lucia se tornava, o corpo girando em posições não naturais. Sussurrando baixinho, a mulher fez uma pausa. Ela

olhou uma vez para Armaros e depois soprou a mistura no rosto de Lucia. Seu corpo ficou frouxo.

—Agora—, disse sua tia, escovando os restos de ervas das mãos. —Por que não tiramos esse demônio dela e depois podemos ter uma boa conversa com você.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Armaros

Armaros segurava o corpo de Lucia nos braços e seguiu a tia, mãe e pai para fora da cozinha, até um quarto. O olhar dele nunca saia do rosto dela, que se contorcia de vez em quando em uma careta.

A raiva fervia dentro dele. Quando ele tirasse aquilo dela, ele iria explodir em nada. Dolorosamente. Não haveria escapatória para o inferno para esse demônio, nenhum outro humano para possuir. Não. Armaros o queimaria em cinzas.

Cuidadosamente, ele colocou Lucia em uma cama, alisando os cabelos para trás. —Tire isso dela e eu cuidarei do resto. — Ele rosnou, arriscando um olhar para sua tia que bufou.

—Você não me diz o que fazer. — Ela murmurou, procurando sob o colarinho de Lucia por algo que não encontrou e bufando novamente. —Claro, ela tirou. Idiota.

—O que há de errado com minha filha, Valéria? — Perguntou o pai de Lucia.

—Ela está possuída por um demônio, Albert.

Sua mãe fez o sinal da cruz e sentou-se na cama, pegando a mão de Lucia e levando-a para a bochecha. —Ela está fria como gelo.

—Está acumulando sua centelha.

Armaros sabia bem o que ela queria dizer. Quando um demônio tomava posse de um corpo, ele sufocava a pessoa dentro, empurrando-a para longe e

trancando-a onde eles não podiam escapar. Se uma possessão durasse o suficiente, a alma desaparecia, como se nunca tivesse existido. Não era uma ironia perdida para ele, que o que ele mais temia, ele próprio havia feito mil vezes.

—Bem, conserte —, exigiu Albert. —Queime-a, ou sei lá.

Colocando a mão no peito de Lucia, Valéria fechou os olhos. O silêncio desceu com a mãe de Lucia prendendo a respiração e o pai cerrando os punhos. Ele chamou a atenção de Armaros e leu o desejo do homem de machucá-lo.

O Armaros que existia antes de Lucia teria zombado de sua presunção, mas agora ele entendia o desejo de quebrar em pedaços qualquer coisa que ousasse colocá-la em perigo.

—Rosário, óleo, água benta, Bíblia e minha vela, por favor. — Valeria sussurrou sem abrir os olhos.

Entrando em ação, a mulher mais velha vasculhou as gavetas e começou a jogar itens na cama. —Que vela? — Ela perguntou, segurando duas. —São Judas ou Santo Antônio?

—São Judas.

—Judas? — A mãe de Lucia sussurrou, sua voz embargada.

—Constanza...

Sua mãe respirou fundo e entregou-lhe a vela.

—Comece a orar.

Quando a recitação do rosário por Constanza e Albert encheu o ar, a pele de Armaros começou a formigar. Apesar de seus melhores esforços, sendo Caído, ele ouvia a oração como um desafio e o mal dentro dele queria sair. Suas costas formigavam e a pele esquentou, mas ele se forçou a ficar no lugar.

O óleo foi colocado ao longo dos pulsos e olhos de Lucia, sua tia fazendo um crucifixo nas duas mãos. Ela usou uma combinação de magia e ritual que ele não via desde os dias pré-cristãos.

Levantando uma mão trêmula à cabeça, ele empurrou o cabelo para trás e massageou a parte de trás do pescoço, respirando fundo para se acalmar.

—Saia. — A voz de Valéria interrompeu sua concentração.

—Eu não vou deixá-la. — Ele murmurou.

—Você quer que eu expurgue você também? Saia. Eu posso sentir o que está acontecendo. Alinhe o limiar com sal e espere por nós na sala de estar.

—Eu não vou deixá-la. — Reiterou.

Girando, a tia de Lucia o encarou com um olhar de olhos pretos. —Você quer discutir comigo enquanto ela está aqui morrendo? É isso que você quer?

Morrendo. Lucia estava morrendo.

—Você pode manter o demônio aqui? — Ele perguntou.

—Eu posso segurar por um momento ou dois, só isso. — O rosto da mulher se abriu em um sorriso. —Você quer cuidar disso sozinho?

—Sim. — Respondeu Armaros. Tudo dentro dele rejeitava a ideia de abandonar Lucia aqui, mas ele sabia que não tinha escolha.

—Eu chamo você, puxe-o para fora do quarto. Você terá que se mover rápido.

Na cama, Lucia de repente abriu os olhos. O azul que ele estava acostumado a ver se foi. Sua pele havia se tornado um tom doentio de amarelo e a cor sangrara em seus olhos. —Ela é minha. — Anunciou a distorção de Lucia.

—Agora. Saia agora! — Valéria ordenou. Movendo-se rapidamente para duas mulheres mais velhas, Valéria começou a cantar e Constanza o empurrou para fora da porta e forrou o limiar com sal. Imediatamente, um limite invisível

se formou entre ele e o quarto. Ele não seria capaz de atravessá-lo, indefeso, se algo pior acontecesse a Lucia.

As vozes entoaram mais alto e, na cama, Lucia arqueou e tremeu. O demônio estava segurando dentro dela. Sabia que se a deixasse, Armaros estaria esperando.

Preparando-se, Armaros permitiu que sua verdadeira forma emergisse. Seus ombros se curvaram sob o peso de suas asas até que ele se forçou a ficar mais alto. Na mão dele apareceu uma espada, formada para um propósito, destruição.

Sorrindo, ele esperou. Antecipação enrolada dentro dele. Quando a coisa fosse lançada, ele a pegaria de lá. Ele apreciaria a dor que infligiria.

No quarto, Lucia gritou. Mas não era a voz dela. Era a voz do demônio sendo arrancado dela.

Armaros pôde sentir o momento em que a voz mudou, mas o grito continuou. Isso a estava machucando. Lucia estava livre, mas o ser atormentado.

—Agora, Albert! — Valéria gritou, e o pai de Lucia correu para a porta, afastando o limite de sal. Como um vácuo, o demônio foi puxado em direção a Armaros.

Ele estava pronto.

Era um demônio muito mais poderoso do que Armaros esperava. Não um dos Caídos, mas um dos Domínios, um demônio formado pelos poderes acumulados pelos Caídos originais. —Belias.

A criatura tomou forma, pés, pernas, tronco, braços, cabeça. Era uma perversão da beleza dos Caídos originais. Se a forma de Armaros era assustadora, a de Belias era hedionda.

—Armaros. — Belias lambeu os dedos. —Eu ainda posso prová-la.

Com um rugido, Armaros se lançou contra o demônio. Envolvendo os braços em torno de sua forma, ele os tirou da casa. Ele não tinha um destino, mas não ficou surpreso ao sentir o calor do sol e a queimação de areia pegá-lo enquanto ele batia Belias no chão.

Ele sibilou e cuspiu, sua saliva como ácido onde pousou sobre ele. Queimou através de sua pele enegrecida, deixando feridas abertas. Belias levantou a mão, o sol brilhante o cegando. Armaros cortou a espada no ar, observando com alegria quando ela abriu um corte no estômago. Mãos com garras tentaram segurar seu interior, mas mais dois cortes cortaram os braços.

Gritando em agonia, Belias caiu de joelhos, vendo suas entranhas derramarem do torso sobre as areias do deserto. —Você vai me enviar para o inferno, Armaros? — Gotejamento preto escorria de seus lábios, escorrendo pelo queixo e no peito. —Eu voltarei. Eu nunca provei nada como ela antes. Eu quero mais. — O demônio começou a rir. —Você não pode mantê-la só para você.

Em sua mão, sua espada começou a cantarolar enquanto Armaros empurrava mais de seu poder. Depois que ele destruísse esse demônio, não havia mais nada para retornar ao inferno. Ele sorriu com o pensamento e deixou a espada cair. Cantou no ar e, quando cortou o demônio, deixou o fogo do inferno em seu rastro. Os gritos de Belias aumentaram quando ele percebeu que as chamas que o envolviam não o mandavam para casa, mas o consumiam, não deixando nada.

Em segundos, o demônio se foi. A areia soprou pelo deserto, borrifando o rosto e o peito de Armaros. Permitindo-se um momento de satisfação, ele ergueu o rosto para o sol e voltou para Lucia.

—Que diabos? — Ele murmurou. Não era para onde ele pretendia ir.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Lucia

Como ela poderia não ter controle sobre seu corpo, mas permanecer com dor? A escuridão estava atrás dela, uma cova ameaçadora para envolvê-la com um passo em falso.

Mas ela podia ver agora e ouvir. Orações familiares a cercavam e, sem querer, ela começou a repeti-las.

A coisa dentro de seu corpo queria que ela parasse, mas ela não fez isso. Não havia nada que pudesse fazer para forçá-la a fazer sua vontade.

Exceto machucá-la.

Então, abriu a porta, permitindo uma pequena fenda de luz no nada, e então a puxou para dentro de seu corpo. Mas ela estava mancando, suas mãos não eram as mãos dela, mas a criatura permitiu que ela as sentisse se contorcer, pulsos dobrados em ângulos tão dolorosos que ela pensou que eles iriam sair. A dor a distraiu da oração, mas assim que cessou, dando-lhe uma pausa no tormento, os cânticos encheram seus ouvidos e sua mente pegou o fio.

Então, isso a machucou novamente. Ele se curvou dentro de seu corpo, apertando e varrendo seu interior, torcendo-os para que ela não pudesse respirar e pensou que seria sufocada. E ela perdeu o fio novamente.

Houve um breve alívio, e por um segundo, suas mãos eram suas, sua voz era sua e ela gritou por ajuda e Armaros.

O que estava dentro dela não queria ir embora, mas algo estava forçando isso. Segurando-a como se fosse a âncora de um navio arrastada pela

areia. Quando ficou claro que o puxão era mais forte que ele, gritou de raiva. Lucia lutou, mas era impossível lutar contra algo sem forma. Era como tentar afastar o ar. Em um último movimento desesperado, ele a cercou, tentando empurrá-la para a escuridão para trancá-la para sempre. Antes que pudesse, foi arrancado.

Vozes batiam em sua cabeça, contra sua cabeça. Lucia podia sentir seus tímpanos absorvendo cada toque estridente da voz de sua mãe.

—O que foi aquilo, Valéria? Por que isso acontece com a Lucia? Onde ela esteve? Por que ela não está acordando?

—Connie, fale mais baixo. Eu preciso de uma bebida antes da inquisição. — A voz irônica de Zia acalmou os nervos de Lucia. A normalidade da coisa toda a assustou tanto quanto o abismo.

—Inquisição? Inquisição? — Cada palavra sucessiva era mais aguda que a primeira. —Estamos falando da minha filha!

Se eu mantiver meus olhos fechados, eles não saberão que estou acordada.

Um cutucão nas costelas avisou que ela estava em pé e ela abriu os olhos. —Mãe.

Ela encontrou o olhar de sua mãe e assistiu horrorizada quando eles se encheram de lágrimas. Jogando-se no peito de Lucia, ela a abraçou. —Meu pobre bebê. Meu pobre bebê. O que aconteceu com você? — Afastando-se, sua mãe choveu beijos por todo o rosto. —Você está bem? Você está bem?

Aparentemente, tudo tinha que ser dito duas vezes agora. No entanto, era bom ser abraçada e ver a preocupação. Ainda melhor era estar no controle de seu corpo novamente, sentindo as coisas novamente. Se ela vivesse até cem, Lucia nunca esqueceria o nada que a envolvera, nem a coisa dentro dela.

Ela chutava, arranhava e gritava, mas ele ria dela. Apreciava seu terror e a machucava mais.

Então, de repente, aqui estava ela. No quarto da tia, com as mãos macias da mãe, alisando os cabelos e o pai a encarando com lágrimas nos olhos, e a tia mordendo o lábio e sem fazer contato visual. E Armaros...

Onde estava Armaros?

—Onde ele está? — Sua voz soou áspera, como se seus gritos a tivessem quebrado.

—Ele levou o demônio —, explicou sua tia em voz baixa, estremecendo quando sua mãe gritou a palavra —*Demônio*!

—Ele estava bem? — Lucia perguntou, lembrando o rosto de Armaros antes que o demônio tivesse tirado sua visão.

—Quem? — Sua mãe perguntou.

—Armaros. Ele me trouxe aqui, não foi?

—O anjo —, a voz de seu pai abafou as perguntas de sua mãe. —O anjo que trouxe você aqui estava bem. Assustado de merda como o resto de nós, mas bem.

Um sorriso tocou seus lábios. —Você tem certeza?

Zia estreitou os olhos, mas ela não corrigiu o pai de Lucia. Papai poderia acreditar que Armaros era um anjo, mas sua tia não foi enganada. Ela sabia o que era Armaros, e seu rosto prometeu que haveria muito mais perguntas depois.

Quando a mãe se recostou, Lucia levantou-se para recostar-se na cabeceira da cama. —Eu sinto muito.

—Pelo quê? — Seu pai mudou-se para sua linha de visão. Braços cruzados, ele parecia mais irritado do que ela já o vira. —Por não ligar? Por preocupar sua mãe quase até a morte? Por cair em nossa casa, possuída pelo diabo? Com um anjo não menos? Pelo o que exatamente, Lucia Maria, você sente muito?

—Tudo, pai. Eu sinto muito por tudo. Vocês estão bem?

Jogando os braços no ar, o pai dela suspirou exasperado. —Agora você pergunta? — Ele saiu do quarto, batendo a porta atrás de si.

—Sinto muito. — Ela repetiu para sua tia e mãe.

Beijando sua bochecha, sua mãe a abraçou com força. —Eu sei. Nós estamos bem. Seu pai vai ficar bem. Você pensaria que depois de trinta anos comigo e com Zia, ele já estaria acostumado a essas coisas agora.

Bufando, Zia balançou a cabeça. —Você pode imaginar o que ele teria pensado se tivesse visto Ma lançar feitiços de amor?

Sua mãe estremeceu e balançou a cabeça. —Ele não poderia levá-lo massacrando as galinhas, imagine uma pomba.

—Como eu não sei sobre isso? — Lucia perguntou maravilhada.

—Nós não compartilhamos tudo com você, *piccola* —, Zia repreendeu. —Agora, você acha que consegue sair da cama? Quero deixar esse lugar pronto para o seu *anjo* quando ele voltar.

—O que você quer dizer? — Uma sensação de pressentimento a encheu.

—Ele precisa se explicar, e você também. Eu tenho lido as cartas, e tudo vai mudar. Você precisa estar preparada.

Respirando fundo e expirando lentamente, Lucia fechou os olhos e assentiu. —Eu sei. Devo uma explicação a todos vocês.

—Você deve. Mas você também deve saber confiar em nós. Você nos deve isso também.

—Eu sei, Zia. — Ela sabia. Ela simplesmente não sabia como iria explicar isso a eles. —As coisas estão mudando. Você está certa.

—Você desapareceu. — Acusou a mãe.

—Eu desapareci, mas eu precisava. Há uma garotinha...— Balançando os pés sobre a cama, ela gemeu. Seu corpo doía de dentro para fora, os músculos

estavam doloridos como ela imaginou que eles se pareceriam se ela tivesse feito abdominais. Cada respiração doía e, quando seus pés pressionaram o chão, a dor disparou dos dedos dos pés até o topo da cabeça.

—Fique na cama. — Zia mandou.

—Eu não posso. — Forçando-se a ficar de pé, caminhou até o escritório, abrindo uma gaveta onde sabia que sua tia mantinha seu xale favorito. —Delia, ela é a garota que eu estava procurando, ela desapareceu de novo.

—Ha! — Sua mãe apontou um dedo acusador em sua direção. —Agora, você sabe como é. Espero que ela seja como você, nunca ligando, sempre discutindo.

—Eu sei. Eu mereço. — Lucia tentou virar o xale sobre os ombros, mas não conseguiu erguer os braços sobre a cabeça. —Ajuda? — Ela perguntou a Zia, que teve pena dela e a colocou sobre os ombros. —Ela provavelmente vai fazer todas essas coisas, mas o fato é que preciso encontrá-la. Mãe, ela é especial, mas é apenas uma garotinha.

Zia se virou, pegando uma carta de tarô em cima de sua mesa e a colocou na mão de Lucia. Sete de Copas. —Pensamento, minha querida. Sua cabeça está nas nuvens.

—Eu não entendo. — Mas ela entendia. Sua tia estava tentando lhe dizer que tudo isso era uma fantasia. Ser mãe de Delia, parceira de Armaros. Uma dor física começou em seu peito e ela a esfregou, estremecendo quando sua mão tocou seu esterno. Puxando a blusa para longe do peito, ela olhou para si mesma. Mesmo sombreado, ela podia ver os machucados estragando sua pele. Uma marca de mão entre os seios, as pontas dos dedos ao longo do estômago. Ela tirou a blusa e sua mãe e tia ofegaram.

—Lucia! — Sua mãe colocou uma mão trêmula ao seu lado, combinando uma marca de mão e depois segurando a mão de Lucia para colocar as palmas das mãos juntas.

—Eu estava lutando para me libertar. — Ela sussurrou a título de explicação.

—Você está uma bagunça, mas tudo vai sarar. — Zia tentou confortá-la, mas era um papel desconhecido e parecia estranho. —Agora, coisas importantes. Sete de Copas.

—Estou sendo idiota —, respondeu ela, colocando a camisa de volta, estremecendo e fazendo uma careta ao fazê-lo. —Entendi.

—Claro, mas tem mais. Primeiro, Sete de Copas sempre representa tentação. Pensamento positivo, sim, mas tenha cuidado com a tentação de aceitar o que não deveria ser seu. Agora, olhe embaixo. — Havia outra carta embaixo da primeira, que ela não havia notado.

—A Imperatriz. — Ela respirou.

—Sim —, sua tia concordou. —Poder sobre a vida. Nascimento. O educador. Criação.

—Zia, eu não entendo. Estou desejando coisas que não posso ter...

—Sim, mas Lucia. A Imperatriz. Criação. Quem disse que você não pode ter as coisas que deseja? Tudo que você precisa fazer é criá-las. — Lentamente, sua tia sorriu. O sorriso dela era genuíno e tão raro que Lucia não pôde deixar de surtar um pouco.

—Estou tão confusa. — Sua cabeça latejava e a dor no peito palpitava. Em questão de horas, ela foi cortada, fez amor e foi possuída. Seu corpo estava uma bagunça, suas emoções estavam por toda parte, e ela estava a um passo de perder a cabeça. —E eu estou com fome.

—Vamos. — Sua mãe abriu a porta do quarto. —Eu fiz almôndegas.

—Parece bom. — Lucia respondeu distraidamente, chamando a atenção da tia.

—Congelada. — Zia murmurou as palavras e forçou um sorriso. Era a mesma casa, os mesmos argumentos, as mesmas pessoas, mas era de alguma forma irreal. Ainda assim, ela estava agradecida por ver sua família e eles não piscaram quando ela trouxe loucura para suas vidas.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Lucia

Armaros não voltou. Cinco almôndegas e um pedaço de pão depois, não havia sinal dele. Lucia considerou pedir a Zia que o procurasse, mas deixou tudo em paz quando o pai entrou na cozinha e a encarou por um longo período de tempo que levou para terminar a panela de molho e almôndegas.

—Pai. — Ela começou.

Ele cortou a mão no ar. —Guarde isso. Eu não quero ouvir. — De pé, ele bateu a cadeira debaixo da mesa e saiu da cozinha. Seus passos subiram as escadas e acima, onde a porta do quarto se fechou com tanta força que o garfo e a colher gigantes caíram da parede.

—É melhor eu ir falar com ele. Limpe a cozinha antes de ir para a cama, Lucia. — Sua mãe claramente não tinha simpatia por ela se mover como uma mulher idosa.

—Ok. Boa noite, mãe.

—Boa noite, Connie. — Zia repetiu.

Dando um beijo em sua cabeça, sua mãe inclinou o queixo de Lucia em sua direção e beijou seu nariz. —Vai ficar tudo bem, Lucia. Eu te amo.

—Também te amo, mamãe.

Ficaram Zia e Lucia, sozinhas, novamente. Batendo os dedos sobre a mesa, Lucia estudou a cozinha. Como algo tão familiar pode parecer tão estranho? O lar sempre foi reconfortante. Não importava quanto tempo ela se fosse, ela se estabelecia. Agora, estava vazio, e... não parecia dela. Ela não

pertencia aqui. Sua família era sua família, mas no espaço de alguns dias, seu foco se tornou Delia e Armaros. Ela precisava deles com ela.

—Armaros. — A voz de sua tia a tirou de seus devaneios.

—O que tem ele? — Ela estava preparada para defendê-lo, se necessário.

—Ele é perigoso para você. — Ela começou.

—Não-

Levantando a mão para interromper seu discurso, Zia continuou: —Ele é. Você não entende a que tipo de criatura se apegou e o que isso significa.

—Eu tenho lidado com o mágico desde que nasci, Zia. Não foi um salto tão grande. — Quando ela se tornou adulta, Lucia via Zia como excessivamente supersticiosa e talvez um pouco rachada. Mas quando ela era mais jovem, sua tia era misteriosa. Um fascinante ser de outro mundo que deixava todos os outros parentes no pó. Não deveria ter sido tão difícil para sua tia aceitar a escolha de Armaros e Lucia para amá-lo.

—Não. — Zia apontou o dedo para ela, o rosto sério. —Você não lidou. Jogar sal por cima do ombro e ler tarô toca a superfície do que existe no universo. Você, minha querida sobrinha, está interferindo no divino. Com o mal e o bem originais. Armaros fez sua escolha há muito tempo, e quando você dá a ele um lugar em seu coração, você se abre para... Você nem imagina.

A mão dela pressionou reflexivamente o peito, por cima do machucado latejante. —Eu entendo.

—Lucia. — A cabeça de Zia caiu em suas mãos e ela esfregou os olhos. Quando ela olhou para cima, seu rosto estava triste. —O que você acha que vai acontecer aqui? Que tipo de futuro você acha que pode ter? Ele é mau. Não importa como ele te trata, o que ele faz, o que ele afirma. Ele é mau. Ele não vai mudar de lado de repente, *piccola*.

—Você não o conhece.

—Eu não preciso.

—Zia. — Era demais, ela não conseguia ouvir outra palavra. No fundo, ela sabia que Armaros não era mau. Desorientado, definitivamente. Mas não era mau.

De pé abruptamente, Zia saiu correndo. Como seu pai, Lucia conseguia acompanhar seu movimento. Subindo os degraus, batendo a porta do quarto, atravessando o chão, lutando com a mesa, marchando de volta pelo chão e descendo as escadas novamente. Quando ela entrou pela porta de vaivém, o rosto de sua tia estava vermelho e zangado, como se sua caminhada a tivesse irritado. Nas mãos dela estava o tarô, e ela já estava embaralhando.

—Zia...— Lucia começou.

—Feche. — Com os lábios se movendo em oração, Zia dividiu o baralho em três pilhas antes de colocar três cartas. Passado. Presente. Futuro. Cada carta foi revelada com um tapa e uma palavra concisa. —O passado: o tolo. Presente: A Lua. Futuro: Rei das espadas. — Apontando para o último cartão, ela olhou para Lucia. —Vê?

Ela via. A compreensão tomou conta dela e ela sorriu. —Sim, Zia. Escute. No passado, o tolo representa o erro que Armaros cometeu. Ele fez a escolha errada e caiu da graça. Mas agora, a lua leva Armaros por um caminho. É difícil e ele realmente não pode vê-lo, porque a lua não ilumina muito o mundo, mas ele está se movendo na direção certa.

—E o rei das espadas, Lucia. Como você explica isso? Julgamento. Crueldade. Este é o seu futuro.

—Ou é um homem com força? Que será governado não apenas pelo que sabe, mas pelo que sente?

—Você está sendo ingênua.

—E você está sendo dramática. — Ela retrucou. Armaros era o futuro dela. Parte da família que ela teria assim que encontrasse a criança que perdeu.

—Estou? — Zia pegou as cartas da mesa, embaralhou-as e deu um tapa na última carta. —Você: O Enforcado. Conte-me. O que há de bom nesta carta?

O homem enforcado. *Traidora. Mártir.* Seus olhos permaneciam colados à figura de cabeça para baixo pendurada em uma árvore. Por mais que tentasse, não conseguia encontrar uma maneira de transformar a carta em algo positivo. Delicadamente, Zia pegou a carta, guardando-a no baralho. —Não seja idiota, Lucia. Por favor.

Surpresa, Lucia só pôde concordar. Suas palavras sempre prontas a deixaram. Em sua mente, ela viu a carta. *Traidora.* Como era possível que ela traísse Armaros e Delia?

CAPÍTULO VINTE E SETE

Armaros

—O que estou fazendo aqui?

Lúcifer estava sentado em seu trono, com as pernas apoiadas no braço, olhando Armaros com raiva.

—Você quer explicar por que de repente eu tenho guerreiros flutuando nas nuvens com suas lindas asas rosa e brilhando em volta dos meus portões como se tivessem encontrado a Terra do Nunca? — O Caído varreu seus longos cabelos para o lado. Ele se levantou, caminhando lentamente para Armaros. — Este é o meu domínio, Armaros.

Por que os guerreiros do Criador viriam para o inferno? A Terra era o campo de batalha. A menos que... —Guerreiros ou Mensageiros, Lúcifer? — Ele perguntou, assistindo o Caído original de perto.

Olhos escurecendo com raiva, sua forma cresceu até que ele pairava sobre Armaros. Mas se ele pensava que seu tamanho o intimidaria, ele estava errado. —Você acha que eu não posso dizer a diferença?

—Você não respondeu minha pergunta. — Deixe que o diabo fale dos dois lados da boca. —Eles eram mensageiros ou guerreiros?

—Ambos. — Ele finalmente respondeu.

Tinha que ser sobre Delia. Tanto quanto ele sabia, nunca houve outro como ela. Sua aparência era a única coisa que Armaros poderia pensar que mereceria o Criador arriscando seus preciosos servos. —Eles a têm?

—Sua sobrinha extraviada? — Retornando à sua forma habitual, Lúcifer virou as costas para ele, recuando para o trono. —Não. Mas eles a querem.

—Eu tenho que encontrá-la. — E para encontrá-la, ele tinha que sair do inferno. Assim que o desejo surgiu nele, algo o bloqueou, batendo de volta como um mosquito.

—Ainda não. — O original não havia terminado com ele. —Você já se perguntou por que uma meio-humana causaria tanto transtorno que o Criador mandaria seus guerreiros atrás de você, e arriscaria minha ira enviando tanto eles quanto os Mensageiros para o meu domínio?

Não. Sua principal preocupação era Lucia e encontrar Delia. Ele sabia que a aparência de sua sobrinha havia perdido o equilíbrio, mas a guerra eterna entre Lúcifer e o Criador não era mais seu problema. Calmaria e picos de agressão entre os dois lados tinham acontecido por toda a eternidade.

—Por que você está surpreso? — Armaros perguntou. —Caídos podem ter filhos. Nós podemos criar. Há mais em nós do que a coleta de almas e o poder de acumular poder.

—Idiota. — Lúcifer zombou. —Isso não é novo. Sua irmã não foi a primeira a se apaixonar por um humano. Ela não é a primeira a ter um filho.

—Impossível. — Desafiou Armaros. Se houvesse filhos antes de Delia, ele saberia.

—Delia é a primeira filha a superar a infância —, continuou Lúcifer. — Eu tentei encontrar os outros. Minha curiosidade foi despertada, mas assim que uma criança nascia, ela desaparecia ou morria. Ao chegar à infância, sua sobrinha *é* a primeira. Nem todos os Caídos são tão carinhosos quanto sua irmã, como você bem sabe, mas eu nunca descobri evidências de que um de nós tenha destruído seu próprio filho. De fato, a maioria de nós morreu com a criança ou desapareceu junto com ela. Estranho, você não acha?

—Os guerreiros estão matando a prole dos caídos com os humanos.

—Sim. — Lúcifer estava sentado em seu trono, encostando a cabeça na palma da mão. —E você precisa gastar mais tempo mantendo-a segura e menos tempo ferindo demônios indefesos.

—Belias possuiu Lucia. Ela é minha.

—Esta é sua casa, Armaros. Os Caídos e os demônios são seus irmãos e irmãs.

Soltando um suspiro, Armaros examinou a sala do trono. Ele esteve aqui um milhão de vezes, mas via agora com novos olhos. Era dourada e escura. Criada para mostrar o poder e a depravação de Lúcifer, fundia o obsceno e o divino. Pinturas a óleo criadas por mestres renascentistas torturados com visões do inferno cobriam as paredes. Almas se contorciam em chamas, pele derretendo enquanto em outras, Caídos torturavam humanos, torcendo seus corpos, olhos rolando em órbitas, línguas inchadas e negras. Colunas de caveiras ficavam em cada extremidade da sala. Pedras preciosas piscavam para ele, presas à luz das chamas sempre ardentes piscando através dos vitrais.

Ligando os dedos, Lúcifer observou-o andar. —Uma vez você fez uma escolha, meu amigo. Você escolheu a liberdade. Agora, você está se amarrando a uma humana e a uma criança. Temo que em breve você seja forçado a escolher novamente. — Sua voz tinha um tom de aviso, um com as asas de Armaros se estendendo e tocando em ambos os lados da sala dourada.

—Não me ameace.

Em resposta, as asas de Lúcifer irromperam de suas costas. —E não pense em me desobedecer. Eu ainda sou mestre aqui. — Ele se sentou no trono novamente, as asas se curvando sobre os ombros. —Agora vá. Encontre sua

sobrinha e sua humana. Tome cuidado, Armaros. Mais do que Belias está interessado em você agora.

O poder que o ligava ao Inferno desapareceu e, em vez de debater, ele encontrou o fio que o levava a Lucia e brilhou lá.

Assim que seu olhar pousou na figura, a cabeça apoiada em uma mesa redonda de cromo e fórmica da cozinha, algo dentro dele relaxou. Os fios que o levavam a ela percorriam seu corpo, puxando-o para mais perto até que ele pudesse levantá-la em seus braços. Olhos sonolentos piscaram para ele. Em sua vida eterna, ele nunca tinha visto algo tão bonito como ela no momento em que a conheceu. A alegria não filtrada apareceu e ela o alcançou. Os braços dela enrolaram firmemente em volta do pescoço dele, puxando a cabeça dele para a dela para que ela pudesse beijá-lo, mas ele a deteve.

—Sinto muito, Lucia. Eu nunca pensei...— Três longos arranhões percorriam seu rosto, evidências da crueldade de Belias. De repente, ele teve que saber o que mais ele tinha feito com ela. Seu grunhido encheu a cozinha. Sentando-a na beira da mesa, ele arrancou a blusa dela. Um rugido construído em seu peito. Não. Não um rugido. Um uivo. Contusões marcavam sua pele, cada uma com uma marca clara de mão ou dedos. —Você lutou. — Sua voz falhou.

Ele colocou a mão no maior machucado sobre o coração dela. A palma da mão cobriu a sua. Pegando a mão dela, ele lentamente a levou ao seu rosto. Foi o ajuste perfeito. —Lucia...

Ela o parou com um beijo. Usando a cadeira, ela se levantou, juntando o corpo dele ao dela. A orelha dele repousou sobre o coração dela, o baque firme tranquilizador. Gentilmente, ela passou os dedos pelos cabelos dele, as unhas roçando no couro cabeludo. —Estou bem. Você me salvou. Me trouxe aqui,

tirou essa coisa de mim e a destruiu. — Empurrando-o para trás, ela examinou cada centímetro de seu rosto. —Você está bem, certo? Não te machucou?

Ele beijou sua preocupação. —Como se um Demônio pudesse me derrotar.

—Claro que não. — Algo em seu tom o fez recuar. Ela mordeu o lábio, mas seus olhos dançaram.

—Não poderia. — Ele reiterou.

—Eu nunca disse que podia. — Ela concordou.

Recuando, ele colocou as mãos nos quadris. —Eu sou forte e poderoso. Não há muitos, nem mesmo os Guerreiros do Criador, são ameaças para mim. — Com cuidado, ela saiu da cadeira. Seus movimentos falavam de músculos doloridos e ossos doloridos e ele rosnou. —Você precisa se deitar.

—Eu vou. Mas primeiro preciso garantir que tenho toda a confiança em sua força. — Ele não perdeu seu estremecimento quando ela tentou ficar na ponta dos pés para beijá-lo. Em resposta, ele a abraçou e caminhou propositadamente pela cozinha e subiu para o quarto dela. Colocando-a na cama, ele cautelosamente se colocou em cima dela. Suas pernas imediatamente se separaram, joelhos levantando para apertar seus quadris.

—Como você vai me tranquilizar? — Ele brincou. —Minha auto-estima é muito frágil.

As mãos dela serpentearam entre os corpos, mexendo nos botões da calça dele e empurrando na cintura. —Eu tenho algumas ideias. — Ela respondeu sem fôlego.

Ele gemeu quando a mão dela envolveu seu comprimento, bombeando-o para cima e para baixo. O controle dele estava exausto, e a mão dela estava boa demais. Tomando as mãos dela, ele as segurou acima da cabeça e beijou o

corpo dela, demorando-se em cada hematoma, lavando-o com a língua e fazendo cócegas nos lábios.

Abaixo dele, o corpo dela ondulava, encontrando cada um dos avanços dele com o seu. Sem saber como, ele os despojou de suas roupas até que não houvesse nada entre eles. Enfiando o peito na mão dele, ele puxou o mamilo na boca. O gemido baixo dela vibrou pelo corpo dele e, de repente, eles não estavam perto o suficiente. Soltando as mãos dela, ele abriu os joelhos, arqueando-a e empalando-a. Sua respiração afiada terminou com um gemido e então suas mãos estavam na bunda dele, pedindo-lhe para frente, cada vez mais rápido.

Ele se ajoelhou, puxando-a para o berço de seus quadris. As mãos dela arranharam a roupa de cama, procurando algo para empurrar contra ele. Sua respiração gritou, suor escorrendo pelas têmporas e ao longo da mandíbula. Ele viu uma gota cair em seu peito, rolando sob o peito para ser absorvida pelo lençol.

—Armaros. — Ela engasgou, agarrando seus bíceps, dedos cravando em seus músculos. A pitada de dor era tudo o que ele precisava para provocá-la.

Os músculos dela apertaram-no com força, agarrando-o e soltando-o. Sua libertação continuou. O rosto de Lucia, sua resposta, tudo servia para segurá-lo no auge do prazer.

Ele rolou na cama, abraçando-a e beijando seu rosto. Ele estava desesperado por ela e a abraçou com força, desejando que houvesse uma maneira de protegê-la, envolvê-la e mantê-la segura para sempre.

—Eu te amo. — Ela sussurrou. Uma dor começou em seu peito, golpeando-o, e ele fechou os olhos.

—Eu escolho você, Lucia. Para sempre. Eu escolho você.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Armaros

Armaros havia recebido menos olhares mortais dos demônios do que aquele em que ele estava se debilitando. Albert, pai de Lucia, encarava-o com um olhar no café da manhã e não desviava o olhar.

Houve algumas piscadas, um grunhido ou dois, mas por outro lado nada, exceto facadas globo ocular a globo ocular.

Perdido, Armaros tentou conversa fiada. Constanza, mãe de Lucia, respondeu quando ficou claro que Albert não tinha nada a dizer. Até Zia Valeria teve pena dele. Albert não.

Ele tinha tanta misericórdia quanto Lúcifer.

—Um anjo —, começou Constanza. —Nós vamos à igreja todo domingo, você sabe.

Do outro lado da mesa, Lucia engasgou com o café. Zia bateu nas costas, um sorriso maligno enfeitando seus lábios. —Tenho certeza de que Armaros não se importa se você for à igreja, Connie.

—Ele tem uma conexão direta lá em cima. Não pode ajudar colocar uma boa palavra. — Ela voltou sua atenção para ele novamente. —Você colocará uma boa palavra, não é?

—Armaros não é um anjo, mãe. — Lucia começou.

Se ele precisasse, poderia chegar a ela em menos de um segundo e tirá-los daqui. Silenciosamente, ele implorou a Lucia para parar de falar. Ele estava na posição incomum de precisar impressionar a sua... o que ela era? Alma

gêmea? Amante? Namorada? Humana? Os pais de *o que quer que ela seja*. Seu pai não se impressionou com a atual designação de anjo. O que aconteceria quando soubesse que Armaros era o oposto?

O garfo e a colher gigantes estavam de volta à parede. O garfo poderia causar algum dano, principalmente porque Armaros não estava disposto a se defender do pai de Lucia.

—Todos nós vimos as asas, Lucia. — Sua mãe interrompeu a imagem de Albert esfaqueá-lo com o garfo e batendo nele sem sentido com a colher.

—Ele tem asas —, Zia concordou enigmaticamente. —Não significa que ele é um anjo.

Albert estreitou os olhos, seu olhar passando para Lucia e de volta para ele. —Lucia... — Ele resmungou, o tempo todo assistindo Armaros. A ameaça na voz do homem fez suas asas formigarem, reconhecendo o desafio.

Rosto pálido, ela engoliu em seco. Endireitando os ombros, ela abriu a boca para responder, mas Armaros a interrompeu. —Eu sou caído. Eu era um anjo, mas optei por não permanecer no céu.

Apertando os lábios, Albert assentiu. —Você não disse.

—Mas eu amo sua filha.

—Lucia! — Constanza gritou ao mesmo tempo que Zia gritou: —Eu te avisei!

—Você é um demônio. — Albert disse calmamente.

—Ele não é...— Lucia começou, mas seu pai a interrompeu.

—Você caiu com o diabo. É isso que você quer dizer. Você virou as costas para Deus e veio à Terra para causar estragos. Você é malvado.

—Ele não é...— Ela interrompeu com raiva, parando quando Armaros sacudiu a cabeça.

—Você não tem motivos para confiar em mim, mas eu a amo. Cometi um erro uma vez, uma escolha que não posso desfazer. Uma escolha que eu nunca quis desfazer. Eu nem tenho certeza de que mudaria alguma coisa agora, se isso significasse que eu não teria conhecido Lucia e Delia.

—Quem diabos é Delia? — Ele cresceu.

—Eu te disse, pai. Delia é sua sobrinha. Ela é a garotinha que eu estava procurando.

—Sua sobrinha. — Armaros viu o momento em que seu pai percebeu o que aquilo significava. Cadeira voando para trás, Albert se levantou, apontando um dedo para Lucia. —Não. Não. Eu proíbo.

—O que você proíbe, velho? — Zia desafiou.

—Você sempre foi a normal, Lucia. — Ele largou a mão, balançando a cabeça e segurando as costas da cadeira, subitamente parecendo cansado. —A inteligente. Eu não me preocupei com você. Você vai ser médica, pelo amor de Deus. — Seus olhos azuis se encheram de lágrimas e Lucia pulou, estremecendo de dor.

—Papai-

—Isso é uma loucura. Anjo e demônio ou o que ele é... Você é mais esperta do que isso. Eu tinha grandes esperanças para você do que tarô e almôndegas congeladas, maridos ou vendas de bolos.

—Ei! — Sua tia respondeu, ofendida.

—Albert!

A culpa era uma nova emoção para Armaros. No passado, ele facilmente abandonava sua responsabilidade pela mágoa ou pela dor dos outros. Felizmente, ele fez suas próprias coisas. Tomava o que ele queria. Jogava o jogo do jeito que ele queria. Mas suas decisões tinham maiores

consequências agora. A vida que Lucia havia feito para si mesma se fora; ele podia ver no rosto dela.

Em um piscar de olhos, ela afastou todos os seus sonhos e fez novos. Uns que incluíam ele e Delia. Mesmo que ele saísse agora, encontrasse Delia e nunca mais visse Lucia, ela não voltaria à sua antiga vida.

Olhando-a maravilhado, ele percebeu, ela não estava preocupada ou chateada. Ela estava feliz, e seria mais ainda quando finalmente encontrassem Delia.

—Papai. — Ela mancou ao redor da mesa, cautelosamente colocando a mão no braço dele. —É isso que eu quero. — Seu olhar pegou o de Armaros e ela sorriu tranquilizadoramente. —Ele é o que eu quero. E quando eu encontrar Delia, você também vai amá-la.

O rosto dele se suavizou. —Você sempre teve que ser contrária.

—Eu pensei que era normal.

—Normal e contrária. — O pai dela a afastou dele. —Eu não terminei de ficar chateado com isso.

—Eu sei pai. — Lucia cruzou os braços. —Você pode me aterrar.

—Bunda esperta. — Ele murmurou, deu a Armaros mais um olhar e saiu.

—Eu acho que tudo correu bem —, comentou Zia quando a porta se fechou. Voltando a atenção para Armaros, ela continuou: —Por que não falamos sobre o que tudo isso significa? Desde então, você não tem uma linha direta com Deus, e minha irmã está decepcionada por ela não poder ter você tirando anos do limbo por todo esse sexo antes do casamento...

—La La La la! — Rosto vermelho, Lucia cobriu os ouvidos.

—Eu não tenho o ouvido do Criador. Peço desculpas por sua decepção. — Lutando para não sorrir, ele inclinou a cabeça.

Tirando as mãos dos ouvidos, Lucia olhou para a mãe e a tia. —Vocês terminaram?

Suas bochechas ainda estavam vermelhas de vergonha. Ele não pôde evitar, ele precisava que ela estivesse perto novamente. Pegando-a, ele a colocou no colo. —Fique comigo —, ele sussurrou. —O outro lado da mesa está muito longe.

Olhando para ele por baixo de longos cílios pretos de carvão, ela corou mais fundo. —Ok.

—De volta ao assunto em questão —, interrompeu Zia. —Maldição eterna. Lucia. Sua sobrinha.

—Então, nada grande. — O sussurro de Lucia fez cócegas em seu ouvido e ele sorriu, beijando-a gentilmente.

—Lucia é uma boa pessoa. A alma dela não corre perigo. — Armaros manteve o olhar fixo na mulher em seus braços enquanto ele respondia à tia.

—Exceto por outros demônios.

Ele estremeceu. —Exceto por outros demônios. Eu deveria ter esperado Belias, ou algo parecido com ele. Terei mais cuidado a partir de agora; Eu a protegerei. Lucia estará segura, não apenas dos demônios e dos Caídos, mas de tudo.

—De tudo? — sua mãe interrompeu. —Que 'tudo'? O que é tudo?

—Oh, merda —, ela sussurrou novamente e passou os braços em volta do pescoço dele. —Deixa comigo. — Ficando mais alta, ela continuou: — Mãe. Ele quer dizer coisas como ônibus em fuga ou cães raivosos.

—Claro que sim. — Zia murmurou enquanto servia outra xícara de café.

—Você não está ajudando. — Ela retrucou.

—Lucia. — Sua mãe suspirou e esfregou a testa. —Você me exausta. Eu vou checar seu pai. Não saia sem se despedir. — Alcançando Lucia, ela apertou

o braço e soltou. —Promete-me. — Ela concentrou sua atenção nele. — Prometa-me que você a manterá segura.

Era uma promessa fácil de fazer. —Eu prometo. — Colocando a mão sobre o coração, ele inclinou a cabeça.

Constanza deu um tapinha em sua bochecha, surpreendendo-o. —Tudo certo. Não esqueça —, ela lembrou Lucia. —Diga adeus.

—Eu vou, mãe.

Sua mãe foi embora, olhando uma vez para a irmã. Armaros interceptou sua troca carregada, mas completamente silenciosa. Os três ficaram em silêncio, observando a porta da cozinha girar para frente e para trás, ouvindo passos subindo as escadas e atravessando o teto.

Suspirando alto, Lucia abaixou a cabeça no ombro dele e ele acariciou suas costas, sentindo cada cume de suas vértebras. Isso o lembrava o quão frágil ela era. Esses pequenos ossos mantinham seu corpo teimoso na posição vertical. Eles deveriam ser feitos de aço, não essas coisas que virarão pó. Ele desejou poder fazê-la mais forte. Se ao menos houvesse uma maneira de imbuí-la com seu poder, construir sua armadura e protegê-la de qualquer coisa que ousasse machucá-la. Assim que o pensamento passou por sua mente, ele a agarrou. Ele queria mantê-la para sempre; se houvesse uma maneira de fazê-lo, ele o encontraria.

Assim que ele encontrasse sua sobrinha.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Lucia

—Zia. — Lucia respirou fundo. Porra, Armaros cheirava bem. Tão perto de seu pescoço, o perfume saía de sua pele. Ela enfiou o nariz na curva do pescoço e respirou novamente.

—Pare de cheirar o garoto e termine sua frase.

—Ele cheira muito bem. — A tia se inclinou, mas um olhar de Lucia a deteve. —De qualquer forma, precisamos encontrar Delia, e toda vez que Armaros tenta, ele é bloqueado.

—Como assim, 'bloqueado'?

—Você pode explicar isso? — Lucia perguntou e ele assentiu.

—A mãe de Delia, minha irmã, tinha uma certa aura. Eu sempre poderia encontrá-la, não importa onde ela estivesse. Era como uma luz brilhando através da escuridão. Encontrei a luz certa e a segui. Mas agora, quando começo, a luz se apaga. Se eu for para o lugar que acho que existe, há um muro entre mim e o lugar que quero ir. Não consigo chegar lá.

A tia deixou cair o queixo nas mãos, observando-o. —Hã.

—Ajude-nos, Zia. Você a encontrou antes. Você poderia encontrá-la novamente.

—Talvez você não deva. — Sua tia ponderou.

Girando, ela encarou a tia. A mão de Armaros agarrou seus quadris para impedi-la de cair do colo dele. —Não tem nenhum deva, apenas faça...— Ela balançou a cabeça. —Não é isso... o que eu quero dizer é que isso não importa.

—Do que você está falando, Lucia? Fique no tópico, por favor.

—Não importa o que o esteja impedindo. Nós somos a família dela e ela deveria estar conosco.— Atrás dela, Armaros soltou um suspiro. Ela o encarou e ele sorriu. Isso acontecia muito mais recentemente, ela percebeu. O sorriso. Sem pensar, ela se inclinou para trás e o beijou.

Sua tia fez um som de frustração, algo entre um suspiro e um pigarro. Relutantemente, ela se afastou de Armaros e encarou Zia. —Você vai nos ajudar?

Quando ela não respondeu imediatamente, Lucia estreitou os olhos. Ela não tinha dúvida da disposição de sua tia de fazer o que pedia, então seu silêncio a perturbou. —Eu não sei, Lucia. — Todo o humor e frustração a deixaram, e agora ela olhava para a mesa. —Não tenho certeza se devo.

Armaros ficou tenso, deslizando o braço em volta da cintura, apertando-a. Seus dedos cravaram no braço dele, enquanto ela lutava para entender o que estava ouvindo. —Por que diabos não, Zia?

—Porque eu não sei se ela deve ser encontrada. Não sei se é a coisa certa. Eu preciso pensar sobre isso.

—Você não pode estar falando sério. — Pressionando as pontas dos dedos contra a têmpora, ela tentou processar as palavras de sua tia. —Ela é uma garotinha. Ela precisa de nós.

—E se ela estiver melhor onde quer que esteja agora?

—Não importa o quê, ela precisa estar conosco. — *Mas e o sonho?* Delia havia assegurado que ela estava segura. *Isso estava apenas na sua cabeça.*

—Pense nisso, espertinha. — Havia o tom que Lucia estava acostumada. —E se Delia estiver com alguém, ou em algum lugar, que lhe ofereça mais proteção do que você pode dar a ela?

—Impossível. Ela me disse que, quando me encontrou, estava em segurança. Ela me escolheu. — Ela pontuou cada afirmação apontando para o peito. —Eu preciso da sua ajuda, Zia. *Precisamos da* sua ajuda.

—Eu preciso pensar sobre isso, *piccola*. Eu aviso você.

Fechando os olhos com força, ela balançou a cabeça. Ela deu um tapinha no braço de Armaros para deixá-la ir e foi para o armário. Uma tigela, água, óleo, uma vela. Um por um, ela colocou os itens sobre a mesa na frente de sua tia. —Não temos tempo para pensar. Faça isso agora.

Zia empurrou os itens em direção ao centro. O tempo todo, Armaros permaneceu calado, porém, ele olhava para as ferramentas adivinhadoras. Ele pegou a vela, pesando-a na mão antes de cuidadosamente colocá-la de volta.

—Sinto muito, Lucia. Eu não posso fazer isso. Não parece certo. Eu preciso ir. — Caminhando até a porta dos fundos, Zia tirou o casaco de um gancho e puxou um lenço do bolso para envolver a cabeça.

—Zia. — Lucia tentou ficar no seu caminho, para impedi-la de sair. — Zia. Eu preciso de você.

—Está tudo bem, Lucia. — Armaros se levantou e estendeu a mão. — Deixe ela ir. Ela pode estar certa.

—Não. — Ela balançou a cabeça. Seu coração começou a bater forte no peito e ela estendeu as duas mãos, uma linha que sua tia não podia cruzar. — Ela não está certa. Nós precisamos ir.

—Lucia. — A voz de Armaros era profunda e séria. —Deixe ela ir.

Deixando cair os braços, ela se afastou. Sua tia fez uma pausa, mão na maçaneta da porta. —Eu sei que você não entende, *piccola*. Mas a hora não está certa.

—Eu entendo que há uma garotinha em algum lugar, sozinha quando ela não deveria estar.

—Como eu disse —, Zia sussurrou, abrindo a porta. —Você não entende.

CAPÍTULO TRINTA

Luci

A porta se fechou e Lucia a encarou, incrédula. Zia disse que não e foi embora. Armaros colocou a mão no ombro dela e a abraçou.

—O que fazemos agora? — Fechando os olhos, ela se enterrou no peito dele.

Os braços dele se apertaram, a bochecha descansando na cabeça dela. — Tentamos novamente.

—Estou tão feliz e me sinto tão culpada. Como posso ser feliz quando perdi minha filha? Ela poderia estar em qualquer lugar. Estamos falando de dimensões aqui, Armaros.

Uma risada retumbou em seu peito. Ruidosamente, ele beijou sua orelha e passou a ponta do nariz ao longo da concha. —Eu sei.

—E eu estou tão brava! Zia poderia nos ajudar. Está tudo bem...— Ela apontou para a mesa. —Tudo o que ela precisa fazer é derramar a água e...— Silenciosamente, ela considerou os itens. Eles estavam todos lá: água, óleo, vela. Apertando uma vez, ela soltou Armaros e foi para a mesa, tamborilando com os dedos no topo de fórmica. —Hã.

Duas mãos agarraram seus ombros, massageando suavemente. —Você alguma vez já fez isso?

Olhando de volta para ele, ela sorriu. Ele conhecia o plano dela sem que ela tivesse que dizer nada. —Não. Mas eu assisti Zia fazer isso. — *Uma vez*. Havia um sistema para isso. Um procedimento. —Lembre-se de tudo o

que eu digo. Minha tia fala através da observação; nós vamos juntar as pistas depois.

Tudo começava com uma oração por proteção e orientação. Lucia não sabia se havia uma oração específica, então enviou uma geral. *Meu Deus, não me deixe ferrar com isso, nem traga o mal aqui ou para Delia. Eu quero encontrá-la. Me ajude a encontrá-la.* A vela veio a seguir, mas ela esqueceu os fósforos. Havia alguns perto da pia, então ela orou enquanto os pegava e acendia velas.

Imagine a garota em sua mente. Quando sua tia procurou Delia, ela disse a Lucia para imaginá-la. Então ela pingou a cera na tigela de água.

Olhos vermelhos, queixo delicado, boca curvada, cabelos loiros pálidos e flutuantes. Ossos tão frágeis que ela se parecia como um pássaro. Em sua mente, a forma de Delia apareceu. A cozinha desapareceu. Ela esqueceu Armaros e a briga com a tia e o pai.

Sorvete de chocolate escorrendo pelo queixo. A voz dela: —Eu sabia que tinha acertado.

Como doces ou travessuras no Halloween, tudo o que ela podia ver era o que um raio de luz iluminava. Um caminho se abriu diante dela e o resto do mundo ficou nublado e escuro. Este era o caminho para Delia. Ela sabia disso. Erguendo um pé, ela se preparou para andar, mas algo a puxou de volta.

—Lucia! — Os braços de Armaros agarraram seus braços. Eles tremeram, mas a apertaram com tanta força que mal conseguia encher os pulmões de ar.

—Eu vi —, ela forçou a sair. —O caminho estava ali.

—Você estava saindo, desaparecendo. Você tentou sair. — Sua voz profunda estava tensa.

—Minha tia... eu pensei que haveria impressões. Talvez um mapa. Mas Armaros...— Ela precisava ver o rosto dele. Estava duro, as maçãs do rosto destacando-se em forte alívio contra sua pele. Seus olhos azuis escureceram e

sua testa parecia pesada, todos os precursores dele perdendo o controle de sua forma. —Oh! — ela chorou. —Eu sinto muito. Eu sinto muito. — De pé na ponta dos pés, ela o beijou. As mãos dele foram ao redor da cintura dela, levantando-a enquanto ele a girava. A parede pressionou contra suas costas e ela ouviu algo bater no chão.

Cada beijo era desesperado. Dentes estalaram, suas línguas emaranhadas. Envolvendo as pernas em volta da cintura dele, ela forçou as mãos dele onde ela as queria, apalpando os seios, segurando sua bunda. Ele roçou uma contusão, mas a dor aguda a deixou com mais fome. Em troca, ela mordeu o lábio, mais forte do que ela pretendia. Empurrando a cabeça para trás, seus olhos brilhavam para ela.

Uma pequena gota de sangue brotou em seu lábio inferior. Erguendo o dedo, ela o varreu. —Desculpe.

Ele balançou a cabeça, largando-a para que tocassem a testa a testa. As mãos dela foram para a parte de trás do pescoço dele, correndo pelas costas dele. Em suas omoplatas, uma crista dura se formou. As asas dele.

—Eu quero você —, ela sussurrou, segurando os cumes e acariciando-os com firmeza. —Mas meus pais estão lá em cima.

Houve um lampejo de luz e Armaros a abaixou lentamente no chão. Olhando para cima, ela reconheceu o pesado teto de madeira do mosteiro.

O colchão grosso e pesado a embalava nas costas. Acima dela, as feições de Armaros se transformaram. Ela podia vê-lo lutando contra sua forma, desejando voltar o que ele acreditava que a repeliria. —Não se esconda. — Deixando suas costas, ela traçou sua testa pesada e maçãs do rosto. —Você não me assusta ou me repulsa. Eu acho você lindo, não importa como você seja.

—Como? — Seus olhos brilharam, tornando-se o intenso azul gelado que a congelara no lugar.

—Porque eu vi você. — A mão dela pressionou contra o coração dele. — Alguém que escolheu a liberdade sobre a servidão, que permaneceu leal à sua irmã por uma eternidade. Quem adotou a filha da pessoa que ele pensou que o traiu. Quem, talvez, um pouco, se apaixonou por uma esquisita...

—Talvez não. — Os olhos dele escureceram novamente. As feições mudaram, até parecerem se acomodar na forma em que ele se parecia mais confortável. Humano, mas com dentes afiados. Nesse segundo, a semelhança era tão forte entre ele e sua sobrinha, que o coração de Lucia doía e ela quase perdeu as palavras dele.

—Talvez não? — Agarrando a camisa dele, ela a abriu. Botões voaram pelo quarto, espalhando-se pelo chão. Ele a ajudou, tirando-a dos ombros. A camisa dela era a próxima, um dedo afiado em uma garra e ele a rasgou em fitas, jogando o material por cima do ombro, onde ele flutuou e se estabeleceu ao redor deles. Calças, sapatos, roupas íntimas, todos despojados às pressas até poderem pressionar seus corpos nus um contra o outro.

—Talvez não. — Ele repetiu, sorrindo para revelar dentes afiados.

—Ohhh. — Erguendo a cabeça do travesseiro, ela olhou para as presas dele. —Como um vampiro.

A cabeça dele se afastou surpresa, antes que ele sorrisse maliciosamente. —Devo morder você?

—Depende de onde...

—Eu tenho algumas ideias. — Mordiscando o pescoço dela, ele passou os lábios pelo ombro dela e depois pelas clavículas. Provocadoramente, ele desceu pelo peito dela, lambendo e chupando até chegar ao umbigo dela. Ele esfregou sua barriga, massageando a pele macia com a palma da mão antes de

virar a mão e segurar o sexo dela. Os dedos deslizaram através de sua suavidade para empurrar dentro dela.

Lucia respirou fundo. —Eu pensei que você disse que haveria mordidas.

Rindo, ele desceu o corpo dela, passando as pernas sobre os ombros para deixá-la bem aberta. Ele beliscou sua parte interna da coxa antes de lamber seu centro e passar para a outra perna. As sensações a fizeram gemer e torcer, arqueando quando ele a lambeu, circulando seu clitóris e depois rindo quando ele mordeu a pele macia de sua perna.

Suas mãos agarraram suas pernas então, empurrando-as para a cama e segurando-as lá. Ele mergulhou nela, empurrando a língua dentro dela antes de chupar o feixe de nervos e bater com a língua.

—Eu preciso de você dentro de mim. — Ela pediu, suas palavras pontuadas com gemidos. Ele balançou a cabeça contra o núcleo dela, mas ela não seria negada. Apertando as garras, ela pegou os braços dele e o arrastou pelo corpo. Ela agarrou sua ereção, alinhando-a com sua entrada.

Um impulso suave foi o suficiente para ela se desfazer. Acima dela, ele rugiu, bombeando loucamente dentro dela. Suas asas irromperam de suas costas ao mesmo tempo em que entrou dentro dela. O calor banhou seu interior.

Seus braços tremiam com o esforço de se segurar. Segurando o pescoço dele, ela o puxou para ela.

—Eu vou esmagar você.

—Eu sou mais forte do que pareço. — Ela ofegou. No entanto, ela precisaria começar a fazer cardio.

Ele se sentou, afastando os cabelos do rosto. —Eu sei. — Beijando-a novamente, ele rolou, mantendo-a envolvida em seus braços. —Você é a esquisita mais forte que eu conheço.

Rindo, ela sentou, montando em seu corpo. —Esquisita, hein?

—Você disse isso, não eu.

Ela o beijou novamente. —Justo.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Lucia

Depois de um banho de dez segundos, Armaros os levou de volta para a casa de Lucia. Eles pensaram em procurar Delia no mosteiro, mas enquanto lavava os cabelos, espuma pingando e queimando os olhos, de repente se lembrou de sua promessa à mãe de se despedir. Era o mínimo que ela podia fazer, a única coisa que sua mãe lhe pedia antes de partir para Deus-sabe-onde.

De volta à Nova Inglaterra, e com os dedos cruzados, que ninguém havia notado sua ausência.

Quando eles voltaram, parecia que ninguém tinha. A cozinha estava silenciosa, o garfo e a colher ainda caídos no chão. Lucia cambaleou até uma cadeira, puxando-a para fora e desmoronando nela. —Todo esse *poof* de um lugar para outro está confundindo muito o meu relógio interno.

—Você precisa de mais descanso. — Armaros a beijou. —Às vezes, esqueço que você é humana. Mortal.

—Vou dormir depois de encontrar Delia —, respondeu ela, afastando a preocupação dele. Estava escuro lá fora, mas ela sabia que eles não se foram há tanto tempo que um dia inteiro se passou. —Mãe? — ela chamou enquanto Armaros pegava o garfo e a colher e os colocava de volta nos ganchos. —Mãe?

Não houve resposta. Olhando de volta para Armaros, ela saiu da cozinha e entrou na sala de jantar, cambaleando até parar. O brilho da TV era visível na sala de jantar, mas a ação estava congelada, como se alguém tivesse pressionado a pausa no meio do show. Ela conseguia distinguir os cabelos

escuros de seu pai, onde ele estava sentado de costas para ela, segurando a mão com o controle remoto, onde repousava no braço da cadeira. A mãe estava no sofá, a revista nas duas mãos, os olhos colados na página. Nenhum dos dois se mexia, eles não respiravam ou piscavam. Tudo foi suspenso no tempo.

Seu olhar varreu a sala, pousando no anjo feminino muito real, muito alto e com muita raiva esperando por ela. Belas asas douradas caíam sobre seus ombros enquanto ela estava com a espada na mão, olhando para Lucia.

A primeira vez que se conheceram, a mulher sentiu um prazer doentio em cortá-la do braço ao peito, e a lembrança da queimadura a fez tropeçar de volta para a segurança da cozinha e de Armaros. Como se ele pudesse sentir o terror dela, ele explodiu da sala. Seu corpo enorme diminuiu o dela, as asas arrancando o teto e derrubando fotos da parede enquanto elas se estendiam.

—Guerreira. — Sua voz estava distorcida novamente, alterada pela mudança em sua forma. —Você não a ameaça. Eu mato você primeiro. — Na mão dele apareceu uma espada de fogo, e na outra, seu escudo, mas a fêmea não se impressionou.

—Eu não vim para lutar com você, Caído. — Soltando a espada, ela segurou as duas mãos para fora. —Eu vim para Lucia.

Antes que ela pudesse formular um pensamento, muito menos responder ao anjo, Armaros levantou a espada no ar. A cabeça dele roçou o teto, parecendo maior do que ela já tinha visto. —Você não pode tê-la.

—Armaros —, disse a mulher, seu tom mais suave. —A humana é minha. Minha para guardar.

—Do que você está falando? — Ela desejava poder vê-la, fazer contato visual enquanto exigia respostas, mas Armaros pretendia protegê-la. Em vez disso, ela foi forçada a gritar por cima do ombro dele. —A última vez que te

vi, você me disse que eu cheirava mal e tentou me transformar em shish-kabob humana.

Armaros permaneceu imóvel como pedra, postura reta. Apesar de sua forma monstruosa, ele era real.

A anjo continuou: —Se eu precisar, eu a matarei para salvar sua alma. É meu dever.

—Você não pode tê-la. — Ele repetiu e sua espada caiu, deixando um rastro de fumaça em seu rastro.

A anjo encontrou seu ataque com o seu. A espada que ela largou reapareceu em sua mão quando ela bloqueou seu ataque. Quando as espadas se tocaram, houve um lampejo de luz. Instintivamente, Lucia levantou a mão para proteger os olhos.

A casa pareceu erguer-se de seus alicerces, jogando-a no chão. As paredes tremiam, a madeira gemendo. O chão sob suas mãos tremia, mas quando ela se ajoelhou, tudo parou. Nenhuma foto estava fora de lugar. A TV tocou. Tudo foi como deveria ser.

Exceto que Armaros se foi.

—Lucia? — Sua mãe perguntou surpresa. —Onde você estava? — Seus pais não tinham ideia do que havia acontecido, mas sua mãe deve ter lido algo em seu rosto. —O que aconteceu?

—Lembra do seu adeus? Eu estou dizendo isso. Me dê um abraço. Preciso encontrar Armaros.

A TV parou e o pai dela se levantou da poltrona. Quando ele pôde alcançá-la, ele a agarrou pelo braço e a abraçou. —Esta é a última vez. Pare de perder pessoas. Você se importa com alguém, você o segura firme.

—Estou tentando. — Ela sussurrou quando ele a soltou.

Sua mãe a abraçou, beijando sua bochecha. —Te amo.

— Amo você também. Diga adeus a Zia.

Deixando os pais na sala, Lucia correu para a cozinha. Ela pegou a tigela cheia de água e a jogou na pia. Rezando, ela a preencheu novamente, com a mente voltada para Armaros. Desespero e medo a fizeram se atrapalhar, derramando água no chão. Seus dedos tremiam enquanto ela tentava acender um fósforo e segurá-lo na vela, estremecendo quando queimou seus dedos. Ainda assim, ela a segurou contra o pavio até que ele pegou.

Em sua mente, ela imaginou Armaros. Ambos os lados dele. O homem bonito com a pele de porcelana e a criatura com as asas negras de tirar o fôlego. Olhando para a chama, ela lentamente inclinou a vela. A cera pingava na água. Como antes, ela não recebeu uma foto ou imagem de onde ele estava.

Um caminho apareceu à sua frente, uma luz brilhando ao longe, iluminando algo que ela não podia ver, mas esperava levá-la a Armaros. A vela caiu da mão dela e ela deu um passo no caminho.

Quando ela *poof* com ele, algo dentro dela a puxou de um lugar para outro. Armaros a segurou, ancorando-a para que ela acreditasse no que a estava puxando, também a conectava a ele. Agora, não havia âncora. Cabia a ela avançar. Se não o fizesse, ela ficaria presa aqui, nesse lugar intermediário.

Forçando os pés a se moverem, ela correu para a luz. Uma vez, ela olhou para trás, mas tudo o que restava era escuridão. Ela sabia que se ela parasse, isso a engoliria inteiro e ela nunca poderia escapar.

Com o rosto de Armaros em primeiro plano, ela correu o mais rápido que pôde. Acelerando, sentiu o momento em que alcançou a luz, mergulhando nela.

Ela caiu, pegando-se nas mãos. Areia quente jazia sob as palmas das mãos, queimando-a. Assobiando, ela as puxou de volta. Em todo lugar que ela

olhava havia areia e sol. O vento soprou seus cabelos ao redor do rosto, mas ela ouviu com atenção o som da luta.

Como que em resposta, o vento ficou cada vez mais alto, mais selvagem.

—Armaros! — Ela chamou. Ela estava na base de uma duna. Se ela quisesse ver alguma coisa, teria que chegar ao topo. Ignorando a dor da areia sob as unhas e o fogo queimando sua pele, ela cavou na areia, impulsionando-se para a frente. No topo da duna, ela levantou a mão para proteger os olhos do sol. A areia soprou em sua pele e ela piscou loucamente, tentando limpar a poeira que a cegava. —Armaros!

O caminho a levou até aqui, o que significava que era ali que ele tinha que estar. Ao longe havia uma névoa, algo cintilante e cintilante. Tropeçando, ela forçou seu corpo a se mover nessa direção. *Onde você está?*

Cada vez que Armaros os levava a algum lugar, eles pousavam onde deveriam. Dúvidas a assaltaram. Ela deveria saber que isso não funcionaria.

Ela seguiu em frente até mal conseguir levantar cada pé. Finalmente, ela tropeçou e caiu na areia. Virando de costas, ela olhou para o céu azul. O calor era uma boa mudança, ela percebeu. Ela estava acostumada a congelar sua bunda na Nova Inglaterra, e depois congelá-la na França, e depois congelá-la na Cornualha.

Sua pele queimava e ela lambia os lábios, sentindo a pele rachada sob a língua. Fechando os olhos por um segundo, ela girou para o lado para chegar às mãos e joelhos. Da próxima vez que fizesse isso, seria mais específica. Termine a centímetros do objetivo dela ou, pelo menos, à vista.

Ela se concentrou em cada passo, apenas se permitindo pensar o quanto precisava dar. Todo o foco que ela usava para escrever teses e aprender idiomas antigos agora passava a andar.

Através de seu cérebro nebuloso, um ruído foi registrado e ela fez uma pausa. O brilho, que parecia tão distante, estava ali, à sua frente. Espada encontrou escudo e faíscas voaram.

Armaros.

Seus lábios estalaram quando ela abriu a boca para chamá-lo, mas ele a sentiu antes que ela pudesse falar. A mulher notou sua distração e então passou a espada por seu escudo, cortando sua pele.

Um coaxar deixou sua garganta em vez do grito de advertência que ela tentou. Ele desapareceu, mas um segundo depois, sua forma apareceu na frente dela, as asas estendidas, protegendo-a do sol.

—Encontrei você. — Ela ofegou.

Sua espada caiu no chão, batendo suavemente na areia. A pele fria e gelada cercou a dela enquanto ele a envolvia em seus braços. —Lucia.

O ouro brilhou no canto do olho. —Não! — Sua voz falhou e Armaros grunhiu. O anjo estava atrás deles, uma mão no ombro de Armaros, a outra fora de vista.

Lucia ouviu um som, como metal deslizando contra metal e ele estremeceu. O preto sangrava de seus olhos, brilhando e depois azul novamente. O anjo o empurrou, mas, em vez de deixá-la ir, Armaros caiu de joelhos.

Contra o céu azul brilhante, o anjo levantou a espada. Explodiu em chamas, brancas e azuis.

—Por favor, não. — Lucia implorou. Dedos tocaram seu rosto e ela mudou o olhar para Armaros.

—Eu te amo. — Ele sussurrou. Ele estava entre formas, meio homem, meio caído, mas ela podia ver o amor dele. Brilhava dele.

Ela segurou a mão dele no rosto. —Eu também te amo.

O sol refletia na espada, mas o golpe nunca veio.

A mulher se ajoelhou atrás de Armaros, mas sua espada estava ao lado dela. —Não se mexa. — Ela ordenou. Os cabelos dela começaram a voar ao redor do rosto, os olhos azuis ardendo enquanto ela cuidadosamente colocava as mãos na pele de Armaros.

Ele empurrou o toque dela, perdendo o controle sobre Lucia, que subiu atrás dele, pronta para puxá-la de volta.

Mas suas mãos não eram instrumentos de tortura. Enquanto Lucia observava, incrédula, os ferimentos no corpo de Armaros, ferimentos tão profundos que ela podia ver o brilho de ossos e músculos, curados. A pele se fundiu, deixando uma linha branca de tecido cicatricial. Derrubando, ele caiu de cara na areia, ainda como a morte.

—O que você fez? — Cada palavra rasgou sua garganta dolorosamente. Ela lambeu os lábios, provando sangue onde a pele se partiu.

Em vez de responder, ela colocou uma mão em Armaros e agarrou o pulso de Lucia com a outra, transportando-os para fora do deserto.

—Ele vai viver? — Lucia perguntou.

O anjo assentiu. O nome dela era Hanielle e ela era um anjo da guarda, não uma guerreira. Na verdade, ela era o anjo de Lucia. Seu objetivo era proteger Lucia, mas não do tipo que pula na frente de um ônibus. Ela deveria proteger Lucia contra a tentação. Quando Armaros impôs sua vontade à dela, tirando a memória de Lucia de Delia, Hanielle sentiu, um apito angelical de cachorro.

—Por que ele não acorda?

—Ele é Caído. — Ela respondeu, explicando.

—Obrigada por não matá-lo. — Lucia sussurrou, inclinando-se para beijar sua testa fria.

—Eu apenas despacho os puramente maus. — Suas belas sobrancelhas se uniram quando ela considerou a forma de Armaros.

—Você deveria ter falado com ele antes de atacar. Ele não é mau.

—Não mais —, Hanielle concordou. —Mas ele é Caído, e sua escolha não pode ser desfeita.

Lucia assentiu, mas ela queria que o anjo entendesse, mesmo no pior dos casos, Armaros nunca foi mau. —Ele sempre amou sua irmã. A família dele.

—Talvez. Mas o Criador deveria ter sido o primeiro em seu coração. É assim que acontece com todos nós. — Virando-se para a janela, Hanielle olhou para o pátio coberto de neve. —Não sei o que isso significa. Ele é muito incomum.

—Por que você nos atacou? Uma conversa com ele e você saberia que ele era diferente. Como sua irmã era diferente. Nenhum deles merecia ser caçado.

Os ombros fortes de Hanielle deram de ombros, as asas levantando com o movimento. —Eles não eram de minha responsabilidade.

—Por que você está nos caçando? Porque você está preocupada com a minha alma? — Segurando a mão de Armaros, Lucia sentou-se na beira da cama. Hanielle continuou olhando pela janela, sem responder imediatamente.

—Não. Fui ordenada a *não* procurar por você. Quando te conheci no mosteiro, não sabia quem você era imediatamente. Não até você orar e eu reconhecer sua voz.

—Que estranho.

Olhando por cima dos ombros, a fêmea estreitou os olhos. —Estranho?

—Sim, estranho. Você é minha guardiã, mas nunca me conheceu antes.

Um pequeno sorriso tocou seus lábios e seu rosto se suavizou. Lucia respirou fundo, impressionada com sua beleza. —Eu conheço sua alma —, respondeu Hanielle. —Não o seu rosto. Eu te conheci quando o Criador escolheu seu corpo. Eu nunca poderia esquecer isso.

—Aww.

O olhar suave desapareceu, deixando apenas um anjo irritado. —Não há motivo para zombar de mim, Lucia.

—Eu não estou zombando de você. Foi uma coisa muito doce de se dizer. — Ela estava sendo honesta. —Isso me fez sentir especial.

—Todos os humanos são especiais para o Criador.

—Não é o que eu quis dizer. — Lucia balançou a cabeça. —Você me fez sentir especial. Saber que você está comigo desde antes do meu nascimento. É incrível.

—Sim —, o anjo assentiu em concordância. —Isto é. E é por isso que, se for possível, eu mataria o corpo que abriga sua alma, em vez de permitir que queime por toda a eternidade.

—Aww —, ela repetiu, desta vez provocando e fazendo Hanielle sorrir novamente. Sua atenção voltou à figura imóvel de Armaros. —Ele vai acordar em breve?

—Eu não sei —, respondeu Hanielle. —Eu nunca curei um Caído.

Levantando a mão no rosto dela, ela esfregou a bochecha contra os nós dos dedos. —Você sabe onde Delia está?

—Delia? — Ela perguntou confusa. —A irmã dele era Vasanthi.

Lucia se perguntou se deveria contar a ela. Isso era seguro? Hanielle tentaria encontrar Delia para matá-la, ou como ela fez com Armaros, ela seria

capaz de dizer que a garota era inocente? Talvez ela protegesse Delia do jeito que protegia Lucia.

Mas e se Hanielle fosse ordenada a encontrar e matar Delia? Não era um risco que Lucia pudesse correr. —Eu quis dizer Vasanthi —, ela mentiu. — Você sabe onde Vasanthi está?

—Os guerreiros a procuraram.

Lágrimas indesejadas brotaram em seus olhos e caíram na mão de Armaros. —E o marido dela?

—Eu acredito que o marido dela, o humano que estava com ela, está morto. — Hanielle acariciou seus cabelos antes de juntar as mãos. —Seu guardião foi ordenado a salvar sua alma.

—Oh. — Ela sussurrou, a tristeza a dominando. *Pobre Delia.*

—Sinto muito —, disse Hanielle calmamente. —Se Vasanthi não era mais má, e seu marido procurava apenas protegê-la... O que fizemos foi errado. — Balançando a cabeça para frente e para trás, uma lágrima caiu na mão do anjo. Erguendo, ela olhou para a umidade em descrença. Suas mãos foram para o rosto, limpando-o. Seus lábios tremeram quando ela encontrou o olhar de Lucia. —Nós estávamos errados.

Ainda segurando a mão de Armaros com força, ela pegou a de Hanielle também. —Então você só precisa encontrar uma maneira de fazer as coisas direito.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Armaros

O chão desapareceu sob os pés de Armaros e ele caiu. Suas asas estavam carbonizadas, ossos e músculos expostos gritando.

Desenrolar as asas e bater no ar era instintivo, e apesar de saber que isso não lhe faria bem, ele tentou. Ao seu redor havia gritos e gritos quando os outros anjos, aqueles que escolheram como ele, caíram no ar.

A queda era interminável, através de dimensões e céus. Incessantemente, eles gritavam. A voz de Armaros se misturou com as outras.

No céu, suas vozes se misturavam harmoniosamente, lindamente. Agora, eles estavam unidos por seus gritos e sua escolha, e na queda infinita, seu canto era de medo e terror. Um implorando por misericórdia e perdão que não veio.

A voz de Armaros quebrou, e o silêncio foi pior que os gritos. Ele não sentiu mais a dor, seu foco foi para dentro, inflamando sua raiva até que ela cresceu e ele poderia ter iluminado todo o espaço e tempo com sua chama.

Irmã dele. Ele pensou no rosto dela. Da determinação em seus traços quando ele escolheu a liberdade sobre a servidão, e ela o seguiu. Na escuridão, ele a viu chocada e aterrorizada quando começaram a cair e ela percebeu que havia desistido de tudo o que conhecia.

Preto iluminado para azul. Um azul tão vibrante e brilhante que ele podia sentir em sua pele. Ele fechou os olhos, sentindo frio pela primeira vez. O ar passou por seus ouvidos, forçando as pálpebras a se abrirem. Abaixo

dele estava o marrom opaco da terra, subindo cada vez mais rápido, pronto para encontrá-lo e esmagá-lo em pedaços, moendo-o em pó e areia.

Apesar de suas vozes fraturadas e mutiladas, os anjos gritaram novamente. Não havia nada para detê-los, nada para amortecer sua queda.

Armaros girou a cabeça, incapaz de ver seu destino se aproximar dele a uma velocidade inimaginável.

Atingir o chão era tudo o que ele imaginava. Esmagado. Achatado. Pulverizado. Corpo virado do avesso. E, no entanto, de alguma forma, a piada cósmica final, ele continuou.

A irmã dele estava ao lado dele, apenas seus olhos reconhecíveis. Eles se entreolharam, incapazes de emitir um som, observando o corpo do outro mudar, se unir, curar-se de uma forma antitética à que deveria ser.

Além da irmã, havia uma extensão de ouro. Armaros nunca percebeu que a areia poderia ter tantas cores. Branco, dourado, marrom, cinza. A areia soprou em seus olhos, através de sua pele. Ela grudou em seus ferimentos, acumulando-se nas costas enquanto ele ficava deitado durante o dia e a noite, e depois no próximo e no próximo. Eventualmente, a areia o cobriu completamente.

Isso o sufocou. A que primeira veio, era uma fina camada de poeira acumulada até pesar sobre ele como granito. Cada respiração puxava a poeira para seus pulmões, sufocando-o.

Armaros orou pela morte. Por nada. Por que o Criador não terminou com todos eles como se nunca tivessem existido? Por que ter piedade dos humanos e não daqueles que nascem para adorar?

Sua raiva ardia, mais quente e mais pesada que a areia e o sol. Em algum lugar na escuridão, enterrado como ele, estava sua irmã. Ela sofria como ele

sofria, talvez pior, porque ele forçou a mão dela, forçou-a a fazer uma escolha que nunca faria, exceto por ele.

Talvez ele tenha ficado na areia por mil anos. O tempo não significava nada para ele quando havia apenas escuridão, calor e dor.

Do deserto, espalhando-se como besouros escorregando da areia e do lodo, os Caídos emergiram: pervertidos, retorcidos. A beleza deles se foi. Em seu lugar havia feras.

Até a irmã dele era horrível. Suas costas se curvavam sob as asas negras metálicas. Asas nascidas de areia e tendão e aquecidas como vidro.

Mas os olhos dela eram os mesmos, e eles traçaram sua forma com tristeza.

—Vasanthi. — A voz dele não era dele. Era uma voz que gritava por distâncias incomensuráveis.

A voz dela ecoou na cabeça dele. —*Isto é real? Isso não é real. Isso não pode ser real.*

—Sinto muito —, ele respondeu. Isso nunca deveria ter acontecido com ela. Aqueles cuja culpa ele sofreria por sua dor. Pela escolha que ele a forçou a fazer. —Eu sinto muito!

O deserto desapareceu. Não havia sol nem calor. Apenas o brilho opaco e cinzento das antigas paredes de pedra. Suas asas não doíam, não eram pesadas. Elas estavam embaladas, aninhadas em lençóis macios e cobertores mais macios.

O vento não soprava mais em sua pele e olhos. Era um hálito quente fazendo cócegas em sua pele. Ele se mexeu, seu corpo sob seu controle e viu Lucia, a cabeça apoiada no braço, os olhos fechados. Lábios se separaram, sua respiração varreu sobre ele.

Erguendo a cabeça, ele a estudou. Sua pele estava vermelha, corada não pelo sono, mas queimada pelo sol. A pele delicada ao redor de seus olhos estava irregular, a areia a havia atingido. Até a mão dela, entrelaçada com a dele, estava seca e rachada. Isso iria empolar e descascar.

Lembrou-se dela aparecendo no deserto. Sua voz falhou e ficou rouca. Seu pesadelo fazia sentido agora. Isso o lembrou demais de sua queda, e o destino que ele tinha infligido a sua irmã. Era culpa dele que ela tivesse caído, culpa dele que ela morreu. Assim como a culpa era dele, que Delia estava desaparecida e Lucia estava preparada para desistir da faculdade. A responsabilidade por seus ferimentos, pelo perigo para sua alma, tudo repousava diretamente em seus ombros.

Ele não podia deixar isso acontecer. Seu amor por ela ofuscava tudo, não havia nada que ele não fizesse por ela, nada que ele não desse para mantê-la segura. Mesmo que isso significasse passar o resto de sua vida eterna sem ela.

Os dedos dela permaneceram firmemente enrolados nos dele, enquanto a outra mão amortecia a cabeça e segurava o braço dele. Ele se divertiu com o toque dela, permitindo-se apreciar a última vez que a pele dela estava sobre a dele.

Puxar a mão da dela foi a coisa mais difícil que ele já teve que fazer, mas foram as palavras que ele empurrou da boca que mais doíam. —Você não deveria ter vindo atrás de mim.

Observá-la acordar, observando os traços que ele fixou com raiva e distância, fez algo estalar dentro dele. Ela sorriu para ele, como se pudesse aliviar a tensão que descia sobre o quarto, e ele teve que se forçar a permanecer distante.

—Você vai ficar bem —, ela disse, com a voz rouca. Ela estremeceu, e sua raiva de si mesmo aumentou. —O anjo, Hanielle, ela te curou.

Ele se viu de fora do corpo. Sobrancelha levantada, olhos frígidos. Ela pegou a mão dele, mas congelou quando interceptou o olhar dele. —Qual é o problema? Você está machucado? Com dor? — Ela engoliu em seco, fazendo uma careta.

—Isso foi tolice. — Ele não respondeu sua pergunta.

—Eu não entendo. — Mas ela viu, ele podia ver no rosto dela. O problema era que ela não queria acreditar.

—Lucia. Nós somos muito diferentes. Isso nunca iria funcionar.

Enquanto ele falava, ela balançou a cabeça. —Eu te amo. Você me ama.

—Eu não.

—Você ama.

—Eu não estou discutindo, Lucia. — Balançando as pernas para fora da cama, ele se levantou. Perto havia uma jaqueta, ele não se incomodou com uma camisa, ele a vestiu. Se ele não saísse daqui agora, se entregaria. — Acabou. Vou encontrar Delia e você pode esquecer de nós.

Ela o agarrou antes que ele pudesse sair. —Eu não vou esquecer. — Quando ela enfiou o casaco, ela estremeceu, e ele olhou para baixo. Suas unhas estavam quebradas e rasgadas, formando crostas nas pontas. A outra mão envolvia sua cintura, segurando suas costelas, lembrando-o de que ela tentava sair do corpo quando Belias a possuía. A dor dela só o deixou mais irritado.

Reunindo todos os pedaços de gelo possíveis, ele ficou mais reto. A mão dela caiu do casaco dele, juntando a outra na cintura. Forçando-se a manter distância, ele a encarou com nojo. —Todos os humanos esquecem. Eu não te amo e você não vale o trabalho que está causando. Posses. Batalhas. Sem ânimo e correndo. Eu. Não. Corro. — Ele fingiu que era tudo culpa dela, deixou-a ver na cara dele. —Você não me faz melhor. Você me deixa fraco.

Lágrimas se acumularam em seus olhos, derramando em suas bochechas, mas ela rapidamente as varreu. Seus lábios tremeram e ela os esmagou juntos. —Você é um covarde e um mentiroso. Você acha que eu não consigo ver o que você está fazendo? Você *sim* me ama, e isso assusta você. Não porque isso o deixa fraco, você não se importa com isso. Você se importa comigo e tem medo por *mim. Eu vejo você, Armaros.* — Ela se afastou dele, seus olhos acusadores, ombros arfando a cada respiração. Um grito saiu de seus lábios e ela o sufocou com a mão, mas continuou: —Não vá embora. Nós podemos superar isso. Somos mais fortes juntos.

Ele quase deixou acontecer, quase caiu de joelhos e pediu perdão. Ela deve ter visto, porque deu um passo em sua direção, com um pouco de mágoa e fazendo uma careta. *Não.* Sem ele, ela viveria. Volte para a vida dela, uma boa vida, e viva por um longo tempo.

—Esqueça-me. — Ele sabia o que tinha que fazer.

—Não. Armaros. Não. — Recuando, ela levantou as mãos. Suas mãos estavam cruas, tão cheias de bolhas quanto seu rosto.

Ele deu um passo à frente, ameaçador, iminente. Onde estava o medo dela? Tudo o que viu foi tristeza e isso o estripou.

—Essas são minhas memórias. Não vou deixar você levá-las. — Olhos estreitos encontraram os dele. Ele poderia fazer isso? Agora, ele estava conectado a ela de uma maneira que nunca esteve com ninguém. Ele poderia alcançar sua mente, encontrar as memórias e arrancá-las?

Isso a machucaria e o destruiria.

Um passo seguiu o outro até que ela ficou de costas contra a parede, olhando para ele.

—Armaros, por favor. Eu não aguento. — Sua voz tremia, mas ela confiava nele. Ela acreditava que, se pedisse, ele concordaria.

Sem aviso, ele mergulhou em sua mente. Não havia habilidade em seu trabalho, ele cortou e destruiu. Qualquer coisa com um sussurro de sua presença, ou Delia, foi empurrada para baixo, enterrada, trancada.

Ela tentou lutar com ele. Seguindo em seu rastro, ela os reuniu e os segurou, mas ele os agarrou de volta e os enfiou na escuridão.

Um som o afastou de sua tarefa, um som de traição e sofrimento. Os olhos azuis de Lucia nadaram em lágrimas, mas os seguraram. —Elas são minhas —, ela engasgou. —Pare. — Uma gota de sangue escorria de uma narina e ela a enxugou.

Ele teve que voltar. Não estava funcionando. Ele estava quebrando por dentro, dividindo-se em pedaços tão certo quanto ele estava cortando a memória de Lucia. Preparando-se, ele deu o primeiro passo, mas algo o impediu. Uma luz branca brilhante se uniu e formou uma parede entre ele e Lucia. Por mais que tentasse, ele não conseguiu passar por isso. Focado como ele estava nela, em derrubar o escudo mantendo-o longe dela, ele não ouviu a voz ecoando em sua mente.

—O suficiente. Você já a machucou o suficiente.

Rosnando, ele lutou, as mãos esmagando contra a barreira invisível, impedindo-o de Lucia. Ela olhou para ele, segurando o olhar dele, apesar de sua devastação. Asas irromperam de suas costas e ele girou, esperando o som de quebrar e quebrar.

Suas asas queimaram onde ele tentou cortar, uma chuva de faíscas chovendo em sua cabeça.

Em sua cabeça, houve um suspiro, e então o quarto e os lindos olhos tristes de Lucia desapareceram.

—Você está feliz agora?

Ele ignorou o anjo que o havia tirado de Lucia, concentrando-se no fio que ele podia ver viajando pelo espaço de volta para ela. Quando ele deu o salto, o anjo o fechou.

—Você não vai voltar. — Hanielle suspirou. —Deixá-la era a coisa certa a fazer. Agora deixe-a ficar fora.

De repente, a luta o deixou. Ele sentou, pernas incapazes de segurá-lo mais. O anjo observou-o com algo semelhante à simpatia.

—É muito perigoso. Os outros a encontrarão. — ele tentou explicar. —Os demônios, os Caídos. Eu a fiz suscetível a eles.

—Ninguém a tocará. — Uma voz afirmou calmamente. Olhos azuis claros encontraram os dele, em um rosto pálido, cabelos ruivos caindo em ondas e tocando ombros largos. Lúcifer.

O anjo o trouxe para o inferno.

—Casa de novo. — Observou Armaros um pouco histericamente.

—De fato —, respondeu Lúcifer, olhando-o com interesse antes de voltar sua atenção para Hanielle. —Você pode ir.

O lindo anjo revirou os olhos e cruzou os braços. —Eu quero estar aqui ainda menos do que você, Estrela da Manhã.

—De alguma forma, eu duvido disso.

—Simpatia pelo diabo? — Ela perguntou atrevidamente. —Acho que não.

—Armaros. — Dois braços finos em volta do pescoço. Um rosto pequeno, de queixo afiado, cavando seu ombro. —Senti sua falta.

A voz era tão inesperada que ele congelou. Chocado, ele lentamente passou os braços em volta de Delia para retribuir o abraço dela. —Onde você esteve? — Sua voz era tão áspera quanto a de Lucia.

—Aqui —, ela respondeu, afastando-se e apontando para Lúcifer. —Com ele.

—Com ele. — Ele tentou afastar Delia dele, mas ela o segurou. Finalmente, ele desistiu, de pé e segurando-a.

—Eu fui lá —, ela continuou. —de propósito. Ele não me levou.

—Tivemos um tempo adorável. — Acrescentou Lúcifer.

Hanielle, que estava observando cada jogador com interesse, estreitou os olhos. —Mentiroso. Pai das mentiras.

—Ele não é. — Delia foi rápido em sua defesa. —Não era seguro na Terra, e não é seguro com vocês. — Ela gesticulou para Hanielle, que parecia insultada. —Então eu vim aqui. Está bem. Chato, mas bom.

—Eu teria mantido você em segurança, pequena. Se você tivesse perguntado. — O anjo disse calmamente.

Mas Delia a interrompeu. —Você não podia. Você estava muito ocupada machucando Lucia.

Armaros também não havia esquecido esse detalhe, e agora, longe dela, sua raiva era uma chama vermelha, ele queria vingança. Lúcifer agarrou seu ombro antes que ele pudesse deixar Delia de lado e materializar sua espada. Seu aperto era inevitável. A menos que Armaros pudesse remover o braço de Lúcifer de seu corpo, ele não estava indo a lugar algum.

—Hanielle, sugiro que você vá. — Disse ele ao anjo.

Os olhos dela brilharam. Ela queria aceitar o desafio dele. Talvez esse anjo fosse uma guardiã, mas claramente ela tinha o desejo de ser uma guerreira.

Bom. Uma batalha era o que ele precisava. Ele precisava doer tanto por fora quanto por dentro.

—Por favor, não. — Sussurrou Delia, apertando os braços dele.

E assim, ele não podia. Sua sobrinha não tinha ninguém. Com Lucia fora de cena, ele era quem ela mais confiaria. Toda a responsabilidade por ela caiu diretamente sobre os ombros dele.

—Eu não vou. — Respondeu ele, olhando para Hanielle enquanto ele respondia. O orgulho dificultava o afastamento, mas ele o fez.

Lúcifer saudou o anjo, que com um último olhar na direção de Armaros, piscou para fora do inferno.

—Devemos mostrar ao seu tio seu quarto? — Lúcifer perguntou, voltando sua atenção para Delia.

Recuando, ela olhou para Armaros. —Não —, ela respondeu. —Acho que precisamos de sorvete.

—Definitivamente não há sorvete no inferno —, respondeu Lúcifer. — Mas eu sei onde podemos conseguir um pouco.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Lucia

Era ridiculamente fácil voltar à sua antiga rotina. Seu mentor não piscou quando Lucia apareceu em seu escritório, apenas apontou para uma pilha de papéis que ela precisava classificar e disse para ela se apressar para a aula de História da Europa enquanto murmurava sobre calouros e direitos.

Seu corpo não estava pronto para o rapé ainda, e ela voltou a morar com seus pais. Queimaduras cobriam o rosto e as mãos, mas muitos estudantes retornaram das férias de primavera parecendo com ela para que ela não recebesse muitos olhares de boca aberta. Suas contusões estavam principalmente em seu torso e, como era fevereiro, e ela nunca usara uma blusa em sua vida, essas eram facilmente cobertas. Ela se moveu a meia velocidade e pegou o elevador em vez das escadas, mas lidou com isso saindo um pouco mais cedo para a faculdade e o trem.

Em todos os becos por onde passava, em cada esquina que procurava, procurava Delia e Armaros. Seu estômago se contraiu, borboletas tremulando. Ela podia ver a reunião em sua mente. Delia a chamava, ela girava, surpresa. Delia iria pular em seus braços, e atrás dela estaria Armaros. Bonito, cabelo penteado para trás do rosto, olhos azuis brilhando com promessa e amor.

Mesmo que ainda não tivesse acontecido, ela esperava que acontecesse. À frente de Lucia, ficava o mais novo edifício do campus. As turmas de calouros eram as maiores, e esse prédio abrigava a maioria dos

auditórios. Sua turma tinha duzentos alunos, a maioria dos quais cursava a pré-requisito, o que significava que a maioria deles não podia se importar.

Um de cada vez, com cada pé cuidadosamente colocado para minimizar os estrondos, Lucia desceu os degraus íngremes que levavam ao pódio. Quando chegou ao fundo, suas costelas latejavam e as costas doíam.

—Vamos começar! — Ela chamou, esperando enquanto os estudantes pegavam seus computadores e ignorando a queimadura na garganta. Usando o controle remoto no pódio, ela configurou o projetor, sincronizando-o com o computador para mostrar as fotos e o Power Point que havia criado. — Paramos em Carlos Magno. Agora, quem se lembra do nome do pai? O melhor nome de todos os tempos. Qualquer um?

Algumas risadas alertaram-na de que, apesar da falta de participação, alguns dos alunos estavam prestando atenção, e talvez um deles até se lembrasse do que ela havia ensinado.

—Não? Ok. Então, Pepin, o Pequeno...

A sala explodiu em gargalhadas como ela havia planejado, e ela continuou. —E há minhas informações inúteis para o dia, e, embora provavelmente seja a única coisa que vocês, estudantes de fora da história, se lembram dessa aula, vamos para a coroação de Carlos Magno em São Pedro.

Pressionando o botão, Lucia indicou o slide e parou. A imagem da coroação do rei antigo estava bordada em uma tapeçaria medieval. As cores suaves e as bordas douradas a lembraram do mosteiro. No canto da tapeçaria havia a forma grosseira de uma capela, todos os arcos e colunas. Como ela podia sentir saudades de um lugar que visitou apenas brevemente? Ela olhou para a imagem, perdida em pensamentos, e sentindo tanta falta de Armaros que poderia ter dobrado a dor. Como era, ela apertou o lado, tentando lembrar de respirar.

Uma tosse atrás dela a trouxe de volta ao presente e ela encarou a classe novamente. —Peço desculpas. Papa Leo. Carlos Magno. Que tal esse bromance?

O restante da palestra de Lucia foi sem intercorrências. Os alunos riram quando ela queria e fizeram anotações abundantes. Quando a aula terminou, alguns alunos se aproximaram dela para pedir esclarecimentos ou o horário de expediente, mas depois ela foi deixada sozinha no auditório.

Sozinha.

Estava começando a ser uma coisa.

Ela ia para casa e ia dormir. Assistia TV sozinha. Colocava os fones de ouvido e trabalhava na dissertação. Se estivesse quieto no andar de baixo, ela entraria furtivamente na cozinha. Nas vezes em que ela encontrou sua família, ela forçou um sorriso no rosto e fingiu que estava tudo bem.

Depois das perguntas iniciais, quando ela voltou para casa, sozinha e arrasada, seu rápido retorno à aparente normalidade funcionou para eles. Sempre que sua mãe abria a boca para fazer perguntas, seu pai a interrompia com um rápido "Deixe para lá, Connie".

Apenas Zia olhava fixamente para ela e a encarava por períodos desconfortáveis. Mas até ela seguia em frente quando Lucia respondia suas perguntas com: "Estou bem. Prometo'.

Colocando o computador e as anotações na mochila, ela bufou. Ela não estava bem. Bem era uma emoção distante. O estado de espírito atual de Lucia poderia ser melhor descrito como destruído, desolado, devastado. Nesta vida, ela poderia não se sentir *bem* novamente.

—Lucia?

Ela pulou. A última vez que ela olhou, ela estava sozinha. Seu coração batia forte no peito enquanto ela olhava para distinguir o rosto da

pessoa. Ombros altos e largos, cabelos loiros. Por apenas um segundo, ela pensou que era Armaros e seu rosto se abriu em um sorriso. Mas com o primeiro passo do homem descendo as escadas, ficou claro que não era ele. Sua decepção foi tão aguda, tão esfaqueada que ela pensou que poderia chorar e lutou para manter o sorriso no lugar.

—Sim? — Ela perguntou. —Posso ajudar?

O homem não disse nada, apenas continuou descendo as escadas. Lucia teve o impulso mais estranho de fugir, mas se forçou a ficar de pé. Era um homem, apenas um homem. Nos dias sem Delia e Armaros, nada fora do comum havia acontecido. Agora, porém, ela se sentia tola. Armaros havia dito a ela que algo dentro dela havia mudado, e agora todo tipo de criatura seria atraído por ela.

Mais um passo e o homem parou. —Sinto muito —, disse ele, sua voz profunda e calma. —Eu não quis te assustar. — Seu olhar foi para as mãos dela e Lucia olhou para baixo. Ela estava segurando o caderno na frente dela, ambas as mãos segurando-o como um escudo.

Tão perto, não havia semelhança com Armaros. Ele era mais baixo, mas amplo. Seu cabelo era loiro, mas puxado para baixo em um rabo de cavalo, pedaços escapando e roçando seu queixo. Em uma mão, ele segurava uma carteira de couro. —O professor Dieter me disse que eu poderia te encontrar aqui. Sou Aaron Fisher, o novo professor de civilização ocidental. Você deveria cursar a turma da minha graduação.

—Oh! — Ela tinha um e-mail em algum lugar sobre ele. Dieter, seu mentor, preparou-a para um sujeito que assumira, no último minuto, um professor antigo que teve um derrame recentemente. Aaron Fisher havia sido contratado pelo resto do ano. —Certo —, ela continuou. —Eu tenho uma pilha de ensaios para você na minha mesa.

—Excelente. — Ele sorriu, os cantos dos olhos enrugando.

Indicando a porta com a cabeça, Lucia os levou para fora da classe. Quando seu coração se acalmou, ela percebeu o olhar de Aaron nela. Espreitando para o lado de tempos em tempos, sua irritação começou a crescer. —O que você está olhando?

Suas bochechas coraram. —Desculpe —, ele se desculpou. —Você estava de férias?

Tocando o nariz descascado cuidadosamente, ela balançou a cabeça. — Emergência familiar na Itália.

—Itália?— ele perguntou empolgado. —Onde?

—Palmero. — Ela mentiu.

—Todo mundo está bem? — ele perguntou.

—Na maioria das vezes.

—Isso é bom —, ele pensou, —desculpe se eu a ofendi.

Confusa, Lucia parou. —Do que você está falando?

—Bem, eu te conheci cerca de cinco minutos atrás, e você duas vezes me deu um olhar '*do que você está falando*'.

Deus. Ela esteve fazendo isso. Seus olhares e perguntas irritavam seus nervos, e ela pulou na garganta dele, injustamente expondo sua raiva neste inocente, e em breve sobrecarregado professor adjunto.

—Sinto muito. — Ela se desculpou.

Ele sorriu e deu de ombros, colocando um fio de cabelo atrás da orelha. —Esqueça isso. Ou melhor ainda, faça as pazes comigo.

—Eu já fiz sua classificação. Que aula você quer que eu ensine? As oito da manhã? Sexta-feira?

Rindo, ele passou a mão pelos cabelos. —Não. Sem aula. Café?

—Hã? — Ele queria que ela pegasse seu café? —Ok, tudo bem. Como é que você gosta?

Seu rosto ficou vermelho e ele balançou a cabeça. —Não. Quero dizer, sair para tomar um café comigo. Para compensar por morder minha cabeça.

—O que? Ah. — Balançando a cabeça, ela começou a se afastar. — Não. Obrigada.

Em dois passos, ele a alcançou. —Não é proibido. Não estou classificando você ou tenho qualquer influência sobre sua dissertação. Eu não sento no seu comitê; não há razão para que você não possa.

—Eu não posso. — Respondeu ela, desejando poder andar mais rápido para pegar seus papéis e depois se enterrar em livros em seu curral favorito na biblioteca.

—Eu não conheço ninguém.

Ela olhou para os pés deles: suas botas de inverno, sola grossa de borracha, suas botas de caminhada sofisticadas. —Você conhecerá muitas pessoas. Vou apresentá-lo a alguns.

—Você é a primeira pessoa da minha idade que conheci.

—Você é mais velho que eu. — Ela respondeu.

—Ai.

Lucia parou, suas costelas doendo e pressionou a mão contra o lado. — Eu sinto muito. Fui despejada, faz...— Ela fez algumas contas mentais, — Quatro dias atrás. Não quero ir tomar café com ninguém agora.

—Ah. — Aaron assentiu, o rosto presunçoso. —Faz sentido.

—Desculpe? — Apesar da dor, Lucia estava há dois segundos para dar um tapa no cara.

—Eu vim muito pesado. Peço desculpas. Você pode concordar em talvez ir tomar um café comigo em algumas semanas?

Algo em seu rosto ansioso e a maneira como ele manteve seu senso de humor enquanto ela o eviscerava verbalmente a fizeram sorrir, mas ela balançou a cabeça. —Não são algumas semanas para esse tipo de coisa...— Ela nunca iria esquecer Armaros. Não havia café com ninguém no futuro dela.

Estragando a boca, ele assentiu antes de encolher os ombros. —Veremos. — Ele olhou o relógio e arregalou os olhos. —Porcaria. Eu tenho que ir. — Mão na cabeça, ele a saudou.

—E os seus papéis?

—Mantenha-os —, ele falou. —Você pode me dar quando você me trouxer meu café. Dois açúcares e nata.— Ele levantou dois dedos. —Dois!

Balançando a cabeça, ela o viu desaparecer em uma multidão de estudantes. *Que diabos?*

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Armaros

O vento soprou os cachos de Lucia na testa descascada, e ela os afastou do rosto enquanto olhava para o homem que flertava com ela.

Do seu lugar, a alguns metros de distância, Armaros ouvira todas as palavras e observava todas as emoções no rosto de Lucia. Sua irritação, aborrecimento, confusão, tristeza.

Era isso que ele era agora. Um espreitador. Espreitando a mulher que o possuía antes de voltar correndo para o inferno para ficar com Delia. No frio, Lucia estremeceu, enfiando a mão no bolso para tirar uma touca de malha e enfiá-la na cabeça.

Saia do frio, ele queria. Mas ela não fez.

Vendo um banco próximo, ela se aproximou e sentou, inclinando-se para trás e olhando para o céu cinzento. Flocos de neve flutuavam, caindo em suas bochechas e derretendo. Pegando em seus cílios. Enquanto os flocos caíam mais firmemente, ela fechou os olhos, mantendo o rosto virado para cima.

Armaros se aproximou, estendendo a mão antes que ele pudesse se conter. Sem forma física, ela não podia sentir seu toque, nem sentir sua proximidade. Ele podia pular de um lado para o outro, gritando seu amor por ela, e ela nunca o ouviria.

Ela foi totalmente eliminada de qualquer vestígio dele. Nada permaneceu em sua pele ou em sua alma. Para um demônio, ela era tão interessante quanto qualquer outro estudante universitário.

Ele não demorou muito. Alguns momentos roubados. Mais um tempo e ele conseguiria chamar a atenção de algo, desfazendo todo o trabalho que ele e Hanielle haviam feito para fazê-la ficar limpa. Uma lousa em branco.

Dentro dele, um relógio marcava os segundos. Os olhos de Lucia permaneceram fechados e, para seu horror, lágrimas escaparam de suas pálpebras fechadas.

Ela as deixou derramar por um momento antes que suas mãos as enxugassem e ela abriu os olhos.

Querendo estar mais perto, ele se ajoelhou na frente dela. Com tudo dentro dele, ele queria os olhos dela, mas ela olhou para as mãos.

Olhe para mim, por favor.

O tempo acabou. Seu corpo estremeceu com consciência. Ele não podia ficar, mas não podia deixá-la. Não olhando do jeito que ela olhava, do jeito que ele a fazia parecer.

Melhor devastada do que morta. Era o lembrete que ele precisava. Ele se afastou dela e voltou a desaparecer, mesmo que ela nunca soubesse que ele estava lá.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Lucia

—Oi.

Lucia tocou a borda do manuscrito à sua frente, um dedo branco com luvas cuidadosamente enrolando a página e virando-a. Com a outra mão, ela tirou fotos da bela Bíblia ilustrada com seu telefone. —Olá Aaron.

—Dieter me disse que você mudou sua dissertação.

Lucia usou o polegar para ampliar a face da alma queimando no inferno e tirou uma foto. —Sim.

—Dante? Bastante mudança da Inglaterra pré-romana.

—Isto é. — O calor aqueceu seu pescoço quando Aaron colocou o queixo em seu ombro, olhando para a página que ela estava estudando. Queimava desconfortavelmente, como se todas as células de seu corpo se encolhessem com o toque indesejado. —Você se importa?

—Espinhosa hoje, não está?

Ela deu um passo para trás, certificando-se de pisar com força em seus dedos dos pés antes de remover a luva.

—Ai!

—O que você precisa? — Ela perguntou, não se comovendo por seu ato.

Ele sorriu. Nas últimas semanas, ela e Aaron haviam trabalhado juntos quase todos os dias. Um professor talentoso, ele era, infelizmente, uma bagunça desorganizada. Suas tarefas eram complicadas, e Lucia passou mais

tempo avaliando e interpretando suas rubricas do que em qualquer outro professor que ajudava.

Além disso, após duas semanas de trabalho árduo em sua dissertação, ela decidiu abruptamente abandonar o foco e fazer algo completamente diferente. Ela decidiu se concentrar na queda dos anjos do céu e seu retrato em várias culturas. A natureza interdisciplinar de seu novo tópico significava encontrar um novo professor, um no departamento de Religião, para concordar em fazer parte de seu comitê de doutorado e começar do zero. Três anos de pesquisa e escrita foram jogados pela janela.

Mas isso a fez se sentir mais próxima de Armaros, mantendo-a ocupada ao mesmo tempo para pensar nele e em Delia.

Aaron olhou para ela e ela lhe deu o melhor rosto impaciente. —O que?

Quando ele não respondeu imediatamente, ela revirou os olhos e virou-se para o bibliotecário na mesa das Coleções Especiais. —Vinnie? Terminei.

—Foi rápido —, observou o homem atrás do balcão, pegando suas próprias luvas de inspeção e a caixa de metal usada para armazenar e preservar o livro antigo. —Eu pensei que teria que expulsá-la novamente.

—Alguém —, ela apontou por cima do ombro. —... está me distraindo.

—Provavelmente precisa que você avalie alguma coisa. — Vinnie refletiu.

Aaron bufou, mas sorriu quando encontrou seu olhar. —Na verdade não. Eu queria salientar, já faz algumas semanas. Pronta para o café?

Era como se ele a esfaqueasse no coração. O impulso de se enrolar, dobrar-se na cintura e uivar, correu através dela. De alguma forma, ela ficou de pé, mas quando procurou as palavras para responder, não conseguiu encontrá-las e, em vez disso, balançou a cabeça.

Caminhando rapidamente para as portas, ela soltou a jaqueta do cabide e passou os braços pelas mangas. Seu gorro estava no bolso e ela o puxou, enfiando-o na cabeça antes de balançar a mochila nas costas e sair correndo da biblioteca.

—Lucia, espera! — Aaron gritou, mas ela o ignorou. A única coisa que ela queria era se afastar dele. Ela sabia muito bem quanto tempo havia passado e como a cada dia que passava sua de separação de Armaros e Delia, doía cada vez mais. Não passou um momento que não foi interrompido por uma lembrança.

Um grupo de calouros jogava neve nos casacos um do outro, e ela pensou em como Delia riria deles. Entre as duas, elas provavelmente poderiam dominar Armaros. Ele as deixaria.

—Lucia, me desculpe. — Aaron agarrou seu braço, puxando-a para uma parada. —Ei. Realmente. Eu sinto muito.

Nuvens brancas sopraram de sua boca, ela não tinha percebido que estava andando tão rápido. Sem fôlego, ela ofegou enquanto Aaron se movia na frente dela. Olhando para ele e depois para longe, ela se concentrou nos calouros.

—Ei —, ele sussurrou, e segurou seu queixo. Imediatamente, ela afastou o rosto e ele levantou as mãos. —Eu sinto muito.

—Eu sei que você está brincando —, ela começou, finalmente encontrando os olhos dele. —e você pensa que está sendo engraçado, mas eu realmente não estou pronta. Serei sua amiga, Aaron, mas não mais me toque. Não há mais paquera. Não estou lá e provavelmente nunca estarei.

O vento aumentou, uivando por suas orelhas e ela colocou os braços em volta da cintura. O rosto dele mudou e, por um segundo, ela pensou que seus

olhos brilharam com raiva antes que o fogo se detivesse. —Esse cara realmente fez um número com você.

O desejo de defender Armaros a atingiu com força. —Ele não fez nada comigo. Eu o amava.

—Você é leal. — Ele enfiou as mãos nos bolsos. —Não parece que ele merece sua lealdade.

—Não se trata de lealdade. — E ela realmente não queria continuar falando sobre isso.

—Ele deixou você, Lucia. Lembre-se disso. Seu desejo por ele não significa nada para ele.

Suas palavras a fizeram tropeçar, e ela se virou. —Aaron. Você é um cara legal, mas se vamos ser amigos, precisa parar de falar sobre isso. Eu não pergunto sobre sua vida pessoal.

—Por que não? Não me importo de falar sobre isso.

Lucia levantou os braços e se afastou. Ele correu atrás dela. —Eu tive essa namorada, Sherry. Quando terminamos, ela roubou meu gato. Ou talvez, devo dizer, ela roubou os afetos do meu gato. O pequeno traidor queria ir com ela. Eu pude ver nos olhos amarelos dele.

—Gatos são notoriamente mercenários. Ela provavelmente fez uma oferta que ele não pôde recusar.

Aaron riu. —Provavelmente. — Balançando a cabeça, ele suspirou. —Tudo bem, Lucia. Não há mais paquera. Promessa.

—Bom.

—Então, te vejo mais tarde? Temos as apresentações dos alunos amanhã. Preciso que você acalme minha curva de classificação.

—Claro. — Ela concordou, sabendo que se ela não aparecesse na aula, todos os alunos fracassariam. Aaron tinha expectativas inatingíveis.

Precisando fugir, enroscar a cabeça antes de tentar fazer mais trabalho, Lucia deu um aceno rápido e se afastou. Ela podia sentir os olhos dele nela, queimando um buraco na parte de trás da cabeça e erguendo os pelos do pescoço.

A biblioteca era o melhor lugar para ficar sozinha. Se ela voltasse ao edifício da história, alguém teria uma tarefa para ela ou os alunos passariam. A biblioteca era seu lugar seguro, sua melhor aposta para a solidão.

Ignorando o olhar confuso do guarda de segurança que verificou sua identificação, ela seguiu para as escadas e o terceiro andar. Uma monstruosidade dos anos 70, a biblioteca tinha três andares de arquitetura semelhante a um bunker. As janelas eram longas e estreitas, e enormes colunas de concreto constituíam obstáculos dolorosos para quem passava com o nariz em um livro.

O terceiro andar era o mais escuro e sombrio. Evitados por todos, exceto pelas crianças que queriam se beijar, os currais do estudo estavam frequentemente vazios. O favorito de Lucia estava no canto de trás, entre duas janelas estreitas. Ela moveu a cadeira de frente para a janela, apoiando os pés na moldura de madeira no chão.

Seu curral, quando chegou lá, estava vazio. Deixando cair a mochila no chão e tirando o gorro e a jaqueta, ela caiu em sua cadeira e deixou a cabeça cair sobre a mesa.

Isso é péssimo. Não havia trabalho suficiente no mundo para distraí-la às vezes, e agora, ela sentia falta de Delia e Armaros.

O que Armaros disse a Delia? A menina pensou que tinha sido abandonada?

Delia a havia escolhido e Lucia estava feliz por ter sido escolhida. Não importava se seus planos eram disparados para o inferno. Criar Delia era um

desafio, e ela aceitou. Em pouco tempo, sua mente conjurou a imagem de Delia. Queixo pontudo. Olhos vermelhos. Cabelo loiro. Ombros e braços finos.

Fechando os olhos, Lucia tentou se lembrar da voz de Delia. Para seu horror, ela não podia. Ela conseguia se lembrar de seu rosto coberto de sorvete. Ela conseguia se lembrar das coisas que Delia disse, mas pela vida dela, a voz de Delia escapava dela.

No mosteiro, eles fizeram uma festa do pijama enquanto esperavam que Armaros retornasse a elas. Elas pularam no colchão de penas, virando de um extremo ao outro. Em sua mente, ela podia ver Delia rindo, mas do jeito que ela parecia? Havia um espaço em branco.

Lucia cobriu a boca com a mão, tentando abafar o soluço ameaçador. Nunca antes sua experiência pareceu mais uma lembrança.

E isso só ia piorar. Sem Armaros e Delia, ela era obrigada a esquecer as coisas. E se ela esquecesse como Armaros sorria? E se ela esquecesse como ele cheirava? E se ela esquecesse como ele se parecia debaixo da palma da mão?

Suas mãos foram para a garganta, tão apertadas, como se ela estivesse sufocando. *Eu não quero isso Eu não posso viver assim.*

Era algo a considerar; algo que ela nunca se permitiu imaginar antes. Esquecimento. Seria feliz. Sem dor. Tudo esquecido, não porque o tempo havia passado, mas porque não havia nada.

Puta merda! O que havia de errado com ela? Ela não podia contemplar seriamente... ela não conseguia nem pensar na palavra.

Não seria bom não machucar mais? Pensamentos negativos invadiram sua conversa interna, e ela lutou contra eles, afastando-os. Talvez Delia não contasse com ela, e Armaros a tivesse deixado, mas seus pais e tia a amavam e eles ficariam com o coração partido se algo acontecesse com ela.

Vasculhando sua mochila, ela encontrou o computador e o tirou. Em algum lugar de sua vida, ela encontraria algum controle. Canetas, lápis, telefone, caderno. Cada item colocado exatamente assim. Seu único foco estava na tarefa em questão. Cada vez que sua tristeza crescia, ela escrevia mais rápido.

Quando ela finalmente espiou da tela do computador, estava escuro lá fora, quase meia-noite. A biblioteca fechava à uma e ela conseguiu se esforçar até o ponto de exaustão. Missão cumprida.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Armaros

—Você está esquisito. — Delia disse entre mordidas de macarrão. Ela segurava os pauzinhos em uma mão, a cabeça inclinada, a boca aberta para pegar cada fio. Sorvendo e chupando, o caldo espirrou em seu queixo e Armaros se inclinou para limpá-lo.

—Eu não estou esquisito. Estou quieto. — Ele respondeu. Ele estava fazendo o possível para estar presente e viver o momento. Não era justo com Delia se ele se deitasse na cama e puxasse as cobertas sobre a cabeça, ou o equivalente a Caído: queimar indiscriminadamente demônios menores em cinzas. Ela precisava de alguém que estivesse em sintonia, participando de sua vida.

Seus pauzinhos caíram na sopa com força e ela suspirou, colocando o queixo na mão. Hoje eles haviam fugido para Chinatown, na cidade de Nova York. As ruas estavam ocupadas, e o rosto de Delia brilhava através das vitrines. Seu cabelo loiro estava puxado para trás, dobrado em um coque e mantido no lugar com paus lacados pretos pendurados em contas de jade. Ele comprou seus delicados sapatos pretos decorados com uma rosa vermelha no dedo do pé, que ela teve que usar imediatamente. A seus pés havia uma mochila contendo um gato de boa sorte, uma jaqueta de gola mandarim e uma caixa de minúsculas bonecas de crochê.

No bolso de Armaros havia uma caixa segurando um par de brincos de esmalte antigos. Azuis e verdes rodopiantes pendiam de delicados ganchos de

ouro. Bebendo seu chá, ele enfiou a mão no bolso, procurando a minúscula caixa de madeira. Era estúpido, ele sabia, comprar um presente para Lucia que ele nunca daria a ela. Seus dedos roçaram outro item no bolso.

O colar da Lucia. O que ele comprou na França. Ele o encontrou no chão de pedra do mosteiro, a corrente cortada e depois soldada da lâmina aquecida de Hanielle. Ele o mantinha com ele agora e, cem vezes por dia, enrolava-o no dedo, saboreando o metal frio e sabendo que ele havia repousado contra a pele de Lucia.

Delia levantou uma sobrancelha, os olhos caindo significativamente no bolso. —Vê? Esquisito.

—Você deveria conversar —, ele respondeu. —A camiseta?

Sentando-se na cadeira e cruzando os braços, Delia fingiu estudar os dragões dourados pintados nas paredes do restaurante. —Eu não sei do que você está falando.

Recentemente, Armaros descobriu que havia substituído a fronha por uma camiseta de leitura que roubara de Lucia: 'Napoleon Born2Party'. De manhã, ele a encontrava segurando o travesseiro como um bicho de peLucia, o rosto enterrado no algodão macio tão gasto que era quase esfarrapado.

—Vocês dois são esquisitos — veio uma voz agora familiar. Hanielle puxou uma cadeira e sentou-se ao lado de Delia, inclinando-se e beijando o topo de sua cabeça antes de tocar as contas no final de seu cabelo. —Legal.

Tocando seus cabelos, ela sorriu para o anjo. —Obrigada.

Por alguma razão, Hanielle estava aparecendo cada vez que ele e Delia vinham à Terra. Ela os fez companhia, indo para onde quer que fosse. Chegara ao ponto em que Armaros se perguntava se o objetivo de Hanielle agora estava vinculado a Delia, como já havia acontecido com Lucia.

Olhando por cima da cabeça do anjo, ele olhou para o tráfego pela janela. O inverno acabou e a primavera estava lutando para aparecer, o que em Nova York significava chuva e vento com uma explosão aleatória de sol quente. Depois de levar Delia de volta à casa deles, ele verificaria Lucia, para garantir que ela estivesse vestida para o clima.

—Eu volto já. — Interrompendo seus pensamentos, Delia pulou da cadeira e apontou para a placa do banheiro atrás deles.

Assim que ela desapareceu, Hanielle se inclinou para frente. —Lucia não está bem.

Imediatamente, suas costas formigaram e seus dedos engancharam em garras. —Leve Delia para Lúcifer, eu vou.

—Não, Armaros, espere! — Hanielle agarrou seu braço, o poder dela bloqueando o dele e não permitindo que ele saísse quando ele teria passado para Lucia. —Algo está acontecendo com ela, mas eu não sei o que.

—Conte-me. — Ele mal conseguia formar as palavras. Seus músculos estavam cerrados, sua mandíbula tão apertada que mal se mexia.

—Agora, duas vezes, senti um puxão. A alma dela estava em perigo.

Quando ele encontrasse quem a estava ameaçando, ele os esmagaria em pó. —Quem?

—Lucia.

Levou um momento para que as palavras dela se registrassem, passassem pela raiva que embaçava seu cérebro e a vontade de largar tudo e levá-la para seus braços. Mil vezes por dia, ele queria ceder. Ele a observava: estudando, ensinando, avaliando e pensou: *quão ruim seria se eu a levasse comigo. Ela estaria segura. Eu poderia mantê-la segura, não poderia?*

E então ele se lembrava dos machucados em seu corpo, e sua voz arruinada pelo deserto. Se ele a mantivesse, ela estaria constantemente em

perigo. Demônios e Caídos a perseguiriam, sem mencionar os anjos guerreiros que ele irritaria. Ele não podia arriscar ela.

No momento, o Céu e o Inferno estavam em um impasse. Ele e Delia foram ignorados. Lúcifer havia dado a Delia sua proteção, o que significava que, para todos os efeitos, ela era uma das de Lúcifer. Os anjos ficaram longe, e os outros temiam demais o Caído original para testá-lo.

Lucia deveria estar vivendo uma vida humana normal e, pelo que Armaros viu, ela estava. O que poderia ter mudado nas últimas horas desde a última vez que ele se escondia?

Lendo sua confusão, Hanielle procurou esclarecer. —Ela parece bem o suficiente, não é? — Ela não continuou até que ele assentiu. —Ela *parece* bem, mas estou interceptando pensamentos, desejos. Uma vez neste inverno, eu senti. O desejo de não ser nada, e então se foi. Então, novamente, semanas depois. Mas hoje aconteceu cedo e não faz muito tempo.

—Eu a vi hoje de manhã. — Ele respirou, batendo os dedos na mesa e se virando para assistir aos banheiros. Delia se foi há muito tempo. *Merda.*

Empurrando a cadeira para trás tão rapidamente que caiu no chão, ele correu para o banheiro e bateu na porta. Ela se foi, ele sabia antes de sua mão tocar a madeira.

—Ela foi para a Lucia?

—Sim. Ela está sintonizada, mesmo quando você pensa que ela não está ouvindo...— O anjo provavelmente a assustou. Delia sentia falta de Lucia tanto quanto Armaros. Ela pode ter entendido por que eles não podiam estar com Lucia, mas ela não gostou.

—Vamos...— Hanielle parou, inclinando a cabeça como se estivesse ouvindo algo que ele não podia ouvir. A testa dela enrugou, a mandíbula apertou. O que ela ouviu, ela não gostou. —Eu não posso ir com você.

—Por que não?

Com raiva, ela balançou a cabeça, observando Armaros jogar notas na mesa e depois agarrou o braço dele para expulsá-los do restaurante. Eles apareceram em um parque não muito longe, embaixo da estátua de bronze de SenYet-sen. A chuva caía, mas em vez de bloqueá-la, ele a deixou saturá-lo, encharcando os cabelos e a jaqueta. Ele não sentia o frio, não o incomodava. Mas ele queria, ele queria ser tão desconfortável nesta forma quanto ele estava dentro dela.

—Eu não posso ir porque a alma dela não está em perigo neste momento. Você sabe que eu sou tão limitada por comandos como antes.

—Você está dizendo que o Criador não vai deixar?

Hanielle abriu a boca, mas parou. —Eu não posso te dizer —, ela resmungou. —Mas vá. Você precisa ir.

Sem outra palavra, ele encontrou o caminho que levava a Delia e Lucia e o seguiu. Após a explicação dela, ele esperava que Lucia parecesse gasta e abatida.

Ela não parecia.

Seus olhos estavam cansados, mas sua pele estava brilhante. Era cinza, mas mais quente. Botões verdes pontilhavam as árvores. Em alguns lugares, narcisos abriram caminho através da terra. Lucia sentou-se no que deve ter sido seu banco favorito. Ele a encontrava aqui frequentemente. Estava a meio caminho entre o departamento de história e a biblioteca, um pouco afastado do caminho pavimentado.

Como ele, Delia estava escondida, protegendo sua presença de Lucia, mas sentada perto o suficiente para poder alcançá-la e tocá-la. Olhando atentamente para ela, a garota não voltou sua atenção para ele.

Seus profundos olhos vermelhos brilhavam, uma explosão de poder fluindo para fora dela. A árvore próxima explodiu em uma chuva de folhas verdes cerosas, jogando os galhos um contra o outro. Cautelosamente, ele se aproximou, sentado do outro lado de Lucia.

—Ela parece bem. — Delia a estudou. —Não sinto desesperança. Ela não desistiu.

Lucia virou a página do livro que estava lendo, alheia ao que Delia tinha feito, bebendo o chá na mão e estremecendo.

—Lucia, Lucia, solte seu cabelo!

—Não esse cara —, Delia murmurou. —Você já o conheceu?

Ignorando o comentário, que denunciou que ela estava assistindo Lucia também, ele assentiu. —Eu conheci.

—O que houve Aaron? — Lucia perguntou, colocando o chá no chão e vasculhando sua mochila. —Eu tenho os exames aqui. As crianças se saíram bem com seu teste. Muito bem, na verdade.

—Acha que eles estavam trapaceando?

Ela revirou os olhos. —Não. Eu acho que eles estudaram e gostam do material. Você tem uma bela curva de sino.

O homem, Aaron, pegou os testes e os colocou debaixo do braço, com um olhar superficial. —Bom. Bom. — Para desgosto de Armaros, ele continuou parado ali, olhando para ela. —Como vai você?

—Bem. — Fechando a mochila, ela se levantou e voltou para a biblioteca. —Temos um encontro com coleções especiais, lembra? Você precisava de slides para a aula de quarta-feira.

—Você não pode ir sem mim?

O peito de Armaros queimava. Era por isso que ela estava tão cansada? Ela estava fazendo seu trabalho e o dele? Uma onda de poder o

deixou, manifestando-se como um vento forte. Empurrou contra Aaron, fazendo-o dar um passo atrás.

—Acho que posso —, respondeu ela, imperturbável pelo clima estranho. —Mas eu não vou levar para o seu escritório. Você quer, venha e pegue.

—Bom, bom. Que tal eu trazer café para você?

—Estou fora do café, lembra?

—Certo —, ele zumbiu. —Ervas com mel.

—Sim, por favor —, respondeu ela. —Eu deveria ter feito tudo em algumas horas.

—Ótimo! — Estendendo a mão, ele lhe entregou o chá que ela colocou no chão. —Eu realmente gostei disso.

—Eu sei. — Ela acenou para ele.

Armaros e Delia estavam de pé quando ela estava, de pé perto dela, observando seu rosto. No momento antes de partir, Armaros pegou Aaron olhando para o lugar onde Delia estava. Foi tão rápido que poderia ter sido uma contração muscular, exceto que era tão concentrado e aprimorado.

Delia seguiu Lucia enquanto caminhava para a biblioteca, mas ele fez uma pausa. Algo em Aaron o desencadeou, dando alarmes. Por que ele nunca sentiu essa preocupação antes?

Armaros o odiava. Odiava vê-lo convidar Lucia para encontros ou encará-la. Perceber que havia perdido algo, perdido um sinal crucial de que Aaron não era o que afirmava ser, era uma pílula amarga de engolir.

Aaron caminhou em direção ao departamento de história e ele o seguiu. Delia olhou para ele e assentiu antes de se apressar para alcançar Lucia. Movendo-se rápido, o homem evitou os estudantes que andavam com velocidade. O edifício pairava à frente deles, tijolo vermelho, longas janelas

retangulares, doze painéis sobre doze painéis. Para surpresa de Armaros, ele passou pelo prédio, seguindo para a capela branca em uma extremidade do quadrilátero.

Armaros nem sequer pensou nisso. Aaron entrou na igreja e tentou segui-lo.

E parou.

Uma parede, invisível, mas mais dura que o diamante, estava entre ele e o homem que desaparecia pelas grandes portas de madeira. Solo Sagrado. Não havia como um Caído seguir. O caminho foi barrado para Armaros e qualquer coisa como ele.

Aaron não teve problemas para entrar na igreja, o que significava que ele não era um demônio. Ele era apenas um homem, apesar de irritar e irritar Armaros.

Algo em Aaron o incomodava, mas Armaros podia pelo menos concluir que ele não estava atrás da alma de Lucia. A conclusão não fez nada, no entanto, para aliviar sua crescente preocupação.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Lucia

Lucia largou o visualizador de slides na mesa e esfregou os olhos. Aaron queria um número de fotografias de Roma para sua aula de Civilizações Ocidentais e queria as tiradas por um professor morto há muito tempo. As Coleções Especiais se orgulhavam da preservação de materiais, mas esses slides não estavam no topo da lista de itens que precisavam ser digitalizados. Como resultado, e como eles já haviam emprestado o projetor de slides para outro professor, Lucia não teve escolha a não ser visualizar cada slide individual através de um pequeno dispositivo, não muito diferente de um monóculo cruzado com um telescópio. Era um inferno em seus olhos, e uma pulsação crescente e pulsante atrás de cada um a advertia de uma enxaqueca que se aproximava.

Esticar o pescoço de um lado para o outro aliviou um pouco sua rigidez, mas não havia muito que ela pudesse fazer sobre isso. Ela tinha uma lista dos slides que precisava encontrar e três arquivos de slides completos para passar. Suspirando, ela inseriu a próxima e a trouxe aos olhos. *O Coliseu*. Novamente. Aaron queria ver o Vomitorium, passagens que levavam para fora. Daria risada e ele usaria a palavra "vomitar". Depois de mais de um mês trabalhando com ele, Lucia reconhecia uma vitória quando a via.

—Isso está levando uma eternidade! — Ela gemeu, deixando a cabeça cair sobre a mesa. Por que ela disse que faria isso sozinha?

Essa era a vida dela a partir de agora? Olhando para os slides da década de 1950? Alguns dos quais eram tão embaçados, ou tinham um polegar cobrindo o único objeto de interesse - *Jesus*. Ninguém eliminou os

insucessos? Este era o problema com IvyLeagues; tudo era salvo caso um dia, por mais distante e improvável, pudesse ser útil.

Respirando fundo, ela adicionou outro slide, descartando-o e depois adicionando outro. Se ela se entregasse um segundo, se via inundada por sentimentos de dúvida e autopiedade. Sua mão tremia, atrapalhada com o escorregador, e ela lutou contra o desejo de se afundar.

Por dez slides seguidos, ela descobriu uma vista parcial da Fonte de Trevi, uma parte significativa coberta por um polegar. Cada slide subsequente aumentava sua ansiedade. Por que isso a estava incomodando tanto?

Porque você é um peão e nunca mais fará nada importante.

Com raiva, ela empurrou um slide para dentro do espectador, apenas para encarar - deslizar - com outro polegar.

—Droga!

—Lucia? — A bibliotecária de coleções especiais tocou seu ombro. — Talvez você precise de um tempo? São slides muito importantes e precisam ser manuseados com o máximo cuidado. — Sua voz era calma, reconfortante; o rubor nas bochechas cedeu seu constrangimento e, quando ela olhou por cima do ombro, os outros bibliotecários a encararam preocupados.

—Sinto muito, Vinnie. — De pé, ela esticou os braços acima da cabeça.

—Foram os polegares, não foram? Isso pega todo mundo. — Ela disse com simpatia.

—Não ajudou —, ela respondeu passando os braços pelas mangas do suéter. —Vou precisar deles novamente mais tarde. Agora que sei no que estou me metendo, posso me animar. Se Aaron Fisher aparecer, avise que eu fiz uma pausa. Vou pegar seus slides esta noite.

Ela enfiou o último livro na mochila e passou os braços pelas correias. Depois de uma última onda de culpa para Vinnie, ela correu pelas portas da biblioteca.

No tempo desde que ela deixou seu banco favorito, o sol saiu. Logo, ela estava suando no campus. Parando, ela tirou a mochila e a segurou entre os joelhos enquanto tirava o suéter.

Ela queria ir para casa. Os pássaros cantando e a grama verde brilhante não fizeram nada para tentá-la a ficar. Apressando-se, ela passou pelo departamento de história e pelos dormitórios nos limites do campus. Aqui, os prédios eram residenciais - casas estreitas lado a lado com pequenos pátios separados por cercas de arame. Algumas casas tinham jardins no início da primavera: narcisos e açafrões, flores de maio e outras coloridas. Seu vizinho tinha vasos de plantas no convés, um movimento arriscado, de acordo com a mãe, que nunca colocou plantas antes do Memorial Day. Qualquer momento antes disso, ela alegava, e havia a chance de uma geada mortal.

O portão bateu atrás dela, dobradiças enferrujadas rangendo e batendo ruidosamente, metal contra metal. Ela não tinha alcançado a porta da frente antes que sua mãe a encontrasse.

—O que você está fazendo em casa? — Olhando para Lucia através dos olhos estreitados, ela examinou a filha da cabeça aos pés.

—Estou com dor de cabeça e estou cansada. Estou dando um tempo. — Ela respondeu, passando por ela e entrando no corredor para deixar cair a mochila no chão. Parando por um momento, Lucia considerou a cozinha por alimento, ou seu quarto. O quarto venceu. Sua cabeça latejava, a luz do sol não fazia nada para diminuir sua tensão, e ela precisava tirar uma soneca.

—Uma pausa? — A mãe a seguiu, com os pés pisando levemente nos degraus. —Você não faz pausas. Você nunca faz pausas. Deixe-me sentir sua testa. Inversão de marcha.

Parando sem discussão, ela fez o que sua mãe pediu. Sua mão era macia e fria contra a pele e Lucia fechou os olhos.

—Você não está quente —, ela murmurou. —Mas isso não significa que você não se sinta bem. Troque as roupas da faculdade e deite-se. Vou trazer um pouco de Tylenol.

Inclinando-se, ela beijou a bochecha de sua mãe e passou os braços em volta da cintura. Raramente ela precisava de um abraço, mas agora precisava, e o cheiro de sua mãe, tão familiar, a confortou. —Obrigada, mãe.

Hesitante, ela abraçou Lucia de volta, apertando. —Vá para a cama, Lucia Maria. Debaixo das cobertas.

Sem outra palavra, ela fez o que a mãe pediu - vestindo a calça do pijama e a camiseta macia que usava na cama e se arrastou para o colchão. Ela puxou o edredom até o queixo quando a porta se abriu e sua mãe, Tylenol e água na mão, entrou.

Sentada na beira da cama, ela assistiu Lucia engolir a água e os comprimidos. Depois de tirar o copo dela, mamãe arrumou o edredom e tirou o cabelo de Lucia do rosto. —Você está bem, Lucia?

Estava na ponta da língua para mentir, para garantir que sim, estava tudo bem e elegante.

Mas não saiu.

Ela estava cansada e triste, e cada dia parecia uma batalha. Pensamentos que ela nunca considerou surgiram quando sua mente não estava ocupada. Ela estava em um ciclo de exaustão e desesperança, cada emoção piorada pela

outra. Esforçando-se ao máximo para afastar as memórias, o que a levou ao cansaço, o que dificultava o trabalho, e assim por diante.

—Estou cansada. — Ela sussurrou e, para seu horror, lágrimas brotaram em seus olhos. Limpando-os no edredom, envergonhada, ela parou de falar.

—E triste. — Mamãe acrescentou.

Porque ela não podia falar sem chorar, ela assentiu.

—Meu pobre bebê. — Os braços a envolveram novamente e os lábios de sua mãe pressionaram o topo da cabeça. —Você passou por muita coisa. Demais para uma garota. Eu gostaria de poder fazer melhorar.

Suas palavras fizeram Lucia chorar mais. Mais do que tudo, ela queria que fosse melhor, mas não havia como isso acontecer. Armaros e Delia eram incomunicáveis, e não importava quantas vezes ela havia tentado; ela não conseguiu encontrá-los. Aparentemente, sua capacidade de seguir um caminho através do espaço tinha uma data de validade.

—Zia... — Lucia começou.

Segurando os ombros, mamãe a afastou e olhou com força para o rosto dela. —Deixe sua tia fora disso, Lucia. Ela estava assustada até a morte. Voltando aqui possuída! Ela foi à missa da manhã por um mês inteiro, e você sabe como ela odeia acordar cedo.

—Eu sei. — Ela admitiu, mas ela não conseguia entender a teimosia de Zia. No passado, Zia vendia amuletos, enxergava, lia fortunas ou cartas e, de repente, desistira.

Ela também não se explicou para Lucia. Quando ela implorou à tia para ler suas cartas, Zia balançou a cabeça. —Eu não vou fazer isso de novo, *piccola* —, ela disse, não de maneira cruel. —Eu sinto muito.

E nada que Lucia dissesse a faria mudar de ideia. Ela não conseguiu nem encontrar o Tarot de sua tia. As velas dos santos ainda rolavam na mesa de

cabeceira de Zia, junto com o rosário e a Bíblia, mas as cartas bem usadas que Zia herdou de sua avó? Se foram.

Qualquer indício mágico foi subitamente apagado de sua casa e deixou um buraco; Lucia suspeitava que Zia se sentisse tão profundamente mal quanto ela.

—Durma um pouco, Lucia. Quando você acordar, seu pai a levará de volta ao campus, se precisar de algo. O telefone está desligado?

Lucia enfiou a mão debaixo das cobertas e apontou para a porta. —Está na minha mochila.

—Bom. — Mamãe assentiu. —Agora vá dormir.

Cavando mais fundo sob as cobertas, ela assentiu. —Okay.

A mãe fechou as cortinas, beijou-a mais uma vez e saiu, fechando a porta atrás de si. À luz do dia, o corpo de Lucia finalmente relaxou. Ao seu redor havia cheiros e sons familiares e, quando uma onda de bem-estar a alcançou, ela fechou os olhos e adormeceu.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Armaros

Armaros ficou no gramado por um longo tempo, olhando a capela. Dentro estava Aaron, e ele queria muito ver o que o homem estava fazendo. Talvez ele estivesse rezando ou tendo uma discussão teológica com o capelão.

—Ou talvez ele não seja bom. — Sussurrou Lúcifer.

Cortando os olhos para ele, Armaros deu de ombros. — Provavelmente. Corra para lá e procure por mim, sim?

Lúcifer soltou uma risada calorosa, dando-lhe um tapa nas costas. — Armaros, meu amigo, você fica cada vez mais engraçado. Assim como *o exorcista*.

—Não original.

—Tanto faz. — Lúcifer murmurou.

De frente para ele, Armaros levantou uma sobrancelha. —Por quê você está aqui?

Lúcifer o considerou, a diversão fugindo. —Recebi uma mensagem. Não é uma que eu costumo atender. Geralmente, eu delego...— Ele fez uma pausa significativa, esperando Armaros interferir, mas continuou quando permaneceu em silêncio. —Mas, neste caso, vim ver o que estava acontecendo por mim mesmo. Senti o puxão para uma alma em potencial. Uma alma familiar.

—Lucia? — Foi a mesma razão que ele esteve aqui, mas ele ainda não podia acreditar. —Delia está com ela

—Não, eu não estou. — Uma pequena mão deslizou na dele. —Eu saí antes da minha- aura? Como você chamou Luc?

—Impressão, Delie. — O Caído acrescentou útil.

—*Luc*? — Armaros perguntou, sobrancelhas quase nos cabelos.

—Cale a boca. — Ele murmurou.

—Sim, impressão. — Delia ignorou *o* argumento de Armaros e *Luc*. —Eu não queria que minha impressão ficasse com Lucia e desenhasse algo ruim para ela. Não fiquei muito tempo, fiquei?

Segurando um dedo, Lúcifer fechou os olhos e balançou a cabeça. — Não. Você saiu a tempo.

—O que aconteceu, Delia? — Armaros perguntou.

Triste, a menina sentou na grama. Nas semanas juntos, Delia havia preenchido. Embora magra, sua aparência era mais grosseira do que desnutrida. Sua pele estava clara, mas não pálida, e seus cabelos eram saltitantes e brilhantes, crescendo tão rápido que agora caíam em sua cintura.

Ela sentia falta de Lucia. Muitas horas de dormir foram gastas conversando sobre ela e o que especificamente Delia sentia mais falta. Deu à palavra *inferno* um significado totalmente novo para Armaros. Suas lembranças mais felizes agora tinham a capacidade de eviscerá-lo.

—Delia? — Ele perguntou novamente, sentado ao lado dela.

Ela encolheu os ombros. —Ela estava bem. Trabalhando. Mas...— Ela parou.

—Delia. — Ele perguntou, um pouco mais bruscamente.

Dando de ombros novamente, seu lábio tremeu e ela mordeu com força, dentes pontudos cravando na pele macia. —Ela não está feliz. Sua cabeça doía,

e de vez em quando essa escuridão a dominava. Não sei de onde veio. Se era dela ou algo mais. Eu não sabia dizer. Durou um segundo e depois desapareceu. Não pude segui-la e já estava lá há muito tempo. Eu sinto muito.

—Observe-a. — Armaros pediu. As palavras de Delia fizeram seu coração bater forte e o medo esmagá-lo. Era o que ele suspeitava. Algo estava atacando Lucia.

Dentro da biblioteca, Lucia olhava através de um visualizador de slides. À sua frente havia um estojo com centenas de slides. Metodicamente, ela inseria um slide no visualizador, levantava-o, abaixava-o, fazia uma anotação e começava o processo novamente.

Ele se aproximou, agachando-se ao lado da cadeira dela. Tão perto que ele podia ver o púrpura sob os olhos dela, ela tentara esconder com maquiagem, e a tênue rosa de suas bochechas. Seus lábios se separaram quando ela suspirou, abaixando o espectador e esfregando os olhos.

Ela tocou a mesa, pegando cuidadosamente um slide, mas em vez de colocá-lo no visualizador, ela o segurou, olhando para o espaço.

Preciso tocá-la. A mão dele pairou sobre a dela. Lembrou-se da sensação da pele dela contra a dele e, mais do que tudo, queria tocá-la novamente.

Sua mão estava imóvel quando de repente algo o cutucou, alertando-o para uma mudança. Sob a dele, a mão de Lucia tremia, a lâmina escorregando de seus dedos. Demorou menos de um segundo, mas ele sentiu, viu.

Trevas.

Ele se levantou do chão, curvando-se sobre os joelhos antes de alcançar Lucia. Era pegajoso, como alcatrão, deixando um resíduo oleoso que não seria visível para os seres humanos. Somente seu desejo de descobrir sua fonte o impedia de transformá-la em nada.

Ela permaneceu sobre ela, e ele pensou que talvez seguisse em frente. Usando seu poder, Armaros seguiu a trilha, buscando o ponto de origem.

Seu poder começou a caçada, provando a escuridão e depois perseguindo-a através da terra, sobre a cidade e subindo, subindo, subindo. Quando ele estava prestes a pegá-la, Lucia ofegou e sua atenção se dividiu. Ele a tocou, serpenteando pelas veias até o coração. *Desista, pelo que você tem que viver?*

A raiva ardeu dentro dele e disparou como uma adaga, queimando a escuridão, derretendo-a como gelo ao sol. Enquanto isso, ele sentiu o aviso em sua alma; ele tinha que deixar Lucia agora. Por mais tempo e sua presença deixaria uma marca.

Mas ele não conseguiu. Apesar de todo o seu poder, ele não podia abandoná-la diante da ameaça, que neutralizava por enquanto, a enchia de tanta melancolia.

—Hanielle! — Ele chamou, esperando que a tutora de Lucia sentisse a mesma coisa que ele.

Num instante, ela apareceu. Suas narinas se alargaram e sua espada brilhou com uma intenção mortal. —Vá —, ela ordenou. —Eu vou ficar com ela.

Um olhar foi tudo o que ele se permitiu antes de correr atrás da escuridão, apenas para se ver engolido pela luz.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Lucia

Lucia acordou com um suspiro, sentindo os olhos nela.

Zia colocou a cadeira ao lado da cama e a encarou. —Bom. Você está acordada.

—Seu olhar a laser fez o truque —, ela respondeu sarcasticamente, revirando os olhos e sentando. —O que você precisa? — Ela bateu a língua no céu da boca. Seus dentes estavam confusos. Empurrando as cobertas, ela se esticou e saiu da cama.

—Eu não quero que você faça mais nada, *piccola*. — Zia a seguiu até o banheiro e a observou jogar água no rosto. —Sua mãe me disse que você estava tentando.

—Não funciona de qualquer maneira. — Afagando o rosto com uma toalha de mão, ela encarou a tia. —Por que você não faz isso por mim?

—Porque eu estava muito orgulhosa. Eu pensei que sabia o que estava me interessando, mas não fazia ideia. Não é seguro. Não para você, não para o seu demônio, não para a sua garotinha demônio.

—Eles não são demônios! — Batendo a toalha na pia, ela pegou a escova de dentes e apertou a pasta de dente. Com a boca cheia de pasta de dente, ela continuou: —Eu já disse antes.

—Eu sei. Eu sei. Você está certa. A criança não é um demônio, mas ela não é humana, e o homem? Ele é pior que um demônio. Um mal original,

Lucia. Você deve ver isso. — O tom normalmente seco de Zia foi substituído por seriedade. Sua cor era alta e as mãos entrelaçadas contra o peito.

—Ele era, Zia. Ele fez uma escolha, e isso levou a algumas coisas muito ruins. Mas ele é diferente. Ele me ama, e ele ama Delia. E eles precisam de mim. — Jogando a escova de dentes na pia, ela passou por sua tia.

—Coisas muito ruins? Coisas muito ruins? — A voz da tia ficou estridente. —A Segunda Guerra Mundial é uma coisa muito ruim?

Lucia procurou no jeans o quarto dela. Quando os encontrou, pegou uma camisa e entrou no armário para trocar de roupa. —Você não está seriamente culpando Armaros pela Segunda Guerra Mundial?

—Quem mais devo culpar?

Colocando a cabeça para fora do armário, Lucia encarou a tia, incrédula. —Hum. Eu não sei. Hitler?

—Bah. — Zia acenou para ela. —Não sou historiadora. Não sei do que você está falando.

—Então vamos falar sobre livre arbítrio. Humanos tomando decisões de merda. Se você vai culpar Armaros por iniciá-lo, por que não culpar a Deus por não impedir? — Lucia argumentou, saindo do armário e pegando um elástico da cômoda. Com raiva, ela puxou o cabelo para trás em um rabo de cavalo.

—Lucia! — Fazendo o sinal da cruz, Zia olhou para o céu. —Não fale assim!

—Zia, eu não sei o que você quer que eu te diga. Eu sei o que Armaros fez...

—Ó, você sabe? — Zia a cortou.

—Parte disso —, ela admitiu. —Mas eu sei como ele é. Eu sei quem ele é. Quem ele realmente é, e isso não me assusta, porque sei que há amor em seu

coração. — Ela alcançou o braço de sua tia, apertando suavemente. —Por favor, Zia. Por favor, me ajude a encontrá-lo. Eu preciso falar com ele. Para fazê-lo ver a razão.

Suspirando, sua tia balançou a cabeça.

—Por favor —, Lucia sussurrou. —Por favor.

Zia deu um passo para trás, afastando o braço. —Não, Lucia. Eu sinto muito.

O fogo a deixou. Todas as vezes que Lucia discutia com Zia, ela saía sentindo que havia algum espaço de manobra. Como se, talvez com um pouco mais de tempo, ela pudesse desgastar a tia. Não mais. O rosto de Zia, em linhas pedregosas, era firme. Não haveria como mudar de idéia.

E com o fogo dela, foi sua esperança. Tinha acabado. Realmente, realmente acabou.

—Eu tenho que voltar para a faculdade, volto hoje à noite. Diga a mamãe, sim? — Ela sussurrou saiu do quarto e desceu as escadas.

—Seu pai pode levá-la. — Zia chamou atrás dela.

—Eu preciso do ar —, ela jogou a mochila no ombro, fazendo-se tropeçar sob o peso. —Eu vou andando.

O sol estava mais baixo no céu, e Lucia ajustou a mochila, pegando o telefone para verificar as horas. Cerca de seis. Era bom ter mais luz solar. Os dias em que o sol se punha no meio da tarde eram os piores, como uma noite interminável.

Uma mensagem apareceu em seu telefone, enviada horas atrás por Aaron. —*Eu vim, você se foi. Vinnie me deu os slides que você encontrou. Menos dez, faltam cento e cinquenta.*

—Idiota. — Ela murmurou, colocando o telefone na mochila da frente. *Ele pode encontrar seus próprios slides malditos.*

A pesquisa dela levou o segundo plano para encontrar os slides da aula dele. Procurando novamente sua mochila, ela encontrou o telefone e disparou uma mensagem concisa. *Eu tenho coisas para fazer. Você terá que encontrar o resto.* Lá. Deixe ele mastigar isso.

Ignorando o alerta que seu telefone fez quase imediatamente, ela o enfiou no bolso. Em vez de voltar para o lado do campus onde ficavam os departamentos de biblioteca e história, ela decidiu seguir uma rota indireta para o museu.

O Museu Havermeyer era administrado e curado pela universidade. Alguns dias atrás, ela recebeu um e-mail do diretor sobre uma coleção de ilustrações de William Blake. Juntamente com uma cópia original de seu livro, *Canções de Inocência,* eles também adquiriram as placas de cobre que Blake criou para ilustrar a poesia. Como tentação adicional, o diretor havia sugerido cópias de obras mais sombrias, que foram preservadas lindamente.

Decisão tomada, Lucia correu pelas ruas. Esse caminho era mais movimentado, menos residencial. As admissões estavam no lado oposto do campus e, como resultado, quanto mais perto ela chegava da universidade, mais pessoas tinha que se esquivar. Lojas especializadas que vendem bugigangas e moletons para universidades, butiques caras e livros e pequenos restaurantes situados entre cadeias familiares de fast food, todos estavam perfeitamente posicionados para atrair alunos e pais.

O museu era uma mansão grega do Renascimento, instalada em uma pequena colina. Colunas dóricas cobriam a frente com grandes portas douradas como entrada. Lucia passou pela frente, indo para a entrada dos funcionários. Passou o cartão de identificação destrancou as portas e ela entrou e foi direto para o porão. Quaisquer novas coleções tinham que ser inseridas e

catalogadas pela equipe do museu. Às vezes, mantinham o material por semanas antes de exibi-lo.

O departamento onde estavam guardados os livros e as placas também ficava no porão, em uma sala especial com iluminação e controle de temperatura específicos. Lucia sempre imaginou que os laboratórios de controle de doenças fossem semelhantes.

—Lucia! *Como estas*? — Robert, um estudante de graduação em preservação histórica se aproximou dela, beijando o ar ao lado de sua bochecha.

—Bem —, ela respondeu, largando a mochila no chão. —Estou aqui pelas placas de Blake.

—Oh-— Ele esfregou as mãos. —Veio ver o cordeirinho perdido?

Sorrindo, ela assentiu. —Você tem um original?

—*Pequeno cordeiro, quem te criou? Você sabe?* — Robert citou, sorrindo. — Nós temos. — Ele a levou a um vestiário, entregando-lhe o que parecia ser uma bata cirúrgica, mas que passava por cima de suas roupas. Chinelos e uma capa de cabelo seguiram. —Luvas estão no quarto.

Juntos, ambos vestiram o macacão. Apesar de conhecer todos no museu e de ser membro da universidade, Lucia nunca seria deixada sozinha com os artefatos, para que não fosse tentada a roubá-los e vendê-los.

Vestida, Lucia seguiu Robert para a sala de observação. Ele saiu por um momento, retornando com uma caixa de metal e luvas brancas de algodão. — Aqui. — Ele apontou para as luvas com o queixo para Lucia pegar.

Deslizando-as, ela esperou animadamente por ele abrir a caixa. Lentamente, ele puxou uma página após a outra, colocando cada uma na mesa. Lucia pairava sobre elas, dedos entrelaçados para impedi-la de estender a mão e tocar uma.

—Confira este. — Robert falou, colocando uma página perfeitamente preservada na frente dela.

—*Garotinho encontrado*—, Lucia leu calmamente. —*O garotinho se perdeu no lugar solitário, liderado pela luz da varinha.* — A ilustração mostrava um menino loiro, à mão por uma bela mulher, um halo dourado em volta da cabeça. —É lindo. E perfeito. Nem uma lágrima.

—Eu sei. — Robert riu com a alegria que apenas outro historiador poderia apreciar. —O livro foi selado em uma mala a vapor, embrulhada em pano de óleo. Surpreendente.

—Incrível. — Ela concordou. Seus olhos percorreram o poema e prendeu a respiração. Por alguma razão, a imagem do garoto, sendo encontrado e envolvido em amor e luz, a lembrou de Armaros. Ela pensou em sua criação e em seu propósito. Por que os humanos deveriam ser mais importantes para o divino do que Armaros e sua irmã? Eles eram tão merecedores de amor e perdão quanto ela.

—Espere até ver isso —, Robert interrompeu seus pensamentos. Ele largou as luvas na mesa e saiu, retornando um segundo depois com outra caixa de metal. Destrancando as fechaduras, ele colocou as luvas de volta e enfiou a mão dentro. —Placas de cobre —, ele disse, puxando um retângulo de metal brilhante das profundezas da caixa. —Para o *Paraíso Perdido de* Milton.

—Oh, meu Deus. — Lucia sussurrou em descrença quando ele colocou a primeira placa na mesa.

—Este é *Satanás despertando os anjos rebeldes.* — Ele disse a ela. A placa, sem cor para guiá-la, levou um momento para ela entender. Eventualmente, ela foi capaz de ver uma figura musculosa, braços erguidos, diante dos raios de luz enquanto pregava para figuras angelicais. —Aqui. — Robert entregou-lhe uma lupa. —Olhe para os rostos dos anjos.

Cada rosto era único, exibindo expressões de tédio, choque e desespero. —O que há em seus pulsos? — Lucia perguntou, vendo uma pequena curva elevada perto de cada uma das mãos dos anjos.

—Correntes —, respondeu Robert. —Os punhos que os prendiam a correntes de ouro.

Fechando os olhos, Lucia abaixou a lupa.

—Você está bem? — Perguntou Robert. —Seu rosto está branco como um lençol. Se você está doente, precisa sair daqui.

—Eu não estou doente —, Lucia sussurrou. Em sua mente, o rosto de Armaros substituiu o dos anjos caídos. Seu desespero e confusão quando ele se esparramou em uma fogueira, um lembrete de sua escolha em seu corpo, as chamas lambendo suas costas e asas. Era demais. —Mas eu preciso ir. — Seu coração bateu forte. Robert havia retirado mais uma placa, e ela o viu, ofegante. —O que é isso?

—*A rota dos anjos rebeldes.* — Explicou Robert antes de colocá-la rapidamente dentro da caixa. Apesar da garantia de que ela estava bem, ele claramente não estava se arriscando.

Tremidamente, Lucia se levantou. Sem olhar para trás, ela saiu e voltou ao vestiário. Suas mãos tremiam quando ela removeu o macacão, a imagem da placa final queimou em seu cérebro - anjos caindo de cabeça para baixo, mãos cobrindo suas cabeças, alguns com dedos presos em orações pedindo perdão enquanto anjos de rosto sereno olhavam de cima.

E uma figura, musculosa e vestida, atirando flechas do tamanho de lanças em seus corpos indefesos e caídos.

CAPÍTULO QUARENTA

Lucia

Lucia escapou do museu e respirou fundo o ar fresco da noite. Ela suspirou audivelmente, sua garganta apertada. As coisas não estavam ficando mais fáceis; a passagem do tempo não a fazia sentir menos falta de Armaros e Delia.

E ela não queria. Ela queria seus rostos na vanguarda de sua mente, ou melhor ainda, ela os queria na sua frente. Ela queria tocá-los e abraçá-los, e ouvir suas vozes.

Não bastava mudar sua dissertação como uma maneira de tocar o passado de Armaros; no final de sua pesquisa, ela não o encontraria e o seguraria. Em vez disso, ela sobrepôs o rosto dele nas ilustrações, com o coração partido pela dor que ele sofrera e não havia nada que ela pudesse fazer sobre isso.

Ela ficou cheia de raiva, desejo e mágoa e tinha que viver com isso. Delia e Armaros eram sua família. Ela os amava e não tinha como mostrá-los.

Lucia começou a atravessar o campus, sem saber para onde estava indo. Um grupo de estudantes passou ocioso e ela os seguiu, seguindo-os. Quando eles se ramificaram, entrando em um dormitório, Lucia sombreava um grupo diferente de estudantes, os olhos nos sapatos e não onde ela estava. Cada passo era como um batimento cardíaco. Sua mente repassou sua situação enquanto procurava soluções.

Porque ela não podia continuar assim. Ela não se importava com o risco para si mesma. Ela queria sua família de volta.

Alguém bateu em seu ombro e ela olhou para cima, surpresa. — Desculpe. — A pessoa se desculpou, se apressando.

Lucia observou a mulher bem vestida, os calcanhares estalando na calçada, apressando-se pelos degraus da capela. Uma luz amarela se espalhou do lado de fora quando um porteiro abriu a porta, e as cordas de um violino caíram sobre Lucia.

A música chamou-a, belas melodias chegando como uma mão carinhosa para puxar Lucia para dentro. Um porteiro abriu a porta para ela, olhando para sua roupa. Examinando suas roupas, ela percebeu que estava mal vestida para um concerto. Ainda assim, ela queria estar lá dentro e quando ele não a parou ou pediu para ver sua passagem, ela entrou.

Mais dois porteiros estavam na beira da entrada, pegando ingressos e levando as pessoas aos bancos. Aproveitando a distração dos arrumadores, ela correu em direção a uma escada que levava ao segundo andar. As escadas eram velhas, com cem anos de pé no centro de cada degrau. A madeira rangeu e Lucia parou, com medo de que o som ecoasse por toda a capela. Quando ninguém subiu as escadas atrás dela, ela continuou, emergindo na varanda.

Imediatamente, ela se abaixou, curvando-se e esgueirando-se para um banco. Duas fileiras alinhavam-se de cada lado da área em forma de U, o centro aberto para que o primeiro andar fosse visível. Encontrando um canto escuro, ela afundou no banco.

A música era ainda mais adorável por dentro. Lucia fechou os olhos, imaginando as notas subindo no ar e girando ao seu redor. O banco gemeu quando ela se mexeu, curvando as pernas embaixo dela e apoiando o queixo na mão.

Um segundo violino se juntou ao primeiro, um contraponto, e depois um violoncelo, tons baixos e vibrantes afundando na pele e nos ossos.

Ela desejou que Armaros estivesse aqui. Eles nunca tiveram a chance de aprender as informações mais superficiais sobre si. Ela não tinha ideia de que tipo de música ele gostava. Ele pensaria que isso era chato? Ou ele ficaria tão comovido quanto ela? Ele sorriria e seguraria a mão dela, tolerando o desempenho porque a fazia feliz?

Por que não podemos ficar juntos? Ela enviou a pergunta para o universo. Seu coração doía. *Eu amo-o. Ele é bom. Ele merece felicidade.*

—Ele merece? — Uma voz sussurrou em seu ouvido.

Ofegando, ela se levantou, olhando em confusão. Dois olhos azuis apareceram na escuridão e lentamente um rosto se formou nas sombras.

Era um rosto que ela conhecia, cabelos loiros presos em um rabo de cavalo baixo, camisa abotoada, jeans.

Aaron.

Enquanto ela observava incrédula, o rosto dele continuou a mudar, a pele empalidecendo, o cabelo encurtando, escurecendo. E então, erguendo-se acima de sua forma, brilhando ouro como o sol - asas.

—Eu conheço você. — Seu coração acelerou, o *baque* constante, *o baque* aumentando em ritmo até que ela sentiu no pescoço e nos pulsos. —Do mosteiro.

Na mão dele apareceu a espada de ouro, e ela lembrou que quando ele apareceu para lutar contra Armaros, ela comparou os dois. Ela pensou que ele era o escuro para a luz de Armaros, e agora, aqui na varanda escura de uma capela, enquanto ele se transformava de colega em anjo, ela percebeu que eram dois lados da mesma moeda. Ele era mau; Armaros era bom.

Seus lábios se abriram em um sorriso. —Bem, mal. Claro, escuro. Caído, leal. Nada é tão simples, Lucia. — Ele disse como se tivesse ouvido seus pensamentos. Então... —Sim—, ele respondeu. —Eu sou Jeheol. Eu sou um guerreiro.

—Armaros não está aqui. — Lucia deixou escapar, esperando o momento em que a música parou e um suspiro coletivo sinalizou que o público havia notado o anjo com a espada flamejante.

—Eles não vem —, Jeheol respondeu. —A menos que eu queira.

A ponta da espada tocou o chão, assobiando contra a madeira. Um padrão começou a aparecer no chão, círculos e linhas. A fumaça serpenteava em direção ao teto, o chão brilhando vermelho em torno de cada linha. Alguém tossiu e depois outra pessoa e outra. Entre ela e Jeheol, o chão pegou fogo e alguém gritou. Lucia deu um pulo para trás, mas não havia para onde ir. A parede estava atrás dela e fogo na frente dela.

Ela bateu no chão, rastejando para longe do calor até encontrar a parede. As chamas se aproximavam cada vez mais. Lucia cobriu o rosto, tossindo na manga. Abaixo dela, a madeira gemeu. Os pés bateram no chão enquanto a plateia corria para as saídas, gritando em pânico.

Algo quebrou embaixo dela, e o chão caiu. Ela tentou gritar, mas aspirou um monte de fumaça. O chão saltou, pegando algo. Piscando para limpar os olhos lacrimejantes, ela encontrou a varanda e se arrastou em direção a ela. Ela agarrou a borda, levantando-se, mas não havia lugar para escapar da fumaça.

Através das chamas, a figura de Jeheol se materializou. O fogo não o tocou, de fato, se separou por ele. —O que você quer? — Ela gritou entre acessos de tosse.

Ajoelhou-se, um dedo tocando seu queixo e enxugando as lágrimas que escorriam dos olhos ardentes. —Eu quero ajudar. Ajudar você. Ajudar Armaros. Você quer que ele seja feliz? Venha comigo.

Ele a seguia há meses, fingindo ser humano e tudo o que ele queria era que ela fosse feliz? *Acho que não.*

—Precisa haver um equilíbrio —, explicou Jeheol, e de alguma forma, ela podia ouvir a voz dele sobre o rugido do fogo e a madeira quebrando e caindo. Em algum lugar abaixo dela, o vidro quebrou. —O equilíbrio traz paz. Para todos nós. Para Armaros. Você o deixará sofrer como tem sofrido? — Seus olhos azuis estavam calmos e tristes. Eles a pediam ajuda.

E se Armaros sofria... Ela não se importava se era besteira.

—Eu vou ajudá-lo. — Respondeu ela, e ele a alcançou. O inferno rugiu ao seu redor, luminoso, envolvendo-a em um calor branco e quente. Banhada em luz, a única coisa que ela podia sentir eram os dedos de Jeheol, enrolados em seu pulso.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Armaros

Fazia muito tempo que Armaros não sentia verdadeira dor. A espada de Hanielle cortou o escudo e os ossos, mas ele lutou por Lucia e ignorou a dor.

Ele foi banhado pelo fogo, teve suas asas arrancadas das costas e foi expulso do céu. Ele bateu na terra a uma distância incomensurável.

E nada disso doeu tanto quanto assistir Lucia presa dentro de uma capela em chamas.

Ele estava preso em um espaço intermediário. Algo o puxou da luz e o largou aqui. Nem o céu nem o inferno, ele se viu acorrentado, braços, pernas, incapaz de se mover. Enquanto estava na frente dele, como um filme, ele olhou para a imagem de Lucia.

As pontas dos dedos roçaram placas de cobre, o rosto triste. Ele podia ouvi-la, conversando com o homem no museu. Se ele não estivesse tão preocupado com o porquê de ter emergido daquele brilho ofuscante, acorrentado e impotente, em um espaço que nunca havia encontrado em sua longa vida, ele teria gostado de sua situação. Lucia usava um rabo de cavalo e um macacão folgado; seus olhos brilhavam quando ela foi presenteada com página após página de ilustrações.

Ela era bonita.

A tristeza dela, no entanto. O pegou de surpresa. Ele desejou poder ver o que ela via e entender por que isso a afetava tanto.

O fogo ardeu mais alto e Lucia se afastou. Ele lutou contra suas correntes, algemas cortando seus pulsos. Ele cavou dentro de si, procurando qualquer centelha de poder.

Era como tentar ligar um carro com uma bateria descarregada; não havia nada.

Lucia olhou para a frente e ele percebeu que toda essa visão era do ponto de vista de alguém. O ponto de vista, suspeitava, de quem o trouxe e o prendeu aqui.

Para seu horror, Lucia começou a concordar. Ele sabia o que iria acontecer, mas mesmo assim gritou: —Não!

E então ela apareceu na frente dele, na mão por um inimigo familiar.

—Jeheol. — Ele respirou.

—Armaros! — O nome dele nos lábios de Lucia - ele havia fantasiado um milhão de vezes. Mas nunca assim. Ele nunca mais queria ver o medo nos olhos dela.

Jeheol se aproximou dele, a espada presa em um punho de nó branco. Ele arrastou-o pelo braço de Armaros, do pulso sangrando ao pulso sangrento.

—Pare! — Com os olhos colados nos dele, Lucia tentou se aproximar dele, mas Jeheol estendeu a mão e ela congelou. *Perfeito. Jeheol estava cheio de poder.*

Lentamente, o anjo se transformou. Cabelo crescendo, clareando, mudando o corpo, encolhendo. À sua frente estava a pequena porcaria que ele estava olhando nos últimos dois meses. —Aaron.

—Sua humana...— Jeheol suspirou, balançando a cabeça e adotando sua forma angelical novamente. —Tudo isso teria sido muito mais fácil se ela tivesse me ouvido. Passei meses sussurrando em seu ouvido. Uma perda de tempo.

A sala se encheu de sussurros. *Desista. Esta é a sua vida agora. Você é um peão. A dor vale a pena? Você não quer que isso acabe?*

Retirando a espada, Jeheol a empurrou contra as costelas de Armaros. Ele roçou sua pele, cortando através dos músculos.

—Pare! — Lucia pediu novamente.

—Estou bem. — Assegurou-lhe rapidamente. Isso não era verdade. A espada de um anjo era a única arma no universo que poderia prejudicar um Caído. Imbuído da capacidade do Criador de destruir, ele poderia torturar, mutilar e matar. Embora, sem alma, ele se desintegrasse em nada.

Se Jeheol realmente o quisesse morto, não seria preciso nada para realizar.

—Por que você deveria, Caído — O anjo cuspiu. — Por que você deveria encontrar a felicidade? Você deveria sofrer. — A espada cortou uma das maçãs do rosto e a outra. Por cima do ombro de Jeheol, Lucia bateu na barreira que a mantinha longe dele. Lágrimas escorreram por seu rosto. Seus lábios se moveram, *eu te amo. Eu te amo.*

—Eu te amo —, ele respondeu. Um sorriso triste tocou seus lábios em resposta. —Sinto muito. — Ele sussurrou.

Forçosamente, ela balançou a cabeça. —Sem desculpas.

—É isso que eu quero dizer! — Jeheol o esfaqueou, um golpe após o outro, pontuando cada palavra. Ele largou a espada e Lucia caiu de joelhos, soluçando quando Jeheol começou a falar novamente. —Você não foi feito para amar. Você foi criado para adoração e, quando negou isso, quando escolheu *cair,* tormento era o seu destino. Primeiro sua irmã - encontrou um humano, se apaixonou, teve uma *filha!* Agora você. O resto de nós fez o que deveria. Seguimos as regras e fomos recompensados? Não.

O anjo, geralmente tão sem emoção e sereno, ofegava de agitação. Sua pele brilhava e seus olhos brilhavam, dourados e ardentes. Ele soltou um suspiro profundo e alisou os cabelos antes de pegar sua espada. —Não —, ele repetiu. —Nós não fomos.

Irritado, ele seguiu em direção a Lucia, a barreira que a mantinha de fora, sem atrasá-lo. Vendo o que ele pretendia fazer, Armaros lutou com as correntes. Elas eram criações celestiais, destinadas a unir criaturas como ele e não havia como escapar delas. Com quase nenhum movimento em seus dedos, ele sabia que tinha conseguido causar algum dano. Mas ele não se importava se arrancava as mãos, se isso significava que ele poderia se colocar entre Lucia e o anjo vingador.

Segurando Lucia pelo braço, Jeheol a arrastou para Armaros, jogando-a aos pés dele. O sangue dele rolou de seu corpo, pingando em suas bochechas e misturando-se às lágrimas dela.

—Escolha, humana —, Jeheol ordenou, em pé. Ele estendeu a mão e a espada reapareceu. —Como ele fez uma vez. Ele escolheu Lúcifer e egoísmo sobre seu Criador, sobre seu *propósito.* Agora você escolhe. Você escolhe a justiça ou você o escolhe?

Os ombros de Lucia tremeram com a força de seus soluços. Estendendo a mão, seus dedos roçaram os pés de Armaros antes que Jeheol se ajoelhasse e segurasse as duas mãos dela.

—Não toque nela! — Ele rugiu, forçando as correntes.

Jeheol o ignorou, pegou sua bochecha e enxugou as lágrimas. —Lucia, em homenagem ao santo, patrono dos mártires, o que você escolhe?

Lentamente, os olhos de Lucia se ergueram para os de Armaros, e ele viu a decisão dela. —Não —, ele sussurrou, então mais alto. —Não! Lucia, não!

—Ele. — Ela sorriu através das lágrimas, os olhos segurando os dele. — Eu escolho o amor.

Jeheol levantou-se, a máscara de indiferença voltando às suas feições novamente. —Então você escolhe cair. — Um arco de ouro apareceu em sua mão, e sua espada se alongou, ficando mais larga, mais afiada.

—Não! — Armaros rasgou as correntes, seu corpo tremendo e arqueando. Ele conhecia aquele arco, sentia aquela lança. Essas flechas, destinadas à carne de anjo, haviam perfurado seu corpo mil vezes em sua queda infinita.

Jeheol se afastou.

—Lucia. Eu quero que você viva. Por favor, escolha de forma diferente. Por favor. — Sua voz falhou quando ele implorou. —Por favor.

Jeheol levantou o arco, entalhando a flecha e puxando-a para trás. Os olhos de Lucia se arregalaram antes de cortarem os dele. Ele queria ser forte por ela, mas não podia. Tudo o que ele queria era a felicidade dela. Ele queria que ela tivesse uma *vida.*

Com um sorrisinho, Jeheol lançou a flecha. Empurrando o corpo, Lucia voou para trás, flecha embutida em seu coração. Mas ela não caiu de costas. O chão se abriu, desaparecendo como se nunca tivesse sido, e a escuridão - espessa e impenetrável - a abraçou quando ela começou a cair.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Armaros

Armaros olhou para o poço, incrédulo. Sua mente fraturou, quebrando e quebrando como vidro. As correntes que o seguravam se dissolveram e ele caiu, batendo no chão com um baque. Suas mãos o seguraram na posição vertical, e ele olhou para elas. Como ele ainda poderia estar vivo quando estava tão vazio por dentro? Seus olhos se voltaram para o lugar onde Lucia caíra e, lenta e insidiosamente, o vazio começou a se encher de raiva.

Botas apareceram na frente dele e, enquanto ele observava, suas feridas começaram a se tricotar e curar. O sangue parou de fluir e o poder inundou seu corpo.

—Agora, você vive como deveria...— A voz do anjo ecoou através dele. —Sozinho. Em tormento eterno. A balança é restaurada.

O anjo acreditava que *ele* era um monstro? Deixe-os ver como ele pode ser monstruoso. Com seu poder, ele se transformou, abraçando sua forma hedionda. Asas saltaram de suas costas e ele ficou maior do que nunca, proporcional à dor e à devastação que se misturavam à sua raiva. Sua espada, quando ele pediu, queimava branca de calor. Nada o impediria.

Rugindo, ele se jogou em Jeheol. O anjo sorriu, parando seus impulsos. Como um Caído, ele se elevou sobre Jeheol, mas seu poder tinha

limites, e eles dificilmente correspondiam a um ser feito para um propósito pelo Criador de tudo.

Cada lâmina contra a pele era bem-vinda. Armaros queria mais disso. Propositadamente, ele parou na frente da arma de Jeheol, girando e girando, deixando os golpes pousarem.

—Eu não vou te matar —, o anjo disse calmamente. —Este é o seu destino.

—Vou esmagar os portões do céu —, rosnou Armaros, suas presas cortando seus lábios e língua, enchendo sua boca de sangue. —Vou destruir tudo. Tudo! — Sua voz encheu a sala, destruindo o que a construiu. Ele bateu as asas no ar, pairando.

Como pedaços de um espelho, a sala se dividiu e se dispersou, deixando ele e Jeheol na escuridão, a única luz de suas espadas.

A escuridão era o espaço entre o céu e a terra, e havia apenas uma direção a seguir. Erguendo as asas e empurrando-as para baixo, Armaros se impulsionou mais alto.

Mais e mais rápido, ele voou, infatigável. Ele esqueceu Jeheol, ele esqueceu seus ferimentos, ele esqueceu Delia. Apenas uma coisa importava para ele: vingança.

Quando ele terminasse, não restaria mais nada. Nem ele.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Lucia

—Que diabos você está fazendo aqui?

Lucia abriu os olhos, batendo as mãos no chão. Seus dedos tocaram a grama, escavando as lâminas na terra para se manter no lugar. Ela estava caindo, caindo e caindo.

Morrendo.

Ela estava sentada, mãos sujas segurando o peito, esperando sentir a flecha saindo de seu peito. Mas não havia nada. Camisa limpa, calça limpa, mãos sujas.

Lentamente, ela levantou os olhos e encontrou o olhar zangado e confuso de Hanielle.

—Meeeeeeeeeeerda. — Lucia respirou, percebendo o que isso significava, e onde ela deveria estar para encontrar um anjo.

—Eu lhe fiz uma pergunta. — Hanielle cruzou os braços. Ela estava de pé sobre Lucia, um céu azul brilhante emoldurando seu corpo. Uma brisa quente sacudia o cabelo de Lucia em torno de seu rosto e o colocava atrás da orelha enquanto se levantava.

—Isso é o céu? — ela perguntou, de pé. —Parece o céu. — Colinas verdes, flores, árvores altas soprando na brisa. O aroma do sol e a grama recém cortada. —Cheira como o céu.

—Você não deveria estar aqui. — Lamentou Hanielle.

—Vá devagar com ela—, alguém acrescentou. Cintilando em forma, outro anjo apareceu, talvez a gêmea de Hanielle. Ambas eram altas e loiras. Mas esse anjo tinha ângulos mais nítidos, maçãs do rosto que podiam cortar vidro e olhos vermelhos cereja. Ela era familiar, embora Lucia nunca a tivesse visto antes. Com os olhos arregalados, ela percebeu o porquê. — Vasanthi? — *Irmã de Armaros.*

O anjo assentiu e pegou a mão de Lucia, apertando-a suavemente. —É um prazer conhecê-la.

Uma nuvem repentina passou diante do sol, a terra escureceu por um momento e a brisa ficou mais fria. Os dois anjos trocaram um olhar. Hanielle fechou os olhos e, quando os abriu, horror e medo brilharam sobre suas feições. —Ah não. Não, Lucia. Ah não. Como ele pode?

Vasanthi a alcançou, puxando-a para perto. —Espere. — Elas dispararam no ar, correndo pelas colinas. A paisagem mudou - colinas verdes dando lugar a montanhas mais altas e mais escarpadas. As árvores eram maiores, mas sem folhas, e o ar fresco, mas não desconfortável. Quando Vasanthi a colocou no chão, elas estavam na base de uma montanha, uma chegando tão alto que o topo estava envolto em névoa.

—Colorado? — Lucia perguntou.

—Muito engraçado. — Respondeu Hanielle, sem graça.

O vento soprava mais forte, e o riacho balbuciava atrás delas, corria com uma nova inundação de água. Ficou mais escuro e a brisa mais fria.

—O que está acontecendo? — Ela perguntou, mas Hanielle e Vasanthi encararam o céu. Lucia seguiu o olhar delas, observando espantada as nuvens tremerem, girando como um ciclone. Trovões sacudiram o chão, pedras rolando montanha abaixo e atingindo o rio. Um raio brilhou, iluminando uma forma no céu. Enorme como a montanha à sua frente, asas estendidas uma espada na mão. —Deus?

—Não. — Vasanthi sussurrou. De repente, mil lampejos se aproximaram do céu. Lembrou Lucia de fogos de artifício, disparados de uma barcaça. Raias após raias desapareceram na nuvem, todas voltadas para a enorme forma sombreada. Armaros.

—Armaros? — Ela perguntou, incrédula. Ele estava aqui - ou - ali. De repente, as formas que se aproximavam dele fizeram sentido. —Não! — Ela chorou. —Pare eles! Eles vão machucá-lo!

Uma a uma, chamas caíram do céu, atingindo o chão com enormes explosões antes de disparar em direção ao céu novamente.

—Eu realmente não estou preocupada com eles. — Hanielle se queixou.

Ela tinha que ajudá-lo, ele estava sofrendo, zangado. Seu desejo por ele a queimou, correndo por suas veias. Ele precisava dela. A dor golpeou seu corpo, ou o que quer que fosse, e ela caiu de joelhos.

—Lucia? — Hanielle perguntou.

Queimou, *ela* queimava, como se estivesse banhada em fogo. Outra pedra bateu na água, atirando-a no ar e borrifando-a, mergulhando no inferno.

—Puta merda. — Observou Hanielle.

Lucia se sentiu diferente, mais leve e mais pesada ao mesmo tempo. Um lampejo de ouro chamou sua atenção, e ela girou, mas permaneceu no canto do olho, então ela girou novamente.

Vasanthi riu, o som alegre. —São suas asas, Lucia.

—Hã? — Ela respondeu, sempre articulada. Ela deu um tapa no ombro, os dedos roçando a ponta das asas. *Asas.*

Sem se dar um segundo para considerar, ela disparou no ar. Ela não sabia voar, exatamente, pensou, *ir,* e foi. O vento ardeu em seus olhos, trazendo lágrimas, que nunca deixavam a sombra nas nuvens. Ela passou anjo após anjo, todos segurando espadas, como se estivessem parados. Ela passou por nuvens de tempestade e relâmpagos até que desapareceram e à sua frente estava Armaros.

Armaros furioso. Sua forma a congelou. Ele poderia segurá-la facilmente, dez anjos em pé da cabeça aos pés não alcançariam sua altura. *O que aconteceu com ele?*

Ele rosnava, rugia, xingava. Suas asas cortaram o ar, arqueando a espada e acelerando. —Armaros! — Ela gritou por causa do barulho.

Ele rosnou mais alto, mais irritado. Lágrimas, vermelhas como sangue, corriam por suas bochechas e seus olhos estavam selvagens.

—Armaros! — Decolando novamente, ela passou pelos anjos, esquivando-se deles e de suas armas. —Armaros! — A espada dele cortou a cabeça dela, mas ela a ignorou, voando até poder pairar na frente dos olhos arregalados e incrédulos dele.

—Impossível —, ele sussurrou. Sua espada caiu, os ombros levantando. Ela ouviu a arma assobiando quando caiu no chão. Atrás dele, suas asas, suas lindas asas danificadas, batiam no ar. —Lucia? — Sua voz falhou.

Pelo canto do olho, algo dourado voou para eles, colidindo com ele. Uma rede. Um após o outro, eles voaram para ele, prendendo suas asas, enredando-se em seus braços e cabeça até que ele começou a cair.

—Armaros! — Segurando a rede, ela bateu as asas, lutando para mantê-lo no ar. —Merda, você é pesado.

Os olhos dele brilharam para ela. —Você está aqui. — Ele sussurrou.

—Socorro. — Ela chorou, mas não era forte o suficiente e eles caíram. As asas dela se estenderam, pegando-as como um para-quedas, mas depois se dobrando do peso dele. Solta. Cai. Solta. Cai. Uma raia dourada repentina, seguida por outro tiro dela e depois de volta. Vasanthi e Hanielle. Cada uma agarrou um lado, e juntas elas conseguiram diminuir sua descida.

Uma vez que seus pés estavam firmemente em terra firme novamente, Lucia rasgou a rede. —Eu preciso de algo para cortar —, disse ela e um peso pesado apareceu em sua mão. Uma espada. —Conveniente. — Ela murmurou. Enquanto ela cortava, Armaros a encarou, seus olhos rastreando cada movimento dela.

Ao seu redor havia pancadas, ela olhou para cima uma vez e viu anjo após anjo pousando, olhando confusos enquanto ela, Vasanthi e Hanielle libertavam Armaros.

Eventualmente, ele deu de ombros e se levantou. Ele era tão alto quanto as árvores sólidas e sequoias que os cercavam.

—Armaros. — Ela sussurrou e seus joelhos cederam, dobrando-se para que ele caísse com um estrondo. Gradualmente, ele encolheu, do tamanho de uma árvore, do tamanho de uma casa, até o tamanho normal de Armaros. Ela se jogou nele, beijando seu peito, pescoço, ombros. Qualquer lugar que ela pudesse alcançar.

Ele gemeu, e então seus braços a envolveram, puxando-a para seu colo. —Eu te amo —, ela sussurrou. —Eu te amo muito.

—Você está viva —, ele murmurou, os lábios tocando sua testa, bochechas, lábios. —Você está viva. Como?

—Nenhuma ideia. Não se importe. Enquanto eu estiver com você, não me importo com o que aconteceu.

As nuvens se abriram e o sol brilhou até parecer que o mundo inteiro estava banhado em ouro. O calor encheu o corpo de Lucia e de repente ela soube. Alguém ouviu a oração dela, reconheceu o amor dela e o amor de Armaros e deu a eles uma chance. Ela sentiu todas essas coisas, todas as respostas para suas perguntas. Eles não vieram com voz, mas com emoções.

Ela sentiu amor e tristeza por sua tristeza, mágoa por sua mágoa e orgulho. Orgulho por Armaros e o que ele fez, como tentou protegê-la.

Perdão e aceitação. Armaros queria fazer suas próprias escolhas com a vida, e o poder foi dado. Ele mudou sob as mãos dela. Forma caída derretendo para deixar a pele, ossos e músculos.

Aceite quem você é e viva bem.

A luz desapareceu, deixando Armaros e Lucia sozinhos. Hanielle e Vasanthi se aproximaram deles lentamente, ambas expressando expressões de felicidade.

—Como? — Chegando ao lado deles, Jeheol olhou para eles incrédulo. — Como? — Ele segurou a espada e Armaros, rugindo, se lançou no anjo. Antes que ele pudesse tocá-lo, o anjo começou a desaparecer. Estendendo as mãos, Jeheol ficou boquiaberto quando a cor deixou seu corpo.

Uma onda de decepção tomou conta dela e a deixou sem fôlego. Ela nunca quis tanta decepção dirigida a ela. *Não mais. Uma lição deve ser aprendida.*

—Não! — Jeheol chorou antes de desaparecer.

—O que...— A voz de Lucia parou quando ela encontrou o olhar insatisfeito de Armaros.

—Deixe para lá. — Vasanthi interrompeu, alcançando Armaros.

—Vasanthi. — Ele murmurou. *Pobre Armaros.*

—Olá irmão. Obrigadoapor cuidar da minha garota. Mas você precisa voltar. — Disse Vasanthi. —Delia está preocupada.

—Nós... — Armaros começou.

—Eu posso voltar? — Lucia perguntou, e Hanielle assentiu.

—É a sua escolha; você pode ficar. Armaros pode ficar. Ou vocês podem ir. Vivam suas vida da maneira que vocês escolherem. — Explicou Hanielle.

—E você? — Lucia perguntou, sua atenção voltada para Vasanthi. —Se eu posso voltar, por que você não pode?

—É do jeito que é. Eu estou feliz aqui. Eu sei que minha filha estará em boas mãos. As melhores mãos. — Curvando-se, ela encarou Lucia seriamente. —As mãos *mais seguras*. O pai dela e eu estamos juntos, e estaremos aqui por Delia, daqui a muito, muito, *muito* tempo. Como é, eu vou vigiá-la. — Suas asas douradas se estenderam, captando e refletindo a luz do sol. —Vê?

Lucia assentiu; ela via, mas nada chegava perto de realmente segurar a pessoa que ela amava em seus braços, e ela apertou a mão de Armaros com mais força. Ela nunca poderia deixá-lo ir.

Como se ela pudesse ler sua mente, Vasanthi sorriu um pouco triste. — Você a tem. Ela tem você. Vocês dois. Eu não poderia ter feito uma partida melhor.

Os lábios tocaram seu pescoço e ela se virou para Armaros. Seus olhos azuis brilhavam e ele segurou sua bochecha. —Eu te amo. — Ele sussurrou, inclinando-se para beijá-la.

Este era o céu - seus lábios, seus braços. *Ele.*

—Pronta? — Ele perguntou, abraçando-a novamente.

—Sabe o caminho? — Ela respondeu, sorrindo, e ele assentiu.

—Abaixo. — Ele brincou, beijando-a novamente.

Ela pensou em Delia, esperando por eles. Preocupada. Antes que ela pudesse se despedir, ou mesmo piscar, seu desejo apareceu na frente deles. Uma mecha de loira pulou nela, e automaticamente ela colocou os braços em volta da figura.

—Lucia! — O queixo afiado de Delia cutucou seu ombro.

Lucia sentou no chão e a abraçou. —Delie. Senti sua falta. — Empurrando as costas, Lucia estudou seu rosto. Ela parecia bem. Saudável. Mais velha. —Você está maior.

—Senti sua falta —, respondeu a garota, com o queixo tremendo. —Senti tanto a sua falta e Armaros disse que não era seguro.

—Obrigado —, ele murmurou sarcasticamente. —Eu tinha um motivo, você sabe. Eu estava tentando mantê-la viva. — Mas quando ele olhou para ela, ele estava inseguro, como se esperasse que ela não o perdoasse.

—Eu cresci asas de anjo para te salvar, idiota. Nós nos mantemos seguros. — Anunciou Lucia. —Somos uma família, e é isso que fazemos.

Armaros fechou os olhos, apoiando a cabeça na dela. —Me desculpe, eu fui um idiota.

—Tenho certeza que isso acontecerá novamente. A parte idiota. Me abandonando? Melhor não. Nunca. — Ela disse a ele.

—Não vou. — Sua voz era baixa. —Eu te amo. Nós somos uma família.

—Para sempre? — Delia perguntou. —Nós ficaremos juntos para sempre?

—Enquanto vivermos. — Respondeu Lucia.

EPÍLOGO

Lucia

Dois meses depois

—Delia, preciso da seu livro de matemática! — Lucia chamou, empurrando seus próprios livros sobre a mesa da cozinha. Ela parou. —Delia?

Saindo da cozinha, ela foi pelos corredores de pedra até o pátio do mosteiro. Os jardins estavam em plena floração e a água borbulhava na fonte. Delia estava onde ela pensou que estaria, olhando para uma piscina refletida, segurando sua bola. Enquanto Lucia observava, a garota cuidadosamente jogou a bola na água, esperando.

Quando nada aconteceu, ela a pegou, agachando-se mais perto da água.

—Sapo não pegou sua bola?

—Não. — Delia murmurou, levantando e indo para Lucia. Ela se inclinou contra seu lado e Lucia bagunçou os cabelos.

—Não fique muito decepcionada —, ela acalmou. —Você teria que beijá-lo para transformá-lo em um príncipe.

—Nojento! — Delia exclamou. —No filme, eles se transformam em sapos.

—Por que você quer ser um sapo? — Ela perguntou confusa.

—Sem matemática.

Rindo, Lucia passou o braço em torno de Delia. —Onde está seu livro de matemática?

—No meu quarto. Eu terminei há séculos, mas você estava toda... — Delia fingiu segurar um livro na frente do rosto e ler vorazmente. —Então, eu deixei você sozinha.

—Obrigada —, ela respondeu secamente. —Bem, vamos dar uma olhada e depois veremos sua recompensa.

Delia gritou, pulando para cima e para baixo e batendo palmas antes de correr para fora do pátio. Lucia podia ouvir os pés descalços batendo no chão de pedra enquanto corria para o quarto.

—Como está a matemática? — Armaros perguntou, passando como o diabo sexy que ele era em torno dela.

—Bem. — Ela respondeu, erguendo as sobrancelhas e estudando-o da cabeça aos pés.

Ele riu, agarrando-a e puxando-a para seus braços. Aninhando seu pescoço, ele beijou seu caminho até a orelha dela. —Como está meu anjo recém-criado?

As asas de Lucia formigaram de consciência e ela estremeceu. — Desesperada por algum tempo sozinhos.

—Bem, se a nossa garota tiver feito as contas, nós vamos conseguir. Você sabe, Lúcifer está implorando há algum tempo para ficar com ela. Eu acho que eles vão cutucar Hitler ou algo assim. — Continuou ele.

—Não é engraçado. — Ela respondeu, cutucando-o com o ombro.

—Aqui! — Delia gritou, correndo de volta, com o papel em cima da mão em triunfo. —Veja!

Girando nos braços de Armaros, ela se apoiou no peito dele enquanto examinava o trabalho de Delia. Uma mão segurava o papel, enquanto a outra cobria seu estômago. Desde Delia, e sua própria mudança de mortal para

imortal, ela vinha pensando em crianças. Nomeadamente, crianças como Delia, mas especificamente, crianças como as que ela esperava ter um dia.

Não havia como Delia ser a única criança meio-caída do universo, e se o período atrasado mais recente de Lucia era alguma indicação, também não era a única criança meio-anjo do universo.

Então, Lucia mudou sua tese de doutorado novamente. Se ela fosse fazer uma pesquisa, ela também poderia obter uma resposta para uma pergunta real: havia crianças angelicais e demoníacas?

Trabalhando remotamente e no campus da Universidade Paris-Sorbonne, Lucia fazia o que faz de melhor. Ela estudava e procurava.

Mas ela tinha ajuda.

Com Armaros e Delia, eles viajavam pelo mundo. Delia podia fazer *poof* por eles, Armaros podia fazer *poof* por eles, e agora, com seus novos poderes angelicais, Lucia poderia *poof* por eles. Entre a busca pelos filhos, eles foram para a casa dos pais dela. Agora que eles conheceram Delia, a família de Lucia se apaixonou firmemente por ela. Ela era a neta que eles sempre quiseram. Até Zia a adorava.

Lucia lembrou-se da primeira vez em que ousou perder o sagrado dia de espaguete da família na quarta-feira. Primeiro, o telefone tocou e a mãe começou a discutir com a filha ingrata que se movia pelos oceanos e era muito importante, e não se importava quando a mãe contava com a presença dela. Quando a mãe foi à padaria, a *boa* padaria, onde Marty trabalhava agora, não Mike. Mike era um idiota e pegou os cannoli favoritos de Delia.

E se isso não bastasse, através do espaço e do tempo veio um puxão, e antes que ela percebesse, antes de ter tempo de desligar o telefone, Lucia apareceu na cozinha da mãe.

Zia apagou a vela de sua santa e enfiou a mão no quadril. —Sua mãe está esperando você para o jantar.

—Eu te disse, Zia, tivemos que pular esta semana. Acabamos de voltar de...

Parando Lucia com a palma da mão aberta, Zia interrompeu: —Não preciso da sua história. Eu preciso da sua bunda na cadeira.

Com um piscar de olhos, Armaros e Delia se espalharam pela cozinha. — Você saiu! — Armaros acusou.

—Sim! — Delia entusiasmou, ignorando o tio. —Nono e Nana e Zia e jantar! São cannoli? Eles são para mim? Eles têm pistache? O que mais vocêa conseguiram?

Lucia viu o rosto de Zia amolecer, um sorriso se formando em seus lábios enquanto Delia passeava pela cozinha. O pai dela entrou na cozinha, dando um tapa nas costas de Armaros um pouco mais do que o necessário e o arrastou para o galpão para olhar - alguma coisa. Provavelmente não havia nada lá. Lucia suspeitava que era uma desculpa para escapar das mulheres.

—Você fez o bem, *piccola* —, Zia sussurrou, atraindo sua atenção das formas em retirada de Armaros e seu pai. —Você tem uma pequena família legal. Estou orgulhosa de você. — O braço dela envolvia a cintura de Lucia, apertando e soltando.

—Eu amo você, Zia.

—Também te amo, estúpida —, provocou Zia. Delia pegou uma bandeja de calabresa e queijo e começou a cavar. —Não muito! — Ela falou com Delia. —Você vai estragar o seu apetite!

—Então por que você tem tanta comida? — A garota perguntou, a boca cheia de biscoitos.

—Por que temos tanta comida? — Zia murmurou. —Esta é uma questão? Por que temos tanta comida?

Sua mãe havia entrado e Lucia foi rebaixada para o outro lado da mesa da cozinha. Não era um castigo, mas eles a queriam fora do caminho para que pudessem estragar Delia, e Lucia ficara perfeitamente feliz em deixar isso acontecer.

Nas últimas semanas, no entanto, sua nova pequena família ficou mais perto de casa. Exceto às quartas-feiras. Lições aprendidas: as quartas-feiras eram sagradas.

Lucia fez sua pesquisa, ensinou Delia e sentou-se ao sol. A França era linda no verão e eles estavam atualizando lentamente o mosteiro para atender às suas necessidades. Lucia não conseguia acreditar no quão difícil era conseguir cabos em um mosteiro, sem falar em Wi-Fi.

—Bom trabalho! — Lucia disse, finalmente terminando de ler a matemática de Delia.

—Hora da recompensa?

Assentindo decisivamente, Armaros respondeu: —Sim. Tempo de recompensa.

—Finalmente! — Lúcifer apareceu. —Você está monopolizando a criança.

—Luc! — Delia correu até ele e imediatamente iniciou um sistema complicado de tapas, ondas e batidas, que acabaram fazendo o purê de batatas. —Ele é minha recompensa?

—Sim. — Respondeu Lucia.

—Pronta para entrar em algum problema? — Lúcifer perguntou a Delia.

—Nasci pronta!

—Nada ilegal! — Armaros ordenou.

—Ou blasfêmia! — Lucia mandou.

—Vocês estão dizendo não a todas as coisas boas. — Lúcifer reclamou antes de piscar e ir embora.

Sozinhos, finalmente, Armaros a girou em seus braços, mergulhando para beijá-la. —Para onde, meu amor? Paris? Saint Tropez?

—O quarto?

Erguendo-a nos braços, Armaros capturou seus lábios com os dele, chupando e mordiscando. —Quarto. — Ele concordou, a voz baixa e rouca.

Lucia se esticou e agarrou a cabeça dele, segurando a boca na dela e mordendo o lábio. —Depressa —, ela sussurrou contra os lábios dele. —Eu preciso de você.

O vento assobiava no rosto dela e então ele a estava abaixando na cama. —Eu também preciso de você, Lucia. Para sempre.

Seu beijo foi doce, gentil.

—Para sempre.